



Universidade Federal Da Paraíba
Centro De Comunicação, Turismo E Artes
Programa De Pós-Graduação Em Jornalismo

**Livro-reportagem Mães na dor: mulheres órfãs de
filhos**

Relatório de produto jornalístico (livro-reportagem) apresentado ao Programa de Pós- Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de mestre em Jornalismo.

Bruna Vieira de Oliveira

João Pessoa – PB

Agosto/2017



Universidade Federal Da Paraíba
Centro De Comunicação, Turismo E Artes
Programa De Pós-Graduação Em Jornalismo

Livro-reportagem Mães na dor: mulheres órfãs de filhos

Relatório de produto jornalístico (livro-reportagem) apresentado ao Programa de Pós- Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, como requisito à obtenção do grau de mestre em Jornalismo, área de concentração em Produção Jornalística, linha de pesquisa Processos, Práticas e Produtos

Bruna Vieira de Oliveira
Orientador: Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva

João Pessoa – PB

Agosto/2017



Universidade Federal Da Paraíba
Centro De Comunicação, Turismo E Artes
Programa De Pós-Graduação Em Jornalismo

O exame de Defesa de **Bruna Vieira de Oliveira**, intitulado “Livro-reportagem Mães na dor: mulheres órfãs de filhos” foi _____ pela banca examinadora.

Orientador – Prof. Dr. Luiz Custódio da Silva (UFPB)

Examinadora – Prof^a. Dr^a. Glória de Lourdes Rabay Freire

Examinador – Prof. Dr. Luís Celestino de França Júnior

João Pessoa, ___/___/2017.

À Luiza Gomes de Melo
A rainha dos quatro naipes
Uma ternura de vó

Agradecimentos

O primeiro tópico que comecei a escrever foram os agradecimentos, pois antes mesmo de iniciar o mestrado, a lista já era longa. Nos meus trabalhos de conclusão de curso têm sempre uma Camila. A de João Pessoa é Alves. Se não fosse por ela, eu não teria chegado até aqui. Agradeço pelo carinho que teve comigo no dia da seleção, por ter me informado sobre o teste para repórter no Jornal Correio da Paraíba, o que me permitiu ter condições de me manter por dois anos e meio na Paraíba e ao seu esposo também que fez minha matrícula no primeiro semestre. Deus abençoe a sua família!

Agradeço a Gabriel Rodrigues, pelas hospedagens e a amizade de sempre. A Vanderssom, Damaris, Maysa e Joice por terem recebido por uma semana alguém que nunca tinham visto. À Maria Medeiros por ter me dado teto quando cheguei e não tinha onde morar. À Delirânia e Bia por terem concordado e a Jordan, Vinícius e Mateus por terem me acolhido por dois meses.

Andréa Batista, obrigada por me contratar mesmo sem me conhecer sem nenhuma referência e sem experiência alguma em impresso. Obrigada por ter apostado em mim e me lapidado e transformado na profissional que sou. Obrigada por ter me pautado aquele dia com o grupo Mães na Dor. Obrigada por existir e ser tão maravilhosa. Obrigada por tudo o que me ensinou, sabe que terá minha lealdade e o meu amor por toda a vida.

Agradeço à Glória Rabay pelas sugestões e indicações e por ter compartilhado seu conhecimento sobre o tema. Ao Celestino França Júnior pelos conselhos durante essa jornada, acadêmicos ou não. À Margarete Almeida pelas valiosas contribuições. Ao Luiz Custódio, pela parceria na construção deste trabalho, por ter insistido, estimular-me quando estava angustiada. Por puxar minha orelha quando relapsa, por me procurar quando eu sumia, pelos livros emprestados e todas as orientações prestadas.

À Verônica Rufino pelas caronas, as farras e o apoio de sempre. À Giuliana Batista por ter me adotado em sua família, por me socorrer por diversas vezes quando necessitei, por ser tão prestativa, por todas as personagens de matérias que me passou e por eu saber que sempre poderia contar com ela. À Kiára Fialho por ter me indicado o documentário *Por Nossos Filhos*, pelo carinho materno e por me fazer rir desde o dia da prova de seleção para o mestrado.

À Mayara Chaves por ser tão amiga e levantar o meu astral. À Érika Bruna por dizer as palavras certas nas horas certas e me encorajar nessa árdua tarefa. À Bruna Fernandes pelos momentos confraternizados e o companheirismo profissional. À Lila por seu um exemplo para todos nós e por entender mais do que ninguém o que eu sentia. À Mannu Leite pela companhia. À Edi pela sabedoria e por Almodóvar.

Ao Fábio Bandeira pela melhor dança da minha vida. Ao Elvis Guimarães pelo bom humor. Ao Sobrinho Neto pelos trocadilhos e piadas sem graça (eram as melhores) e seu talento musical. Ao Rafael Melo por trazer poesia à turma. Ao Emerson Saraiva pelos melhores memes. Ao Sérgio Montenegro pelas trocas de ideias no mestrado e no jornal. Ao Costa Filho pelas gentilezas, por seu livro e sua sensibilidade. Ao José Newton pela seriedade e respeito que sempre nos tratou. A turma de mestrado mais unida e amiga.

Agradeço ao Assuero Lima por ter sido o melhor amigo e feito as minhas melhores fotos. À Aline Martins, por ter sido o meu mapa. À Lucilene Meireles pela melhor agenda telefônica. À Celina Modesto, pela fiel amizade. Ao Adelson Barbosa pelas aulas de História sobre a Paraíba. Ao Edson Veber pelo carinho, a Lula pelo estímulo. Ao Franco Ferreira pelas poesias, ao Kubitscheck Pinheiro pelas crônicas delirantes. Ao André Luiz Maia pelo abraço mais gostoso. Ao Clóvis Roberto pela amizade sincera. À Lilian Moraes pelo afeto. À Renata Fabrício e o Fernanda Figueiredo pelas reportagens que me emocionaram, o apoio e o os risos. À Janaína Nóbrega e Janieire Soares pela solicitude. À Nalva Figueiredo pela generosidade. Ao José Flávio e Sadi pelos favores. Ao Luis Eduardo Andrade pelo ombro amigo.

Ao Ítalo Taumaturgo por me ouvir e me resgatar nos momentos de tristeza e solidão. Ao Mano de Carvalho pela consideração. Ao Thiago Moraes por tudo, porque são muitas coisas. À Cibelly Correia pelo material bibliográfico. À Beth Olegário pelas referências bibliográficas e a convivência. À Gitana Pimentel pelo comentário neste trabalho. Ao Mayk pelo abstract e por elevar meu ego. À monitoria do Programa de Mestrado em Comunicação da Faculdade Cásper Líbero, pela atenção e disponibilização de artigo.

À Viviane Vieira pela revisão de português, as sugestões, a paciência, a dedicação e o amor. Ao Luan Vieira pelo suporte. À minha mãe, Antônia Vieira e meu pai, José Melo por terem me ensinado a voar. À tia Jeanne Melo por sempre acreditar em mim e me incentivar. À Gacyella pela palavra de Deus na minha vida. À Raquel Alves por estar sempre por perto.

À Hipernestre Carneiro, Ubaldina Rodrigues, Célia Oliveira, Gláucia Belmont e Régia Cavalcante por abrirem as portas de suas casas e de seus corações para mim. Vocês são a razão deste livro.

E a Deus, por ter colocado cada uma dessas pessoas em minha vida e por ter feito com que todas as coisas cooperassem para o meu bem, apesar da luta e sofrimento. Todas as pessoas desta lista são especiais para mim, o presente que a Paraíba me deu. E obrigada a quem mais, direta ou indiretamente contribuiu para a construção deste trabalho.

Que tipo de mistério está envolvido no desejo de transformar eventos reais em estórias?

Hayden White

RESUMO

O presente trabalho é o resultado da construção de um livro-reportagem de perfis de cinco mães do Grupo Mães na Dor, com sede em João Pessoa. Conta as histórias dessas mulheres que perderam seus filhos de forma trágica, vítimas de homicídios. Alguns dos assassinos já foram julgados, outros permanecem impunes. A produção jornalística aqui apresentada é uma exigência para a conclusão de curso do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba que permite a elaboração de um produto midiático, tanto quanto uma dissertação no padrão tradicional/convencional. O produto em pauta aborda, portanto, aspectos relacionados com a violência no contexto paraibano, a partir do olhar e do registro do sofrimento dessas mulheres que se uniram para enfrentar a dor, o luto e a luta por justiça. A escalada de violência deve ser tratada pela mídia não apenas de forma factual, mas de forma analítica, investigativa e humanizada, propiciando reflexões e debates que levem à ações de mudança social desse contexto. Dessa forma, este trabalho objetiva narrar as histórias de vida dessas personagens, revelar os esforços utilizados para a superação do sofrimento e mostrar quem eram as vítimas por trás das tragédias. Foi feita uma ampla revisão de literatura a partir dos autores: Lima (2009), Belo (2013), Vilas Boas (2003), Pena (2015), Da Matta (1978), Medina (2008), Benjamin (1987), Piccinin (2012), Fortes (2014), Sóster (2012) e Morin (1973), entre outros. A pesquisa e construção deste livro-reportagem ocorreram entre março de 2015 e julho de 2017. A violência precisa ser compreendida em suas origens sociais e em nível individual, suas causas e efeitos. O papel do jornalismo não é somente informar, mas colocar questões como essa em debate. Técnicas de pesquisas apoiadas na sociologia e antropologia foram empregadas para a elaboração deste trabalho, como as histórias de vida, memória e observação participante. Esses suportes auxiliam à compreensão mais profunda e sensível dos relatos. Quando bem aplicadas agregam qualidade à informação jornalística. Foram utilizados conceitos de Geertz (2008), Bosi (1994) e Queiroz (1988). Pode-se concluir que há um descontentamento geral com a Justiça. Sendo possível conviver com a dor e com um desejo contínuo de perpetuar a memória de seus filhos. Para as mães, a condenação é mais que punição, serve de exemplo para inibir a prática de assassinatos e evitar que mais mulheres façam parte do grupo. A união é a principal ferramenta para as atividades, para o consolo mútuo e o ativismo. A linguagem informal prevalece na narrativa para dar mais autenticidade aos relatos. Narração, descrição, diálogos, discurso direto e indireto, alteração do foco narrativo (primeira e terceira pessoa) se mesclam conforme a força dos depoimentos exige para serem contados. Os textos sempre iniciam com uma fala das personagens em primeira pessoa, sobre o acontecimento mais forte seja no passado, presente ou futuro. Alguns diálogos menos relevantes foram mantidos por revelarem nuances interessantes. O ponto forte do trabalho são as entrevistas, que ocorreram em sua maioria na casa dessas famílias, o seu ambiente de conforto.

Palavras-chave: Livro-reportagem; Jornalismo Literário; Mães na Dor.

ABSTRACT

This work is the result of a construction of a nonfiction book of five mother's profile of Grupo Mães na dor (Mothers in sorrow group), located in João Pessoa city. It tells the stories of these women who had their children dead in a tragic way, victims of murders. Some murderers have been judged, but other ones remain unpunished. The presented journalistic production is a requirement for the completion of the course of the Programme of Postgraduate in Journalism of Federal University of Paraíba, which allows the elaboration of a media product, and also a dissertation in a traditional/conventional standard. Thence, this product approaches aspects related to the violence in Paraíba context, through the point of view and register of distress of these women who joined together to deal with the pain, mourning, and the struggle for justice. The escalation of violence must be presented by the media not only in a factual way, but in an analytic way, investigating and humanised, providing reflexions and debates that lead to actions of social changes in this context. Thus, this work aims to narrate the stories of life of the characters, revealing their efforts for overcoming the pain and present who the victims of the tragedies were. A great review of literature was made through the following authors: Lima (2009), Belo (2013), Vilas Boas (2003), Pena (2015), Da Matta (1978), Medina (2008), Benjamin (1987), Piccinin (2012), Fortes (2014), Sóster (2012) e Morin (1973), et al. The research and construction of this nonfiction book occurred between March of 2015 and July of 2017. The violence must be comprehended in its social origins, in an individual level, its causes and effects. The role of journalism is not only inform, but also debate such points. Technique of researches supported in sociology and anthropology were used in the preparation of this work, such as the stories of life, memories, and participant observation. These supports assist in sensitive and deeper comprehension of the report. When well applied, the techniques aggregate quality to the journalistic information. Concepts of authors, such as Geertz (2008), Bosi (1994) and Queiroz (1988), were used. It is possible to conclude that there is a general discontentment with the Justice, leading with the pain and the continual desire to perpetuate the memory of their children. For those mothers, the criminal conviction is more than punishment; it serves as example to inhibit other murders and avoiding more women being part of this group. The union is the main tool for the activities, for the mutual comfort and activism. The informal language prevails in this narration to show more authenticity to the report. Narration, description, dialogs, direct and indirect speech, change in the narrative focus (first and third person), are mixed according to the power that the testimonies require to be reported. The texts begin with a speech of the character in first person, about the hardest event in the past, present or future. Some dialogs less relevant were maintained due to revealing interesting nuances. The interviews are the main point of this work, which occurred, most of them, in those families' houses, in their comfort ambient.

Keyword: Nonfiction book; Literature journalism; Mães na Dor (Mothers in sorrow).

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO 1 - REVISÃO TEÓRICO-CONCEITUAL - OS DESAFIOS DO LIVRO-REPORTAGEM NA CONTEMPORANEIDADE E VIOLÊNCIA.....	17
1.1 CONTRIBUIÇÃO DO JORNALISMO PARA A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE.....	17
1.2 UTILIZAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM NO JORNALISMO.....	21
1.2.1 Concepções.....	21
1.2.2 Características.....	27
1.2.3 Tipologias: tipos de reportagem.....	28
1.2.4 Funções.....	40
1.2.5 A narrativa no livro-reportagem.....	42
1.2.6 Livro-reportagem: linguagens.....	50
1.2.7 A construção do livro-reportagem.....	52
1.2.8 Livro-reportagem, documentário e narrativas cinematográficas.....	54
1.3 JORNALISMO E LITERATURA.....	56
1.4 JORNALISMO INVESTIGATIVO.....	66
1.5 JORNALISMO INTERPRETATIVO.....	69
1.6 JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE E INOVAÇÕES NAS NARRATIVAS.....	71
1.7 VIOLÊNCIA.....	73
CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS.....	75
2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA.....	77
2.2 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE.....	78
2.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE/ ETNOGRAFIA.....	82
2.4 HISTÓRIAS DE VIDA E HISTÓRIA ORAL.....	89
2.5 MEMÓRIA.....	94
CAPÍTULO 3 – RESULTADOS (PRODUTO MIDIÁTICO).....	96
Introdução.....	96
Primeira parte: as mães além da dor (perfis das mães).....	100
Nasceu e morreu em seus braços (Dina).....	102
Uma mulher de missões (Ana Gláucia).....	151
Morreu porque teve medo (Célia).....	177

Uma mulher de perdas (Régia).....	209
Podada para não dar frutos (Hipernestre).....	239
Segunda parte: o grupo.....	259
Terceira parte: O caminho até aqui (roteiro do percurso realizado, o eu autor).....	263
ANEXO A – Cartas psicografadas de Natan.....	270
ANEXO B – Fotografias Higor Natan.....	273
ANEXO C – Livro da vida de Natan.....	277
ANEXO D – Fotografias Everton Belmont.....	286
APÊNDICE A – Entrevista com Dina.....	290
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	295
REFERÊNCIAS.....	297
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA PARA AS MÃES.....	305

INTRODUÇÃO

Ser mulher na sociedade contemporânea continua sendo um desafio diário, mesmo com os avanços conseguidos com muitas lutas, suor e sangue ao longo da nossa história. Votar, vestir calças, se divorciar e ser mulher. O que atualmente parece banal, por ser um direito tão genuíno, nos é possível hoje porque outras sofreram no passado. Mas, ainda há muitos sutiãs a serem queimados. Trabalhar, estudar, ser dona de casa, esposa e mãe. As jornadas femininas estão sempre no plural, sempre em somas. E ainda é preciso sobrar espaço para ser mulher. Longe de reforçar clichês da “mulher guerreira”, que mais parece um pleonasmo vicioso, relembrar as batalhas femininas, diante do cenário de violência e desigualdade lançadas a esse gênero é chamar para uma reflexão.

Espancadas e assassinadas pelos próprios companheiros, violentadas, abusadas e culpabilizadas por tudo de ruim que sofrem, são vítimas duas vezes. Sair de casa para realizar todas as tarefas diárias já as deixa vulneráveis e amedrontadas. Econômica e socialmente a mulher tem que lidar com funções e salários diferenciados dos homens. Essa realidade, nos últimos tempos, vem demonstrando algumas mudanças e avanços, com mais mulheres assumindo cargos e profissões “tradicionalmente consideradas masculinas”.

O nascimento de um filho é o divisor de águas na vida de uma mulher. Ser mãe não é só mais um papel que ela assume, é uma condição que a transforma. Uma convenção inquestionável, já que não há amor maior que o de uma mãe pelo (s) filho (s). Incondicional é a sua definição. O filho é o sujeito mais importante da sua vida. Gerado no ventre, são dois corações pulsando em um só corpo, isso é único. Por nove meses, a mulher deixa de ser um e passa a ser dois seres humanos. Um indivíduo que se alimenta dela em gestação e continua tirando do seu corpo, o leite que o manterá vivo em seu crescimento. Há um cordão umbilical espiritual que nunca se rompe, nem com a morte e os mantêm ligados por toda uma vida. Ensinar a andar, falar, comer, escovar os dentes, tomar banho, andar de bicicleta, escrever o próprio nome, ler as primeiras sílabas, vê-lo crescer, sonhar e sonhar junto: com sucesso profissional, realizações, netos, felicidade. Sofrer quando ele adoce, quando está triste, quando fracassa. Sofrer em conjunto com ele. Ser mãe é nem sempre receber de volta o amor que de graça e abundantemente foi doado. “Filho dá trabalho”. Noites sem dormir, abdicção e renúncia. “Mas não tem preço”. É como se aquele amor materno estivesse ali, rompendo

o seu ser e necessita do filho para transbordar. Quanto mais dá, mais tem. Ele não cessa e é benigno. Ser mulher é difícil, mas ser mãe é, exponencialmente, mais difícil. Imagine então perder um filho. Filhos são insubstituíveis. O luto passa, mas, a dor é crônica. A vida segue, mas, a superação nem sempre. O sofrimento passa (em estado de latência), mas a saudade não vai embora. Tudo muda, tudo se transforma. A quem distribuir aquele amor transbordante na ausência do filho? Como conviver com a ausência? Ter um filho é descobrir um amor infinito, mas perdê-lo é a descobrir uma dor inigualável.

Mães na Dor é um grupo com mais de 200 mulheres que ficaram ‘órfãs’ de filhos mortos de forma trágica, e em muitos casos assassinados barbaramente. Elas são apenas uma fração das mães “desfilhadas” na Paraíba, que se organizaram para fortalecer umas às outras e juntas superarem a dor da perda, para lutar por justiça. Incansavelmente, elas buscam a punição para os algozes cruéis. A impunidade é comum em muitos casos. As histórias são chocantes, os depoimentos emocionantes.

É neste cenário de violência, perda e dor que a narrativa do livro-reportagem foi construída. O que este grupo tem feito e como isso repercute na vida das suas participantes e na sociedade. A questão central, a qual comunga as personagens da reportagem de perfis produzida é a violência. E o número tem aumentado. Começaram com oito, no início dessa pesquisa já eram quase 70 e ao seu término já são centenas.

Recontar a história dessas mães é buscar dar voz aos seus sofrimentos e sensibilizar o leitor à crescente violência a qual todos nós estamos sujeitos. Mudar a cultura da violência é um trabalho de formiguinha, contínuo e coletivo, onde cada cidadão precisa contribuir, seja de forma ativa ou disseminando a cultura da paz. Dar visibilidade a essas mulheres nos alerta a uma tomada de postura para construção de um mundo melhor. Não é um objetivo utópico de mudar o mundo, mas, de retratá-lo e chamar à reflexão sobre o que queremos para o presente e futuro.

Para além do drama, que faz parte de suas histórias, o objetivo é mostrar a força e a fragilidade dessas mulheres para superar a dor e o que mudou em suas vidas. Uma hipótese é que a força das mães para superar a dor é motivada pelo desejo de justiça contra os assassinos. Para muitas essa é a única razão de viver. Assim, este trabalho trata-se de um livro-reportagem com o perfil de cinco mães do grupo e, também, a história do próprio grupo.

O tema apareceu ainda no primeiro semestre do curso de mestrado em Jornalismo, em substituição ao tema do pré-projeto aprovado. Até então, o projeto

versava sobre o processo de convergência de rádios para a web. Em uma entrevista para o Dias das Mães, no jornal em que a autora trabalhava, com a líder do grupo, Hipernestre Carneiro, ocorreu o contato e a causa foi abraçada, ocasionando a mudança de pesquisa. “O tema ideal é claro e motivador. O pesquisador sabe onde pode chegar e tem vontade de seguir esse caminho, porque ele tem a intuição de que nele possa haver muito material a ser descoberto” (KAUFMANN, 2013, p. 59 apud VIEIRA, 2016, p. 188).

Os episódios de violência narrados foram noticiados pela imprensa paraibana, no momento em que aconteceram e suscitados conforme surgissem novidades. Não foram crimes comuns e merecem maior destaque, para chamar a atenção acerca da violência no estado da Paraíba, que já foi considerado um dos locais mais pacíficos do país. O livro-reportagem de perfis trouxe aprofundamento dos casos, com foco nas mães, bem como a visibilidade ao trabalho realizado pelo grupo, que poderá ser conhecido em qualquer lugar do país.

O livro mostra apenas uma parcela desses casos. Tendo em vista a impossibilidade de abranger todos. O recorte escolhido utiliza os homicídios, excluindo as vítimas de acidentes de trânsito, pois não caberiam 200 entrevistas e demandaria um tempo maior para a coleta e classificação desse material. Assim, o livro-reportagem é o produto final a ser entregue como Trabalho de Conclusão de Curso ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Federal da Paraíba, que permite ao mestrando a escolha entre a dissertação ou o produto midiático.

Por se tratar de um produto, tem suas próprias especificidades e dispensa alguns formalismos, como a classificação em termos de pesquisa. A pesquisa perpassa o trabalho, mas, não é pesquisa acadêmica com o seu rigor metódico.

Para fins acadêmicos, pode-se dizer que a pesquisa para a produção do livro-reportagem se tipifica como de natureza institucional, para obtenção de título de mestre em Jornalismo pela Universidade Federal da Paraíba. É uma pesquisa exploratória, pois, entrou no território da dor e dos crimes, reunindo o máximo de informações de cada caso pesquisado e escrito. Quanto aos procedimentos e instrumentos de coleta, tem caráter bibliográfico, pois ao longo de seu desenvolvimento utilizou livros e periódicos científicos publicados como base para a metodologia e fundamentação teórica. É documental, porque usou fontes de segunda mão, não científica, publicada ou não: jornais, fotografias, vídeos e arquivos pessoais das personagens. Porém, o maior

arcabouço do produto veio da pesquisa de campo, que são as próprias entrevistas e observação participante.

Segundo Santaella (2001), a pesquisa exploratória seria uma pré-pesquisa para fundamentar um projeto de pesquisa, uma ampliação das informações sobre o tema para situar o pesquisador. Já a pesquisa documental [...] “examina documentos a fim de poder comparar usos e costumes, tendências, diferenças etc.” (SANTAELLA, 2001, p. 145).

Os instrumentos de coleta utilizados foram: entrevistas em profundidade, realizadas com roteiro previamente elaborado, mas, que não se resumiu a ele, estando aberto para novas questões que surgiram e outros detalhes que as fontes relataram. A observação participante serviu para estabelecer uma aproximação com as entrevistadas, compreender os seus depoimentos e captar gestos, emoções e ações abstratas durante os encontros, que não são percebíveis apenas na fala. A pesquisa documental também serviu como instrumento de coleta, pois são informações legitimadas, pela mídia, pesquisadores e famílias. Histórias de vida e memória complementaram os procedimentos metodológicos.

O campo de estudo abrange o livro-reportagem (como formato), jornalismo literário (como linguagem) e violência (temática, com foco nos homicídios). Além disso, a memória, as histórias de vida, a observação participante como metodologias compõem este produto jornalístico, um livro-reportagem de perfis de cinco mães do grupo. A sua natureza é o jornalismo, seja tratando a questão da violência, seja as formas de narrar ou, ainda, a construção por meio do livro-reportagem, que abrange qualquer temática inclusive a violência.

O objetivo geral do livro-reportagem em questão foi narrar as histórias das mães sem filhos, buscando dar visibilidade às suas trajetórias de vida em vários aspectos, que não só a dor. O foco foi nas histórias de vida das mulheres, que também são vítimas da violência que levaram seus filhos. Os objetivos específicos foram: 1) identificar quem são as mulheres por trás da dor: profissionais, donas de casa, mulheres comuns unidas pela perda; 2) mostrar quem eram as vítimas por trás das tragédias: jovens sonhadores, estudantes, apaixonados, com a vida interrompida muito cedo e 3) revelar de que maneira é possível retomar a vida: perspectivas e planos.

O jornalismo contemporâneo atravessa um momento de transição em que a objetividade e a subjetividade passam a ser incorporadas e mescladas, sem que uma se sobreponha ou suplante a outra. As mudanças no formato não ocorrem apenas com o

uso das novas tecnologias, que alterou as plataformas tradicionais, como também a transformação nas formas de narrar. Com esse novo quadro, que não está totalmente definido, a reportagem se utiliza de diversas fontes e conceitos, oriundos das várias áreas do conhecimento, a exemplo das ciências sociais.

CAPÍTULO 1 - REVISÃO TÉORICO-CONCEITUAL: OS DESAFIOS DO LIVRO-REPORTAGEM NA CONTEMPORANEIDADE E VIOLÊNCIA

1.1 CONTRIBUIÇÃO DO JORNALISMO PARA A CONSTRUÇÃO DA REALIDADE

As ciências sociais jogam luz sobre o jornalismo e extraem dele elementos importantes para a compreensão da sociedade, uma vez que, como forma de mediação social, o jornalismo contribui diretamente para a formação da sociedade, agindo não apenas como meio de informação, como também, ferramenta ativa na construção social da realidade. De acordo com Thompson (1998), o cotidiano individual passa a ser coletivo com a mediação do jornalismo, que interfere na assimilação do social pelo indivíduo.

Por isso, se quisermos entender a natureza da modernidade – isto é, as características institucionais das sociedades modernas e as condições de vida criadas por elas – deveremos dar um lugar central ao desenvolvimento dos meios de comunicação e seu impacto. (THOMPSON, 1998, p. 12)

As primeiras teorias das mídias surgem simultaneamente aos debates sobre modernidade e estudos sociológicos, como nos diz Azevêdo (2011). Mais uma ligação entre comunicação e sociologia. A evolução tecnológica da informação, com o advento da internet e das redes sociais, reconfigura a interação social e as formas de se comunicar, receber e devolver conteúdo, gerando maior possibilidade de interagir de forma imediata. O que repercute, repercute mais e mais rápido no meio social, na rede e fora dela.

Corroborando com o jornalismo para a construção da realidade, como balizador histórico-temporal e de seleção do que é notícia, Bagdikian (1976), explica que

[...] o poder dos sistemas de mensagens é infinitamente maior: é a fonte da própria realidade. O que o sistema de notícias não transmite, para a maioria dos povos do mundo e quanto à sua maioria dos acontecimentos do mundo, não aconteceu. (BAGDIKIAN, 1976, p. 8)

No campo da sociologia, diversos autores de épocas diferentes convergem sobre a influência dos meios na coletividade. Em 1910, Weber já traçava a influência da mídia

sobre o ambiente social no primeiro Congresso da Sociedade Alemã de Sociologia. “A imprensa introduz, sem dúvida, deslocamentos poderosos nos hábitos de leitura e com isso provoca poderosas modificações na conformação, no modo e na maneira como o homem capta e interpreta o mundo exterior” (WEBER, 2005, p. 20).

Com o avançar dos estudos específicos à área jornalística, essa relação de causa e efeito se consolidou. A Teoria do Agendamento, criada por McCombs, surgiu com base nas ideias de Lippman, em 1922. Com isso, “[...] a mídia como um todo, e o Jornalismo em particular, atuariam importantes papéis [...] na configuração do próprio ambiente” (SILVA JÚNIOR et al., 2008, p. 220).

A objetividade passa a ser repensada a partir do novo jornalismo. A realidade, elemento marcante na narrativa jornalística, não é mais suficiente para compô-la, mas, passa a ser importante, também, os efeitos dessa realidade.

Da mesma forma da produção neo-realista na literatura, o neo-realismo jornalístico pautou-se por reinventar os propósitos factuais do realismo – ordenamento dos fatos e objetividade. A nova proposta inclui isso e mais alguma coisa, mostrando que, para além da fidelidade ao real, o jornalismo constrói efeitos de real (Cf. Sodré, 2009, p.25), ao assumir seu caráter discursivo ideológico e ao compreender as complexidades pelas quais perpassam as diferentes experiências de observar o mundo. (ALMEIDA, 2011, p. 17)

Ora, se o jornalismo é um elemento de construção da realidade, o jornalista, como operador dessa ferramenta, torna-se igualmente interventor social.

[...] entendemos a notícia com uma representação social da realidade cotidiana, um bem público, produzido institucionalmente, que submetida às práticas jornalísticas possibilita o acesso das pessoas ao *mundo dos fatos* (dia a dia) ao qual não podem aceder de maneira imediata. [...] Os jornalistas, como *sujeitos da enunciação*, convertem-se em mediadores creditados, *autorizados*, entre a cidadania e o poder, construindo assim uma parte da realidade social. (VIZEU, 2010, p. 223-224, grifo do autor)

Quando assume o papel de construtor da realidade social de forma deliberada, o jornalismo e os jornalistas, com suas linhas editoriais e convicções idiossincráticas também escolhem entre possibilidades e ideologias, aquelas que pretendem instituir e perpetuar como a mais adequada para dominar (manipular) a opinião pública.

A mídia constrói o real, mas, cada enunciador apresenta seus textos de construção como se fosse essa a única maneira de fazê-lo – a melhor, a mais próxima da facticidade. A obtenção de tal efeito de realidade depende com bastante intensidade da operação figurativa. Na construção de contratos de

longa duração com seus públicos leitores, os veículos assumem posições discursivas bastante concretas em relação ao que eles consideram as melhores posições políticas frente aos fatos e discursos do mundo social, marcando diferenças em relação a outros veículos, a outras posições discursivas, menos ou mais hegemônicas, por meio de estratégias bastante específicas em que certos valores são euforizados frente a outros, descartados. (PRADO; BAIRON, 2010, p. 252)

Pena (2006) remonta as origens do jornalismo ao início da comunicação humana pré-histórica, no medo do que não se conhece impulsiona a busca do conhecimento e sua difusão. Esse processo começa a transformar a realidade.

Para mim, a natureza do jornalismo está no medo. O medo do desconhecido, que leva o homem a querer exatamente o contrário, ou seja, conhecer. E, assim, ele acredita que pode administrar sua vida de forma mais estável e coerente [...] Entretanto, não basta produzir cientistas e filósofos, ou incentivar navegadores, astronautas e outros viajantes a desbravar o desconhecido. Também é preciso que eles façam relatos e reportem suas informações a outros membros da comunidade, que buscam a segurança e a estabilidade do “conhecimento”. A isso, sob certas circunstâncias éticas e estéticas, posso chamar Jornalismo. (PENA, 2006, p. 25, grifo do autor)

Assim, Pena (2015) reafirma o jornalismo como um campo específico do conhecimento humano. A teoria do *Newsmaking* surge em contraposição à teoria do espelho, para negar que o jornalismo seja o espelho do real, mas é parte de sua construção social.

[...] é no trabalho da enunciação que os jornalistas produzem os discursos, que submetidos a uma série de operações e pressões sociais, constituem o que o senso comum das redações chama de notícia. Assim, a imprensa não reflete a realidade, mas, ajuda a construí-la. Esses pressupostos estão incluídos no modelo teórico do *newsmaking*, cuja sistematização feita por autores como Mauro Wolf e Nelson Traquina, por exemplo, leva em consideração critérios como noticiabilidade, valores-notícia, constrangimentos organizacionais, construção da audiência e rotinas de produção. (PENA, 2015, p. 128)

A contemporaneidade trouxe mudanças em conceitos e paradigmas pré-estabelecidos. A verdade deixa de ser exata para ser uma construção, a melhor versão.

Como assinala Morin, trata-se de ver que se está, talvez, no fim de um certo tempo, e no começo de tempos novos. Quem sabe um jornalismo que possa abarcar os conflitos em maior abrangência. Uma nova epistemologia, que mostre os caminhos sem determinar hierarquias, indícios de novos tempos em que a verdade não é absoluta, mas sim uma construção discursiva que depende dos esforços do jornalista para ser desvendada em múltiplas dimensões. (RODRIGUES, 2010, p. 52)

Assim, a “influência da mídia é admitida na medida em que ajuda a estruturar a imagem da realidade social, em longo prazo, a organizar novos elementos dessa mesma imagem, a formar opiniões e crenças novas” (WOLF, 2002, p. 143 apud PENA, 2015, p. 145).

Para que essas transformações ocorram há diversas forças agindo, não somente o jornalismo. De forma complexa, tudo está interligado e em constante interação.

[...] Não, os fatos não falam por si. Eles ganham significações e conotações específicas, transitam em um imaginário compartilhado e inteligível, estão sujeitos a mediações e interpretações, são construídos ao alcançar o patamar público de notícia. Eles são mediados e interpretados. Trata-se, portanto, de uma elaboração contínua que exige competências de significação e representação que não podem ser resumidas a uma operação [...] de reprodução da realidade. (BORGES, 2013, p. 23)

O jornalista é protagonista nesse processo quando atua como mediador e *gatekeeper* (o seletor de notícias), “os profissionais do campo jornalístico definem em última análise para nós as notícias e contribuem ativamente na construção da realidade” (TRAQUINA, 2004, p. 29 apud BORGES, 2013, p. 31).

[...] Fica patente que o jornalismo não elabora apenas textos, construindo-os seguindo meras regras de redação compartilhadas e introjetadas pela comunidade jornalística e seu público, mas sim edifica sentidos a partir de seus discursos, de suas escolhas enunciativas, de sua forma de mediar e filtrar a realidade, em processos complexos e cheios de interferências. (BORGES, 2013, p. 32)

Assim, o jornalismo e a sociedade interagem em um processo de retroalimentação e mútua influência no papel de

Marcar os comportamentos e as ações sociais derivadas dos atos comunicativos do jornalismo que realimentam o processo social, provocando transformações nos cenários de atualidade e da ordenação ética e moral da sociedade. (CHAPARRO, 1994, p.116 apud RODRIGUES, 2010, p. 68)

Evidencia-se, dessa forma, que o jornalismo não é a única força capaz de influenciar e moldar a realidade, todavia é uma das maiores e mais fortes nesse sentido. À maneira que lança, também recebe estímulos sociais, o que faz com que a realidade seja uma construção coletiva.

1.2 UTILIZAÇÃO DO LIVRO-REPORTAGEM NO JORNALISMO

1.2.1 Concepções

O livro-reportagem, ganha cada vez mais espaço no mercado editorial contemporâneo tornando-o mais que um produto jornalístico e cultural. A maior parte se caracteriza como biográficos - papel que no passado ficava a cargo de historiadores. O casamento do jornalismo com a literatura nutre e ancora a narrativa de não ficção ou o romance de não-ficção. Conforme Lima (2009) o real é uma das características do livro-reportagem, porém, essa narrativa necessita de elementos que a tornem literariamente atrativa. É preciso dar sentido, significado ao texto, expressar esteticamente a vivacidade da história.

O livro-reportagem eterniza o fato à medida que aprofunda o que foi noticiado de forma factual pelos meios de comunicação. “[...] Avança para o aprofundamento do conhecimento do nosso tempo, eliminando parcialmente que seja, o aspecto efêmero da mensagem da atualidade praticada pelos canais cotidianos da informação jornalística”. (LIMA, 2009, p. 4)

Ele funciona como uma possibilidade de aprofundamento da notícia, uma extensão do jornalismo. Mostrar camadas e detalhamentos que não teriam espaço nas matérias do dia a dia, que podem ser justificadas pela falta de espaço físico nos veículos de mídia tradicional ou mesmo tempo insuficiente para apuração. Os estudiosos reiteram que a reportagem do que já aconteceu precisa trazer desdobramentos para além do factual.

Um desastre aéreo, em termos de cobertura noticiosa, pode gerar, nos dias seguintes, o acompanhamento da remoção dos destroços, da recuperação dos sobreviventes (se houver), do sepultamento dos mortos e do inquérito sobre as causas. Em termos de reportagem, motiva textos sobre a segurança dos vôos, indústria aeronáutica, serviços de salvamento, operação de aeroportos, atendimento médico de emergência etc.; ou então histórias pessoais com conteúdo trágico, dramático ou cômico relacionadas ao acidente. São, como se vê, coisas distintas. (LAGE, 2001, p. 39-40)

Se por um lado sua produção tem crescido na esfera prática, no campo da pesquisa ainda é bem tímido. São construídos por jornalistas, que ampliam o trabalho realizado cotidianamente, é uma pauta extensa, uma grande-reportagem com mais espaço de publicação. Poucos trabalhos acadêmicos inspiram teoricamente os produtores/escritores. Segundo Lima (2009), em termos de qualidade os modelos europeus, em especial, ingleses e americanos tomam a vanguarda. No Brasil, o

jornalismo interpretativo teria ganhado força na década de 1960 com a criação de um caderno especial aos domingos no Jornal do Brasil, com uma cobertura mais detalhada que o habitual do dia a dia.

Embora tenha se originado no período moderno da história, foi na contemporaneidade que suas características foram se solidificando, especialmente atrelado ao jornalismo investigativo.

Aparecendo e se renovando entre o realismo e o neo-realismo, pautou-se e também burlou a tradição factual, convergindo para a mediação e polêmica entre experiências de estirpes políticas, econômicas e culturais. Para dar conta de perspectivas heterogêneas, oficiais e cotidianas, especializadas e do senso comum, testemunhais e interpretativas, literárias e jornalísticas, operou com perfis humanos, argumentos, fatos e alegorias contextuais, desmembrando-se entre expressões dos subgêneros biografia, tese, factual e romance. (ALMEIDA, 2011, p. 89)

Contemporâneo e atual observa-se um processo de convergência entre os autores, de que o livro-reportagem é um formato cujo papel é dar profundidade e, que não perde espaço no jornalismo cada vez mais imediatista da atualidade, na qual emerge a figura do jornalista escritor.

Tendo em vista que o jornalismo periódico ainda sofre de ressalvas ideológicas atreladas a grupos políticos e econômicos, o livro-reportagem tem longa vida ao alargar o empenho investigativo e descobrir sua posição ideológica frente a uma sociedade na qual as instituições sofrem de crise ético-moral. Não queremos subvalorizar o trabalho da imprensa e dos jornalistas de redação e assessorias institucionais, mas legitimar a formação do escritor jornalista como necessária a um público que apela por jornalismo de profundidade, portanto pela “terceira via” na era da divulgação de curiosidades pitorescas e do encurtamento noticioso. (ALMEIDA, 2011, p. 89-90, grifo do autor)

Diante da crise na mídia impressa o livro-reportagem tem sido uma saída para a sobrevivência do jornalismo impresso, que tem assistido ao fechamento de jornais diários de forma crescente em todo o mundo. O livro-reportagem é encarado como uma alternativa às limitações da rotina dos periódicos diários, de espaço, de tempo e linhas editoriais. Assim, como uma perenização de temáticas ou personalidades, através da consolidação permitida pelo formato. Há também o viés do prazer, da autonomia e satisfação que o jornalista/escritor pode exercer diferentemente do jornalismo do dia a dia.

Os estudos sobre livro-reportagem no Brasil reportam-se pelo pioneirismo a Lima (1998), que para criar o conceito usado atualmente se valeu da Teoria Geral dos

Sistemas, adaptando-a ao campo jornalístico, especialmente as ideias de Ludwig Von Bertalanffy, trabalhando conceitos de forma integrada. Para Lima (1998), o livro-reportagem permite uma abordagem holística da realidade e deve ser escrito em esferas espaciais e temporais. Seriam camadas de desdobramentos.

Em termos espaciais, no centro de tudo encontra-se o fato nuclear que desperta o interesse da cobertura jornalística. Em torno, na primeira esfera está o espaço geográfico imediato dessa ocorrência. Numa segunda esfera, maior, encontra-se um fato secundário e um espaço geográfico adicional relacionado ao acontecimento central. Numa terceira, mais afastada da primeira, estão os efeitos, as repercussões mais importantes. Na quarta, está o espaço psicológico extra, mais sutil, onde o acontecimento da primeira esfera também provoca ressonância. (LIMA, 1998, p. 30)

Quando se fala em ampliação, diz respeito ao aprofundamento da informação, mas, também ao espaço, que, sobretudo, é o maior entre os meios impressos. Nesse contexto, Lima (2009) observa que:

[...] O livro-reportagem é o veículo de comunicação impressa não-periódico que apresenta reportagens em grau de amplitude superior ao tratamento costumeiro nos meios de comunicação [...] Esse “grau de amplitude superior” pode ser entendido no sentido de maior ênfase de tratamento ao tema focalizado – quando comparado ao jornal, à revista ou aos meios eletrônicos –, quer no aspecto extensivo, de horizontalização do relato, quer no aspecto intensivo, de aprofundamento, seja quanto à combinação desses dois fatores. (LIMA, 2009, p. 26, grifo do autor)

Outros aspectos, também, precisam ser levados em consideração, além da linguagem e densidade. A perenidade e o tamanho também interferem na classificação. Como explica Belo (2013):

[...] É um instrumento aperiódico de difusão de informações de caráter jornalístico. Por suas características não substitui nenhum meio de comunicação, mas serve como complemento a todos. É o veículo no qual se pode reunir a maior massa de informação organizada sobre um assunto e representa, também, a mídia mais rica [...] em possibilidades para a experimentação, uso da técnica jornalística, aprofundamento da abordagem e construção da narrativa. [...] A concepção de um livro-reportagem requer informação capaz de superar as barreiras do imediato e do superficial, de modo a fazê-lo permanecer como objeto de interesse por muito e muito tempo. Pede também densidade, análise, conteúdo. Esses dois fatores estão quase sempre associados à extensão do texto e à capacidade do autor de construí-lo. [...] uma obra precisa ter no mínimo 48 páginas para ser considerado livro no Brasil. (BELO, 2013, p. 41-42)

Embora seja um formato em construção é unanimidade entre os autores os conceitos de aprofundamento, amplitude de espaço/tempo e não periodicidade, porém,

com permanência atual ao longo dos anos. O livro-reportagem não pode ter data de validade, como o jornal diário, que só dura um dia. É um produto jornalístico que não se restringe ao factual, ao cotidiano. Ele perpassa as fronteiras do tempo e espaço.

O pensamento complexo de Morin

Edgar Morin desenvolveu estudos que envolvem a comunicação e mídia. Porém, neste tópico, busca-se correlacionar o pensamento complexo orquestrado por ele com o campo da comunicação, para melhor contextualizar o conceito de livro-reportagem. Para Morin (2006), o pensamento teria a função de ordenar e revelar o real, afastando qualquer obscurantismo e dessa forma mostrando também os engendramentos que o regem. Papel que no decorrer da história também recaiu sobre o jornalismo. É possível traçar dessa forma paralelos e semelhanças entre os conceitos de Morin e a imprensa.

O jornalismo por vezes consegue impulsionar os agentes sociais públicos ou privados na resolução de problemas que afetam a sociedade. Mas, seu dever primário é o de mostrar, escancarar e revelar esses problemas. Assim como a complexidade, que é *“uma palavra-problema e não uma palavra-solução”* (MORIN, 2006, p. 6, grifo do autor).

A complexidade surge da insuficiência do pensamento simplificador. Enquanto o pensamento simples objetiva o controle do real, o complexo lida, dialoga e interage com o real. O complexo leva em consideração o todo (multidimensional), já o simples, analisa partes (disjunção), conforme deixa claro Morin (2006).

[...] A complexidade surge, é verdade, lá onde o pensamento simplificador falha, mas ela integra em si tudo o que põe ordem, clareza, distinção, precisão no conhecimento. Enquanto o pensamento simplificador desintegra a complexidade do real, o pensamento complexo integra o mais possível os modos simplificadores de pensar, mas recusa as consequências mutiladoras, redutoras, unidimensionais e finalmente ofuscantes de uma simplificação que se considera reflexo do que há de real na realidade. (MORIN, 2006, p. 6)

O jornalismo por vezes ocasiona essa mutilação do real para que através de peças, consiga compreender e explicar o quebra-cabeça. Seria o pensamento simples, caso não buscasse ao fim e ao cabo, a interpretação do todo. O livro-reportagem é o conjunto de elementos interdependentes, camadas de um mesmo assunto coordenadas em eixos distintos, ou seja, simples. O que o torna complexo é que essas partes estão divididas por uma questão de organização, mas, permanecem unidas por uma liga

invisível. Para Morin (2006) é necessário diferenciá-las, mas, não separá-las. O jornalismo de forma geral integra, ainda, a complexidade enquanto agente de mediação.

[...] Traz também em seu princípio o reconhecimento dos laços entre as entidades que nosso pensamento deve necessariamente distinguir, mas não isolar uma das outras. Pascal tinha colocado, com razão, que todas as coisas são “causadas e causantes, ajudadas e ajudantes, mediatas e imediatas, e que todas (se interligam) por um laço natural e insensível que liga as mais afastadas e as mais diferentes”. (MORIN, 2006, p. 7, grifo do autor)

O jornalismo em suas diversas dimensões busca contrapontos ao que está sendo dito, o “ouvir os dois lados”. O factual, geralmente, seja pela falta de tempo de apuração ou de espaço de divulgação, noticia apenas o fato isolado, sem aprofundar e contextualizar suas causas e consequências. O jornalismo de profundidade, abarcado pela reportagem e o livro-reportagem explora todos os aspectos para compreender o todo. Assim, como o pensamento complexo apresenta diversos ângulos.

[...] Jamais pude me resignar ao saber fragmentado, pude isolar um objeto de estudo de seu contexto, de seus antecedentes, de seu devenir. [...] Sempre senti que verdades profundas, antagônicas umas às outras, eram para mim complementares [...] Se a complexidade não é a chave do mundo, mas o desafio a enfrentar, por sua vez o pensamento complexo não é o que evita ou suprime o desafio, mas o que ajuda a revelá-lo, e às vezes mesmo a superá-lo. (MORIN, 2006, p. 7-8)

O jornalismo então trafega entre o complexo e o simples. Da mesma forma que a produção de conhecimento seleciona e descarta dados. O jornalismo filtra e define o que é noticiável. Para Morin (2006), isso se caracteriza como mutilação e é visto como um problema. A especialização em excesso fragmenta o complexo, deixando a sensação de que esse corte no real seria o próprio real.

Qualquer conhecimento opera por seleção de dados significativos: separa (distingue ou disjunta) e une (associa, identifica); hierarquiza (o principal, o secundário) e centraliza (em função e um núcleo de noções-chaves); estas operações, que se utilizam da lógica, são de fato comandadas por princípios “supralógicos” de organização do pensamento ou *paradigmas*, princípios ocultos que governam nossa visão das coisas e do mundo sem que tenhamos consciência disso. [...] Trata-se de evitar a visão unidimensional, abstrata. Para isto, é preciso, antes de mais nada, tomar consciência da natureza e das consequências dos paradigmas que mutilam o conhecimento e desfiguram o real. (MORIN, 2006, p. 10-11, grifos do autor)

O complexo seria então o espaço onde tudo acontece e o conhecimento, o organizador desse ambiente. O jornalismo, como forma de conhecimento também deve exercer esse papel.

[...] A complexidade é efetivamente o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem nosso mundo fenomênico. [...] Por isso o conhecimento necessita ordenar os fenômenos rechaçando a desordem, afastar o incerto, isto é, selecionar os elementos da ordem e da certeza, precisar, clarificar, distinguir, hierarquizar. (MORIN, 2006, p. 13)

Para Lima (2009), somente o pensamento complexo permite compreender a realidade de forma ampla. O pensamento simples oferece uma fração muito pequena da realidade. É preciso compreender o todo para realizar as mudanças necessárias e para que o mundo torne-se um ambiente mais saudável.

Estamos aprendendo que todas essas crises têm uma raiz profunda, uma origem escondida sob as dobras da nossa própria ignorância: ainda sabemos muito pouco quem somos, de fato, e o que é a realidade. Descobrimos que os nossos instrumentos convencionais de percepção e entendimento são insuficientes. Por isso a necessidade urgente da revisão profunda dos alicerces e valores que condicionam nosso modo de enxergar a realidade. Uma urgente mudança de mentalidade que nos permita subir do patamar raso do pensamento simples para o vasto planalto elevado do pensamento complexo. Precisamos de um salto quântico de qualidade. Precisamos transpor o abismo que separa a nossa percepção racional da sensibilidade intuitiva. (LIMA, 2009, p. 342)

Ainda de acordo com as ideias de Lima (2009), se enxerga as contribuições de outras teorias sistemáticas para a construção da realidade.

Estamos descobrindo, através da Teoria dos Campos Morfogenéticos [...] como a própria Natureza aprende e como os rituais, assim como os grupos unidos por afinidades, constituem elementos de campos de força que exercem influência sobre a formação da realidade. Estamos aprendendo, via física quântica, que é possível que a nossa consciência molde a própria realidade [...] (LIMA, 2009, p. 343)

Rodrigues (2010) retoma os conceitos da teoria da complexidade de Morin aplicadas à construção discursiva. A teoria da complexidade explicaria os comportamentos humanos, revelando as contradições existenciais. Em paralelo, o discurso, a reportagem, a narrativa busca revelar os temas não consensuais e explicar porque as coisas são como são.

[...] Um jogo que encontra eco na teoria da complexidade formulada pelo pensador francês Edgar Morin, que desafia os paradigmas vigentes no pensamento e aponta as diversidades intrínsecas em todos os hábitos da sociedade. Surge o *homo complexus*, uma nova noção de homem baseada na riqueza de aspectos contraditórios e/ou complementares existentes na personalidade de uma pessoa. (RODRIGUES, 2010, p. 48)

O que os autores querem deixar claro é que é muito mais epifânica a visão holística, geral, em que tudo está interrelacionado e causam influência mútua, do que uma abordagem reducionista que visualiza apenas dimensões mínimas do conjunto, pois conforme Rodrigues (2010), o homem e a sociedade são multidimensionais e devem ser pensados sob o conjunto de aspectos.

Unidades como o ser humano e a sociedade são multidimensionais: dessa forma, o ser humano é ao mesmo tempo biológico, psíquico, social, afetivo e racional. A sociedade comporta as dimensões histórica, econômica, sociológica e religiosa. O conhecimento pertinente deve reconhecer esse caráter multidimensional e nele inserir estes dados: não apenas não poderia isolar uma parte do todo, mas as partes umas das outras; a dimensão econômica, por exemplo, está em inter-retroação permanente com todas as outras dimensões humanas; além disso, a economia carrega em si, de modo holográfico, necessidades, desejos e paixões humanas que ultrapassam os meros interesses econômicos. (MORIN, 1999). Por isso, a complexidade é a união entre a unidade e a multiplicidade. [...] A união das diferentes disciplinas do saber em uma perspectiva multidisciplinar, que permita compreender melhor as relações entre os diferentes fenômenos. Os fatos precisam ser pensados no infinito jogo de relações entre os diferentes campos do saber. A perspectiva deve ser transdisciplinar [...] Trata-se de verificar a importância de todos os elementos, independente de parecerem antagônicos ou complementares. (RODRIGUES, 2010, p. 48-49)

O livro-reportagem seria, assim, uma forma de apreensão da complexidade do real, do pensamento complexo, à medida que integra o todo ou o máximo de desdobramentos possíveis para contextualizar o acontecimento narrado.

1.2.2 Características

As características do livro-reportagem, de acordo com Lima (2009) são regidas pelos mesmos princípios do jornalismo de forma geral. Entre eles, o interesse público, a atualidade (momento presente) e a veracidade. De acordo com Sodré e Ferrari (1977 apud Lima 2009), elas agregam as particularidades da reportagem, especificamente, como a predominância da forma narrativa, a humanização do relato e o texto de natureza impressionista.

O livro-reportagem se diferencia dos demais tipos de livros pelo conteúdo, tratamento e função.

[...] *Conteúdo* [...] corresponde ao real, [...] A veracidade e a verossimilhança são fundamentais. Quanto ao *tratamento*, compreendendo a linguagem, a montagem e a edição do texto, o livro-reportagem apresenta-se eminentemente jornalístico. Quanto à *função*, o livro-reportagem pode servir a distintas finalidades típicas ao jornalismo, que se desdobram desde o objetivo fundamental de informar, orientar, explicar. [...] pode trabalhar sua narrativa de uma maneira apenas extensiva [...] cumprindo, desse modo, um trabalho que se poderia denominar muito próximo ao *jornalismo informativo arredondado*. [...] Pode partir para uma visão unilateral de uma questão, defendendo um conjunto de princípios definidos e [...] praticar o *jornalismo opinativo*, [...] Pode exercer a abordagem multiangular de uma questão, à procura de sua variedade de causas e consequências, de diversificados pontos de vista a respeito, praticando desse modo o *jornalismo interpretativo*. Pode praticar o [...] *jornalismo investigativo*, de denúncia (e que emprega recursos provenientes de qualquer uma das categorias clássicas do jornalismo), [...] Pode também enveredar por uma categoria que foge ao contorno clássico do grupo onde se encontram as três categorias tradicionais, entrando pelo chamado *jornalismo diversional*, [...] (LIMA, 2009, p. 27-30, grifos do autor)

Outros atributos que auxiliam na caracterização do livro-reportagem são a universalidade temática, liberdade na escolha da pauta e das fontes, liberdade temporal, não-periodicidade (diário, semanal), difusão coletiva, uso de técnicas mais subjetivas em detrimento da objetividade factual (etnografia, observação participante, história oral), linguagem literária, estética narrativa, possibilidades narrativas mais flexíveis e a intercalação entre o discurso direto e indireto.

A difusão coletiva que ocorre no livro é entendida por Lima (2009), como um veículo de comunicação coletiva e não de massa, devido à baixa tiragem no Brasil. Já, a universalidade se aplica em múltiplos aspectos. “Universalidade, em jornalismo, significa variedade tanto no plano da abordagem de diferentes temas quanto da multiplicidade de aspectos que se aborda de um mesmo tema” (LIMA, 2009, p. 49).

Dentre as características tomadas da Literatura, pode-se elencar a “imersão do repórter na realidade, voz autoral, estilo, precisão de dados e informações, uso de símbolos (inclusive metáforas), digressão e humanização” (PENA, 2006, p. 105).

Nesse contexto, a voz autoral diz respeito à visão de mundo do autor, conforme observa Lima (2009):

O que o leitor espera [...] uma leitura individual, marcada pela experiência própria do autor, seu modo de captar e expressar a realidade, sua interação com os personagens da história. O autor não é um mero compilador de dados [...] Autor de jornalismo literário tem nome, rosto, corpo, cabeça, tronco, membros. Tem mente e coração. Pensa e sente. É um estudioso constante da

realidade. Interpreta, avalia, busca unir os fios de compreensão que unem ações, pessoas, ambientes. Tem virtudes e defeitos. Enxerga coisas que pessoas menos exercitadas para contar histórias não enxergam. [...] Espera-se que o autor assuma sua postura própria, individual, que tenha uma marca pessoal diante da realidade, sua assinatura diante da vida.. Espera que essa voz autoral traduza-se num **estilo** próprio, um modo também único de combinar os elementos da narrativa. (LIMA, 2009, p. 369-371, grifo do autor)

Dessa forma, a humanização enriquece a narrativa por criar a empatia e a identificação com a personagem (humana), uma vez que denota os aspectos positivos e negativos desta, torna-a mais autêntica, mais próximo do real e propondo uma tendência de aceitação àquilo com o qual se percebe semelhanças. De acordo com Lima:

[...] Toda boa narrativa do real só se justifica se nela encontramos protagonistas e personagens humanos tratados com o devido cuidado, com a extensão necessária e com a lucidez equilibrada onde nem os endeusamos nem os vilipendiamos. Queremos antes de tudo descobrir o nosso semelhante em sua dimensão humana real, com suas virtudes e fraquezas, grandezas e limitações. Precisamos lançar um olhar de identificação e projeção humana da nossa própria condição nos nossos semelhantes, sejam celebridades ou pessoas do cotidiano. (LIMA, 2009, p. 359)

Sua estrutura permite a ênfase na personagem, contextualização detalhada, conteúdo não factual (linha mercadológica e industrial do jornalismo convencional) e atinge públicos distintos em diversos locais. Entre essas técnicas, usualmente, se pratica a descrição de cenas, ambientes e expressões das personagens, com o intuito de situar o leitor dentro da narrativa, como se ele fizesse parte dela. E também a imersão, a entrega profunda do escritor ao seu objeto.

A **imersão** é vital. Como o propósito-motriz do jornalismo literário é a **compreensão** da realidade, só há uma maneira de um bom repórter aquilatá-la melhor: mergulhando na própria. O autor precisa partir a campo, ver, sentir, cheirar, apalpar, ouvir os ambientes por onde circulam seus personagens. Precisa interagir com eles. Deve vivenciar parte da experiência de vida que eles vivem. (LIMA, 2009, p. 373, grifos do autor)

O mergulho do autor no ambiente e na história a ser esmiuçada e narrada exige certo cuidado. O perigo não está na aproximação com as personagens, que traz mais benefícios que riscos. O problema são as consequências que a imersão pode trazer aos sentimentos do escritor. Por mais que se tenha autocontrole emocional, quando se trata de temas delicados como a violência e decide-se saltar do trampolim nas emoções das famílias das vítimas, é necessário saber com antecedência se a piscina está cheia ou se a

profundidade é proporcional à altura do pulo. O autor deve se resguardar da queda ou do afogamento. Ou seja, viver demais a dor das fontes o torna até sensível a uma escrita melhor e mais próxima do fato, mas, também, o enlaça nesse espírito de choque e depressão, pois está inserido no contexto dos seus personagens.

1.2.3 Tipologias: tipos de reportagem

Antes de especificar os tipos de reportagem é preciso ter uma noção clara do que o termo significa. Diversos autores lançaram conceitos sobre a questão. Um relato temático, focal, envolvente e aprofundado (CORRÊA, 2003 apud PENA, 2015). Combinação de interesse do assunto e dados que formam um todo compreensível e abrangente de forma expositiva (LAGE, 2001 apud PENA, 2015). “Compreende desde a simples complementação de uma notícia [...] até o ensaio capaz de revelar, a partir da prática histórica, conteúdos de interesse permanente” (LAGE, 2001, p. 83 apud PENA, 2015, p. 76). “Para as notícias as pautas são apenas indicações de fatos programados. [...] Reportagens pressupõem outro nível de planejamento” (LAGE, 1998, p. 47 apud PENA, 2015, p. 76). A notícia é um relato curto e reportagem, mais circunstanciado (NOBLAT, 2004 apud PENA, 2015).

O item em que todos os autores comungam na conceituação, é que a reportagem acarreta ampliação, aprofundamento e narrativa diferenciada.

A reportagem é um registro jornalístico do mundo, de maior amplitude que a notícia cotidiana, em geral elaborada de forma mais narrativizada e que busca ser mais abrangente em relação ao fato, à história e aos personagens de que trata. (BORGES, 2013, p. 77)

Lage (2001 apud Pena, 2015) divide a reportagem em três gêneros: investigativa, interpretativa e novo jornalismo.

Do ponto de vista da produção, Nilson Lage considera três gêneros de reportagem. *Investigativa*: parte de um fato para revelar outros mais ou menos ocultos, e, através deles, o perfil de uma situação de interesse jornalístico. [...] *Interpretativa*: o conjunto de fatos é observado pela perspectiva metodológica de determinada ciência. [...] *Novo jornalismo*: aplica técnicas literárias na construção de situações e episódios para revelar uma práxis humana não teorizada. (PENA, 2015, p. 77, grifo do autor)

Outra proposta é a de Corrêa (2003 apud Pena, 2015), que tipifica em reportagem do perfil, de fatos, polêmica, monotemática, de ação e documental.

Reportagem do perfil – procura apresentar a imagem psicológica de alguém, a partir de depoimentos do próprio, assim como de familiares, amigos, subordinados e superiores dessa pessoa. [...] *Reportagem de fatos* – aproveita a dramaticidade de um fato e aprofunda seu conhecimento, abrindo novas áreas de contexto, entendimento de causas e efeitos. Esse modelo, assim como o de “ação” e o “documental”, foi apresentado por Muniz Sodré e Maria Helena no livro *Técnica de reportagem. Reportagem polêmica* – explora assunto em discussão na sociedade ou o cria. Para isso, ouve fontes, especialistas e “olimpianos” que pensem de modo diferenciado, oposto. Nessa espécie de reportagem o profissional pode deixar a critério dos destinatários a opção de como interpretar a matéria, mas, usualmente, trabalha sobre uma hipótese em que aposta. [...] *Reportagem monotemática* – após um acontecimento recente, o veículo “costura” a relação com outros similares e cria um tema que provoque adesão do público, pelo destaque e tratamento coerente reservado ao assunto. [...] *Reportagem de ação* – diante de um fato especialmente dinâmico, impactante e complexo, o texto reconstitui a intensidade das ações num estilo cinematográfico, visual, criando um clima dinâmico, com narrativa leve, mas nervosa, ágil. [...] muito presente nos veículos mais populares, especialmente nos programas de televisão [...] em que a pauta “policia” é a âncora. *Reportagem documental* – costuma merecer um cuidado praticamente didático do jornalista, no sentido de investir na demonstração documental da perspectiva com que o tema é abordado; incluem-se, aí, as transcrições de depoimentos e documentos que dão credibilidade e “materialidade” de provas às argumentações ou informações. (PENA, 2015, p. 77- 79, grifo do autor)

A atualidade na reportagem teria um conceito mais amplo, pois, não se refere ao que aconteceu naquele instante, que envelhece e perece no instante seguinte. Mas, há algo que pode atualizar ou trazer de volta o que causou impacto em momentos passados. É necessária a atualidade, mas, num tom menos imediatista que o jornalismo tradicional. Assim, “a reportagem é o relato ampliado de um acontecimento que já repercutiu no organismo social e produziu alterações que são percebidas pela instituição jornalística” (MARQUES DE MELO, 1985, p. 49 apud LIMA, 2009, p. 23).

Há uma motivação de caráter pessoal na construção da reportagem, que envolve a vontade e o estilo de escrita do jornalista. “formas que busca o jornalista para se expressar” (GARGUREVICH, 1982, p. 11 apud LIMA, 2009, p. 24).

[...] é muitas vezes fruto da inquietude do jornalista que tem algo a dizer, com profundidade, e não encontra espaço para fazê-lo no seu âmbito regular de trabalho, na imprensa cotidiana. Ou é fruto disso e (ou) de uma outra inquietude: a de procurar realizar um trabalho que lhe permita utilizar todo o seu potencial de construtor de narrativas da realidade. O jornalismo oferece [...] numerosas possibilidades de tratamento sensível e inteligente do texto, enriquecendo-o com recursos provenientes não só do jornalismo, mas também da literatura e até do cinema. (LIMA, 2009, p. 33-34)

Sodré e Ferrari (1977 apud Lima 2009), classificam a reportagem em: reportagem de fatos ou *fact-story* (fatos narrados em sucessão, pela ordem de importância, objetivamente pela pirâmide invertida), reportagem de ação ou *action-story* (relato movimentado, do mais atraente aos detalhes secundários, descrevendo cena a cena) e reportagem documental ou *quote-story* (utiliza dados que comprovem a fundamentação e citações esclarecedoras).

Segundo Lima (2009), nos primórdios do gênero havia apenas dois tipos de livro-reportagem, um baseado em série de reportagens publicadas na imprensa e outro de um fato original de grande repercussão. Outra forma de categorizar seria em função da atualidade: o livro instantâneo (fato de impacto ainda em repercussão) e outro mais distante do presente. Em sua proposta de classificação, o autor leva em consideração o objetivo e a natureza do tema.

O gosto do público pela reportagem aprofundada não é algo recente. Belo (2013) lembra que a Revista Cruzeiro fundada, em 1928, só se destacou na década de 1940 ao investir em reportagem.

Perfil

O perfil é uma espécie de narrativa que se assemelha à biografia, por descrever a vida de alguém. No entanto, se diferencia pela não obrigatoriedade de contemplar toda a vida da pessoa. Não é necessário obedecer a uma sequência cronológica. É possível e interessante relatar recortes, trechos marcantes da trajetória de quem se fala. Logo, é uma narração mais curta, o que não impede que seja densa.

O perfil faz um trabalho intuitivamente psicológico de retratar a pessoa sob uma projeção de luz mais complexa, capaz de iluminar tanto seus atos externos, no mundo que conhecemos como seus conteúdos internos, da psique, desconhecidos por nós. São conteúdos, trazidos à consciência, que nos ajudam a compreendê-la de forma mais completa, como ser humano inteiro. (LIMA, 2009, p. 60-61 apud CORREIA, 2016, p. 19)

Ele tem sido utilizado nas narrativas contemporâneas com o objetivo de enfatizar o sujeito de quem se fala. Não é o fato ou um fato que tecem o fio condutor da narração, mas, sim, a personagem da história, o que ela representa e o seu lado humano, carimbando um apelo emocional de empatia.

O perfil, que é o lado da humanização da reportagem, já que o jornalismo se diferencia também por ser uma forma de comunicação que se volta para o homem, em última instância, como foco central e como tal visa emocionar, ao lado da elucidação racional, para transmitir o retrato completo dos temas que aborda. (LIMA, 1995, p. 26 apud CORREIA, 2016, p. 20)

Lima (2009) aponta que a personagem retratada pode ser pública ou anônima, desde que por algum motivo represente algum tipo de interesse a representação de algum grupo social, ressaltando sempre o seu lado humano.

O jornalismo de maneira geral se vale da função referencial da linguagem, na qual a mensagem diz respeito às ações do sujeito de quem se fala. A reportagem de perfil favorece o uso desse tipo de linguagem. A narrativa é curta, focada em momentos.

Diferentemente das biografias em livro, em que os autores têm de enfrentar os pormenores da história do biografado, os perfis podem focalizar apenas alguns momentos da vida da pessoa. É uma narrativa curta tanto na extensão (tamanho do texto) quanto no tempo de validade de algumas informações e interpretações do repórter. (VILA-BOAS, 2003, p. 13)

A urgência de fugir de parâmetros objetivos, historicamente impostos pelas regras jornalísticas, se evidencia na escrita de perfil. O narrador existe e sua presença não pode ser negada. A objetividade é importante para outros moldes, mas a percepção e sensibilidade são tão ou mais importantes que as técnicas.

Somente em colunas opinativas permite-se o uso da primeira pessoa no jornalismo hoje em dia. Creio que é uma maneira utópica – e intransigente – de pretender que o narrador inexistia. E de querer padronizar. Mas, a lógica industrial da pirâmide invertida, com seus *leads* e *subleads*, é inútil em perfil. Informações e percepções não se acomodam em compartimentos estanques. (VILAS-BOAS, 2003, p. 10, grifo do autor)

Na escrita de perfil é necessário aliar as técnicas jornalísticas às nuances subjetivas do escritor.

Os processos de criação são multidimensionais. Neles, combinam-se memórias, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral. A narrativa de um perfil não pode prescindir de todos os conceitos e técnicas de reportagens conhecidos, além de recursos literários e outros. Mas ela também está atada ao sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir. (VILAS-BOAS, 2003, p. 13-14)

É possível construir um perfil apenas com a personagem, mas o trabalho primoroso se dá com a inserção de outros dados e informações, encontrados com a

pesquisa. Na concepção do livro-reportagem *Mães na Dor*, foram realizadas pesquisas sobre o grupo e os casos estudados em ferramentas de busca como o auxílio de ferramentas digitais: Google, *YouTube* e *Facebook*. Além de matérias de jornais, sites e emissoras de TV. As plataformas de trabalhos acadêmicos também serviram de base para a investigação inicial.

Documentação é uma das principais chaves. Um perfil que se baseie apenas no relato do personagem e dos que o conheceram é substancialmente mais pobre do que uma investigação profunda feita com base em uma pesquisa histórica, bibliográfica, com documentos, investigativa. (BELO, 2013, p. 50)

O autor alerta ainda para a sensatez na colocação ou eliminação de informações delicadas, que não tenham relevância.

[...] Um perfil ou uma biografia – e até outro tipo de reportagem em que o autor se valha da descrição da personalidade de alguém – tende a entrar em aspectos mais privados. Como em tudo, é preciso bom senso. Ao contar detalhes da vida pessoal de alguém, torna-se necessário ater-se a aspectos que tenham relevância para o contexto. (BELO, 2013, p. 74)

Esse é um momento muito pessoal de escolha do autor, que envolve sua ética profissional e o situar-se no lugar do outro, não somente quando as informações são de foro íntimo, como também acarretam riscos à segurança pessoal de suas fontes. Quando se tem muito material para perfilar suas personagens é necessário realizar escolhas de recorte, para que a narrativa não se torne muito extensa e se descaracterize de sua proposta. Dessa forma, as informações de risco ou irrelevantes são as primeiras a serem descartadas.

Biografia

O jornalismo não é senso comum, mas um campo do saber autônomo que produz conhecimento. Suas teorias não são só as clássicas, já apresentadas, mas, há novos estudos sendo desenvolvidos, como a teoria da biografia sem-fim ou dos fractais biográficos de Pena (2015), desenvolvida em resposta à “ilusão biográfica” de Pierre Bourdieu, que seria o relato de acontecimentos em sequência com significado e direção. Além de explicar, as novas teorias auxiliam de forma prática na produção jornalística.

[...] Refere-se às biografias, um gênero narrativo que utiliza técnicas jornalísticas e vale-se de um pacto referencial de expressão da verdade com o leitor. [...] O relato biográfico produzido pelos jornalistas, na maioria das vezes, tenta ordenar os acontecimentos de uma vida de forma diacrônica, na ilusão de que eles formem uma narrativa autônoma e estável, ou seja, uma história com princípio, meio e fim, formando um conjunto coerente. Para Bourdieu, o biógrafo é cúmplice dessa ilusão. Ele tenta satisfazer o leitor tradicional, que espera uma suposta verdade, uma suposta realidade. Mas, o máximo que a biografia pode oferecer é uma reconstrução, um efeito de real. (PENA, 2015, p. 161)

O papel do biógrafo seria “extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final” (BOURDIEU, p.185 apud PENA, 2015, p. 162). De forma a poder narrar a história a partir das várias perspectivas.

Pena (2015) se preocupa com a produção de biografias por profissionais da imprensa que buscam a fuga do jornalismo cotidiano, com narrativas de fôlego reconstruindo histórias e identidades, utilizando o mesmo referencial teórico das redações diárias. O autor é bem crítico e acredita não ser possível construir histórias coerentes dessa forma. Sua teoria seria uma alternativa para esse problema:

A ideia é organizar uma biografia em capítulos nominais (fractais) que reflitam as múltiplas identidades do personagem (por exemplo: o judeu, o gráfico, o pai, o patrão etc.). No interior de cada capítulo, o biógrafo relaciona pequenas histórias/fractais fora da ordem diacrônica. Sem início, meio e fim, o leitor pode começar o texto de qualquer página. Cada fractal traz nas notas de rodapé a referência de sua fonte, [...] A interatividade pode ser conseguida ao lançar a obra junto com um site em que qualquer leitor possa contar sua própria história sobre o personagem para ser publicada na edição seguinte. Ou seja, o leitor é coautor e o biógrafo, apenas um mediador, o responsável pela reconstrução da história dos outros. [...] é, de fato, uma biografia sem-fim. (PENA, 2015, p. 162-163)

A biografia mantém uma relação estreita com a história de vida. Ambas exigem a presença de alguém que pesquisa a vida de outro e que escreverá o que ouviu.

A biografia [...] é a história de um indivíduo redigida por outro. [...] O objetivo do pesquisador é desvendar a vida particular daquele que está entrevistando [...] o intuito é, [...] explicar os comportamentos e as fases da existência individual. A finalidade é sempre um personagem, [...] Busca-se conhecê-lo através das sucessões de suas condutas [...] é um indivíduo especial e particular, diferente de todos os outros, dos quais se destaca. (QUEIROZ, 1988, p. 23-24)

A biografia capta elementos do Jornalismo, Literatura e História, mas, se encaixa melhor como subgênero do jornalismo literário. “[...] trata da narrativa sobre

um determinado personagem. Ele é o fio condutor de todo o enredo. Os acontecimentos, por mais importantes que sejam, são apenas satélites. Tudo gira em torno da história de uma vida.” (PENA, 2006, p. 70)

Apesar de possuírem pontos de intercessão, os dois métodos se distinguem na finalidade. A biografia é completa, precisa de linearidade, sem lacunas que causem distorções interpretativas. O objetivo é evidenciar aspectos marcantes do biografado. Já, as histórias de vida findam com a coletividade, a personagem é uma representação de um grupo social maior, reflete essa esfera social (QUEIROZ, 1988)

[...] O biógrafo, mesmo que retrate a sociedade de que seu personagem participa, o faz com o intuito de compreender melhor a existência do biografado. [...] Esta exigência não tem razão de ser quando se trata de um estudo sociológico ou antropológico. [...] Não se trata de considerá-lo isoladamente, nem de compreendê-lo em sua unicidade; o que se quer é captar, através de seus comportamentos, o que se passa no interior das coletividades de que participa. [...] O recorte do material não somente se torna viável agora, como até mesmo imperioso, pois são facetas do mesmo que serão utilizadas. (QUEIROZ, 1988, p. 24-25)

No caso dos perfis das mães entrevistadas, não é biografia, por conter recortes da vida delas e não toda a sua história. Todavia, destaca episódios de maior relevância, como fazem os biógrafos. Quando se pensa, no entanto, que cada uma faz parte de um coletivo maior (grupo Mães na Dor), ratifica-se que o trabalho utiliza a técnica de histórias de vida. Elas representam uma equipe maior, com a qual mantém particularidades que as unem. “A história de vida é, portanto, a técnica que capta o que sucede na encruzilhada da vida individual com o social.” (QUEIROZ, 1988, p. 36)

Tratar o individual como universal, que auxilia a compreensão do todo pelas partes não implica na subjetividade reducionista e, sim, no mecanismo que faz com que o individual atue na construção da realidade.

[...] O dado biográfico não tem nunca, um conteúdo somente pessoal, mas tem pontos que o prendem à comunidade local e à sociedade mais ampla. Além disso, ele possibilita conhecer mais a fundo as relações interpessoais e, portanto, “reconstruir” a realidade social nas suas diversas manifestações [...] não é raro que uma história de vida não tenha início com a data de nascimento do seu protagonista e assim é que o trabalho desenvolvido se torna objeto das primeiras informações biográficas. Para tanto o destaque é logo colocado sobre um espaço social, sobre um fato social, que condiciona a existência individual. [...] A unicidade sem igual da *lifetory* permanece, entretanto, para testemunhar o caráter peculiar de cada pessoa em si, que, porém, volta a unir-se, ao mesmo tempo, às dimensões sociológicas da sua presença, da sua ação e do seu pensamento, o que faz com que se chegue a um conhecimento embora indireto, dos dados gerais sobre uma comunidade ou sociedade. (CIPRIANI, 1988, p. 118, grifo do autor)

Uma das dúvidas que permeiam a cabeça do escritor iniciante é o tamanho do texto, se está longo ou curto demais, qual seria a média ideal. O fato é que escrever biografia não segue uma receita de bolo, vale mais a capacidade de selecionar e narrar o conteúdo.

A extensão, portanto, depende do quanto o autor é capaz de cavar. E de selecionar bem, evidentemente. [...] A biografia não pode conter a totalidade dos acontecimentos testemunhados, em dado momento ou em determinado lugar, mas somente alguns aspectos escolhidos. [...] Ao biógrafo não cabe explicar cada atitude do biografado, cada sucesso e insucesso, cada opção feita e desfeita, cada ação dos protagonistas com os quais conviveu. Assim, o discurso se estenderia até o inexequível. Cabe a ele narrar com riqueza (detalhamento) até o ponto em que a vida é a própria vida. (VILAS BOAS, 2002, p. 69-74 apud GOBBI, 2005, p. 94)

Para os jornalistas habituados a escritos longos, é preciso maturidade para editar, cortar as bordas que sobejam. O desejo de tudo contar pode recair na armadilha de tornar o texto monótono e enfadonho. A medida para todos os conflitos de apuração, redação e edição é: parcimônia.

O ensaio

Embora não seja uma ferramenta utilizada na concepção do livro-reportagem *Mães na Dor*, o ensaio contribuiu para a construção e aprofundamento da narração e descrição do texto, no que diz respeito às suas características de linguagem e narrativa semelhantes ao produto elaborado. O ensaio é mais autoral, solto, uma forma de interpretação da realidade por meio da visão pessoal do autor, que imprime na escrita sua observação, à semelhança da observação participante, essa sim, um procedimento aplicado neste trabalho. Assim como o livro-reportagem, o ensaio tem um caráter experimental¹ e pode tratar qualquer tema.

Para o ensaio, não há um tema predominante: vai desde a impressão causada no artista por sua personalidade ou pela de outrem, até a apreciação ou o julgamento de diferentes realizações humanas, e pode também se limitar à descrição de fatos. [...] Em nossos tempos, a designação de ensaio vem-se

¹ Quando digo experimental, não quero dizer que não há regras ou fundamentação e estudos teóricos sobre o livro-reportagem, mas que, o autor goza de certa liberdade para fazer experimentações em seu formato e narrativa, sem que isso desvirtue o conceito, podendo, na maioria dos casos contribuir com novas formas de escrita do gênero. O livro-reportagem está em constante mutação.

restringindo a estudos críticos (literários, filosóficos, históricos...) incluindo-se neles a produção universitária. (SOARES, 1989, p. 66)

Montaigne é considerado o precursor do ensaio, mas, no entanto, Aristóteles e Platão realizaram trabalhos que também podem ser classificados no gênero. A etimologia da palavra refere-se ao experimento, tentativa. Logo essa conceituação perdeu sentido, com o aperfeiçoamento da técnica.

[...] Sob o rótulo de ensaio, se inscrevem hoje textos tão conclusivos [...] que ensaiar já não é apenas tentar ou experimentar uma interpretação da realidade por meio de exposições pessoais do escritor, sobre assuntos de seu domínio. [...] uma das marcas do ensaio era a impressão de que nele se traduzia diretamente o pensamento em palavras, sem qualquer artifício de expressão. Deveria ser breve, compactando o pensamento, a experiência e a observação. (SOARES, 1989, p.65)

O ensaio transita entre o literário e o não-literário, como o livro-reportagem. O que gera debates quanto à sua classificação. Ambos, também, buscam em suas funções ter originalidade e travam o embate entre objetividade *versus* subjetividade.

Embora muitas vezes guarde uma feição didática, o ensaio se reveste hoje de características literárias. [...] Isso porque a busca do pensamento original conduz a uma forma original de enunciá-lo, pondo em tensão, a todo o momento, a subjetividade e a objetividade, a abstração e a concretude. De uma coisa, porém, ele não abre mão: de seu caráter crítico, que separa para distinguir, e assim caracterizar o objeto para o qual se volta através de um exame tão racional quanto apaixonado, que faz da expressão da verdade a verdade da expressão. (SOARES, 1989, p. 66)

Lima (2009) relaciona o ensaio pessoal (texto autobiográfico) que utiliza a voz narrativa como recurso, com o jornalismo literário. No livro-reportagem *Mães na Dor* evidencia-se esse caráter, pois, a dor e as motivações pessoais que me levaram a escrever sobre o assunto.

É derivado do ensaio tradicional, cujo princípio básico é a discussão de um tema à luz da reflexão do autor. A versão mais moderna desse gênero, mescla narrativa e reflexão, sempre com forte conotação pessoal. Significa que o autor escreve sobre um tema porque há um motivo individual muito forte que o impele a fazer isso, de caráter emocional ou intelectual, ou ambos. [...] Por isso, conta e filosofa a respeito, procura entender. Normalmente, o que o move é uma dor profunda, algo que mexeu muito com seu ser e precisa ser expurgado. A expurgação acontece pelo texto, que ganha então uma conotação de instrumento de cura psicológica. [...] exige, portanto, muita coragem do autor. Disposição para despir-se por inteiro para o leitor. [...] sua vulnerabilidade diante de acontecimentos sumamente tocantes. [...] A cura vem pela exposição. (LIMA, 2009, p. 431-432)

A dor é uma motivação, coincidentemente, presente na concepção do livro. Inicialmente era uma dor alheia, que durante o percurso de produção, passou a ser a dor do autor. Essa transferência de sensação osmótica está ligada ao caráter violento e a morte, presente em todo o trabalho.

Outras classificações

O livro-reportagem perfil e a biografia foram abordados de forma mais ampla por darem contribuição maior na construção e resultado final do livro-reportagem Mães na Dor. Porém, para Edvaldo Pereira Lima há outras classificações, que serão mencionadas de forma simplificada.

Livro-reportagem-depoimento reconstitui um acontecimento relevante, de acordo com a visão de um participante ou de uma testemunha privilegiada. [...] o tom é passar ao leitor uma narrativa quente, com bastante clima de bastidores, movimentada. Por isso, seu estilo é, normalmente, o da *action-story*. (LIMA, 2009, p. 52)

Livro-reportagem-retrato exerce papel parecido, em princípio, ao do livro-perfil. Mas, ao contrário deste, não focaliza uma figura humana, mas sim uma região geográfica, um setor da sociedade, um segmento da atividade econômica, procurando traçar o retrato do objeto em questão. [...] seu estilo o caracteriza, por vezes, em *quote-story*. (LIMA, 2009, p. 53)

Outra definição, de acordo com Lima (2009) é que o “Livro-reportagem-ciência serve ao propósito de divulgação científica, geralmente em torno de um tema específico. Pode também apresentar caráter de crítica ou reflexão.” (LIMA, 2009, p. 53)

Livro-reportagem-ambiente vincula-se aos interesses ambientalistas, às causas ecológicas. Pode apresentar uma postura combativa, crítica ou simplesmente tratar de temas que auxiliam na conscientização da importância da harmonia nas relações do homem com a natureza. (LIMA, 2009, p. 53-54)

Livro-reportagem-história focaliza um tema do passado recente ou algo mais distante no tempo. O tema, porém, tem em geral algum elemento que o conecta com o presente, dessa forma possibilitando um elo comum com o leitor atual. [...] Outra modalidade variante é a do *livro-reportagem-epopéia* [...] episódios históricos de grande relevância social. (LIMA, 2009, p. 54-55)

Livro-reportagem-nova consciência focaliza temas das novas correntes comportamentais, sociais, culturais, econômicas e religiosas [...] resultantes de duas ebulições [...] a contracultura, a outra foi o conjunto de movimentos de aproximação do Oriente Médio e do continente asiático. (LIMA, 2009, p. 55)

Livro-reportagem-instantâneo debruça-se sobre um fato recém-concluído, cujos contornos finais já podem ser identificados. Prefiro essa terminologia em lugar de *livro-flash*, [...] passa ao leitor uma conotação de algo ágil mas superficial, [...] Um sinônimo [...] é o de *livro-reportagem da história imediata*. (LIMA, 2009, p. 55-56)

Livro-reportagem-atualidade também aborda um tema atual, como faz o livro-instantâneo. Mas apresenta uma diferença peculiar: seleciona os temas atuais dotados de maior perenidade no tempo, mas cujos desdobramentos finais ainda não são conhecidos. [...] Faz o leitor acompanhar, com maior profundidade de conhecimento, uma ocorrência [...] que esteja em progresso. (LIMA, 2009, p. 56)

Livro-reportagem-antologia cumpre a teoria de reunir reportagens agrupadas sob os mais distintos critérios, previamente publicadas [...] Podem ser [...] de um profissional [...] de distintos profissionais, sobre um único tema. Podem ser os trabalhos, de diferentes jornalistas, sobre os mais variados temas. (LIMA, 2009, p. 57)

Livro-reportagem-denúncia com propósito investigativo, esse tipo de livro apela para o clamor contra as injustiças, contra os desmandos dos governos, os abusos das entidades privadas ou as incorreções de segmentos da sociedade, focalizando casos marcados pelo escândalo. (LIMA, 2009, p. 57)

Livro-reportagem-ensaio tem [...] a presença muito evidenciada do autor e de suas opiniões sobre o tema, [...] Quanto ao tratamento de texto, emprega, sobretudo, a função expressiva da linguagem, [...] O uso do foco narrativo na primeira pessoa é frequente no decorrer do livro. (LIMA, 2009, p. 58)

Livro-reportagem-viagem apresenta como fio condutor uma viagem a uma região geográfica específica, [...] para retratar, como em quadro sociológico, histórico, humano, vários aspectos das realidades possíveis do local. Difere do relato meramente turístico, [...] por ter nítida preocupação com a pesquisa, com a coleta de dados, com o exame de conflitos. (LIMA, 2009, p. 58)

Embora, o primordial seja prestar esclarecimentos sobre as técnicas e procedimentos empregados na construção do produto midiático. Optou-se por demonstrar as classificações propostas por autores diferentes em nível de elencar as tipologias, não significando que elas sejam totalmente aceitas ou aplicadas neste trabalho.

1.2.4 Funções

Se o livro-reportagem é fundamentado em sua base nos princípios do próprio jornalismo, instância maior na hierarquia sistemática, seu funcionamento também começa em seu campo de origem. Para Lima (2009), a função do jornalismo num

primeiro momento é o de informar, explicar e orientar. Em um segundo plano, ele exerce uma função econômica, ideológica, educativa, social entre outras.

Há ainda a questão de identificação e aproximação do leitor com a história, que poderá se sentir representado por ela. O público absorve algo da narrativa e isso tem um valor permanente ao produto.

A função social de um livro biográfico está, em primeira mão, no eco psicológico que a história de vida do personagem poderá provocar na vida do leitor. Como um espelho dos mundos de dentro, esse produto literário abre imagens nas quais o leitor se vê a partir de sua empatia com o contexto histórico, cultural e social do biografado. (VIEIRA, 2016, p. 187)

O livro pode ir além da função narrativa com informações adicionais e interpretações. “Uma reportagem pode ser descritiva, e limitar-se a narrar os acontecimentos, ou pode ser analítica, quando, além de narrar, agrega informações paralelas e confere maior grau de contextualização da história” (BELO, 2013, p. 46).

Dentro do aprofundamento possível e desejado não basta ampliar a quantidade, mas é preciso proporcionar mais densidade às informações, com a humanização do relato e refinação estética. Lima (1995 apud Rodrigues 2010) aponta como indispensáveis para cumprir as suas funções, a pauta, captação e fruição.

A *pauta* pode ser mais extensa. O livro-reportagem deve procurar ancorar sua visão em aspectos contemporâneos da sociedade. Não se limitar a visualizar os fatos, mas compreendê-los na essência. Escapar da efemeridade comum na grande imprensa. Para buscar isso, deve trabalhar com o tempo histórico de cada fato. Retornar ao passado, aos antecedentes do fato, mostrar o que representa hoje e, assim, projetar o que pode vir a representar no futuro. (RODRIGUES, 2010, p. 88, grifo do autor)

A sequência (mesmo que não linear) e o sentido são exigidos na narrativa de um livro-reportagem. A organização temporal auxilia a compreensão, por exemplo, as coordenadas de uma reportagem devem ter conexão uma após a outra, pois, geram significado e coerência. A narrativa existe para dar sentido à vivência.

A principal função da narrativa é ajudar a dar sentido a relatos da experiência. Isso é feito de duas maneiras principais: pela ligação de ações e acontecimentos de uma forma lógica sequencial ou causal, e pela apresentação de elementos sobre pessoas e lugares com um caráter fixo e reconhecível (realista). A narrativa ajuda a providenciar a lógica dos motivos humanos que conferem sentido a observações fragmentadas, ficcionais ou realistas. (McQUAIL, 2003, p. 351)

Assim, todos os recursos empregados e técnicas utilizadas para que essas funções se evidenciem devem primar essencialmente pela qualidade do material oferecido ao leitor.

1.2.5 A narrativa no livro-reportagem

O jornalista é um contador de histórias, um narrador. Porém, a narrativa necessita ser de natureza utilitária. “Essa utilidade pode consistir seja num ensinamento moral, seja numa sugestão prática, seja num provérbio ou numa norma de vida – de qualquer maneira, o narrador é um homem que sabe dar conselhos” (BENJAMIN, 1987, p. 200). É um ser que transmite através da sua escrita uma marca, deixa gravado um momento da história que se eterniza nas páginas escritas.

Para Benjamin (1987), a narrativa possui um caráter artesanal, pois, não transmite o puro, como em um relatório. O narrador imprime sua marca no texto, como o oleiro no vaso. Essa marca é o que chamamos hoje de estilo. Cada jornalista tem a sua maneira peculiar de contar os fatos, de narrá-los o que os torna, muitas vezes, identificado por elementos de suas narrativas e não pela assinatura em si.

O narrador ganha importância ao transformar a narração em história. E faz isso através da literatura, usando muitas vezes a estrutura clássica: intriga, heróis que enfrentam adversidades e um desfecho. O jornalismo é também ele próprio, uma história.

Como analisou Torodov, ao tratar da narrativa literária, o texto jornalístico também é ao mesmo tempo história, por evocar uma certa realidade, e discurso, pela presença de um narrador que conta a história, e que tem diante dele um leitor: não são os acontecimentos relatados que contam, mas a maneira pela qual o narrador nos faz conhecê-los. (PAIVA, 2003, p. 67)

Seria o jornalismo, a base sustentadora do senso comum (imaginário coletivo), para Paiva (2003), já que narra uma época, publicando diariamente o que se passou nas últimas 24 horas. “Segundo Christa Berger, o jornalismo – enquanto prática social realizada em condições de populações específicas – capta, transforma, produz e faz circular acontecimentos, interpretando e nomeando situações e sentimentos do presente” (PAIVA, 2003, p. 68).

Narrativa tem uma ordem temporal e espacial, tem cronologia, podendo ser linear ou não. Mas, requer certo nível de organização.

O texto narrativo, formado da trama, do enredo e da intriga, é caracterizado pela sucessão de eventos. Uma sequência de acontecimentos que deve sua lógica às repetições das ações, dos personagens através dos fatos. Sequências de acontecimentos que geram blocos semanticamente coesos e organizados em ciclos. [...] Os acontecimentos narrados são apresentados de forma encadeada, sem direcionar a dedução das conclusões. O objetivo é estimular a curiosidade. (PAIVA, 2003, p. 68)

Dentro da própria notícia é possível verificar essa fabulação de mocinho e bandido, o maniqueísmo entre bem e mal, policial e ladrão.

As descrições noticiosas são postas em formas de narrativa de um modo típico, com atores principais e secundários, articulação de sequências, heróis e vilões, com princípio, meio e fim, sinalização de viragens dramáticas e apoio e enredo familiares. (McQUAIL, 2003, p. 351)

No que se refere ao texto é possível afirmar que é:

[...] Um texto noticioso consiste num resumo, numa atribuição e na própria história... Uma estória consiste num ou mais episódios, que por sua vez consistem num ou mais acontecimentos. Os acontecimentos devem conter atores e ação, expressar em regra os lugares e podem ter atribuições explícitas... [...] (BELL, 1991, p. 169 apud McQUAIL, 2003, p. 351)

Contar histórias é algo tão antigo quanto à própria humanidade, está intrínseco a ela. O jornalismo literário e o livro-reportagem em sua essência, também se propõem a contar histórias.

A arte narrativa de se contar histórias existe desde que a humanidade organizou-se socialmente. O conhecimento sobre o mundo, o relato das pequenas e grandes ocorrências dos grupos sociais e de povos inteiros, assim como as narrativas ficcionais que aludem à realidade são conteúdos de forma de expressão que se multiplicam e diversificam na linha do tempo da civilização humana, em todas as culturas. O relato oral, as narrativas pictográficas nas cavernas, as rodas de conversas ao redor de fogueiras em tempos imemoriais, as cartas dando conta de descobertas de novos territórios, os contos de fadas, as grandes epopéias mitológicas, os testemunhos de guerras e migrações, os grandes romances e os modestos contos escritos à pena em tempos remotos e nos computadores plugados no oceano cibernético de nossos dias, as superproduções de efeitos especiais de Hollywood, os musicais de coreografia multicolorida de Bollywood, a câmera na mão do Cinema Novo brasileiro, as radionovelas de nossos avós, as fotonovelas das revistinhas de antigamente e os mangás japoneses, as sofisticadas telenovelas da Rede Globo exportadas para o mundo todo e o vídeo caseiro do pai corujão registrando os primeiros passos da filhinha são todos elementos de uma mesma fonte-matriz: nossa propensão humana a contar histórias. (LIMA, 2009, p. 357-358)

De acordo com Santiago (1989) narrar é transmitir o saber. No entanto, esse conhecimento repassado é adquirido com a experiência. Para ter respaldo, a narrativa necessita ser verossímil. Se o narrador não possui essa vivência, a narração seria considerada uma ficção.

O narrador pós-moderno é o que transmite uma ‘sabedoria’ que é decorrência da observação de uma vivência alheia a ele, visto que a ação que narra não foi tecida na substância viva da sua existência. Nesse sentido, ele é o puro ficcionista, pois tem de dar ‘autenticidade’ a uma ação que, por não ter o respaldo da vivência, estaria desprovida de autenticidade. Esta advém da verossimilhança que é produto da lógica interna do relato. O narrador pós-moderno sabe que o ‘real’ e o ‘autêntico’ são construções de linguagem. (SANTIAGO, 1989, p. 40 apud SANTA CRUZ, 2012, p. 224, grifo do autor)

Há muitos atributos no ato de narrar, mas se é humano e do humano é também uma questão de vida. “[...] a narrativa é igual à vida; a ausência da narrativa, à morte [...] Contar é igual a viver” (TODOROV, 1979, p. 128-129 apud RODRIGUES, 2010, p. 65). Logo, tem a preocupação com a interpretação feita pelo leitor, atrofiando ou o distanciando. O caráter objetivo e neutro retira em parte esse aspecto vital da narrativa.

A história do contar e do ouvir acompanhou a civilização pelo menos até o advento dos impressos em massa. Com a inovação tecnológica do século 19, a humanidade se viu diante de uma objetivação do relato, de uma despersonalização da narrativa e da subsequente subtração do agente humano no processo de transmissão de saberes. Livros, jornais e revistas tornaram-se os recicladores do conhecimento, que, assim, deixou de lado todos os componentes subjetivos da transmissão, tanto seus erros e imperfeições quando seu toque individual, particular, humano. Com isso, como relata Benjamin, a capacidade de ouvir atentamente foi se perdendo e perde-se também a comunidade dos que escutam. (MARCONDES FILHO, 2004, p. 2 apud RODRIGUES, 2010, p. 65)

Para Queiroz (1988), o narrador começa a existir em qualquer processo de transmissão de conhecimento. Ao transformar a linguagem oral em escrita, surge a figura do intermediário, que imprime a sua interpretação à narrativa.

Morin (1986 apud Rodrigues 2010) aponta que a mídia necessita buscar outras formas de narrar ou desmistificar palavras para gerar construção do sentido. Todo repórter é em essência um narrador, mas nem todo narrador é um repórter. O movimento inverso estaria ocorrendo, a partir do desejo de reportar.

O uso de personagens traz para o texto pessoas multidimensionadas. Silvano Santiago aponta que o novo narrador, considerado pós-moderno, é aquele que quer extrair de si ação narrada, em atitude semelhante à de um *repórter* ou expectador. [...] O repórter deve sair com o gravador e caderno debaixo do

braço e, sobretudo, com a mente aberta para reportar as histórias em textos que possam se aproximar dos fatos e possibilitar uma construção de sentidos mais abrangente. Quanto mais polifônica a narrativa, mais próxima desse objetivo ela estará. (RODRIGUES, 2010, p. 67, grifo do autor)

Há diversas perspectivas que tentam dar vazão ou justificar o porquê da narrativa acontecer. Para Piccinin (2012), narra-se pelo prazer de quem faz e recebe, o que pode suplantar o que é narrado. Sob a perspectiva psicanalítica, é uma catarse curativa: ecoa os pensamentos e sistematiza em voz do sujeito que fala a si e de si (GAI, 2009 apud PICCININ 2012). Pela perspectiva cultural e antropológica, narrar contribui para a problematização da noção de identidade e alteridade (HALL, 2012 apud PICCININ 2012). Narra-se para tentar atenuar as dores e angústias existenciais (BRUNER, 1997 apud PICCININ 2012). Narra-se em busca da estetização da experiência e pelo gosto gerado na arte de contar e ouvir histórias, havendo ou não fidelidade aos fatos (FREUD, 1997 apud PICCININ 2012).

[...] A narrativa está presente em todos os tempos, em todos os lugares, em todas as sociedades; a narrativa começa com a própria história da humanidade; não há, não há em parte alguma povo algum sem narrativa; todas as classes, todos os grupos humanos têm suas narrativas, e frequentemente estas narrativas são apreciadas em comum por homens de cultura diferente, e mesmo oposta [...] (BARTHES, 2011, p. 19 apud PICCININ, 2012, p. 70)

Além da maneira como é contada, há outros elementos que fidelizam o leitor, como a *persona*. Em dossiê na Revista da Escola Superior de Propaganda e Marketing, versão brasileira da Columbia Journalism Review, Anderson et al. (2013) apresenta que uma das prerrogativas para esta *persona* é o carisma, que ajuda a humanizar os fatos. Outra característica é a reputação, construída com integridade e conhecimento para valorizar mais a informação transmitida e explicar com clareza o que se quer informar.

Quanto mais um jornalista nos envolve com sua *persona*, mais queremos ouvir o que tem a dizer sobre o mundo. Antigamente, ter uma *persona* pública era prerrogativa de colunistas festejados. Hoje, é parte do trabalho de todo jornalista. Todo mundo – editores e repórteres, profissionais da arte, fotógrafos, “videomakers”, cientistas de dados, especialistas em mídias sociais – tem um ângulo próprio e responsabilidade na narração dos fatos. Para isso, é preciso ter critério e aplicá-lo de forma pública e reiterada. Qualquer que seja o meio de disseminação, a informação hoje é instantaneamente compartilhada, discutida, comentada, criticada e louvada – ao vivo, sem possibilidade de controle. Integridade e critério são qualidades que um jornalista arrasta consigo como parte de sua *persona* pública. (ANDERSON et al., 2013, p. 48, grifo do autor).

A reportagem configura-se ainda como sendo uma narrativa. Porém, não se pode restringi-la a esse conceito. Nem mesmo o jornalismo literário consegue dar conta da complexidade do gênero.

A definição da reportagem como “narrativa” e como “notícia ampliada” levará ainda a outro problema: a visão reducionista do jornalismo e da literatura, intrínseca a uma concepção de “jornalismo literário” que induz à constituição de um “cânone” tendente a reificar certa morfologia textual e cristalizar de forma prescritiva, determinadas técnicas redacionais e procedimentos enunciativos. (CATALÃO, 2010, p. 21, grifo do autor)

Para Soster (2015), observar a narrativa como representação do que é e do que não é literário, analisando os componentes, permite descobri-la em seu significado mais amplo, o que se denomina de narratologia.

A narratologia procura, pois, escrever de forma sistemática os códigos que estruturam a narrativa, os signos que esses códigos compreendem, ocupando-se, pois, de um modo geral, da dinâmica de produtividade que preside à enunciação dos textos narrativos. (LOPES; REIS, 1988, p. 79-80 apud SOSTER, 2015, p. 26)

Há outro ponto de vista para a narratologia, como uma teoria da narrativa, métodos e procedimentos de análise das narrativas humanas, campo e método de análise das práticas culturais (MOTTA, 2010).

Conforme observa Mota (2013 apud Soster 2015), a narratologia busca dessa forma entender a construção de significados:

[...] estudo dos processos de relações humanas que produzem sentido através de expressões narrativas, sejam elas factuais (jornalismo, história, biografias etc.) ou ficcionais (romances, contos, cinema, telenovelas, mitos). Procura entender como os sujeitos sociais constroem intersubjetivamente seus significados pela apreensão, representação e expressão narrativa da realidade. A produção cultural de sentidos é, portanto, um fator prévio que implica e engloba essa nova narratologia. (MOTA, 2013, p.79 apud SOSTER, 2015, p. 26).

Outro conceito para compreender o papel e os efeitos da narrativa é a narratividade. “[...] Qualidade de descrever algo enunciando uma sucessão de estados de transformação [...] que organiza o discurso narrativo, produz significações e dá sentido às coisas e aos nossos atos” (MOTTA, 2010, p. 143).

Paiva (2003) recupera a importância da narratividade na sociedade contemporânea, pois é o jornalismo a forma de expressão que constrói o real, tendo

então a soberania na narrativa, pois, a mais importante é a que causa modificações sociais.

A maioria dos fatos sociais é hoje construída pelo imaginário midiático configurado na narrativa jornalística. [...] Mas o jornalismo é de fato a narrativa da pós-modernidade e, sendo ele criador de fundamentos da realidade atual, sua estrutura pode ser vista como interpretativa. [...] É possível concluir que o discurso jornalístico se consolida como a principal narrativa do terceiro milênio. O jornalismo é o grande produtor e disseminador de sentidos da contemporaneidade. (PAIVA, 2003, p. 65-67)

No momento em que gera sentido e significações, a narrativa desempenha função de tradutora do mundo. Relata e explica ao mesmo tempo as manifestações, conhecimentos e ações humanas. Mesmo que se altere a ordem do passado, presente e futuro, tais relatos devem possuir sequência lógica.

[...] Traduz o conhecimento objetivo e subjetivo do mundo (o conhecimento sobre a natureza física, as relações humanas, as identidades, as crenças, valores, etc.) em relatos. A partir dos enunciados narrativos somos capazes de colocar as coisas em relação umas com as outras em uma ordem e perspectiva, em um desenrolar lógico e cronológico. É assim que compreendemos a maioria das coisas do mundo. [...] Ao estabelecer sequências de continuidade (ou descontinuidade), as narrativas integram ações no passado, presente e futuro, dotando-as de sequenciação. O relato temporal perspectiva os estados e as ações em momentos históricos (mudanças evolutivas). (MOTTA, 2010, p. 143)

Motta (2010) ao destrinchar a narrativa vai além e confere-lhe status de poder e hegemonia em diferentes lugares e situações de comunicação, não podendo ser encarado apenas como ramo das ciências da linguagem na teoria literária, mas, como análise e campo de estudo antropológico. “As narrativas e narrações são dispositivos que utilizamos socialmente de acordo com nossas pretensões” (MOTTA, 2010, p. 145).

A narrativa não diz respeito apenas a quem a transmite e suas intenções, mas, aos efeitos que vai causar no receptor e como será interpretada pelo leitor. Para tal propósito, ela flutua entre campos antagônicos.

[...] A narrativa jornalística é um permanente jogo entre os efeitos de real e outros efeitos de sentido (a comoção, a dor, a compaixão, a ironia, o riso, etc.), mais ou menos exacerbados pela linguagem dramática das notícias. Procura sempre vincular os fatos ao mundo físico, mas cria incessantemente efeitos catárticos. [...] É polissêmica, intersubjetiva, híbrida, transita contraditoriamente nas fronteiras entre o objetivo e o subjetivo, denotação e conotação, descrição fática e narração metafórica, *realia* e poética. (MOTTA, 2010, p. 156, grifo do autor)

No sentido em que cumpre seu o papel de intermediador do mundo, o texto jornalístico se ampara na representação, a construção discursiva pode se valer também da mimesis trazida da poética clássica, associada à imitação ou estratégias que imprimam verdade para a narrativa. O jornalista seria um imitador ao observar e representar a realidade.

[...] Para Horácio, é importante ao imitador (aquele que representa o mundo pela escrita ou pela oratória) “observar o modelo da vida e dos caracteres e daí colherem uma linguagem viva” (1997, p.64) [...] Essas possibilidades de compreensão e interpretação do texto, [...] são dadas a partir das referências ao mundo tangível e vivido, [...] No jornalismo, o enredo não é uma invenção e os fatos não podem ser criados, mas a condução do relato e as formas pelas quais trabalha a apreensão do mundo demandam também estratégias de convencimento que se apoiam, muitas vezes, na dramatização, na singularização, no reforço de características e na transformação do objeto narrado. [...] A mimesis é tomada, dessa forma, como uma correspondência possível entre o mundo e o discurso, uma representação que se efetiva na necessidade de traduzir a realidade por meio da linguagem. (BORGES, 2013, p. 143-145)

Os desafios da narrativa na contemporaneidade dizem respeito à sua eficiência e estética. Conseguir cumprir sua função de informar, transmitir conhecimento e construir a realidade social, interpretando o mundo, ao mesmo tempo em que obedece aos preceitos éticos e técnicos e ainda realizar essa tarefa sob um estilo envolvente e harmônico exige experiência e tato, no dizer jornalístico, sensibilidade.

A angústia na narrativa

O sofrimento é o fio condutor que tece os depoimentos e se infiltra na narrativa. É um sentimento comum compartilhado por todas as mães do grupo, de início, é o luto e a dor. Para compreender essa sensação, pode-se buscar auxílio à luz da psicanálise, que entende o luto como a reação diante da perda. A assimilação dessa perda faz parte de um processo de isolamento, de afastamento do mundo exterior para “viver o luto”. Todas as energias são direcionadas para essa dor intensa.

Nossas esperanças, nossos desejos e nossos prazeres jazem no túmulo com essa pessoa, nada nos consola, nada preenche o vazio deixado pelo ente perdido. [...] Nossos laços emocionais, a insuportável intensidade de nosso pesar, nos desestimulam a cortejar o perigo para nós mesmos e para aqueles que nos pertencem. (FREUD, 1915a, p. 301, apud PIMENTA, 2014, p. 40)

Ainda segundo Freud (1913 apud Pimenta 2014), a pessoa que perde alguém querido é tomada por dúvidas, confusão.

Quando uma esposa perde um marido ou uma filha a mãe, não é raro acontecer que a sobrevivente fique atormentada por dúvidas atrozes (às quais damos o nome de ‘autocensuras obsessivas’) quanto a se ela própria não poderia ter sido a responsável pela morte desse ente querido através de algum ato de descuido ou negligência. Nenhuma quantidade de lembranças do cuidado que prodigalizou ao sofredor e nenhuma quantidade de reputações objetivas a acusação servem para dar fim ao tormento. (FREUD, 1913, p. 73, apud PIMENTA, 2014, p. 26, grifo do autor)

Ao trabalhar com o conceito de comunidade de destino, Bosi (1994), “exclui, pela sua própria enunciação, as visitas ocasionais ou estágios temporários no locus da pesquisa. Significa sofrer de maneira irreversível, sem possibilidade de retorno à antiga condição, o destino dos sujeitos observados.” (BOSI, 1994, p. 38) No caso do grupo Mães na Dor, a comunidade de destino é a própria dor.

Falar sobre quem já se foi e conviver com essa ausência eterna é uma prática contínua do que restou: a evocação da memória. Objetos do filho deixados não são os filhos, são apenas coisas. O material não tem importância e, sim, a representação desse material, a própria memória, esta sim, é tudo o que restou do filho, cultuada, honrada e lembrada, numa tentativa simbólica de manter vivo o que morto está.

Assim, “não sendo possível fazer reviver um certo indivíduo, pode-se, por outro lado, reviver na memória as ideias, os valores e os compromissos diretamente ligados à personagem, convocada enquanto símbolo” (CIPRIANI, 1988, p. 146), que serão evocados na narrativa dessas pessoas.

Há duas questões de memória a se pensar quando se trabalha com mães órfãs. Uma é que é substancialmente difícil tanto para entrevistado quanto para entrevistador tocar nessa esfera, pois trata-se de atingir lembranças fortes e feridas abertas. O jornalista sente em grau maior ou menor certo constrangimento em tocar na ferida do outro, fazê-lo reviver a sua dor. As lembranças ruins podem fazer mal, deprimir ou fazer sofrer o entrevistado. Porém, o outro ponto observado é que por mais doloroso que seja lembrar, elas gostam de falar dos filhos. É como perpetuar sua existência invocando sua memória. É fazer revivê-los nem que seja através das lembranças – o que restou.

1.2.6 Livro-reportagem: linguagens

No cenário atual de transformações nos meios e no formato em que o jornalismo é apresentado na contemporaneidade, o leitor torna-se mais significativo, adquire maior representatividade. Ao deixar de ser apenas um receptor de conteúdo ele passa a exigir uma análise mais pormenorizada do assunto informado, gerando significado ao enunciado. “Os leitores buscam uma abordagem mais profunda da notícia, uma avaliação de seus efeitos, um entendimento de suas causas, uma visão de como as pessoas de sua época sofrem a ação dos fatos” (VICCHIATTI, 2005, p. 88 apud CORREIA, 2016, p.27).

Sobre a reportagem, em seu primeiro livro teórico do gênero, Lima (1998) caracteriza a reportagem como linguagem fluida e ressalta o caráter empresarial do jornalismo, regido pela velocidade, que massifica a produção de conteúdo:

[...] A reportagem visa oferecer uma mensagem de linguagem mais solta e dar um tratamento de profundidade aos acontecimentos. Acontece que a maior parte da produção jornalística contemporânea, realizada por gigantescas empresas do setor, segue um feitiço bastante industrializado. Isso significa uma produção em massa, em que se tenta cobrir várias áreas diferentes da atividade social, com a maior velocidade possível e dentro de padrões rígidos que simplificam a coleta de informações e uniformizam a forma como se elaboram as mensagens. Tudo visando atingir o maior número de leitores, espectadores, ouvintes. (LIMA, 1998, p. 12)

O jornalismo literário oferece recursos para que haja o aprofundamento dos fatos, com uma linguagem mais romantizada. Porém, este gênero não é o único a permitir a produção em profundidade e a junção com outras tipologias é que formariam o novo jornalismo.

Na esteira do discurso da profundidade, desenvolvem-se também os jornalismo interpretativo e investigativo, engrenados a demandas modernas, dirigidos a interesses públicos e privados de classes político-econômicas. [...] Desta forma, a história do jornalismo não é só a da sua aproximação e tensão com a literatura, mas, também do hibridismo entre seus próprios gêneros e categorias. A reunião de crônicas-reportagem de João do Rio em *As religiões do Rio* (1904), à parte sua problemática de fundo ético, ao criticar manifestações religiosas já condenadas pelos poderes políticos e judiciais da época, serve como protótipo desse novo jornalismo misto de literatura, informação, opinião e investigação. (ALMEIDA, 2011, p. 12, grifo do autor)

A junção de jornalismo e literatura propicia uma linguagem polifônica, que privilegia a questão estética, sem que ambos percam suas características originais.

[...] Quando o ficcional se mescla com o histórico, ou o jornalismo busca elementos literários para narrar fatos, o que ocorre é o exercício da polifonia

de tais discursos, sem que isso subentenda o abandono de suas especificidades. Antes de tudo, a literatura é um texto que prima pela estética, pela arte. (BORGES, 2013, p. 162)

Para trabalhar a linguagem na reportagem, um elemento fundamental deve-se somar às técnicas a serem empregadas para dar leveza e beleza ao texto: a criatividade.

Um jornalismo, dito pós-moderno, ou, mais precisamente, de não-ficção contemporânea [...] compreende que a tensão, posterior a de jornalismo e literatura, entre reportar de modo objetivo ou subjetivo, deve ser diluída na expressão da criatividade que não dispensa técnicas e recursos, seja de onde quer que eles venham, a fim de combinar o melhor de gêneros e estilos. (ALMEIDA, 2011, p. 18)

A linguagem seria também visão, o meio pelo qual enxerga-se ao mundo e a si próprio, porém, essa mesma linguagem é fluida e movimenta-se, e a visão perde-se gradativamente a cada movimento, o que significa que as imagens vão sendo alteradas no decorrer do tempo.

As linguagens são molduras que configuram, conferem uma imagem ao mundo e a nós mesmos. Com o aparecimento de cada nova técnica [...] é uma habilidade ou poder humano em nível individual que se desloca [...]. Nesse deslocamento, o homem transitoriamente perde uma parte de si, a imagem que tem de si e do mundo. (SANTAELLA, 1996, p. 87 apud PENA, 2015, p. 27)

Através da linguagem se imprime também um caráter de verdade ou mentira, que pode ser verificada pela sua aparência de constatação e performance. O fato precisa ser contado para que vire notícia. A versão de quem conta é a performance, o desempenho e a factualidade revelada é a constatação.

Ambos os termos, retirados de J. L. Austin, foram usados por Morin (1976), numa procura de descrever a ambiguidade básica do discurso noticioso. Segundo a sua análise (estruturalista) da forma noticiosa, um acontecimento tem que ser transformado numa <<história sobre um acontecimento>>. Esse processo envolve uma negociação entre dois modelos opostos: o <<performativo>>, que também é um modo interpretativo e de efabulação (contar uma história) e <<constatativo>>, que é também o modo demonstrativo e factual. Assim, os <<factos puros>> não têm significado e o <<puro desempenho>> fica longe dos factos da história, irreversíveis e racionalmente conhecidos, que geralmente se supõe serem procurados pelas notícias. Do ponto de vista de Morin, diferentes tipos de história envolvem diferentes combinações de <<factos>> e <<desempenhos>> [...] (McQUAIL, 2003, p. 352, grifos do autor)

Para dar conta dos desejos desse novo leitor mais crítico e, carente de bons textos é que se vale cada vez mais da linguagem literária para trazer não só um estilo, estética e lirismo, como também a humanização, suavidade e emoção que aproximam o leitor e história e personagens.

1.2.7 A construção do livro-reportagem

De forma geral, o livro-reportagem promove ao jornalista/escritor (autor/narrador), uma determinada liberdade. Tanto na escolha do tema, na elaboração da pauta e na linguagem utilizada, que pode e deve ser mais leve, atraindo e prendendo o leitor, sem deixar de lado o papel de informar e orientar. Os detalhes agregados à narrativa têm o papel de enriquecer o relato, mas, não pode permitir que o escritor fuja do tema, se perca em uma espiral de pontos novos que vão surgindo inevitavelmente conforme se vai mergulhando na investigação. Portanto, é necessário saber limar a quantidade de desdobramentos abordados ou o pesquisador/repórter se perderá de seu objeto central.

Embora a objetividade e imparcialidade sejam importantes no jornalismo, a neutralidade não é sinônimo de profissionalismo. O envolvimento do jornalista com a história, sua aproximação com as fontes não comprometem a qualidade do texto, mas o humaniza. É o momento em que se pode fundir questões interpretativas, narrativas e descritivas.

Contudo, observa-se que, em que pese a proclamação da objetividade e da imparcialidade como sinônimos do bom jornalismo, essa prática jornalística não tem se mantido uma constante inabalável, por conta de eventualmente romper com esse paradigma, especialmente em produções específicas pautadas pela investigação mais aprofundada e na tentativa de construir uma narrativa humanizada a partir do ponto de vista de alguém que experencia e não só relata, como diz Sodré (2009). Ou seja, o relato asséptico estaria em consonância com a objetividade, enquanto as incidências da subjetividade em reportagens especiais, mais próprias de veículos com periodicidade não diária, não só não comprometeriam a qualidade da narrativa da notícia, como contribuiriam para uma perspectiva humanizadora do relato, podendo oferecer uma ambientação mais qualitativa ao receptor deste texto. (PICCININ; SOSTER, 2014, p. 323)

A atuação do repórter nas narrativas jornalísticas ainda é um paradoxo. Sua presença é abafada, na maioria das ocasiões, mesmo que isso signifique abrir mão de estratégias comunicativas que funcionam bem no texto literário.

O discurso narrativo subjetivo (a ficção) distingue-se pela presença (implícita ou explícita) do narrador, de um sujeito que narra. A narração como dispositivo argumentativo é evidente. O discurso objetivo do jornalismo, ao contrário, define-se pelo distanciamento do narrador. Ele narra como se a verdade estivesse “lá fora”, nos objetos mesmos, independente da intervenção do narrador: dissimula sua fala como se ninguém estivesse por trás da narração. [...] A retórica jornalística trata de dissimular as estratégias narrativas. O jornalista é, por natureza, um narrador discreto. Utilizam recursos de linguagem que procuram camuflar seu papel como narrador, apagar a sua mediação. É um narrador que nega até o limite a narração. Finge que não narra, apaga sua presença. Faz os fatos surgirem no horizonte como se estivessem falando por si próprios. (MOTTA, 2010, p. 155)

Há possibilidades contrapostas a essa ideia. A reportagem, mais densa e extensa, traz consigo a responsabilidade de aprofundar e contextualizar os fatos. Para Piccinin (2014), o jornalista/narrador pode até entrar e fazer parte da história. O protagonismo do repórter e o espaço de bastidores da notícia são estratégias de autenticação e legitimação da fala. Malcom (2012 apud Piccinin 2012) categoriza que toda narrativa é modulada pelo ponto de vista do narrador.

Interesse pela alteridade; aprofundamento nos processos observacionais; exercício com a memória; fazer a subjetividade “pilotar” os enquadres envolvendo jornalista/fonte; relativização de técnicas mediando os processos de escuta e de observação; e relações intrínsecas entre as experiências dos processos de observação e de escritura são alguns fundamentos sobre os quais se norteiam as narratividades jornalísticas, segundo orientação. Nada neste ato é imparcial, especialmente os enunciados e a produção, da sua escritura. (PICCININ, 2012, p. 52, grifo do autor)

Todo o processo de confecção de uma reportagem, seja em formato de livro ou outra plataforma, começa com a elaboração da pauta. No caso em questão ela pode ser mais extensa, pois, não se limita ao espaço físico do jornal impresso ou pelo tempo em rádio e TV. Essa não é a única queixa do jornalista que cobre o factual. O tempo de apuração é um fator crucial, nas redações, para um bom resultado final. Assim, o suporte que melhor permite aprofundamento com maior espaço temporal para apuração é o livro-reportagem.

Um dos caminhos viáveis reside no acompanhamento das etapas de elaboração da reportagem – pauta, redação, captação e edição –, evidenciando as limitações da imprensa regular. Pois são exatamente essas limitações, ou as inadequações do jornalismo periódico, os fatores que abrem espaço para o livro, do qual a primeira marca característica, muitas vezes, é a liberdade do autor, permitindo ao jornalista fugir aos ditames convencionais que restringem sua tarefa de construtor de mensagens na imprensa cotidiana (LIMA, 2009, p. 63).

Como em toda narrativa há elementos centrais a serem observados: enredo, personagens, tempo, espaço e narrador. No momento de escrita do livro-reportagem é

preciso definir a ordem cronológica dada ao enredo, se seguirá a sequência temporal dos fatos ou oscilará entre os acontecimentos mais importantes. Para definir essa escolha faz-se necessário compreender se a história a ser contada ganha força no tempo ou no espaço em que ocorre.

Em primeiro lugar, **comece por um momento que seja um gancho para o (a) expectador (a) – a cena mais poderosa que você tiver.** Pode ser alguém que está sofrendo no momento presente. Pode ser o momento do passado quando algo mudou para sempre. Ou pode ser um futuro insuportável que está vindo em sua direção. O que quer que seja, esse gancho precisa ter a capacidade de levar o (a) expectador (a) a perguntar: “Como isso pôde acontecer?” Em segundo lugar, **por favor, não sujeite o (a) expectador (a) ficar indo para a frente e para trás no tempo.** Se você estivesse dirigindo um carro e fizesse isso com os seus passageiros, eles iam se sentir enjoados. O mesmo acontece com os seus expectadores. Se você os levar para o passado, permaneça ali o tempo suficiente para que se possa dizer o que aconteceu, e só então volte para o presente. Não fique pulando de 2008 para 1995, em seguida para 2006, e então para 1982... Mantenha o fluxo cronológico tão direto e simples quanto possível. (HUNTER, 2013, p. 67, grifo do autor)

Na construção dos perfis das mães na dor, procuramos aplicar essa estrutura narrativa. Iniciei os textos com uma fala em primeira pessoa das próprias personagens, com o relato mais forte de seus depoimentos, geralmente no passado, mas nem sempre o momento do crime em que seus filhos perderam a vida. A técnica do *flashback* foi aplicada com parcimônia para não tumultuar e causar desordem durante a leitura. Tudo foi pensado para tornar a narrativa sensível e agradável, com momentos de tensão e suavidade.

1.2.8 Livro-reportagem, documentário e narrativas cinematográficas

O cinema mantém diálogos com o jornalismo por diversas vertentes, desde a linguagem até as suas formas de consumo. Com a espetacularização midiática, a produção jornalística passa a ser assistida como a um filme, mas fora de uma grande tela.

[...] A tendência de converter a realidade em encenação é justificável [...] Mas, atualmente, não se trata apenas de questionar se a ficção pode continuar competindo com a dramaticidade da vida real, nem de acreditar tanto na ilusão, a ponto de tentar viver nela. [...] Não se trata apenas de ver o filme, mas, de ser o próprio filme. A vida é o veículo. (PENA, 2004, p. 31)

Entra em cena, com o perdão do trocadilho, outro elemento emprestado do teatro e do próprio cinema: a cenografia. Para Borges (2013), a cena enunciativa precisa partir de um enunciador e ocorrer em algum lugar e tempo.

[...] Um termo bastante utilizado para exprimir esse processo de construção de cena enunciativa é o de cenografia. É uma analogia que vem do drama clássico, a partir do qual Aristóteles firmava os planos em que a ação no palco deveria transcorrer para surtir os efeitos desejados. Ao ser empregada no plano discursivo, a palavra não perde totalmente sua significação original. Também no texto, fala-se em cenografia num sentido próximo ao utilizado no teatro, estabelecendo um quadro e um local de ação. No discurso, o conceito de cenografia relaciona-se com textos materiais, expressos, enunciados. Maingueneau diz que, para o discurso, a cenografia é “tanto condição como produção da obra”, [...] validando outros elementos textuais, tais como “o espaço (topografia) e o tempo (cronografia) a partir dos quais a enunciação se desenvolve” (2006, p. 252) [...] Os discursos jornalísticos e literários são exemplos desse fenômeno. (BORGES, 2013, p. 97-98, grifos do autor)

Os roteiros cinematográficos giram em torno de um ou mais conflitos, que seriam a base da dramaturgia em qualquer formato. “[...] O *conflito* espelha a vida, espelha o ser em sua relação com o mundo e consigo mesmo” (COMPARATO, 1983, p. 77 apud LIMA, 2009, p. 74). O jornalismo também opera conflitos, seja na esfera social, econômica, política, cultural ou de outra escala.

O conflito está no coração das notícias. É o traço dominante que as caracteriza. Recorrendo-se aos títulos de um diário, tropeça-se constantemente com palavras de forte teor conflitivo: guerra, ataque, querela, luta, combate, escalada, vitória, derrota, protesto, contestação, revolução, acusação, defesa etc. (KIENTZ, 1974, p. 143 apud LIMA, 2009, p. 75)

O cineasta pode brincar com o tempo e o espaço, fazendo cortes não lineares, passando de um ambiente a outro. O jornalismo também pode empregar muito bem essas técnicas como recurso narrativo.

[...] Inversões da lógica convencional para justapor, avançar célere em *flash-forward* antecipando o tempo, recuar em corte para o passado em *flash-back*, para resgatar o que já foi. [...] Como no cinema. Jogando com cores e sombras para marcar um dado clima psicológico, envolver o espectador na atmosfera que se quer. [...] Do geral para o particular. Do cenário para o detalhe e para o estado psicológico, para o narrador. *Lições de abertura*. Transposição. Quebra de ritmo. Corte para a união de planos no tempo, no espaço. Junção de sequências. Conexão de conflitos em evolução crescem para alimentar a tensão que segura interesse, mantêm viva a leitura. *Lições de passagem*. (LIMA, 2009, p. 166-168, grifos do autor)

Assim, Morin (1973) fala sobre a evolução da entrevista surgida na imprensa, no rádio, na televisão e no cinema. E de como os equipamentos de adaptação, que vão sendo implementados, interferem na reação do entrevistado, seja para inibir ou exibir.

A televisão e o cinema, trazem, além do micro, a câmera. Como falei de micro-estilo, é possível falar de câmara-ouvido. Num sentido, a câmera permite ao mundo (aos expectadores), ao mesmo tempo, ouvir nossa conversação e ver nossa imagem... Mas a câmera é também um olho, e mais ainda: um olhar, de natureza ainda mal-conhecida, mas de uma intensidade sem dúvida prodigiosa. Como o micro, ele aumenta as potências inibitórias, mas também faz crescer os poderes exibitórios. (MORIN, 1973, p. 132)

Morin (1973) também distingue a entrevista na prática de rádio, TV e cinema em comparação a realizada na psicologia social, mas traça aspectos que as assemelham.

Como na psicologia social, a missão oficial da entrevista é de recolher informações, e como na psicologia social, a entrevista poderá liberar uma energia afetiva às vezes considerável. Mas enquanto na psicologia social a energia afetiva será utilizada para permitir o aprofundamento da informação, e/ou para ajudar a pessoa a viver, a energia afetiva, na entrevista de rádio e televisão ou de cinema, será captada para ser projetada sobre um espectador, para lhe fornecer emoções, às vezes na mesma medida que informações. [...] Todavia há um encontro quando uma e outra se aprofundam. (MORIN, 1973, p. 126-128)

A narrativa do livro-reportagem em questão utilizou múltiplos recursos para mostrar as sensações e impressões (dúvidas, angústias, esperanças) das personagens e do narrador. Não se restringindo apenas à linguagem literária, mas captando técnicas de narração, descrição, inserção de diálogos, metáforas, procedimentos das narrativas cinematográficas, como o método cena a cena e a inserção de elementos soltos (fotos, falas de destaque).

1.3 JORNALISMO E LITERATURA

Um dos principais estudiosos do jornalismo literário no Brasil relaciona o gênero ao Novo Jornalismo americano. Mas, a relação entre jornalismo e literatura é bem mais antiga. Até o começo do século XX, era comum que os romancistas ocupassem espaço na imprensa brasileira com os folhetins novelísticos ou com o gênero opinativo. No Brasil, Machado de Assis e Lima Barreto são alguns dos exemplos encontrados.

Para alguns autores, trata-se simplesmente do período da História do Jornalismo em que os escritores assumiram as funções de editores,

articulistas, cronistas e autores de folhetins, mais especificamente o século XIX. Para outros, refere-se à crítica de obras literárias veiculadas em jornais. Há ainda os que identificam o conceito com o movimento conhecido como *New Journalism*, iniciado nas redações americanas na década de 1960. E também os que incluem as biografias, os romances-reportagem e a ficção-jornalística. (PENA, 2006, p. 21, grifo do autor).

Há divergência entre os autores sobre a gênese do jornalismo literário. Para Almeida (2011), o gênero figura em curta ou longa extensão desde o século XVIII. “[...] (caso de *The true and genuine account of the life and actions of the late Jonathan Wild*, reportagem-crônica pioneira de Daniel Defoe publicada, em 1725) (Cf. Kerrane e Yagoda, 1998)”².

O livro-reportagem não tem, a rigor, uma data de nascimento. Muito antes de seu conceito ser empregado nos círculos acadêmicos ou nas rodas de jornalistas, centenas de narrativas de não ficção já haviam sido publicadas. Mesmo assim é possível estabelecer um ponto de partida aproximado: a reportagem em livro começou a ganhar força como um subgênero da literatura na Europa do século XIX. (BELO, 2013, p. 19)

Ainda segundo Belo (2013), vários autores apontam como o pai do livro-reportagem moderno e jornalismo literário, o jornalista americano John Reed, autor de “Dez dias que abalaram o mundo”³ em 1919. No Brasil, embora haja contradições que classifiquem ou desclassifiquem “Os Sertões” como livro-reportagem, Belo (2013) é enfático ao afirmar que a obra de Euclides da Cunha escrita em 1887 é sim o primeiro exemplar do gênero, que se intensificou apenas um século depois.

O jornalismo com traços literários já era praticado mesmo antes da objetividade tornar-se padrão e ser difundida.

[...] Um jornalismo com forte associação com a literatura foi praticado nos séculos XVIII e XIX em muitas partes do mundo, no que Habermas (apud Genro Filho, 1996) denomina como segunda fase do jornalismo. Naquela que ele designa como sendo a terceira fase, o discurso da imprensa adota outros paradigmas, com noções norteadoras como atualidade, rapidez, eficiência e objetividade. (BORGES, 2013, p. 180)

² “O verdadeiro e genuíno relato da vida e ações de Jonathan Wild” (tradução livre). Um famoso criminoso de Londres, que manipulou a imprensa e a opinião pública. Após sua morte, passou de amado da sociedade a símbolo de corrupção. Muito citado por dramaturgos, romancistas e políticos.

³ O livro conta a história da Revolução Russa de 1917. Reed acompanhou as manifestações e conviveu com Lênin e Trotski. O autor também cobriu outros grandes eventos como a Revolução Mexicana e a Primeira Guerra Mundial.

Compreende-se que o jornalismo literário surge como uma alternativa ao modelo tradicional produzido na sociedade de consumo. Mas, não se restringe ao livro-reportagem.

Não se trata apenas de fugir das amarras da redação ou de exercitar a veia literária em um livro-reportagem. [...] Significa potencializar os recursos do Jornalismo, ultrapassar os limites dos acontecimentos cotidianos, proporcionar visões amplas da realidade, exercer plenamente a cidadania, romper as correntes burocráticas do lead, evitar os definidores primários e, principalmente, garantir perenidade e profundidade aos relatos. No dia seguinte, o texto deve servir para algo mais do que simplesmente embrulhar o peixe na feira. (PENA, 2006, p. 13)

Pena (2006) aponta que Tom Wolfe elencou como recursos básicos do Novo Jornalismo: reconstruir a história cena a cena, transcrever diálogos completos, apresentar cenas por pontos de vista de vários personagens e descrever hábitos, gestos, roupas e outras características das personagens.

Vilas-Boas (2003) afirma que o jornalismo literário é uma filosofia do aprofundamento e uma técnica de narrativa literária, que pode ser aplicada em qualquer cobertura jornalística. E que é “[...] Também conhecido como literatura da realidade, literatura de não ficção ou *creative nonfiction*. O Jornalismo Literário foge das fórmulas rígidas de estruturação. Suas referências narrativas (procedimento e técnica) vêm da literatura” (VILAS-BOAS, 2003, p. 10).

Em *Mães na Dor*, os conceitos do jornalismo literário foram utilizados para dar mais fluidez aos relatos. As características da linguagem literária tomadas de empréstimo pelo jornalismo são o diálogo, o ponto de vista da terceira pessoa, que tenta decifrar o que se passa na mente da personagem (muito empregada por Truman Capote em seu livro, *A Sangue Frio*), a técnica cena a cena: “[...] contar a história passando de cena para a cena e recorrendo o mínimo possível à mera narrativa histórica” (WOLFE, 2005, p. 53-54). Outro recurso é chamado de detalhes, que na antropologia é análogo ao método etnográfico de observação e descrição.

Trata-se do registro dos gestos hábitos, maneiras, costumes, estilos de mobília, roupas, decoração, maneiras de viajar, comer, manter a casa, modo de se comportar com os filhos, com os criados, com os superiores, com os inferiores, com os pares, além de vários outros ares, olhares, poses, estilo de andar e outros detalhes simbólicos do dia a dia que possam existir dentro de uma cena. (WOLFE, 2005, p.55)

A fluidez tem importância não pouco modesta na escrita do livro-reportagem, porque ela é a responsável por manter a atenção contínua do leitor, evitando divagações. Não basta o conteúdo ser interessante, se não for contado com a cadência correta.

[...] Em comunicação, trabalhamos contra um ruído natural, psicológico do ser humano, que é a sua propensão exagerada ao devaneio, a ponto de perder a ligação com um texto que lê, por exemplo. Como o livro-reportagem apresenta uma narrativa longa, a frequência com que esses ruídos tendem a surgir obrigam à busca de uma fluência elaborada com grande cuidado. Quer dizer, o texto deve fluir com naturalidade, transitar suavemente de uma passagem a outra. Deve ter ritmo, cadência, um pulsar característico, que se altera de vez em quando exatamente para combater o ruído da dispersão. A redundância – pela inserção do mesmo dado, mas de modo diferente a cada vez, ao longo do texto –, a colocação inesperada de dados conhecidos são recursos de que se pode utilizar para construir a narrativa fluente. (LIMA, 2009, p. 144-145)

Esta fluência não diz respeito apenas à linguagem e narrativa, mas, tem fundamental importância na edição do texto. A organização das coordenadas deve seguir um ritmo coerente. Não basta distribuir blocos soltos, é necessário suavidade na argamassa que os liga.

Os segmentos que formam uma narrativa extensa, como a de um livro-reportagem, requerem hábil tratamento de montagem, de estruturação e ordenação do conjunto de ações, ambientes, personagens, discussões, questões, de modo a haver, no todo, uma unidade organizada com lógica, graça e harmonia. É dessa distribuição concatenada de tempos e espaços, dessa engenharia de armação do texto, que depende, em última instância, a *fluência* que a narrativa terá e a *eficiência* que a mensagem alcançará. Não se trata apenas de armar uma sequência após outra na dimensão temporal e de distribuí-la, como elos de correntes, no espaço. É também uma questão de plantar as ações-chave ao longo do texto [...] Há também a preocupação com a sequência de conflitos menores, que no seu conjunto somativo estruturam o *grande conflito* central [...] as sequências somam-se, transmutam-se, integram-se, em diferentes planos espaciais e temporais, para tecer o conjunto global da narrativa. Há um ritmo nisto. [...] de modo que o leitor seja levado, ritmicamente, num *crescendum*, em ondas, até o ponto culminante em que a grande-reportagem possa ser encerrada [...] (LIMA, 2009, p. 165-166, grifo do autor)

Neste sentido, o trabalho elaborado se diferencia de uma pesquisa acadêmica, pois a escritura de uma reportagem não precisa obedecer às regras científicas. O que não significa que seja feita, aleatoriamente, e sem nenhum critério. É apenas outra forma de narrar o que se sucedeu.

Uma narrativa de jornalismo literário não é uma tese científica. O autor não é obrigado a encontrar hipóteses rígidas, nem comprovar nada [...] Sua missão é narrar organicamente, com o vigor da vida real [...] o que se vê, sente,

cheira, constata. O que compreende da realidade que vivencia, o que apreende da humanidade de seus personagens. Nada (!!) mais do que isso. (LIMA, 2009, p. 392)

O detalhe que faz a diferença na narrativa, na maioria das vezes, não está no extraordinário e sim no ordinário; não no exótico, mas, no familiar. É preciso estar atento ao cotidiano, ao banal, ao que passaria despercebido por ser comum.

O que é habitual tomou, portanto, um lugar de destaque na pesquisa; tornaram-se objetos de investigação os detalhes, o estilo, a qualidade, as emoções, as alegrias, as dores presentes nas histórias de vida – em outras palavras, tudo isso que é pouco oficial, mas muito significativo a nível sociológico. Com efeito, os percursos de vida podem abrir, novas perspectivas às análises das ações individuais e coletivas no que diz respeito a mostrar o indivíduo social empenhado na construção de seu destino e de sua realidade social, bem como na escolha dos fins e dos meios impostos pela intriga da vida. (CIPRIANI, 1988, p. 134-135)

Intrigas da vida, inesperadas e dolorosas funcionam como o ponto de partida para a construção da realidade presente e futura das mães desfilhadas. Essas intrigas permitem compreender as ações justificáveis ou não dessas mulheres diante da vida. É outra ótica. Uma decide acalantar o luto praticando boas ações, filantropia, outra mantendo sua agenda ocupada o tempo inteiro enquanto o marido transformou a casa urbana em uma mini fazenda, com dezenas de animais para dessa forma, distrair-se cuidando dos bichos.

O romance também se vale das intrigas, que é a mesma coisa que o enredo, a trama, a cadeia de conflitos em sequência. Conta uma história para gerar uma reflexão sobre o homem e o mundo (Lima, 2009).

A abordagem do ordinário em detrimento ao sensacional permanece no chamado *New Journalism New* ou Novo Jornalismo Novo, nova roupagem atual do estilo americano (*New Journalism*), porém, com tom menos elegante e mais próximo do vocabulário popular, informal, declaratório.

O Novo Jornalismo Novo explora as situações do cotidiano, o mundo ordinário, as subculturas. Mas, não envereda pela abordagem do exotismo ou do extraordinário, encarando os problemas como sintomas da vida americana. O objetivo é assumir um perfil ativista, questionar valores, propor soluções. O novo jornalista novo se envolve até o talo com sua matéria e seus entrevistados. É o que os teóricos chamam de *close-to-the-skinreporting*, cuja tradução mais literal seria reportagem perto da pele. É preciso sentir os poros abertos, o cheiro de suor. Nas palavras de Boyton, deve-se fazer uma imersão completa e irrestrita, na tentativa de construir uma ponte entre a subjetividade perspectiva e a realidade observada. (PENA, 2006, p. 60, grifo do autor)

Alguns autores acreditam que foi somente com o *New Journalism* que a reportagem ganhou destaque. E que a forma mais literária aplicada ao jornalismo, era discutida antes, apenas no âmbito da literatura. Quando adotado como estilo pelos jornalistas do novo movimento é que passou a se compreender e discutir a sua práxis.

A parte crucial que a reportagem desempenha em toda narrativa, seja em romances, filmes ou não-ficção, é algo não tanto ignorado, mas simplesmente não compreendido. A noção moderna de arte é essencialmente religiosa ou mágica, e segundo ela o artista é visto como uma fera sagrada que, de alguma forma, grande ou pequena, recebe lances da divindade conhecida como criatividade. [...] Mesmo a relação óbvia entre a reportagem e o grande romance – basta pensar em Balzac, Dickens, Gogol, Tolstói, Dostoiévski e, de fato, Joyce – é uma coisa que os historiadores da literatura abordam apenas no sentido biográfico. Foi preciso o Novo Jornalismo para trazer para primeiro plano essa estranha questão da reportagem. (WOLFE, 2005, p. 27 apud SCHNEIDER, 2013, p. 46-47)

Para Belo (2013), o *New Journalism* não era algo novo, mas um rótulo, que usado, anteriormente, não havia “pegado”. O próprio George Orwell e Ernest Hemingway já praticariam suas técnicas.

A tal técnica consistia em, simplesmente, narrar os fatos com recursos mais próximos da literatura do que a linguagem apressada, telegráfica e enxuta [...] do jornalismo. [...] foi só a partir da metade do século que o *new journalism* alcançou notoriedade. A ponto de, até hoje, ser tratado como um produto típico da década de 1960. (BELO, 2013, p. 24-25, grifo do autor)

Wolfe (2005 apud Schneider 2013) aponta o romance-reportagem como uma luz no fim do túnel, uma libertação.

A idéia era conseguir emprego num jornal, conservar inteiros o corpo e a alma, pagar o aluguel, conhecer “o mundo”, acumular “experiência”, talvez eliminar um pouco a gordura do seu estilo – depois, em algum momento demitir-se pura e simplesmente, dizer adeus ao jornalismo, mudar-se para uma cabana em algum lugar, trabalhar dia e noite durante seis meses, e iluminar o céu com o triunfo final. O triunfo final era conhecido como O Romance. (WOLFE, 2005, p. 13 apud SCHNEIDER, 2013, p. 45, grifo do autor)

Ao traçar a diferença entre o romance-reportagem e a ficção jornalística, Pena (2006) explica que o primeiro usa recursos da literatura para aprofundar fatos reais, enquanto o segundo se inspira nesses fatos para criar enredos ficcionais.

[...] Quem faz romance-reportagem busca a representação direta do real por meio da contextualização e interpretação de determinados acontecimentos. Não há preocupação apenas em informar, mas também em explicar, orientar e opinar, sempre com base na realidade. Pode até ser que a narrativa se aproxime da ficção, mas isso nunca é feito deliberadamente, ao contrário da ficção jornalística, que tem na inventividade um componente essencial de suas estratégias. (PENA, 2006, p. 103)

O estilo literário romance de não-ficção inaugurado por Norman Mailer surgiu nos Estados Unidos, na década de 1960. Foi “[...] uma nova forma de Jornalismo, que combinava fatos atuais, aspectos autobiográficos, opiniões e “alfinetadas” e cunho político – tudo isso com a riqueza da linguagem utilizada em um romance” (PENA, 2006, p. 62).

A ficção jornalística não tem compromisso com a realidade, apenas a explora como suporte para a sua narrativa. Diferentemente do romance-reportagem, cujo objetivo essencial é a reconstrução fiel dos acontecimentos. Como já disse, ambos acabam trabalhando mais com a verossimilhança do que com a veracidade. A diferença está na intenção ou não de fazer ficção. O autor de ficção jornalística inventa deliberadamente, enquanto o escritor de romances-reportagens está impregnado pela promessa solene do Jornalismo de relatar somente a verdade factual, ainda que isso não seja ontologicamente possível. (PENA, 2006, p. 114)

Assim, Pena (2006) aborda as classificações com base nos estudos de Edvaldo Pereira Lima, que serão elencados, mas, não serão detalhados por não ser o escopo central deste trabalho.

O Jornalismo Literário também é conhecido como Literatura de Realidade ou Literatura de Não-Ficção (narrativas reais com reportagem mais aprofundadas em espaço e tempo do que nos periódicos). Há outras tendências do Jornalismo Literário, como o Jornalismo Literário Avançado, que utiliza histórias de vida preceituada na Jornada do Herói e Escrita Total (textos criativos, sensibilização, pauta, observação). Outro modelo é a Narrativa de Transformação, que busca transformar a sociedade pela conscientização social.

Para Lima (2009) o Jornalismo Literário Avançado utiliza diversos campos do conhecimento para a compreensão do real. É transdisciplinar: ciência, arte, filosofia e tradições. Da física quântica toma-se a ideia da ordem implícita e explícita que influenciam a realidade.

[...] Tudo o que vemos pronto e acabado, no mundo material, pode ser iniciado, como probabilidade, no mundo sutil das energias que não vemos, mas cujos efeitos testemunhamos. Imediatamente ligada a essas formulações está a teoria dos **campos morfogenéticos**, nascida na biologia [...] A metáfora é que um campo energético sutil especial, [...] permite a conexão entre seres às vezes distantes entre si, ou separados pelo tempo e espaço. [...] A base teórica continua com contribuições provenientes da **psicologia humanista**, particularmente da psicossíntese [...] mostra a existência da mente coletiva [...] que influenciam o comportamento dos indivíduos, do processo de evolução possível do ser humano para um estágio avançado de consciência e [...] de ligação significativa entre fatores subjetivos (conteúdo dos sonhos, por exemplo) e situações factuais [...] chamadas de, “coincidências”, mas que são na verdade sincronidades. Esses conceitos podem iluminar nossas mentes quando estamos trabalhando um perfil, uma biografia, trazendo à superfície do discernimento os fatores ocultos que influenciam as trajetórias de vida de nossos personagens. Completa-se com aportes da mitologia [...] e da criatividade baseada em estudos de ponta das neurociências. [...] Da mitologia, adaptei a **Jornada do Herói**, método de estruturação de narrativas, a textos da realidade. (LIMA, 2009, p. 441-443, grifos do autor)

Comparando o romance com o livro-reportagem é possível identificar alguns pontos comuns como, por exemplo, “[...] ambos visam ao conhecimento da realidade humana, são antropocêntricos. Ambos devem construir uma fórmula estética que torne ao leitor aprazível a leitura” (LIMA, 2009, p. 269) e, que propicie uma leitura, também, mais humana e acessível ao utilizar dos recursos do romance e da reportagem.

Em certos casos, o livro-reportagem faz um resgate histórico, que o aproxima ao romance histórico, pertencente à literatura. Assim, “[...] a recuperação de um episódio épico, ampliando os limites temporais sobre os quais normalmente trabalha o jornalismo e aproximando-se da tarefa historiográfica, mas com sua própria especificidade [...]” (LIMA, 2009, p. 269).

A observação, seja participante ou não, é fundamental nas etapas de apuração que culminarão na escrita literária no jornalismo. Um dos recursos do gênero é o fluxo de consciência - supor ou tentar deduzir o pensamento da personagem.

O Jornalismo Literário amplia sua compreensão com a observação atenta de comportamentos, gestos, olhares e até inclusão de pausas e silêncios, aliadas à interpretação desses sinais no entrevistado e em seu contexto. As descrições se enriquecem com o que não é visto ou dito, mas é ocultado, deliberadamente ou não. Isso inclui tentativas de decifrar o pensamento do entrevistado estabelecendo correlações, inferências, deduzindo reações. (BORGES, 2013, p. 243)

Essa dedução não é uma criação do *New Journalism*, ela foi um empréstimo da literatura de ficção. Muito bem aplicada à técnica cena a cena. Durante as entrevistas

para o livro-reportagem *Mães na Dor*, não era necessário indagar às mães acerca de seus pensamentos e sentimentos, elas expressavam espontaneamente tais aspectos.

[...] A técnica de apresentar cada cena ao leitor através dos olhos de um personagem particular, dando ao leitor a sensação de estar dentro da mente do personagem e experimentando a realidade emocional da cena tal qual ele a experimenta. Os jornalistas vinham usando frequentemente o ponto de vista em primeira pessoa – “Eu estava lá” –, assim, como os biógrafos, os memorialistas, os ficcionistas faziam. Mas isto é limitador para o jornalista, porém, já que ele consegue com isso trazer o leitor para dentro da mente de um único personagem – ele próprio –, um ponto de vista que frequentemente revela-se insignificante para a matéria e irritante para o leitor. Entretanto, como poderia o jornalista, escrevendo não-ficção, penetrar precisamente nos pensamentos de outras pessoas? A resposta provou-se maravilhosamente simples: entrevista-las sobre seus pensamentos e emoções, assim como sobre tudo o mais. (WOLFE, 1973, p. 32 apud LIMA, 2009, p. 131-132, grifo do autor)

O jornalismo literário não significa informar de forma requintada, com “enfeites” e “alegorias”, mas trata-se de um discurso autônomo e construído socialmente.

A avaliação da alteridade discursiva do Jornalismo Literário passa pela compreensão de que o discurso é algo aberto e mutável, hibridizável e transformador. [...] O discurso não tem geração espontânea. Ele é elaborado, historicamente construído, socialmente sedimentado, coletivamente transformado. (BORGES, 2013, P 19)

Com base nos estudos arqueológicos de Foucault, Borges (2013) afirma que o jornalismo literário mistura paráfrase (por se fundar no jornalismo tradicional e literatura) e polissemia (por dizer algo novo a partir dos discursos que o fundaram).

[...] A paráfrase é a adoção de algo já dado, consolidado no discurso, [...] Já a polissemia é o que há de novo na constituição do discurso, o que ele traz de original, que pode ser outra forma de expô-lo ou simplesmente uma recusa em se aproveitar o que já foi dito. [...] A natureza do Jornalismo Literário é paradoxal, ora se deixando influenciar, ora se mostrando mais independente. (BORGES, 2013, p. 108-110)

Com isso, utilizar instrumentos já criados pela literatura, como na paráfrase, não desclassifica o gênero e muito menos lhe retira o status de verdade. É “usar recursos consagrados na literatura para melhor realizar uma reportagem ou uma notícia não implica produzir ficção literária” (MUNIZ SODRÉ, 2009, p.157 apud BORGES, 2013, p. 129).

A narrativa literária pode fazer inferências, deduções, do que não foi dito a partir do que foi dito, porém não de forma irresponsável, com base legítima para tal finalidade.

[...] O Jornalismo Literário deve relatar o que aconteceu, mas seu viés literário permite que, embasado nos fatos, implique acontecimentos não visíveis, mas prováveis a partir do que é visível; não inventados, mas deduzíveis a partir do que foi testemunhado; não absolutos, mas pertinentes, ainda que relativos. (BORGES, 2013, p. 190)

Neste caso, mais uma vez é reforçada a ideia de que é possível reunir jornalismo e literatura sob o gênero de jornalismo literário, porém aplicar técnicas da literatura no fazer jornalístico não o transforma na própria literatura, o jornalismo continua sendo jornalismo.

Quando um jornalista se comporta como um narrador literário – por exemplo, usando linguagem pessoal ou coloquial, colocando a si mesmo na cena do acontecimento, dando cores de aventura romanesca a seu relato, litigando com as fontes de informação etc., – não está “fazendo literatura”, e sim lançando mão de recursos da retórica literária para captar ainda mais a atenção do leitor. (MUNIZ SODRÉ, 2009, p. 144 apud BORGES, 2013, p. 248)

Borges (2013) pondera que o jornalismo literário descreve detalhes, mas de forma interpretativa e criativa, observando o verificável e verossímil e as realidades aparentes e prováveis.

[...] O Jornalismo Literário trabalha o real e o ficcional simultaneamente, atendendo exigências e promovendo rupturas, o que o diferencia da literatura realista em enfoque e objetivos, assim como o torna independente de um jornalismo tradicional [...]. (BORGES, 2013, p. 308)

Belo (2013) elenca as técnicas do *New Journalism* empregadas às longas reportagens:

Reconstituição minuciosa dos fatos. [...]
Descrição cena a cena. [...]
Reconstituição de ambientes e épocas. [...]
Evitar a menção constante de fontes. [...]
Reproduzir diálogos com o máximo de exatidão [...]
Evitar passagens abruptas de um assunto para outro. [...]
[...] delimitar os fenômenos no tempo e no espaço. [...]
[...] proporcionar ao leitor um entendimento cristalino e profundo da questão [...]
[...] (BELO, 2013, p. 122-123)

1.4 JORNALISMO INVESTIGATIVO

A investigação faz parte do processo de produção jornalística, mas conceituar que todo o fazer jornalístico é por natureza investigativo é cair no reducionismo, numa vaga mesmice sem enxergar todas as arestas que permeiam esse gênero.

É consenso razoável entre os jornalistas que o ofício de se publicar notícias é, por si só, o resultado de atividade investigativa que demanda, em graus diferentes, um processo de apuração. A investigação, portanto, é parte da engrenagem que vai da pauta até a veiculação da notícia. O jornalista Eugênio Bucci, um dos mais conceituados pesquisadores da imprensa em atividade no Brasil, [...] define o jornalismo investigativo como uma “modalidade especializada” que teria se desenvolvido dentro do ofício a partir de uma imposição da burocracia e de muitas das máfias nacionais que colocaram sobre o direito de informação uma cortina de fumaça – maligna e maliciosa – capaz de barrar o direito de saber de todo cidadão. [...] nem todas são de natureza investigativa, ou pelo menos não se enquadram no modelo clássico da investigação primária – a pauta, a investigação, a notícia. Ainda assim, os veículos e, principalmente, os jornalistas, tendem a imprimir às matérias de grande relevância o selo dourado do jornalismo investigativo. [...] o conceito de investigação jornalística no Brasil está atrelado a escândalos e denúncias, quando se sabe que a maioria dessas matérias nasce do repasse puro e simples de informação, muito mais um mérito das fontes do que, propriamente, do repórter. O que antes era a busca pelo furo passou a ser uma corrida, às vezes, desenfreada pelo rótulo. (FORTES, 2014, p. 15-17)

As principais discussões em torno da prática investigativa no jornalismo são éticas (até onde ir para conseguir as informações, subterfúgios, estratégias e instrumentos?) e o risco que essa modalidade agrega ao repórter, que, não raras vezes, executa trabalho semelhante ao que é conferido às forças policiais.

Uma das maiores dificuldades da investigação jornalística reside, justamente, nas bases éticas de uma atividade muito mais próxima do trabalho policial do que, propriamente, do jornalismo. Muito se discute sobre o comportamento do jornalista diante das circunstâncias de uma matéria que exige infiltração, dissimulação e, não raras vezes, doses exageradas de perigo. A utilização de câmeras e gravadores escondidos suscita toda sorte de debate entre estudiosos da mídia, o público e os agentes da Justiça. (FORTES, 2014, p. 19)

O grande marco do jornalismo investigativo internacional ocorreu com o escândalo de Watergate⁴, que culminou com a renúncia do presidente americano Richard Nixon. No Brasil, houve um atraso no desenvolvimento do gênero, com

⁴ O caso Watergate começou cinco meses antes das eleições presidenciais de 1972, nos Estados Unidos. Cinco pessoas foram presas fotografando documentos e instalando escutas no escritório do Partido Democrata. Após longa investigação, os repórteres Carl Bernstein e Bob Woodward, do Washington Post conseguiram relacionar o arrombamento com a Casa Branca. Para escapar de um impeachment, o então presidente reeleito, Richard Nixon, renunciou ao cargo.

justificativas históricas políticas bem óbvias, a censura do regime militar. O que não absolve totalmente o setor, já que é possível praticar a investigação em diversos segmentos que não o político. No entanto, muitos desses aspectos esbarram no político, como o social, econômico e até cultural, naquela época.

Sequeira (2005) lembra que a nomenclatura também é recente. Na década de 1970, usava-se os termos “reportagem especial” e “grande reportagem” para denominar as matérias investigativas.

No Brasil, o *boom* da investigação jornalística teve que esperar o fim da ditadura militar (1964-1985) para acontecer. Durante os 21 anos de rodízio de generais no Palácio do Planalto, a imprensa brasileira ficou, em maior e menor escala, sufocada pela censura e pela força da repressão. [...] Foi na Era Collor, no entanto, que os métodos de investigação tornaram-se organizados dentro das redações. Os sucessivos escândalos ocorridos entre 1990 e 1992, durante a gestão do presidente Fernando Collor de Mello, resultaram em uma febre investigatória francamente disseminada na imprensa nacional. Pode-se dizer que o *impeachment* de Collor é o marco zero do jornalismo investigativo no Brasil. [...] A criação da Associação Brasileira de Jornalismo Investigativo (Abraji), em 2002, foi um salto evolutivo nesse processo. É uma instituição de jornalistas, desvinculada dos diversos interesses das empresas de comunicação. (FORTES, 2014, p. 10, grifo do autor)

De acordo com Pena (2015) matéria-prima do jornalismo investigativo é a informação primária, questionando ou desconfiando das versões e fontes secundárias. É o próprio jornalista que investiga e busca descobrir o que há escondido ou omissos.

Seu objetivo é transitar pelos bastidores das notícias, arrancando o véu opaco de acontecimentos obscuros, cujos protagonistas fazem de tudo para escondê-los. Investigar significa pesquisar, confrontar, verificar, analisar, insistir. Todos esses verbos no mesmo processo de produção jornalística. (PENA, 2015, p. 201)

O primeiro passo, para se realizar uma investigação jornalística é planejamento, que tem muito em comum com a própria pauta diária, porém, com possibilidade de abrangência de fontes e dados muito maior.

La dinámica de un proceso de investigación es el camino que conduce desde la recepción de un rumor hasta la publicación de un hecho probado. Por ello, antes de iniciar un trabajo, hay que definir el campo de investigación, buscar, analizar y estructurar las posibles fuentes, confeccionar una base de datos, confirmar cada uno de los elementos que se incorporan a la investigación, etc. (RODRIGUEZ, 1994, p. 43)⁵

⁵ “A dinâmica de um processo de investigação é o caminho que conduz desde a recepção de um rumor até à publicação de um fato comprovado. Por isso, antes de iniciar um trabalho, é preciso definir um campo

O surgimento de uma investigação no jornalismo pode derivar de um simples rumor, antes de tornar isso uma pauta, que demandará tempo e gastos de recursos. É preciso fazer uma análise prévia, sobre a viabilidade do assunto, levando em consideração os critérios econômicos e a noticiabilidade.

[...] La mayoría de las veces el periodista no tiene más punto de partida que un simple rumor o confidencia. [...] En función de las respuestas que demos a cuestiones tales como el grado de credibilidad del rumor, las posibilidades de ser investigado y/o confirmado, los riesgos que pueden derivarse del proceso a iniciar, el valor noticiable de los diversos aspectos que configuran el rumor, el marco más o menos definido en el que habrá que moverse, etcétera, encontraremos las primeras fuerzas que nos impulsarán al trabajo o a olvidarnos, al menos momentáneamente, del rumor o confidencia analizado. (RODRIGUEZ, 1994, p. 45-47)⁶

Existe uma função aclaradora no jornalismo investigativo, de revelar o que está oculto, derrubar máscaras propositais ou por acasos.

[...] Seja deliberadamente por alguém em uma posição de poder, ou acidentalmente, por trás de uma massa desconexa de fatos e circunstâncias que obscurecem o entendimento. Ele requer o uso tanto de fontes e documentos secretos quanto divulgados. (HUNTER, 2013, p. 8)

O jornalista investigativo precisa ter em mente que os resultados de sua apuração permanecerão por tempo indeterminado e afetarão pessoas. O interesse público tem de prescindir as suas próprias motivações pessoais. A reportagem deve colaborar para o bem social mais que a ascensão profissional. Uma repercussão desastrosa pode afetar não só aos outros, mas, também, ao próprio investigador. Ter consciência de quais interesses estão sendo defendidos define a relevância da pauta. É uma faca de dois gumes, enquanto agrada a uns, causará reprovação a outros.

O mundo está cheio de sofrimento; boa parte desse sofrimento é inútil, e é o resultado de imoralidades e erros. O que quer que diminua o sofrimento, a crueldade e a estupidez vale a pena ser feito. Uma investigação pode

de investigação, buscar, analisar e estruturar as possíveis fontes, confeccionar uma base de dados, confirmar cada um dos elementos que se incorporam à investigação, etc.” (Tradução livre da autora)

⁶“A maioria das vezes o jornalista não tem mais que um simples rumor ou confidência como ponto de partida. [...] Em função das respostas que damos a questões tais como o grau de credibilidade do rumor, as possibilidades de ser investigado e/ou confirmado, os riscos que podem derivar-se do processo a ser iniciado, o valor noticiável dos diversos aspectos que configuram o rumor, o marco mais ou menos definido em que deve se mover, etc., encontraremos as primeiras forças que nos impulsionarão ao trabalho ou a esquecermos, ao menos momentaneamente, do rumor ou confidência analisado”. (Tradução livre da autora)

contribuir com esse objetivo. Procure fazer esse tipo de serviço primeiro, ao invés de simplesmente usar a oportunidade para avançar a sua carreira. Nunca se esqueça de que uma investigação é uma arma, e de que você pode machucar pessoas com ela – seja deliberadamente, ou pela sua própria falta de cuidado (vale sempre a pena lembrar que Woodward e Bernstein, famosos repórteres do escândalo Watergate, admitiram ter destruído as carreiras de diversas pessoas inocentes, juntamente com Richard Nixon). No decorrer da sua carreira, você será a melhor e a pior coisa que já aconteceu a algumas outras pessoas. Tenha cuidado em relação ao papel que você desempenha, e para quem, e por que. Tenha uma boa visão dos seus próprios motivos pessoais antes de investigar os outros. Se a história não é mais importante para os outros do que ela é para você, provavelmente você não deveria estar fazendo-a. (HUNTER, 2013, p. 12)

Outra questão refletida pelos autores está em torno da desmistificação da crença de que se é investigativo, é policial ou político. Ao inserir o jornalismo investigativo na construção do livro-reportagem *Mães na Dor*, o objetivo era obter o maior número de dados e informações sobre os casos.

No Brasil, o termo investigar costuma ter uma conotação de trabalho policial, mas não significa apenas procurar irregularidades, mentiras, trapanças. É também penetrar fundo na alma de um personagem, conhecer seus hábitos, sua cultura ou retratar com minúcias o modo de vida de uma época. É contextualizar os fatos, analisar as circunstâncias, revelar os acontecimentos, levantar dados novos. (BELO, 2013, p. 50)

Investigar exige cautela e paciência. É uma parte trabalhosa da produção jornalística, mas que garantirá que não haja erros ou equívocos no produto final. Além de esclarecer ao repórter sobre questões escusas, encobertas por camadas de informações superficiais, o que lhe permite uma melhor e mais completa análise das informações colhidas.

1.5 JORNALISMO INTERPRETATIVO

O jornalismo interpretativo é um dos ângulos pelos quais o livro-reportagem pode ser construído na contemporaneidade da produção jornalística impressa. Diferente do gênero opinativo em que o jornalista imprime sua opinião sobre o assunto tratado, com o jornalismo interpretativo, o que se busca não é discipular a partir do próprio ponto de vista e, sim, esmiuçar os fatos a ponto de esclarecer ao leitor as nuances por trás dos mesmos e as implicações futuras que poderão ser acarretadas.

Dessa forma, este modelo de jornalismo encontra espaço não mais na notícia imediata, mas, sim, com a reportagem mais profunda, já que está “[...] visando atender a

necessidade de ampliar os fatos, de colocar para o receptor a compreensão de maior alcance [...]” (LIMA, 2009, p. 18). O jornalismo interpretativo busca:

[...] Não deixar a audiência desprovida de meios para compreender o seu tempo, as causas e origens dos fenômenos que presencia, suas consequências no futuro. Vai fundamentar sua leitura da realidade na elucidação dos aspectos que em princípio não estão muito claros. Almeja preencher os vazios informativos, conforme a terminologia de Luiz Beltrão. O autor situa em três as etapas do trabalho redacional da matéria interpretativa: a identificação da ocorrência nuclear da informação, o processamento da documentação, identifica a decomposição da ocorrência em seus elementos básicos e a investigação dos valores e aspectos essenciais para a estruturação da informação, como as duas primeiras partes do processo. A terceira é a investigação dos valores e aspectos opacos da ocorrência, os que não se encontram elucidados para a compreensão correta das suas múltiplas realidades. (LIMA, 2009, p. 19-20)

Lima (2009) aponta que o jornalismo interpretativo é um conjunto que trabalha o contexto do fato ou da situação nuclear, os antecedentes, o suporte especializado (enquete, pesquisa de opinião ou entrevista com especialistas e testemunhas), a projeção (desdobramentos, consequências) e o perfil (humanização da reportagem, emocionar). Uma vez que o objetivo “[...] é tecer esse encontro de relações entre a rede de causas e a rede de efeitos do objetivo do jornalismo interpretativo, ao procurar fornecer uma leitura precisa, ampla, da complexa realidade que cerca o mundo contemporâneo” (LIMA, 2009, p. 21-22).

Interpretação não é opinião, ponto de vista ou juízo de valor.

[...] O jornalismo interpretativo ajuda a formar opinião sem opinar diretamente. Ele consiste em agregar informações, sobretudo históricas, aos acontecimentos recentes, estabelecer correlações entre os fatos, relatar precedentes e antecipar consequências. [...] Interpretar, portanto, é garantir que o leitor tenha dados suficientes, com o máximo de objetividade, para chegar a um resultado plausível [...] (BELO, 2013, p. 46)

Portanto, embora interpretar seja um exercício subjetivo, no jornalismo, essa interpretação almeja certa neutralidade, ao não impor ao leitor o pensamento do jornalista sobre o caso publicado e, sim, expor as evidências e as suas representatividades, para que o público seja capaz de conhecer o fato e emitir a sua própria opinião sobre o assunto.

1.6 JORNALISMO DE SUBJETIVIDADE E INOVAÇÕES NAS NARRATIVAS

O olhar do jornalista nas linhas escritas em uma área que prega tradicionalmente a objetividade pode ser considerado uma inovação nas narrativas. Nos últimos anos, a narrativa focada nas personagens tem ganhado mais espaço, embora ainda prevaleça o padrão de *lead* objetivo. No entanto, a subjetividade já se fazia presente em reportagens de perfil, em especial na década de 1960, com destaque para a Revista Realidade.

Chamo atenção para as seguintes características dos textos biográficos de *Realidade*: imersão total do repórter no processo de captação; jornalistas eram autores e personagens da matéria; ênfase em detalhes reveladores, não em estatísticas ou dados enciclopédicos; descrição do cotidiano; frases sensíveis; valorização dos detalhes físicos e das atitudes da pessoa; estímulo ao debate; repórteres reconheciam e assumiam, em primeira pessoa, as dificuldades de compreensão da às vezes indecifrável, mas sempre fascinante personalidade humana. (VILAS-BOAS, 2003, p. 24, grifo do autor)

A objetividade caiu nas graças da opinião pública como elemento que gera a confiança de que o relato é verdadeiro, especialmente na figura do *lead*. É preciso ressaltar que o caráter subjetivo da narrativa não suprime ou põe em dúvida o seu potencial de verdade. Em tese, todo discurso jornalístico é subjetivo, por mais que se apliquem as técnicas de objetividade e imparcialidade e se tente transmitir o relato fiel do fato é sempre a visão de quem narra, a sua compreensão daquilo que se vê, uma versão de verdade.

Ao interpretar as ocorrências, analisá-las, comentá-las, inferir a partir delas e se dar o direito de aprofundamento numa observação pessoal, o repórter não descumpra o contrato com seu público em procurar apurar a “verdade dos fatos” e transmiti-la o mais fielmente possível. Ele busca outro caminho para isso e fornece, inevitavelmente, uma visão sobre o que está tratando. Se esse mesmo profissional se restringe a um relato dito “objetivo”, idealmente livre de qualquer interferência subjetiva, o resultado seria, em tese, o mesmo: uma visão específica sobre o assunto tratado. O tratamento subjetivo dado a cada um pode não se adaptar aos preceitos de uma objetividade radical, mas não foge necessariamente das obrigações da precisão jornalística. (BORGES, 2013, p. 50-51, grifo do autor)

Não se trata de um maniqueísmo ou uma escolha entre um e outro. Objetividade e subjetividade não precisam duelar espaço na narrativa, elas podem conviver juntas e se complementarem.

[...] Discordando em termos de visão que empresta tanto poderio ao *lead*, Chaparro (2007, 2008) sustenta que a cisão entre relato informativo e texto opinativo é falsa. Falando sobre gêneros na imprensa, ele alega que o discurso jornalístico é, em sua essência, formado por questões objetivas e

subjetivas e que não faz sentido tentar umas sem que se fale das outras. (BORGES, 2013, p. 55)

Como inovação nas narrativas, a própria linguagem dá sustentação à criatividade por estar em constante evolução, não é engessada e está sempre se reconstruindo. As palavras não são neutras, possuem seus sentidos.

[...] A linguagem, por mais antiga que seja, não pode ser encarada como algo dado. Ela é sempre o resultado de uma construção que percorre o tempo, que sofre mutações, que se desfaz e refaz. A exigência de uma neutralidade das palavras e seus múltiplos sentidos é a ignorância desse processo. (BORGES, 2013, p. 139)

O jornalismo literário permite que a subjetividade do narrador apareça para enriquecer o relato. A convenção que institui a invisibilidade do repórter perde o seu valor.

[...] Quem narra é um jornalista de carne e osso, que vive, respira, sente e se coloca na ação não como um personagem desta e sim como um indivíduo social que está ali para mediar o mundo por meio de seu relato. [...] no jornalismo mais tradicional, essa presença é escamoteada por uma série de cuidados e subterfúgios, no afã de tornar o discurso isento de paixões ou opiniões individuais. No Jornalismo Literário, há maior mobilidade para a figura do repórter, que pode transitar pelo enredo com desenvoltura e se transformar em um observador participante da história. (BORGES, 2013, p. 248)

Para dar voz e vida a essas personagens pode-se deixar que elas mesmas narrem as suas histórias, em primeira pessoa, sem a obrigatoriedade de se manter a narrativa sempre dessa forma, ou seja, linear. Podendo mesclar ou mesmo ampliar as vozes. O livro-reportagem permite isso por ser um formato em construção, por mais que se baseie em fundamentos do *New Journalism*, de Edvaldo Pereira Lima e outros autores, é um laboratório em que é permitido experimentações. Essa mistura de produção pode ser considerada uma forma de inovação, à medida que não se prende ao que diz os manuais e cria novas formas de expressão.

Neste novo jornalismo não há pecados capitais; não ainda, de qualquer modo... Se o jornalista quer mudar do ponto de vista em terceira pessoa para o ponto de vista de primeira pessoa na mesma cena, ou se quer entrar e sair do ponto de vista de diferentes personagens, ou se quer saltar da voz do narrador onisciente para o fluxo de consciência de um outro alguém [...] ele o faz. Para esses glutões do estilo, a única regra é a do fora-da-lei, no que se refere à técnica: tome-a, use-a, melhore-a. (WOLFE, 1973, p.33 apud LIMA, 2009, p. 162-163)

Há muito tempo a antropologia discute a objetividade *versus* subjetividade em suas pesquisas, sugerindo uma rivalidade entre métodos quantitativos e qualitativos.

A noção de que existe um envolvimento inevitável com o objeto de estudo e de que isso não constitui um defeito ou imperfeição já foi clara e precisamente enunciada. A Antropologia, embora sem exclusividade, tradicionalmente, identificou-se com os métodos de pesquisa qualitativos. A observação participante, a entrevista aberta, o contato direto, pessoal [...] (VELHO, 1978, p. 36)

É preciso refletir que o pressuposto da subjetividade não duela com a objetividade, mas protesta contra a limitação que ela impõe ao texto. É “uma contestação à concepção reducionista de objetividade gravada nos manuais de jornalismo, que castra a autonomia do repórter e o condiciona” (MORAES, 2015, p. 14 apud STASIAK; SCHWAAB, 2016, p. 12).

A subjetividade ganha mais espaço nos livro-reportagens. O que não implica dizer que não possa ser aplicada ao jornalismo diário, pois,

É preciso pensar em um jornalismo que se utilize, sem constrangimentos, da subjetividade, reconhecendo-a como um ganho fundamental na prática da reportagem e mesmo na notícia cotidiana. (MORAES, 2015, p. 159 apud STASIAK; SCHWAAB, 2016, p. 11)

Embora não seja uma discussão nova, a relação entre objetividade e subjetividade tem mudado nos últimos anos, com a adoção da narrativa humanizada. Graças à aproximação com a literatura, o jornalismo com foco na personagem tem se mostrado mais forte. Não se pode negar a importância e adequação de ambas, objetividade e subjetividade são caminhos, que muitas vezes se cruzam, mas o destino é o mesmo, não há certo nem errado.

1.7 VIOLÊNCIA

A imprensa tem papel primordial na publicização da violência, funcionando como documentação histórica e ponto de partida para agrupar os casos e criar discussões na sociedade. Sandra Raquew Azevêdo, docente da Universidade Federal da Paraíba realizou pesquisas sobre a violência e mídia, mas seu enfoque principal é a violência de gênero.

Esse cenário é relevante na medida em que contribui significativamente para situar o debate público sobre os assassinatos de mulheres em diferentes espaços sociais, entre eles a instituição midiática. A imprensa, além de se tornar uma fonte importante para construção de estatísticas e mapeamento dos casos de violência, é um campo no qual serão construídas as representações sociais para o fenômeno da violência contra as mulheres. Sem o trabalho cotidiano da imprensa na representação social da realidade e na mediação das relações sociais nos seria hoje, nas sociedades complexas, muito difícil compreender os significados sociais de um fenômeno como esse. (AZEVEDO, 2011, p. 68)

Mas, ao mesmo tempo em que abre espaço para divulgação e reflexão sobre o problema, se não abordá-lo da maneira adequada, cai no sensacionalismo ou no fortalecimento de estereótipos negativos, perpetuando preconceitos e opressões.

Morin (2006) responsabiliza o próprio sistema de ideias pelas tragédias humanas, sejam sofridas pelo homem ou pela natureza. A sociedade avança em conhecimento na mesma proporção que comete os seus erros. Com um ponto de vista de certa forma apocalíptico, seria o progresso o grande vilão.

Adquirimos conhecimentos inauditos sobre o mundo físico, biológico, psicológico, sociológico. Na ciência há um predomínio cada vez maior dos métodos de verificação empírica e lógica. As luzes da Razão parecem fazer refluir os mitos e trevas para as profundezas da mente. E, no entanto, por todo lado, erro, ignorância e cegueira progridem ao mesmo tempo que os nossos conhecimentos. Precisamos de uma tomada de consciência radical: 1. A causa profunda do erro não está no erro de fato (falsa percepção) ou no erro lógico (incoerência), mas no modo de organização de nosso saber num sistema de ideias (teorias, ideologias); [...] As ameaças mais graves em que incorre a humanidade estão ligadas ao progresso cego e incontrolado do conhecimento (armas termonucleares, manipulações de todo tipo, desregramento ecológico, etc.) (MORIN, 2006, p. 9)

Morin (2006) acrescenta, ainda, que esses erros resultam do modo mutilador da organização do conhecimento, que não consegue apreender a complexidade do real. O jornalismo não dá conta da complexidade do real, mas busca fugir dessa mutilação quando procura compreendê-lo, interpretá-lo e (re) construí-lo. E o êxito é obtido, quanto mais profunda a abordagem, como nos livro-reportagens.

CAPÍTULO 2 – PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para fundamentar a produção do livro-reportagem, foram utilizadas não apenas uma única metodologia, mas uma junção de métodos e técnicas de caráter híbrido. O jornalismo é um campo que possui suas especificidades, porém, possui flexibilidade para transitar por outras áreas do conhecimento. E, se apropriar de suas técnicas, como as ciências sociais, a história e a antropologia e ainda assim, não perde sua identidade. Dessa forma, os procedimentos adotados foram a pesquisa bibliográfica, a entrevista em profundidade, a observação participante e etnográfica, as histórias de vida e a memória.

Logo, a construção de um produto jornalístico vinculado ao método acadêmico é um processo, com múltiplas vertentes. “A execução de um trabalho de pesquisa se inserem em um complexo processo de construção teórica, busca metodológica e escolhas propriamente técnicas, que exige sempre uma postura epistemológica” (LAGO, 2010, p. 17).

As ciências sociais emprestam ao jornalismo a entrevista, ferramenta indispensável para a construção de um bom conteúdo informativo. Associando a entrevista objetiva, a observação (do entrevistado, do ambiente, do objeto), pode-se proceder à outra prática da sociologia, a etnografia. A escrita ganha mais detalhes, com a interação com o objeto estudado. Isso justifica o emprego de técnicas trazidas da sociologia para o desenvolvimento do trabalho.

O método historiográfico utiliza essencialmente a coleta de dados, crítica de fontes e análise documental, que também pode ser aplicado na produção jornalística. Os dois campos de estudos se interligam de forma intrínseca. Em que um se beneficia do outro e, assim, o jornalismo ajuda a construir a história e retira dela para a sua consecução.

[...] Já existe um *corpus* de História do Jornalismo [...], bem como notáveis trabalhos no qual o jornalismo serve de fonte ou objeto para a História. [...] não são só os historiadores que recorrem a jornais para elaborar suas narrativas (e jornalistas que utilizam o conhecimento histórico), mas os jornalistas têm, por vezes, papel importante e ao mesmo tempo polêmico na elaboração da chamada “história imediata”. (ROMANCINI, 2010, p. 24, grifo do autor)

Os procedimentos metodológicos adotados foram divididos em dois momentos: a primeira fase (o relatório) e a segunda fase (o produto em si: o livro-reportagem). Na

etapa inicial foi selecionada a bibliografia necessária sobre livro-reportagem, perfil, jornalismo literário, jornalismo investigativo, jornalismo interpretativo, jornalismo de subjetividade, jornalismo e violência, teorias do jornalismo, construção da narrativa, linguagem cinematográfica, entrevista em profundidade, pesquisa bibliográfica, metodologia de pesquisa, antropologia (etnografia e observação participante), histórias de vida, história oral e memória.

No segundo momento foram iniciadas as leituras e os fichamentos, paralelamente aos primeiros contatos com o grupo Mães na Dor, através de sua líder, Hipernestre Carneiro. Com ela, foi possível contatar algumas mães. Após a organização arquitetônica do trabalho e a coleta de dados, a redação foi realizada.

Neste caso, “a escolha da forma como os dados serão coletados, portanto, não depende somente do desejo do pesquisador, mas da quantidade de fundos disponíveis, do “estado da arte” num dado momento, e do que considera mais importante saber” (DUARTE; BARROS, 1978, p. 185, grifo do autor).

Alguns documentos de processo foram reunidos para análise, como matérias de jornais, fotos e objetos pessoais das vítimas e das mães, fotos de um dos locais dos crimes, onde houve morte também foi visitado. Tudo serviu para ambientação da escrita ou utilização no livro-reportagem, pois, o uso da fotografia vai muito além da reprodução e composição da narrativa, serve como lembrança do momento, uma marca que ajudou na construção do texto, uma fonte de inspiração e para descrição de cenas: quarto da vítima, local do crime, ambientes frequentados.

Foi elaborado um questionário prévio para guiar as entrevistas, servindo de roteiro-base, porém, os questionamentos não se prenderam a este modelo. As fontes tiveram liberdade para falarem à vontade, contarem suas histórias de acordo com suas disponibilidades de tempo. Até mesmo as fugas do tema foram utilizadas, de forma etnográfica na produção final do texto, rendendo mais material para a produção deste trabalho. Pois, dessa maneira, a composição não ocorreu apenas pelo que foi dito, como também pelo que foi observado de forma mais direta no ambiente e comportamento, gesticulação e emoção.

O livro foi dividido em três partes. A primeira é a história das mães além da dor, discutindo quem são essas mulheres por trás de suas tragédias pessoais, suas origens, anseios, desafios e perspectivas. Em segundo plano, uma imersão na narrativa, onde estão os casos infelizes da morte de seus filhos. Na segunda parte, tratamos da formação do grupo e uma contextualização de grupos de mães no Brasil. E, por fim, a terceira

parte, acarreta uma breve narrativa sobre o caminho percorrido na jornada de concepção, produção e conclusão do livro-reportagem, uma espécie de diário de campo: roteiro do percurso realizado, pauta, apuração, espaço, a tirania do tempo, reconstituindo fatos e cenários, tentativas, ligações, dificuldades.

Na introdução, pretendeu-se mostrar um panorama geral da violência na Paraíba, a partir de dados de pesquisas legítimas e oficiais, como o Mapa da Violência, Atlas da Violência e Anuário Brasileiro de Segurança, destacando os homicídios no Estado.

2.1 PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

A pesquisa bibliográfica é o primeiro passo para a produção do livro-reportagem, em dois sentidos: 1) sobre o material que dará sustentação teórica e metodológica ao produto e 2) no que tange às informações sobre o objeto estudado. É preciso reunir o máximo de informações sobre o que se pretende escrever, até mesmo para não cair em repetição de estudos realizados por outros autores sobre o mesmo objeto. É o alicerce que direcionará os demais passos do trabalho.

Morais (2010 apud Pena 2006), afirma que quanto maior o volume de informações durante a pesquisa, mais qualidade terá o resultado final.

A revisão bibliográfica [...] ajuda a formular uma explicação tanto durante a coleta de dados, como em sua análise, permitindo esclarecer e avaliar os dados, assim como estabelecer as ligações entre os dados, em diferentes momentos. À medida que progride a teorização enraizada, a revisão bibliográfica fornece as construções teóricas, categorias e propriedades que servem para organizar os dados e descobrir novas relações entre a teoria e o mundo real. (DESLAURIERS, 2008, p. 40 apud POUPART, 2008, p. 141)

E conforme for aplicando e procedendo a coleta, o repórter/pesquisador vai reelaborando e construindo seu objeto.

Enfim, a noção de objeto construído designa também o *procedimento metodológico do pesquisador*. Efetivamente, queira-se ou não, o pesquisador seleciona fatos, escolhe ou define conceitos, interpreta seus resultados, etc.; em suma, ele constrói, de sua parte, seu objeto *tecnicamente e teoricamente*. (PIRES, 2008, p. 60, grifos do autor)

Fazer revisão bibliográfica é planejamento e método. Ela dá a sustentação necessária e ajuda na construção do exercício intelectual.

[...] Num sentido amplo, é o planejamento global inicial de qualquer trabalho de pesquisa que vai desde a identificação, localização e obtenção da bibliografia pertinente sobre o assunto, até a apresentação de um texto sistematizado, onde é apresentada toda a literatura que o aluno examinou, de forma a evidenciar o entendimento do pensamento dos autores, acrescido de suas próprias ideias e opiniões. (STUMPF, 2005, p. 51)

É importante lembrar, durante as leituras e fichamentos do material, de proceder a devida referência, quer seja de datas, páginas e outras informações específicas da obra utilizada para a pesquisa. Isso não cumpre apenas normas acadêmicas, como também facilita o trabalho, caso seja necessário voltar a determinadas citações, facilitando sua localização.

[...] Um conjunto de procedimentos para identificar, selecionar, localizar e obter documentos de interesse para a realização de trabalhos acadêmicos e de pesquisa, bem como técnicas de leitura e transcrição de dados que permitem recuperá-los quando necessário (STUMPF, 2005, p. 54).

Em suma, a revisão bibliográfica é o alicerce, o que assegura a firmeza da edificação. Mas, é só o começo. O cimento, os tijolos e o material de construção vêm com a coleta de campo (as entrevistas) e o jornalista/escritor é engenheiro e pedreiro ao mesmo tempo na execução da obra.

2.2 ENTREVISTA EM PROFUNDIDADE

Para Morin (1973) a entrevista é sempre informativa, mas também um fenômeno psico-afetivo pela comunicação. É um método indispensável na coleta de dados para a construção do livro-reportagem, independente da tipologia a ser empregada na narrativa. No entanto, ela precisa ir além do questionário ou de perguntas objetivas. Logo, a entrevista em profundidade se adequa para essa função, pois, busca evidenciar o íntimo do entrevistado, extrair questões subjetivas e intrínsecas. “A entrevista tem papel fundamental na construção de perfis, pois enriquece o autor com os dados e potencializa a história do possível perfilado” (SILVA, 2009, p. 7).

O momento da entrevista não se caracteriza apenas pela obtenção das informações desejadas, como também a ocasião em que o entrevistador e entrevistado estabelecem um vínculo de confiança. A fonte não consegue abrir sua intimidade a alguém que lhe seja totalmente desconhecida, sem que se construa um mínimo de confiança no sujeito para quem se fala. Pode-se dizer, assim, que a entrevista também

marca a relação, o relacionamento que ambas as partes terão dali em diante. Para o bem ou para o mal é um momento crucial, em que se “ganha” ou se “perde” a fonte.

O principal instrumento de coleta neste trabalho é a entrevista. Conforme Belo (2013), João do Rio foi o pioneiro a usar entrevistas para obter informações que seriam publicadas no jornal, há um século.

A rigor, entrevista significa um diálogo olho no olho, feito entre as vistas dos interlocutores. Com desenvolvimento da comunicação à distância, o vocábulo perdeu parte de sua acepção original. Hoje, “entrevistas” são feitas sem esse contato face a face, pelo telefone, por rádio e até por email e fax. [...] Quando uma entrevista tem muita importância para o relato, sempre ficará melhor se for realizada pessoalmente. Isso dá ao autor a possibilidade de observar o gestual, o comportamento, o modo de viver daquela fonte (BELO, 2013, p. 101, grifo do autor)

A entrevista pode ser utilizada de maneira especial. É o que denominamos de profundidade. Pode ser executada de forma a parecer uma conversa, no entanto, sem deixar de lado a técnica.

A entrevista em profundidade é uma técnica dinâmica e flexível, útil para a apreensão de uma realidade tanto para tratar de questões relacionadas ao íntimo do entrevistado, como para a descrição de processos complexos nos quais está ou esteve envolvido. É uma pseudoconversa realizada a partir de um quadro conceitual previamente caracterizado, que guarda similaridade, mas também diferenças, com a entrevista jornalística. [...] A entrevista vista como técnica de pesquisa, entretanto, exige elaboração e explicitação de procedimentos metodológicos específicos: o marco conceitual no qual se origina, o critério de seleção das fontes, os aspectos de realização e o uso adequado das informações são essenciais para dar validade e estabelecer as limitações que os resultados possuirão. (DUARTE, 2005, p.64)

A fala dos entrevistados diz muito a respeito do que pensam sobre si mesmos e a construção de significados.

O ouvir, alcançado mediante entrevistas em profundidade, abertas, mas, também diálogos casuais ajudam ao pesquisador perceber o sentido das ações que observa, bem como as significações específicas que o grupo observado atribui às suas próprias ações, rituais, etc. (LAGO, 2010, p. 52)

Para Queiroz (1988) a entrevista é a ferramenta de coleta de dados orais, mais antiga, e propagada nas ciências sociais.

A entrevista supõe uma conversação continuada entre informante e pesquisador. [...] O pesquisador dirige, pois, a entrevista; esta pode seguir um roteiro previamente estabelecido, ou operar aparentemente sem roteiro,

porém na verdade se desenrolando conforme uma sistematização de assuntos que o pesquisador como que decorou. A captação dos dados decorre de sua maior ou menor habilidade em orientar o informante para discorrer sobre o tema; é este que conhece o acontecimento, suas circunstâncias, as condições atuais ou históricas, ou por tê-lo vivido, ou por deter a respeito informações preciosas. [...] Na verdade, a entrevista está presente em todas as formas de coleta dos relatos orais, pois estes implicam sempre num colóquio entre pesquisador e narrador. (QUEIROZ, 1988, p. 19-20)

Camargo (1978) ressalta a importância do diário de campo que se constituirá com base no que foi observado durante as entrevistas.

A realização de uma entrevista é relação humana das mais envolventes. Ao contrário de outros tipos de levantamento, ator e pesquisador constroem juntos o depoimento histórico. [...] em um contínuo dar e receber que alimenta o diálogo. Por essa razão, são tão necessários os mecanismos de controle já mencionados [...] tal como o *diário de campo* do antropólogo [...] (CAMARGO, 1978, p. 299, grifos do autor)

A máxima de que só os nativos sabem de si é acompanhada pela entrevista, pois, o que se capta nela são as perspectivas dos atores sociais.

O uso dos métodos qualitativos e da entrevista, em particular, foi e ainda hoje é tido como um meio de dar conta do ponto de vista dos atores sociais e de considerá-lo para compreender e interpretar as suas realidades. As condutas sociais não poderiam ser compreendidas, nem explicadas, fora da perspectiva dos atores sociais. A entrevista seria, assim, indispensável, não somente como método para apreender a experiência dos outros, mas, igualmente, como instrumento que permite elucidar suas condutas, na medida em que estas só podem ser interpretadas, considerando-se a própria perspectiva dos atores, ou seja, o sentido que eles mesmos conferem às suas ações. (PIRES, 2008, p. 216-217)

Foram utilizados diversos instrumentos e ferramentas, tanto nas pesquisas iniciais, coletas de dados (de campo) propriamente ditas e redação e edição final do material, como o telefone, o gravador, anotações, arquivos de jornais, e meios eletrônicos de comunicação e redes sociais, como *WhatsApp*, *Facebook* e e-mail. Todos esses arcabouços auxiliaram a complementar as entrevistas em profundidade, que como o próprio nome sugere, enseja aprofundamento e por isso, são extensas.

[...] Técnica qualitativa que explora um assunto a partir da busca de informações, percepções e experiências de informantes para analisá-las e apresentá-las de forma estruturada. Entre as principais qualidades dessa abordagem está a flexibilidade de permitir ao informante definir os termos da resposta e ao entrevistador ajustar livremente as perguntas. Esse tipo de entrevista procura intensidade nas respostas, não-quantificação ou representação estatística. [...] busca, com base em teorias e pressupostos

definidos pelo investigador, recolher respostas a partir da experiência subjetiva de uma fonte [...] (DUARTE, 2005, p. 62)

As entrevistas são classificadas por Duarte (2005), em abertas (não estruturadas), semi-abertas (semi-estruturadas) e fechadas (estruturadas). Para a produção do livro-reportagem *Mães na Dor* foram utilizadas as de tipo semi-abertas, por conterem um roteiro prévio, mas permitirem a personalização para diferentes entrevistados, inserção ou remoção de questões e liberdade para que as mães pudessem contar o que acreditassem relevantes mesmo que não estivesse programado.

As abertas e semi-abertas são do tipo em profundidade, que se caracterizam pela flexibilidade e por explorar ao máximo determinado tema [...] A diferença [...] é que as primeiras são realizadas a partir de um tema central, uma entrevista sem itinerário, enquanto as semi-abertas partem de um roteiro-base. [...] Já a entrevista *fechada* é utilizada principalmente em pesquisas quantitativas [...] (DUARTE, 2005, p. 64-65, grifo do autor)

Na entrevista semi-estruturada, o roteiro serve como guia, mas não deve prender-se a ele, deixando livre o diálogo e novas questões que surgem.

[...] Parte de certos questionamentos básicos, apoiados em teorias e hipóteses que interessam à pesquisa, e que, em seguida, oferecem amplo campo de interrogativas, fruto de novas hipóteses que vão surgindo à medida que se recebem as respostas do informante. (TRIVIÑOS, 1990, p. 146 apud DUARTE, 2005, p. 66)

É interessante esgotar cada assunto antes de partir para a próxima pergunta, mesmo que isso implique realizar outras perguntas sobre o que está sendo explicitado. No entanto, na prática há divagações, fuga de assunto, envereda-se por outros temas.

As questões, sua ordem de profundidade, forma de apresentação, dependem do entrevistador, mas a partir do conhecimento e disposição do entrevistado, da qualidade das respostas, das circunstâncias da entrevista. [...] O pesquisador faz a primeira pergunta e explora, ao máximo, cada resposta até esgotar a questão. Somente então passa para a segunda pergunta. Cada questão é aprofundada a partir da resposta do entrevistado, como um funil, no qual perguntas gerais vão dando origem a específicas. [...] A entrevista é conduzida, em grande medida, pelo entrevistado, valorizando seu conhecimento, mas ajustada ao roteiro do pesquisador. (DUARTE, 2005, p. 66)

Ela é profunda, porque não se trata apenas de coletar dados crus, é preciso interação, contato, o estabelecimento de um elo de confiança e agradabilidade (sentir-se à vontade). Para tal, faz-se necessário que a entrevista seja presencial.

[...] não é simplesmente um trabalho de coleta de informações, mas, sempre, uma situação de interação, ou mesmo de influência entre dois indivíduos e que as 'informações' dadas pelo sujeito (o 'material' que ele fornece) podem ser profundamente afetadas pela natureza de suas relações com o entrevistador. (KANDEL, 1981, p. 178 apud DUARTE; BARROS, 2005, p. 71, grifos do autor)

Morin (1973) classifica as entrevistas em rito, anedóticas, diálogos e neoconfissões.

1) A entrevista-rito. Trata-se de obter uma palavra, que de resto não tem outra importância se não a de ser pronunciada [...] A entrevista-rito marca acontecimentos, cerimônias, encontros oficiais. [...] **2) A entrevista anedótica.** Esta entrevista se situa no nível dos mexericos. **3) A entrevista-diálogo.** Em certos casos felizes, a entrevista torna-se diálogo. Este diálogo é mais que uma conversação mundana. É uma busca em comum. O entrevistador e o entrevistado colaboram no sentido de trazer à tona uma verdade [...] **4) As neoconfissões.** Aqui o entrevistador se apaga diante do entrevistado. [...] Alcançamos aqui a entrevista em profundidade da psicologia social. [...] toda confissão pode ser considerada como um *streaptease* da alma feita para atrair a libido psicológica do espectador, quer dizer, pode ser objeto de uma manipulação sensacionalista, mas também toda confissão vai muito mais longe, muito mais profundamente que todas as relações humanas superficiais e pobres da vida cotidiana. (MORIN, 1973, p. 128-129, grifos do autor)

As entrevistas realizadas para a feitura do livro-reportagem *Mães na Dor* perante essa categorização são ao mesmo tempo neoconfissões, pela profundidade dos depoimentos e diálogo, pela busca da verdade e a espontaneidade das respostas.

2.3 OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE/ETNOGRAFIA

A observação participante foi a terceira técnica empregada na construção do livro-reportagem. Esse método foi aplicado concomitantemente com as entrevistas. Estar atento ao ambiente em volta, gestos e linguagem não-verbal das personagens auxiliaram sobremaneira a interpretação e escrita do material coletado. O que a fonte fala e faz altera e influencia a percepção do jornalista, o narrador da história. E esse contexto também integra a mensagem.

Quando o homem fala, há um componente sinestésico tanto na emissão quanto na recepção. Ao ouvir alguém em uma praça pública, por exemplo, não estamos só usando a audição. Estamos vendo seus gestos, usando o tato para nos apoiar em algum banco ou ficar de pé, sentindo o cheiro no ar e o paladar de nossa última refeição ou da fome que se aproxima. Todos esses componentes influenciam a mensagem. São parte dela. (PENA, 2006, p. 26)

Ou seja, a fonte não é apenas um mero objeto a ser estudado, mas um sujeito que constrói junto com o jornalista o conhecimento que será produzido. Em seus métodos, Paulo Freire já remetia a esse tipo de aprendizado mútuo, em uma pedagogia em que o professor também aprende com o aluno. Essa analogia de alternância de elaboração de conhecimento e significação pode ser aplicada na observação participante.

Se minha opção é libertadora, se a realidade se dá a mim não como algo parado, imobilizado, posto aí, mas na relação dinâmica entre objetividade e subjetividade, não posso reduzir os grupos populares a meros objetos de minha pesquisa. Simplesmente, não posso conhecer a realidade de que participam a não ser com eles como sujeitos também deste conhecimento que, sendo para eles um conhecimento anterior (o que se dá ao nível da sua experiência) se torna um novo conhecimento. (FREIRE, 1981, p. 35 apud PERUZZO, 2005, p. 140-141, grifo do autor)

Em outro momento Pena (2015), conceitua e distingue a observação direta e a observação direta participante. A primeira é quando o pesquisador:

[...] ‘Se debruçar’ sobre o objeto, sem intermediários. No jornalismo ocorre quando se presencia o fato para a produção da notícia ou reportagem. *Observação direta participativa*: ocorre quando o estudioso se insere no fenômeno a ser observado para sensibilizar-se com as correntes e dinâmicas internas a este. (PENA, 2015, p. 55, grifo do autor)

A etnografia como metodologia entra em cena no momento de contato com as famílias, pois, o pesquisador/repórter está presente e se insere, participa no campo pesquisado/investigado e ainda compartilhará os resultados com os entrevistados. Para uma melhor compreensão do fenômeno investigado é necessário se colocar no papel do outro, criando o sentimento de empatia. Além da observação participante, o pesquisador age e interage com o objeto de estudo, que conhece e concorda com os objetivos do trabalho.

No final da década de 1960, a imprensa investia em reportagens de profundidade, permitindo que o repórter tenha mais tempo para elaboração da matéria, com aporte material e financeiro para viajar até onde estão seus personagens. Esse tipo

de produção não deixou de existir, porém, ocorrem em menos periódicos. O contato presencial, o lugar e os gestos revelam tanto quanto as palavras. A participação direta do narrador e suas observações captadas do entrevistado podem e devem ser usadas na composição narrativa.

Os repórteres da época áurea (1966-1968) da revista *Realidade*, por exemplo, podiam passar dias inteiros com a pessoa sobre a qual estavam escrevendo, semanas em alguns casos. Era primordial estar no lugar onde ocorriam cenas dramáticas para captar conversas, gestos, expressões faciais, detalhes do ambiente, etc.; revelar os bastidores da matéria tanto quanto as impressões pessoais do autor sobre o personagem; usar o foco narrativo em primeira pessoa, diálogos, descrições minuciosas, reconstituições de época, etc. (VILAS-BOAS, 2003, p.10-11, grifo do autor)

Observar não é apenas olhar, exige certa complexidade, empenho e dedicação. É uma ação multissensorial, que requer a utilização dos cinco sentidos.

Observar é uma atividade complexa. Tendemos a acreditar que observar é apenas um exercício de percepção visual. Não é. A percepção visual é apenas um dos aspectos, igualmente difícil de praticar, pois requer tanta paciência quanto aquela necessária para se construir uma grande amizade. Olhar pacientemente não basta. Os observadores mais atilados fazem uso de todo tipo de informação sensorial – olfato, tato, audição, etc. (VILAS-BOAS, 2003, p. 29)

Para Wolf (1994 apud Vizeu 2010), as pesquisas sobre a produção da notícia perpassam a observação participante. Já Pereira Junior (1995 apud Vizeu 2010) afirma que através das entrevistas baseadas no referencial teórico e os objetivos propostos, a observação participante é umas das chaves para a pesquisa de campo. O que leva ao emprego da etnografia no jornalismo, pois “[...] propomos a noção provisória de *etnojornalismo*, observação sobre as práticas jornalísticas que resultam num produto chamado de notícia” (VIZEU, 2010, p. 234).

Lago (2010) explica que a ligação entre antropologia e jornalismo se instaurou no início do século XX, com a Escola de Chicago estudando a relação da mídia com o meio urbano. No jornalismo, fundamenta pesquisas sobre o *newsmaking*.

[...] Etnografia significa a descrição dos costumes (cultura) dos povos. Ampliando um pouco essa definição, podemos identificar que o produto do trabalho antropológico espera-se seja uma etnografia, entendida por muitos segundo a proposta de Geertz (1988), ou seja, uma descrição densa de determinada cultura, a que tem o acesso o antropólogo a partir de um intenso contato com essa cultura, feito em um tipo de trabalho de campo que, por sua vez, tem a observação participante como norteadora. (LAGO, 2010, p. 49)

Os estudos sobre a humanidade eram sempre trabalhados sobre o viés mitológico, artístico, teológico e filosófico. Só veio a tornar-se ciência, no final do século XVIII (LAPLANTINE, 2003).

O homem nunca parou de interrogar-se sobre si mesmo. Em todas as sociedades existiram homens que observavam homens. [...] a reflexão do homem sobre o homem e sua sociedade, e a elaboração de um saber são, portanto, tão antigos quanto a humanidade, [...] Mas o projeto de fundar uma ciência do homem – uma antropologia – é, ao contrário, muito recente. [...] começa a se constituir um saber científico (ou pretensamente científico) que toma o homem como objeto de conhecimento, e não mais a natureza; apenas nessa época é que o espírito científico pensa, pela primeira vez, em aplicar ao próprio homem os métodos até então utilizados na área física ou da biologia. (LAPLANTINE, 2003, p. 7)

Para Lago (2010), a observação participante é a marca que distingue a Antropologia das demais ciências do homem, sistematizada em 1922 por Bronislaw Malinowski. Uma vez que “[...] o objetivo é enfronhar-se de tal forma na vida dos grupos estudados a ponto de poder assimilar, de alguma forma sua cultura, o que poderá assim ser descrita. Também objetiva um processo de ser aceito pelo grupo” (LAGO, 2010, p. 51).

Nesse ponto, surge um conflito no que diz respeito à objetividade jornalística. Manter um distanciamento e ao mesmo tempo imergir na vida dos entrevistados, num gesto de alteridade que permitirá empatia e compreensão no discurso narrado por eles. É um paradoxo que o jornalista deve enfrentar.

Uma das correntes antropológicas estabelece que somente um nativo da cultura estudada ou alguém que aderiu a ela, pode compreendê-la verdadeiramente.

Apenas o índio (e, a rigor, aquele que se tornar seu adepto) é capaz de compreender o índio. Apenas o bretão é capaz de falar corretamente o bretão. Apenas o proletário pode saber o que é a classe operária. Apenas a mulher está em condições de compreender a mulher. (LAPLANTINE, 2003, p. 156)

Aplicando o conceito ao grupo trabalhado (Mães na Dor), pode-se declarar sem sombra de dúvidas, enfatizado por todas as mulheres entrevistadas, que só quem perdeu um filho sabe como é a dor. Por isso, na antropologia “é preciso cruzar os caminhos da empatia e da humildade” (DA MATA, 1978, p. 35).

Assim como o jornalismo ajuda a construir a realidade, para Laplantine (2003), uma teoria científica é a construção do real, não o seu reflexo. “Os fatos etnográficos são fatos cientificamente construídos, a partir de nossas observações, mas também

contra nossas observações [...] e nossas próprias interpretações espontâneas” (LAPLANTINE, 2003, p. 158).

Na antropologia, a diversidade se dá pelas diferentes vozes que se misturam entre o olhar nativo e o olhar do pesquisador.

São as diferentes dosagens realizadas, as diferentes combinações obtidas entre uma compreensão “por dentro” e uma compreensão “por fora”, entre a alteridade e a identidade, a diferença e a unidade, a subjetividade e a objetividade (mas também a sincronia e a diacronia a estrutura e o evento) que comandam o pluralismo antropológico. (LAPLANTINE, 2003, p. 161)

Outra comparação dá-se na junção entre jornalismo e literatura e sociologia e arte. Na pesquisa qualitativa, essa aproximação é mais vigorosa. “Aí é certo que se encontra a dimensão estética da disciplina, algo que os sociólogos da vertente etnometodológica e do interacionismo simbólico conhecem à sociedade” (COELHO, 1978, p. 177).

Travancas (2005), explica que a etnografia é um mergulho, que exige tempo e preparo, para isso, é fundamental pesquisar o assunto.

[...] É entendida como um método de pesquisa qualitativa e empírica que apresenta características específicas. [...] É fundamental, como etapa anterior à etnografia propriamente dita, um levantamento bibliográfico sobre o tema, a partir da leitura de clássicos e de outros estudos contemporâneos sobre o assunto e afins. Isso porque o pesquisador precisa estar minimamente “iniciado” no seu tema. Precisa saber o que já se disse e escreveu sobre o grupo escolhido antes de “entrar” nele. Saber quais as dificuldades e os riscos que vai encontrar. (TRAVANCAS, 2005, p. 100)

O papel do pesquisador/jornalista quando utiliza a observação participante é o de ver e sentir, mesmo que para isso necessite fazer parte do grupo estudado, realizando com isso um trabalho de etnografia.

O pesquisador se insere no grupo pesquisado, participando de todas as suas atividades, ou seja, ele acompanha e vive (com maior ou menor intensidade) a situação concreta que abriga o objeto de sua investigação. Porém, o investigador não “se confunde”, ou não se deixa passar por membro do grupo. Seu papel é o de observador. Exceto em situação extrema, em que, por opção metodológica, decide fazer-se passar por membro do grupo, acreditando ser a melhor forma de poder captar as reais condições e os sentimentos do investigado. O pesquisador é autônomo. O “grupo”, ou qualquer elemento do ambiente, não interfere na pesquisa, no que se refere à formulação dos objetivos e às demais fases do projeto, nem no tipo de informações registradas e nas interpretações dadas ao que foi observado. (PERUZZO, 2005, p. 133-134, grifos do autor)

Uma ferramenta no método etnográfico que auxilia na observação é o diário de campo, “[...] onde serão anotadas todas as impressões do pesquisador sobre o cotidiano dos pesquisados. Independente do suporte (um caderno, folhas, computador, gravadores), [...]” (LAGO, 2010, p. 52). Essa ferramenta funciona como uma assistente na produção do processo do trabalho, proporcionando uma melhor paisagem no momento de elaboração da escrita.

De acordo com Geertz (2008) a etnografia é uma descrição densa, rica em detalhes. O que a distingue de uma simples descrição é que a primeira aponta os motivos do comportamento observado, para lhe atribuir significado. É uma avaliação profunda.

O que o etnógrafo enfrenta, de fato [...] é uma multiplicidade de estruturas conceptuais complexas, muitas delas sobrepostas ou amarradas umas às outras, que são simultaneamente estranhas, irregulares e inexplícitas, e que ele tem que, de alguma forma, primeiro aprender e depois apresentar. [...] Fazer a etnografia é como tentar ler (no sentido de “construir uma leitura de”) um manuscrito estranho, desbotado, cheio de elipses, incoerências, emendas suspeitas e comentários tendenciosos [...] (GEERTZ, 2008, p. 7)

Roberto da Matta (1978) divide a pesquisa em três etapas: a) teórico-intelectual, b) o período prático e c) fase pessoal ou existencial. O primeiro passo é a parte mais objetiva, técnica, definida nos manuais de ciências sociais. É a base teórica, menos sujeita a interpretações. É a descrição conceitual do que se propôs a estudar. Neste momento, a subjetividade, a observação, a interação e as percepções do pesquisador não são válidas, pois se deve elencar o material pré-existente e cientificamente legitimado.

O segundo passo refere-se ao planejamento do trabalho de campo. A aquisição das ferramentas necessárias para esta etapa. É imaginar as possibilidades de adversidades que possam aparecer e prover alternativas necessárias para a solução de problemas ou evitar o aparecimento deles.

Ao trazer para o cotidiano do jornalismo, seria o equivalente a enumerar o equipamento, por exemplo, para uma apuração externa: papel, caneta, gravador, câmera, máquina fotográfica, celular, carregador, bateria etc. E outras questões logísticas: tempo para a coleta, meio de transporte para chegar ao local, hospedagem, roupas adequadas ao ambiente, acessórios para proteger da chuva ou do sol, ligações telefônicas necessárias e até recursos financeiros. Enfim, é a vivência prática do pesquisador e não a narração da experiência dos teóricos já legitimados.

O terceiro passo diz respeito às conclusões subjetivas do pesquisador, os ensinamentos que o trabalho lhe agregou. “É por isso que eu a considero como essencialmente globalizadora e integradora: ela deve sintetizar a biografia com a teoria, e a prática do mundo com a do ofício” (DA MATTA, 1978, p. 25).

Bosi (1994) trabalha um método de abordagem que envolve amizade e confiança com a fonte, muito além da simpatia. Com base nessa técnica de aproximação, tão cara ao jornalismo, entra em cena a observação participante, que estreita a relação entre jornalista e fonte, tornando o contato mais interativo e espontâneo.

Nesse momento comentei que bebo pouca água, e ela disse que também sentia pouca sede e segui falando sobre a saúde dos rins. Esse ponto em comum, por mais insignificante que seja quebra o “gelo”, cria empatia e abre espaço para que ela se sinta à vontade para conversar, que esqueça que é uma entrevista e fale sem constrangimentos a alguém normal, que assim como ela, não gosta de beber água.

Em outro momento, falei que andava de ônibus e apesar de ser habilitada, tinha medo de dirigir. Ela disse que estava vendendo um carro, que comprou para facilitar e dar mais conforto, mas também nunca teve coragem de aprender a dirigir e ele não estava servindo para nada. Outro ponto em comum.

Romam Jakobson refletirá que a observação mais completa dos fenômenos é a do observador participante. Uma pesquisa é um compromisso afetivo, um trabalho ombro a ombro com o sujeito da pesquisa. E ela será tanto mais válida se o observador não fizer excursões saltuárias na situação do observado, mas participar de sua vida. A expressão “observador participante” pode dar origem a interpretações apressadas. Não basta a simpatia (sentimento fácil) pelo objeto da pesquisa, é preciso que nasça uma compreensão sedimentada no trabalho comum, na convivência, nas condições de vida muito semelhantes. (BOSI, 1994, p. 38)

Embora mantenham semelhanças sutis, a observação participante e a etnografia distinguem-se em alguns pontos. A pesquisa-participante ou pesquisa ação leva o pesquisador até o campo estudado, que pode se colocar no lugar do outro para compreender os fatos à sua volta. Os sujeitos investigados participam de todo o processo e recebem os resultados em seguida. Na etnografia, o estudioso não só observa, mas, também, interage como membro do grupo pesquisado, que está de acordo com os objetivos da pesquisa e essa inclusão do pesquisador, que pode ter se inserido para estudar ou já ser um membro prévio do campo investigado. Geralmente, há compromisso em compartilhar os resultados.

2.4 HISTÓRIAS DE VIDA E HISTÓRIA ORAL

As histórias de vida fazem parte da metodologia utilizada para contar trechos da vida das personagens. Foram obtidas por meio das entrevistas em profundidade, que captadas em encontros presenciais e gravadas em áudio, têm na sua gênese o método de história oral. As técnicas foram mescladas para compor o processo de produção do livro-reportagem, por apresentar características de uma e de outra no decorrer da construção do trabalho.

Vilas-Boas (2003), também, bebe da fonte das histórias de vida:

Há ainda uma expressão mais abrangente e aberta, nascida no contexto das pesquisas qualitativas em Ciências Sociais (sociologia, antropologia, história, psicologia): Histórias de vida. Essa modalidade dá atenção total ou parcial às narrativas sobre as vidas de indivíduos ou de grupos sociais, visando humanizar um tema, um fato ou uma situação contemporânea. Na sua versão mais abreviada, a história de vida examina episódios específicos da trajetória do protagonista. (VILAS-BOAS, 2003, p. 16-17)

As histórias de vida são relatos sobre a bio (vida) de alguém, contados de forma viva e interessante. Os primeiros autores a estudar o tema foram Pierre Dominicé, Cristine Josso, Guy de Villers, Bernadette Courtois, Guy Bonvalot, António Nóvoa, Matthias Finger e Gastón Pineau. Este último conceitua os relatos de vida como um aprofundamento da narrativa.

O relato de vida aponta para a importância da expressão do vivido pelo ‘desdobrar narrativo’, quer essa enunciação seja oral ou escrita. A aparição e o aumento da expressão no século XX acompanha a revolução técnica das multimídias: o cinema e o vídeo liberam a palavra do (texto) escrito e ampliam os modos de coleta e tratamento da informação. (PINEAU, 2006, p. 340)

Já as histórias de vida, propriamente ditas, estão interligadas aos relatos de vida e correntes biográficas e autobiográficas. Assim, “[...] assistimos à eclosão e ao desenvolvimento da corrente que se intitula história de vida para significar, primeiramente, o objetivo perseguido de construção de sentido temporal” (PINEAU, 2006, p. 341).

A história de vida, por sua vez, se define como o relato de um narrador sobre sua existência através do tempo, tentando reconstituir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu. Narrativa linear e individual dos acontecimentos que nele consideram significativos, [...]

Porém, o relato em si mesmo contém o que o informante houve por bem oferecer, para dar ideia do que foi sua vida e do que ele mesmo é. Avanços e recuos marcam as histórias de vida; e o bom pesquisador não interfere para restabelecer cronologias, pois sabe que também estas variações no tempo podem constituir indícios de algo que permitirá a formulação de inferências, [...] (QUEIROZ, 1988, p. 20)

Segundo Queiroz (1988), a história oral era denominada de relato, nas ciências sociais e muito valorizada em contraposição aos métodos quantitativos (mais preocupada com números do que significados), empenhada na riqueza dos detalhes, sons e pontos de vista do fato social.

[...] O relato oral se apresentava como técnica útil para registrar o que ainda não se cristalizara em documentação escrita, o não conservado, o que desapareceria se não fosse anotado; servia, pois, para captar o não explícito, quem sabe mesmo o indizível. (QUEIROZ, 1988, p. 15)

Queiroz (1988) vai mais além e, afirma que o relato oral se constituiu como a maior fonte de difusão do saber.

[...] Fora a maior fonte de dados para as ciências em geral. Em todas as épocas, a educação humana (ao mesmo tempo formação de hábitos e transmissão de conhecimentos, ambos muito interligados) se baseara na narrativa [...] O relato oral está, pois, na base da obtenção de toda a sorte de informações e antecede a outras técnicas de obtenção e manutenção do saber; [...] Na verdade tudo quanto se narra oralmente é história, seja a história de alguém, seja a história de um grupo, seja história real, seja ela mítica. (QUEIROZ, 1988, p. 16-19)

Na construção do livro-reportagem, a história oral serviu de base de captação para as histórias de vida. Embora, tenham características semelhantes há diferenças nítidas entre as histórias de vida, as entrevistas, os depoimentos pessoais e as biografias. Utilizados na coleta e elaboração dos dados de forma simultânea, mas sem que uma anule a outra. A utilização do gravador foi indispensável para a captação da história oral contada pelas personagens.

Queiroz (1988) caracteriza a história de vida pela quantidade de entrevistas realizadas com a mesma fonte. O assunto não se esgotaria em poucos encontros, devido ao trabalho exaustivo para quem pergunta e para quem responde e a infinidade de assuntos abordados. Por vezes, o narrador quer acrescentar mais informações e tem dificuldades em finalizar a entrevista. É preciso estar atento que esses encontros demandam tempo e a transcrição dessas entrevistas também, o que torna o trabalho longo. Isso ocorreu em algumas das entrevistas realizadas para este trabalho, que por

vezes eram encerradas a pedido da fonte que teria outro compromisso ou para não desgastá-las em excesso.

A parte mais difícil é desligar o gravador. O equipamento permanecia gravando até nas pausas, para captar qualquer coisa que pudesse servir para a narrativa a posteriori. Embora, a maior parte das entrevistas tenham sido realizadas em apenas um encontro, a comunicação com as fontes perdurou por outros meios (e-mail, *WhatsApp*, *Facebook*, ligações telefônicas), o que sanou as possíveis dúvidas e atualizações dos casos, além de complementações de dados, o que mantém o livro-reportagem como um produto das histórias de vidas.

Nas histórias de vida não há obrigação de que o relato seja a descrição exata do real, pois é antes uma interpretação da fonte, seu ponto de vista sobre o que está sendo narrado. Isso não retira a veracidade nem a credibilidade do que foi dito, mas lança mão da rigidez. Ela pode não lembrar exatamente o dia em que algo citado ocorreu ou detalhes que não diminuam a qualidade da narrativa.

Toda história de vida encerra um conjunto de depoimentos. [...] O relato de algo que o informante efetivamente presenciou, experimentou, ou de alguma forma conheceu, [...] Desta forma, nas ciências sociais, o depoimento perde seu sentido de “estabelecimento da verdade” para manifestar somente o que o informante presenciou e conheceu. (QUEIROZ, 1988, p. 21)

Ainda de acordo com Queiroz (1988) é possível diferenciar os conceitos de história de vida e depoimento. No primeiro, a fonte decide sobre o que vai falar e o entrevistador permanece em silêncio. No segundo caso, o pesquisador conduz a entrevista.

Da “vida” de seu informante só lhe interessam os acontecimentos que venham a se inserir diretamente no trabalho [...] Se o narrador se afasta em digressões, o pesquisador corta-as para trazê-lo de novo ao assunto. [...] fugindo do que lhe parece supérfluo e desnecessário. E é muito mais fácil a colocação do ponto final neste caso, assim que o pesquisador considere ter obtido o que deseja. [...] A entrevista pode se esgotar num só encontro; os depoimentos podem ser muito curtos, residindo aqui uma de suas grandes diferenças para com as histórias de vida. [...] embora o pesquisador [...] dirija o colóquio, [...] suas interferências devem ser reduzidas, pois o importante é que sejam captadas as experiências do entrevistado. Este é quem determina o que é relevante ou não narrar [...] Nada do que relata pode ser considerado supérfluo, pois tudo se encadeia para compor e explicar sua existência. Pode ser difícil fazê-lo concluir, pois há sempre mais e mais acontecimentos [...] que a memória vai resgatando. (QUEIROZ, 1988, p. 21, grifo do autor)

No livro-reportagem produzido, embora algumas entrevistas tenham sido concluídas em apenas um encontro e houvesse a interferência constante do jornalista, contrapondo e questionando a resposta e até mesmo provocando a memória dos entrevistados, o processo de captação de informações se assemelha muito mais às histórias de vida, na qual as fontes tiveram liberdade.

A personagem não era interrompida, a menos que fosse para acrescentar algo à sua narração. O tipo de entrevista em que o repórter se atém somente ao que lhe interessa e ignora o que está fora do roteiro, impedindo que a fonte se debruce sobre isso é mais comum no jornalismo periódico, devido ao tempo.

Na maioria das vezes, o repórter ainda tem outras pautas para apurar e não pode dispensar o tempo que gostaria ao seu entrevistado. De maneira mais sensível, este é descartado após cumprir o propósito do jornalista, gerando uma sensação de “ser usado”, com utilidade apenas por minutos durante a entrevista.

O procedimento metodológico é apenas uma fração do trabalho.

[...] Toda técnica é mecanismo de captação do real, em sociologia, e não pode ser confundida com o material reunido, isto é, com os dados. A captação dos dados nas ciências sociais pode servir para a construção de biografias, porém não é esse o trabalho do pesquisador. [...] Para ele, o levantamento de dados é o primeiro momento de um processo que se desenrola em várias fases, [...] se escalonando a partir do projeto de trabalho, passando pela coleta do material, pela sua análise, até chegar ao término com o relatório final ou a publicação do livro. [...] A história de vida, como qualquer outro procedimento empregado na coleta de dados, é, pois, um instrumento, não é nem coleta, nem produto final da pesquisa; [...] (QUEIROZ, 1988, p. 29-30)

Embora história de vida refira-se à vida de alguém, há muitos elementos que permitem a análise do meio social, através do contexto revelado pela personagem. Não se pode desvincular as duas dimensões.

[...] A história de vida permite à pesquisa sociológica [...] o livre fluir do discurso – na relação interpessoal entre entrevistador e entrevistado – que dá lugar à emergência dos fatores cruciais de uma vivência pessoal, que não é jamais somente individual, mas profundamente inserida no corpo social. (CIPRIANI, 1988, p.122)

Não restam dúvidas do caráter pessoal e social da história de vida em uma relação dialética e ambivalente. Esses fatores promovem um retrato mais humano ao estudo, o que gera um embate entre os adeptos da pesquisa qualitativa e quantitativa, que exige informações numéricas para dar exatidão e credibilidade aos resultados. No

entanto, a ausência de números não desmerece nem coloca em xeque sua autenticidade como provas científicas.

Pode-se considerar que faltem à história de vida, sem nenhuma dúvida, dados estatísticos sólidos; mas ela revela, em sua própria dispersão, a presença constante de uma relação entre as pessoas, em termos de uma dimensão que parece, ao mesmo tempo, singular e universal. Não é por acaso que o protagonista de uma história de vida reconstrói a seu modo a visão que tem do mundo. (CIPRIANI, 1988, p.136)

Além de contar com características biográficas, a história de vida permite compreender determinada sociedade em um dado momento histórico, social, cultural ou econômico. No livro-reportagem elaborado, através dos depoimentos das mães, foi possível traçar, mesmo que de forma fracionária, o contexto de violência na Paraíba, enxergar a situação maior a partir da circunstância menor (isolada).

O sociólogo vai, portanto, apreender numa história de vida as visões do mundo, indistintas e fascinantes, para fixá-las em um esquema de análise, em um quadro de interpretação do social. Trata-se justamente de olhar o “pequeno mundo” com o objetivo de falar do “grande mundo”, ou seja, olhar o indivíduo e sua família para interpretar a comunidade e a sociedade. [...] mas o sociólogo é um observador que provocará a evocação dos menores detalhes, enfatizando a descrição do meio social, com uma penetração extremamente sutil, original e, contudo, científica. O criador e o evocador do mundo vital é sempre o entrevistado; o sociólogo é o observador-analista. (CIPRIANI, 1988, p.137, grifo do autor)

Por outro lado, a própria entrevista aberta já levaria automaticamente à história de vida.

[...] Uma entrevista de tipo aberto se define como história de vida uma vez que utiliza a vivência do entrevistado de maneira longitudinal, buscando encontrar padrões de relações humanas e percepções individuais, além de interpretações sobre a origem e o funcionamento dos fenômenos sociais. (BUIIONI, 1986, p. 39 apud LIMA, 2009, p. 93)

Por um lado, na construção do livro-reportagem *Mães na Dor*, foi utilizado o tipo de história de vida segmentada, uma vez que o elo que as une e que as fez objeto de reportagem é a perda dos filhos. O passado, o presente e o futuro estão relacionados aos aspectos de suas vidas.

[...] No contexto das pesquisas denominadas *biográficas*. Grosso modo, há dois tipos de histórias de vida. A história de vida dita *completa* é aquela que se refere à vida de um indivíduo ou de uma família em seu conjunto, e que

tende, em princípio, a abranger as suas principais dimensões. Por certo, priorizam-se necessariamente alguns temas, o que implica na ausência ou na sub-representação de outros. A segunda é a história de vida *segmentada* ou *tópica*, porque ela se articula em torno de um tema central e só procura abranger algumas dimensões ou problemáticas específicas da vida do ator (vida profissional, experiência de divórcio, etc.). (PIRES, 2008, p. 176-177)

Utilizar histórias de vida é evocar o passado, abrir uma caixa de imagens e representações para dar sentido ao presente. E, assim, oportunizando a construção das narrativas neste trabalho sobre a violência e as dores das mulheres e mães da Paraíba.

2.5 MEMÓRIA

Este procedimento foi empregado na captação das informações durante as entrevistas. Uma vez que, intrinsecamente, ao contar suas histórias de vida, as personagens falavam de suas memórias, ativavam a memória recente e a antiga, relembando acontecimentos marcantes e outros, os quais já estavam arquivados e voltaram a ser mencionados. Essa técnica é muito comum no livro-reportagem.

Entendido como resgate de riquezas psicológicas e sociais, esse método de captação encontra melhor aplicabilidade no livro-reportagem. Pela reconstrução que faz o narrador, é ultrapassado o limite seco, diminuto, da informação concreta nua e chega-se a uma dimensão superior de compreensão tanto dos atores sociais como da própria realidade maior em que se insere a situação examinada. (LIMA, 2009, p. 127)

Lima (2009) explica que as memórias são um gênero que se aproxima das biografias, com a diferença de que não precisam narrar a vida inteira. Ela focaliza na lembrança do passado do protagonista mais que o contexto da época, em primeira pessoa. Assim, “são trabalhos autobiográficos ou não, sobre uma etapa da vida de uma pessoa ou sobre um ou mais episódios do qual participou” (LIMA, 2009, p. 428).

Nas entrevistas gravadas, a *fonte histórica* é o Homem e sua memória, reavivada pela presença ativa do entrevistador-pesquisador. Tal como em um discurso, ou em uma correspondência, trata-se de uma versão parcial e pessoal de situações e acontecimentos, sob interferência da ideologia. [...] em memórias ou entrevistas, a reconstituição é total, e a *ideologia se movimenta*, deslocando suas fronteiras, pois o ator reinterpreta antigas percepções e sentimentos, em função de uma situação presente. (CAMARGO, 1978, p. 293, grifos do autor)

O narrador tem a função de costurar os retalhos das memórias da personagem a fim de dar sentido à construção narrativa, de compreender e tornar compreensível ao

leitor a trajetória, em um nível maior de profundidade, que permita a visualização do contexto em que está inserido, em detrimento de relatos superficiais. É a memória que vai trazer os fatos que formarão essa colcha cheia de retalhos. Ela pode ser exata em alguns pontos e menos precisa em outros, como as datas citadas, roupas usadas em certa ocasião e determinados diálogos. Portanto, trata-se da versão que a memória da personagem permite-se reviver, mas não retira o seu grau de legitimidade e veracidade dos fatos.

CAPÍTULO 3 - RESULTADOS (PRODUTO MIDIÁTICO)

Livro-reportagem Mães na Dor: mulheres órfãs de filho

Introdução

Nos últimos 10 anos⁷, 13.661 pessoas morreram assassinadas na Paraíba, segundo dados da Secretaria de Estado da Saúde. No ano passado ocorreu um homicídio a cada seis horas⁸. Não há um dia sequer de paz. O crescimento da violência no Brasil e no mundo não é novidade. A temática está diariamente presente na mídia, porém, a maneira como é abordada tem contribuído para a banalização da recepção. De tão comum, os crimes já não causam mais comoção, o choque “é apenas mais um, como foi ontem, como será amanhã”. E, assim, as estatísticas vão engordando enquanto uma parcela da população não percebe ou prefere não se preocupar com tal questão. Cobra-se dos governos, delega-se à polícia, à escola. É um jogo de passa ou repassa da responsabilidade sobre a segurança pública. Na prática, a violência se perpetua e em vez de resolver, o problema aumenta.

É preciso entender que promover a cultura da paz depende de um esforço coletivo, ancorado no esforço individual, onde cada um tem uma contrapartida a oferecer. O sistema penal brasileiro não funciona e não muda. A polícia prende, o judiciário se vê com a superlotação dos presídios, com as brechas nas leis e solta o indivíduo. Em vez de ressocializar, as penitenciárias subumanas profissionalizam os criminosos. É uma fábrica do crime.

O engajamento na corrente para a construção de um mundo de paz não implica, somente, na participação em manifestações sociais e entidades. É possível ser um membro ativo em todos os setores da sociedade, não apenas em um específico. E o Jornalismo não pode se omitir da sua função e responsabilidade social. A cobertura da violência deve ir além do factual, dos noticiários policiais que tratam as vítimas como mais um na conta e muitas vezes até desrespeitando os direitos humanos. Pessoas não são números e é preciso sair da caixa do lead (quem, o quê, quando, onde, como e por que) e humanizá-las.

⁷ Dados de 2008-2017 extraídos do Sistema de Informações sobre Mortalidade (SIM).

⁸ Foram 1.359 assassinatos em 2016, 1 a cada 6,44 horas.

Pessoas se sensibilizam com pessoas. Nessa perspectiva, o livro-reportagem *Mães na Dor: mulheres órfãs de filhos* retrata a violência pelo lado humano, o ser. A dor de quem fica, o sofrimento vitalício da família e a fatalidade de quem se foi. Conta a história de um grupo de mães que perderam os filhos em decorrência da violência. Elas somam cerca de 200 membros. E, nesta obra estão narrados os perfis de cinco integrantes, que representam o todo e tantas outras que sofrem sozinhas.

Dina, Ana Gláucia, Célia, Régia e Hipernestre foram escolhidas por indicação de Hiper, a fundadora do grupo. Outras sugestões foram oferecidas, porém não realizadas por falta de interesse de algumas e incompatibilidade de agenda de outras. O grupo foi escolhido pelo pioneirismo e organização. Já está legitimado e consolidado, embora o ativismo tenha enfraquecido nos últimos anos.

Os estudos sociológicos também precisam transpor os muros da academia. É notável que a mídia possui um poder de difusão e impacto muito maior e, portanto, maior também é a sua responsabilidade. Dar visibilidade a essas histórias é uma tentativa de humanização do tema, sensibilizando o conjunto social para o combate à violência. Mostrar as mulheres além da dor e suas histórias de vida cria uma empatia com o leitor, que observa que são pessoas comuns. E, que poderia ser qualquer um de nós. Essa identificação interrompe a hipnose do banal no cotidiano. São histórias que perpassam o drama, a luta por justiça e pelo fim da impunidade, como estratégias de superação e desejo constante de manter viva a memória dos filhos.

O livro está dividido em três partes. A primeira traz os cinco perfis das mães selecionadas. A segunda, fala sobre o grupo: fundação, trajetória, dificuldades. A terceira é mais autoral, trata das impressões do autor sobre o processo de construção deste livro-reportagem.

Segundo o Atlas da Violência 2017⁹, o número de homicídios na Paraíba dobrou em 10 anos, foi um aumento de 104,3%. Há quem defenda o argumento de que seria normal, dado o crescimento da população. Todavia, a taxa de homicídios, que avalia a demografia, também, apresentou crescimento considerável: 38,3 para cada 100 mil habitantes. Um crescimento de 84,9%. Em 2005 a taxa era 20,7.

E para derrubar de vez o argumento de que quanto maior a população, maior a violência. Santa Rita, Região Metropolitana de João Pessoa, aparece no estudo como o

⁹ O estudo publicado em 2017 analisa dados de 2005 a 2015.

22º município mais violento do país¹⁰, com taxa de 74,1 bem acima do índice no Estado. A capital, João Pessoa, que possui cinco vezes mais habitante¹¹, aparece abaixo com taxa de 60,1.

O Anuário Brasileiro de Segurança 2016¹² destaca João Pessoa, como a segunda capital com maior taxa de homicídio doloso do país: 58,34, ficando apenas atrás de Fortaleza, com 61,9. A taxa de latrocínio aumentou 72,6% entre 2014 e 2015, passando de 0,5 para 0,9 por 100 mil pessoas.

A Paraíba também figura entre as primeiras posições no ranking do Mapa da Violência 2016. O município do Conde¹³, Litoral Sul do Estado é o 4º do Brasil com maior taxa média de homicídios por arma de fogo: 94,4 por 100 mil habitantes. Perde apenas para Mata de São João (Bahia), Murici e Satuba (Alagoas): 102,9; 100,7 e 95,4 respectivamente. João Pessoa situa-se na 44ª posição, com taxa de 62,9.

Outros municípios paraibanos aparecem na lista: Mari: 49,5 (106º), Patos: 48,0 (116º), Alhandra: 48,0 (117º), São Bento: 46,2 (129º), Lucena: 45,8 (134º) e Cabedelo: 45,3 (139º)¹⁴. A Paraíba subiu da 16ª posição em 2000, para a 6ª do país em 2014, passando de 11,5 para 31,9 homicídios por armas de fogo por 100 mil pessoas.

Ainda de acordo com o Mapa da Violência, 93,7% das vítimas na Paraíba são homens. A maior parte está na faixa etária dos 15 a 29 anos, com taxa de 76,9 por 100 mil habitantes. Os jovens e adultos jovens são as maiores das vítimas da violência. Os negros também são os que mais morrem, enquanto para estes a taxa é de 43,4; o índice na população branca cai para 4,5. A Paraíba é o 3º estado do Brasil que menos mata os brancos. Acre (3,0) e Piauí (3,3) são os primeiros. Por outro lado, é o 5º do país que mais mata negros, atrás de Alagoas (71,7), Rio Grande do Norte (52,0), Sergipe (49,7) e Espírito Santo (46,4).

Em relação à vitimização de negros (porcentagem a mais de mortes negras sobre as brancas), a Paraíba é o 2º estado do país com maior percentual. Morrem 868,3% negros a mais que os brancos.

¹⁰ O ranking aponta os 30 municípios mais violentos com população superior a 100 mil habitantes. Santa Rita possui 134.940 habitantes.

¹¹ População de João Pessoa: 791.438 habitantes.

¹² O estudo também utiliza dados de 2015.

¹³ População média do Conde entre 2012 e 2014: 22.941 habitantes. A taxa média analisada na pesquisa considera a variação entre os anos de 2012 e 2014. A população considerada para João Pessoa é 764.274. Cada estudo utiliza fontes diferentes e anos de referência, o que explica a divergência nos dados. O rankingé construído com os municípios acima de 10 mil habitantes.

¹⁴ Número de habitantes: Mari: 21.535. Patos: 104.089. Alhandra: 18.750. São Bento: 32.433. Lucena: 12.375. Cabedelo: 62.540.

No Brasil, em 2014, 12.534 pessoas morreram de AIDS. As mortes por armas de fogo mataram quase quatro vezes mais, foram 44.861 mil óbitos. Em 2012, o país era o 4º do mundo em exportação de armas de fogo¹⁵, ultrapassando a Rússia (7º) e China (8º). A pesquisa também compilou dados do World Health Organization Statistical Information System (WHOSIS)¹⁶ e, aponta que o Brasil é o 10º com mais homicídios por arma de fogo no planeta.

O Observatório de Homicídios do Instituto Igarapé apontou, que no mundo são assassinadas 437 mil pessoas por ano. Na América Latina, 66% dos crimes são praticados por arma de fogo¹⁷. Dos seis jovens mortos que fazem parte da narrativa deste livro, cinco foram vítimas de tiros, apenas uma por estrangulamento.

Realizadas por instituições diferentes, todas as pesquisas convergem quando concluem que a violência cresce vertiginosamente. Tal constatação reforça a ideia de que o tema, por mais batido que seja, precisa continuar sendo trabalhado insistente e profundamente. *Mães na Dor: mulheres órfãs de filhos* é um livro que fala sobre a violência, mas, sobretudo, sobre amor.

“A criminalidade toma conta da cidade, a sociedade põe a culpa nas autoridades... eles querem acabar com a violência, mas a paz é contra a lei e a lei é contra a paz¹⁸”...

¹⁵ A fonte utilizada para esta informação no Mapa da Violência é a Pesquisa de Armas Leves (Small Arms Survey).

¹⁶ Sistema de Informações Estatísticas da Organização Mundial da Saúde.

¹⁷ Último relatório produzido em 2013. Informações mais detalhadas em: <http://www.igarape.org.br/pt-br/observatorio-de-homicidios/>

¹⁸ Música Cachimbo da paz, Gabriel O Pensador.

Primeira parte:
As mães além da
dor

Esta é uma história de dor, de força e, acima de tudo, de amor. É a luta das mães desfilhadas em busca de justiça, cada uma à sua maneira. Como algumas delas mesmas se definem, são mulheres mutiladas, pois o cordão umbilical invisível que as unia aos filhos nunca foi rompido.

Essas são as histórias de vida das mães de Everton, Aryane, Elton, Natan, Rogério e Dudu. Além de mães, são mulheres, que desde cedo enfrentaram dificuldades e tentam superar as marcas da violência que cruzaram seus caminhos. Como posso explicar o que é ser mãe, se nunca fui? Elas tentam definir o significado dessa frase. Essas mulheres sempre foram guerreiras, antes mesmo de ter que enfrentar o pior pesadelo.

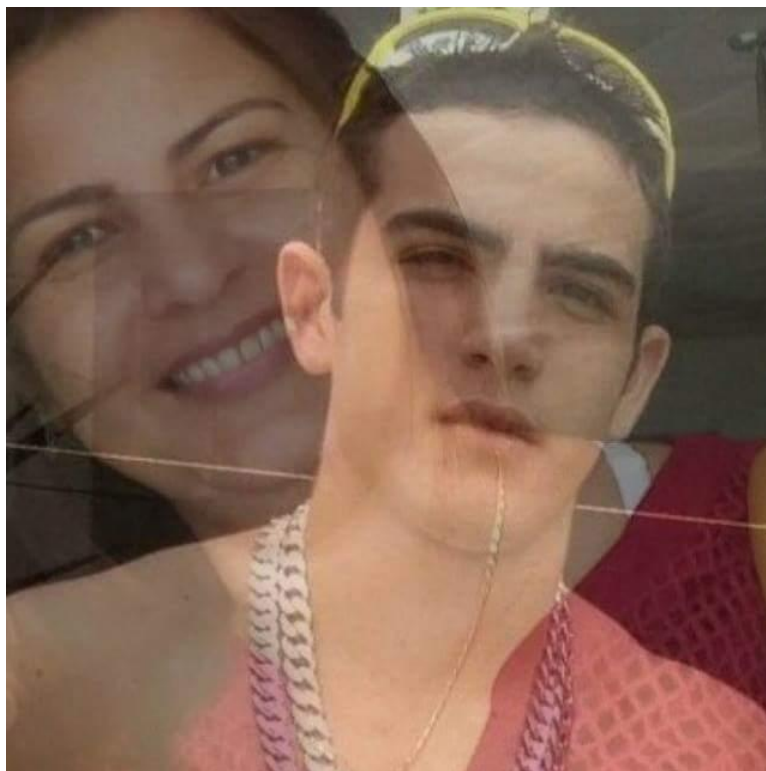
A angústia de perder um filho se apresenta de uma forma, a de conviver com a perda pelo resto da vida, de outra. E a batalha contra a impunidade é o elo que as une. A cada prisão de um assassino, um alívio. Porém, nem todos os casos tiveram um desfecho justo.

Em outubro de 2008, Dudu foi assassinado aos 23 anos em uma pizzaria próximo à sua casa. Dois anos depois, em março de 2010, Everton Belmont, de 27 anos foi morto à queima-roupa durante uma discussão por causa de um cheque de R\$ 500,00. Um mês depois, Aryane Thaís, com 21 anos, é estrangulada pelo namorado porque se recusou a fazer um aborto. Sua mãe, Hipernestre Carneiro, inicia a peregrinação do Grupo Mães na Dor. Em outubro do mesmo ano, mais uma mãe na estatística: Elton, 22 anos, é executado por traficantes. Em 2014, um triângulo amoroso matou Higor Natan aos 21 anos também em outubro. E em outubro de 2015, Rogério, irmão de Dudu, foi assassinado dentro da própria casa, aos 34 anos.

Mais que a dor, o que se pretende revelar é como vivem essas mulheres, seus anseios e suas perspectivas. O que mudou com a morte dos filhos e, de que maneira, a união as ajuda a seguir em frente e a acolher outras mães que, infelizmente, não cessam de chegar ao grupo.

Nasceu e morreu em seus braços

(Dina)



(Foto: arquivo pessoal)

Tudo aconteceu na minha casa. Aí eu não tive mais condições de ficar lá não. Ele tinha um namoro de quatro anos e ele terminou esse namoro em dezembro de 2013, teve uma discussão com a namorada e terminou. Então, poucos dias depois a namorada dele começou a namorar com esse rapaz, que eles eram conhecidos, não eram amigos. Eu não sei se passou uns 15 dias ou mais, aí ela ficou com ele, essas turmas de adolescentes. Aí Natan teve uma discussão com ele por conta dela e depois de algum tempo Natan renovou o namoro. Mas ficou essa rixa deles. Então dez meses depois, Natan tava chegando do trabalho, ele abriu o portão, desceu da moto, levantou as mãos, como se fosse um assalto. Eu tava na janela, aí alguém disse 'perdeu boy'. Eu pensei que fosse alguém que tivesse chegado com ele, algum amigo brincando. Na garagem de casa. Quando ele apontou a arma eu gritei não faz isso não, não faz isso não. Quando ele deu o primeiro disparo eu ainda corri e empurrei ele, ele ainda apontou a arma pra mim, a arma falhou. Ele ainda deu mais dois ou foi três tiros. Quando Natan caiu, ele subiu na moto e foi embora. Até então eu não conhecia ele,

depois que eu vim saber quem era. Era conhecido dele e teve essa discussão por causa desse namoro. Ele ficou lá agonizando, não deu tempo nem de ser socorrido. Uns trinta dias depois esse cara foi preso, ele já tava foragido, tava em Patos, interior da Paraíba. Aí ele tá preso. Ele chegou lá em casa num carro. Até então a gente não sabia, eu pensava que ele tinha vindo de moto. Natan veio de moto, ele veio num carro com um amigo e veio um cara numa moto atrás. Ele fez a execução subiu na moto e fugiu, mas, ele chegou num carro. Então, esse cara da moto também tá preso, tá no Róger e esse do carro que foi quem levou ele, está foragido, mas, também está com a prisão dele decretada. Havid José, que está com a prisão decretada e está foragido. E Toy Oliveira está preso, está no Róger, que foi o piloto da moto.

Dina narrou o momento da morte do filho, que morreu em seus braços, assim como em seus braços esteve logo que nasceu. O depoimento cheio de emoção foi dado em maio, no dia 7: um dia após o crime ter completado sete meses. Nos encontramos quase dois anos depois, em abril, no dia 6: na véspera do crime completar dois anos e meio. Era outra Dina, mais serena, que apesar da dor escolheu outra forma de viver com ela: o caminho da compaixão.

– O que você vai me perguntar? Eu não quero falar sobre aquele dia.

– Então não fale, eu não vim te causar dor ou trazer incômodo. O dia eu já sei.

Fale de você, eu quero te conhecer.

Nosso diálogo começou assim, no sofá da sua casa. Ela desmarcou alguns compromissos para me receber. Enquanto eu caminhava pelo luxuoso condomínio, ficava imaginando como ele seria mais alegre com a presença dos risos de Natan que eu nunca ouvi, no entanto, desenhei sonoramente em minha cabeça a partir do que ouvi de Dina na primeira entrevista que tivemos há dois anos. Ubaldina foi a última mãe a quem entrevistei e o primeiro perfil que escrevi, nem tanto para seguir a lógica de que “os últimos serão os primeiros”, mas, porque o primeiro caso com que tive contato na Paraíba foi o de Higor Natan.

Do interior à cidade grande

Em cidade do interior as coisas eram muito difíceis, aí a gente veio pra tentar a sorte em 1982. Eu tenho cinco irmãos. Naquela época meu pai resolveu vir buscar uma

nova vida na cidade grande. Morava em Cruz das Armas, como ele já era comerciante, lá vendia fruta, verdura, comprou um banco de feira, vendia farinha em Oitizeiro. A gente era muito pequena.

Ubalдина Rodrigues de Figueiredo Silva respirou pela primeira vez em 1972. Um ano bissexto. Um ano singular. O mesmo ano em que Juscelino Kubitschek visitou a Paraíba, em que a delegação de Israel sofreu um atentado nos Jogos Olímpicos de Munique, em que Richard Nixon foi eleito presidente dos Estados Unidos, Juan Perón volta do exílio à Argentina e Emílio Médici presidia o Brasil, não por mérito democrático, sendo o terceiro presidente do período militar. Considerado o ano mais repressivo da ditadura militar, no qual a tortura era o prato do dia dos brasileiros. Na Paraíba, Ernâni Sátiro governava o estado. A rodovia Transamazônica, que começa em Cabedelo e vai até o Amazonas, era inaugurada.

O ano de 1972 foi um ano de muitos adventos. A última nave a levar homens à Lua, Apollo 17, foi lançada. Na tecnologia, o primeiro videogame do mundo foi criado nos Estados Unidos (Odyssey 100). No mundo da bola, o Palmeiras sagrou-se pentacampeão brasileiro de futebol com apenas um empate em 0 x 0 contra o Botafogo. No automobilismo, Emerson Fittipaldi é o primeiro brasileiro a ser campeão mundial de Fórmula 1 com duas provas de antecedência no GP da Itália. Enquanto outro brasileiro das pistas nascia: Rubens Barrichello. Nascia também a TV em cores no Brasil, para noticiar a morte da atriz Leila Diniz e da cantora Dalva de Oliveira¹⁹. Mas, as origens de Dina estavam bem distante desses acontecimentos.

Ubalдина, nome herdado da tia. Contavam-se 17 dias do mês de agosto na pequena Conceição, interior da Paraíba, quando a menina, chamada por todos de Dina até hoje, mostrava sua gênese. Como milhares de famílias, a de Dina seguiu o fluxo do êxodo do interior à cidade grande. Atravessaram 482 km do Vale do Piancó a João Pessoa, percorrendo o estado de oeste a leste. O município, divisa com o Ceará, possui uma população estimada de 18.903 habitantes, segundo o IBGE.

“Eu vim de Conceição, mas tenho irmãs e tias lá. Tinha a casa do meu pai e da minha avó e duas tias que não casaram. Então, era uma extensão. A gente almoçava na casa da minha mãe e dormia na casa de vovó, era assim. Minha irmã e irmão mais velhos foram criados com minhas tias e minha vó. E a gente ficava nesse intercâmbio

¹⁹ Informações extraídas de <https://pt.wikipedia.org/wiki/1972>.

das duas casas. Quando minha mãe veio pra cá (João Pessoa) foi no meio do ano, nem eu nem meu irmão mais novo pudemos vir por causa do colégio, tinha que esperar uns dois meses para a transferência e também a gente não fazia muita questão porque tinha a convivência com as tias e tu sabe, casa de vó a paparcagem é grande”, começou a contar já bem mais à vontade.

Dina e o irmão acabaram chegando à capital apenas no fim do ano. A irmã mais velha, já casada, permaneceu em Conceição. O irmão mais velho estudava em Vitória de Santo Antão (PE), fazia o curso de Técnico Agrícola e também não foi. “A gente foi se virando com muita dificuldade, mas meu pai é um guerreiro e minha mãe também ajudou muito. Era uma mulher muito forte, aí acabou ficando doente, tinha problemas de diabetes e veio a falecer. Passou uns três anos, muito doente, e desencarnou há 22 anos. A primeira perda foi a minha vó e uns três anos depois foi a minha tia, que a gente morava lá e tinha o mesmo nome que eu. Era muito apegada a ela, teve um AVC. As duas primeiras perdas grandes que eu tive na vida foram elas duas. Aí, depois foi minha mãe, meu irmão há 17 anos e agora meu filho, então eu já tenho experiência de várias dores né?”, enumerou cada pedaço de seu coração que se foi com a perda de seus familiares.

A voz anasalada anunciava o choro próximo, ao resumir assim, todas às vezes, em que precisou vestir preto e enterrar alguém que amava:

Não desmerecendo dor nenhuma, porque toda dor é dor, mas a pior sem dúvida é a de Natan. Perder uma mãe dói, mas a gente já foi se preparando quando ela estava doente. Um irmão também dói, até porque ele teve problemas de depressão e se suicidou, foi bem traumático. Na época eu acho que Natan tinha uns cinco anos, a gente sofreu muito. E a de Natan veio pra derrubar, porque foi um negócio totalmente inesperado, é como tirar um pedaço de você e lhe enterrar viva.

O amor dura mais que uma parada

Foi no ônibus em que pegavam para ir trabalhar todos os dias que o primeiro encontro entre Dina Rodrigues e Edson Borges aconteceu. O amor que nasceu rápido durou mais que uma parada.

– Eu vim de Conceição e Edson de São Paulo. A gente se conheceu dentro de um ônibus, em 1989. – Ela ri, faz uma pausa procurando no celular a foto das tatuagens do marido, o telefone toca –, depois eu ligo pra essa menina.

Retomo o assunto de como se conheceram.

– Menina, rolou aquela química. Foi um amigo em comum da gente que nos apresentou aí a gente ficou conversando dentro do ônibus. Naquela época era assim, todo mundo trabalhava, pegava o mesmo ônibus, no mesmo horário, morava no mesmo bairro e na hora da volta geralmente era no mesmo ônibus. Aí comecei a conversar com Edson, um mês depois a gente já estava namorando e nisso, completamos 25 anos de casados e 28 de convivência agora em setembro (2016) e estamos aqui nessa batalha.



(Foto Dina e Edson: arquivo pessoal)

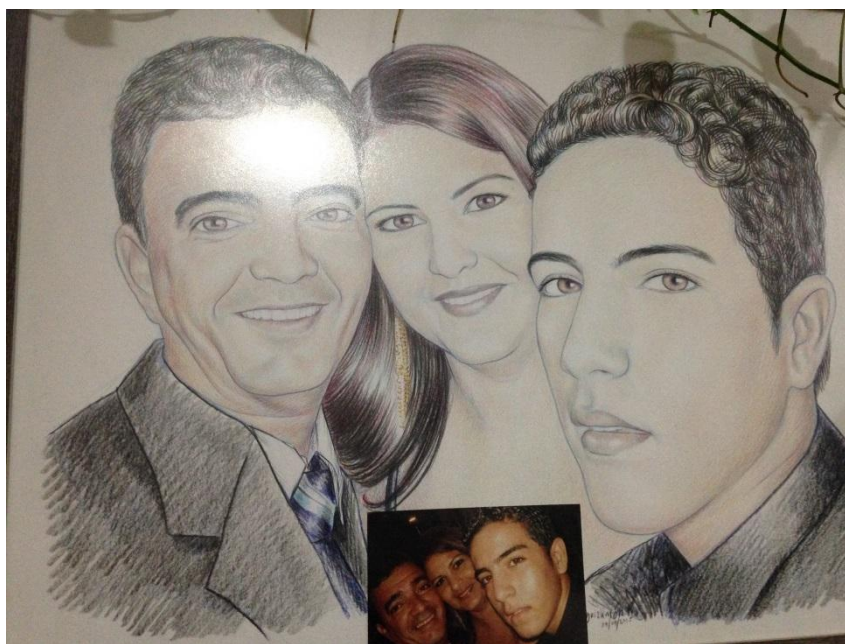
Um trio que venceu as dificuldades

No começo, o casamento foi difícil, porém, o casal com o bebê, enfrentava e venciam todas as dificuldades. A perda do único filho foi a pior e mais duradoura dificuldade, pois está sempre presente.

– Já passamos muitas coisas, muitas, mas o pior é a perda dele, meus pais não tiveram uma situação financeira boa, os pais de Edson, a gente veio de comerciário, depois Edson veio a ser bancário. A gente lutou muito para ter as coisas necessárias que a gente precisa ter hoje. Em termos financeiros a gente sempre batalhou muito, mas sempre muito perseverante e muito unido. Mas acho que a maior dificuldade é essa perda, essa separação, é lidar com esse momento. Para mim essa é a pior de todas, que eu ainda estou aprendendo, eu não sei, mas eu estou aprendendo.

– Como que era o relacionamento deles dois: pai e filho?

– Ah, pareciam dois meninos. Até porque eles eram apaixonados por moto, então o maior assunto dentro de casa era moto. Edson fazia trilha, comprava roupa de trilha, uma vez comprou tudo, bota branca, cada roupa linda, viajou. Natan pegou a moto sem ele nem saber, botou tudo antes dele, quando ele chega tá lá tudo de molho, nem lavar ele lavou, foi a confusão dos dois. Então pareciam dois meninos, tudo que Natan gostava, Edson gostava e ficavam trocando ideias. Quando era pra chamar na responsabilidade, Edson também chamava.



(Foto Edson, Dina e Natan: arquivo pessoal)

Ser mãe

Eu sempre quis ter apenas um filho e que fosse menino. Mesmo antes de casar, eu não queria ter mais de um. Edson sempre dizia ‘A gente não vai ter outro filho não?’

Por que eu não queria ter outro filho? Porque eu tinha medo de não saber dividir o amor que eu tinha por Natan. Se eu tiver outra criança e não amar do jeito que eu amo Natan como é que vai ser? Meu amor por ele era uma coisa que Edson chegava a dizer 'Você parece que é obcecada por esse menino, você é louca por ele'. Porque tudo era demais, às vezes eu acho que chegava até a sufocar mesmo. Era como se fosse 'viva e curta tudo o que tiver pra curtir porque só vai ser 21 anos, vai ser tudo muito rápido'.

– Eu não tenho filhos ainda, eu não sei como é ser mãe. O que é ser mãe?

Ela mantém um olhar distante, sem direção. E repete a pergunta para si mesma, várias vezes, e reflete.

– Acho que seria mais fácil dizer o que é ter um filho. É você ter um coração pulsando fora do seu corpo, saber que tem aquela vida para você cuidar. Natan partiu, mas eu não tenho um pingão de culpa, de remorso, de nada. Porque eu fui mãe, eu fui companheira, eu cuidei dele, do jeito que Nossa Senhora entregou ele para mim, eu cuidei dele do dia que ele veio até o dia que ele foi. Isso eu tenho certeza – já quase soluçando.

– Qual foi seu maior sacrifício como mãe? Teve que abrir mão de alguma coisa?

– Eu abri mão de algumas coisas pra ficar com ele, mas não achei que foi sacrifício não, foi tão bom. Porque tinha tempo que trabalhava, aí não, agora eu vou ficar um tempo em casa, ficava cinco, seis meses com ele. Acho que umas três vezes eu fiz isso, saía do emprego pra poder ficar cuidando dele, principalmente nessa fase de 13, 14 anos que eu acho que a gente tem que estar mais presente na vida dos jovens, formação da personalidade.

– E quando ele veio?

– Eu já estava com seis meses de casada. Eu casei com 19, Natan nasceu em julho, em agosto eu completei 21 anos. Foi planejada, a gravidez foi super tranquila, super desejado, esperado.

– Já sabia que era menino antes de nascer?

– Não, só soube na hora. A gente tinha duas opções de nome e não fiz ultrassom, não fiz nada. E aí a surpresa.

– Qual era o outro nome?

– Natália.

– Quem escolheu Higor?

– Nós dois, o significado era guerreiro de Deus. Eu achava muito bonito esse nome. E Natan, porque a gente tinha assistido um filme junto. Quer dizer dádiva de Deus. Achei bonito a junção dos dois nomes. Eu falava ‘Edson, vai ser um guerreiro presente de Deus’.

– Qual foi o filme?

– Lembro não, tenho uma vontade de lembrar, porque eu vi esse filme antes mesmo de engravidar.

Com o braço apoiado no alto do sofá, a mão fechada sustentando a cabeça, Dina suspende umas das pernas sobre a outra e começa a rir ao lembrar o dia do parto.

– No dia em que ele nasceu, a gente estava vindo do Funcionários II para o Hospital Edson Ramalho. Eu ia marcar a cirurgia para o sábado, mas na quinta já comecei com sangramento, liguei para a médica. Naquela época tudo era difícil, não tinha carro, só moto. Edson foi pegar o carro com o pai dele, um fusca, eu passei quase duas horas para chegar à maternidade, mas não sentia dor, não sentia nada, quando a gente chegou era quase meia-noite.

– Como é que foi quando ele foi aprendendo a andar, falar?

Ela ri com a lembrança, se ajeita no sofá macio e espaçoso.

– Foi uma época muito difícil financeiramente, mas aí é que a gente estava mais ligado. Edson perdeu um emprego e a gente ficou na Justiça, sem dar baixa na carteira, tivemos que colocar um comércio informal. Era um armarinho de cosmético e ficávamos nós três. Eu levava as coisinhas dele, carrinho, e, com nove meses ele já começou a andar dentro do armarinho porque ficava o dia todo lá. Eu tenho foto dele dando os primeiros passos. Nunca chupou dedo ou chupeta, não gostava. Com dois anos e seis meses ele começou a estudar. A gente deixava ele e pegava de meio dia.

As cenas passam diante dos seus olhos em um filme que só ela vê.

– Pensei que ele ia chorar pra caramba no primeiro dia e ele disse ‘Mainha vai embora’ e quem saiu chorando fui eu. ‘Vai, mainha embora, eu tô com vergonha, vai mainha, não tem mais ninguém’, nem sabia falar – ela ri com a lembrança.

Apesar de não ter irmãos, a infância de Natan nunca foi solitária. A rua em que morava tinha entre 14 e 16 crianças, metade tinha a mesma idade dele. Toda rua tem uma “casa de referência”, naquela, do bairro dos Bancários, essa casa sempre cheia era a de Dina. O Júnior tinha até quarto, colchão e gaveta. O objetivo não era apenas fazer com que ele não se sentisse só, como também ensiná-lo a compartilhar os brinquedos.

– Na escola ele era show, o problema era muita brincadeira, desde pequeno Natan conversa muito, puxou ao pai, mas sempre excelentes notas.

– Como é que foi o primeiro dente que caiu, a janelinha que ficou? Ele chorou?

– Não, até porque ele estava brincando na escolinha e bateu no balanço, aí já ficou todo manchado, todo pretinho porque deu uma hemorragia interna e a médica não queria tirar até nascer o outro. Então ele era super ansioso para que esses dentes caíssem, quando caiu o primeiro ele me mostrou, mas quando caiu o segundo ele ficou mais traumatizado porque ficou banguelo.

E o jovem Natan cresceu “em graça e formosura”, com os mesmos cuidados maternos de outrora.

– Natan com 21 anos eu ainda marcava médico pra ele. Uma vez ele começou a malhar e pegar peso e resolvi fazer um *checkup*. De Natan eu tenho tudo, todos os dentes, a pulseirinha da maternidade, cartão de vacina – abriu uma caixa com os objetos do filho e foi espalhando pela cama – E da última vez foi para o cardiologista porque ele começou a fazer esses exercícios. Aí quando chegou em Dr. Hélio ele disse ‘Vamo, entre comigo’. E eu ‘Natan tu tá com 21 anos como é que vou entrar contigo no consultório?’ – ela ri muito contando essa história, uma das mais recentes antes de sua morte – O médico pergunta ‘O que é que você tem?’ e ele ‘Eu não tenho nada Dr.’, ‘Não, mas o que é que você está sentindo?’, Natan me olha, ‘Diz aí mainha o que é que eu tô sentindo’, ‘Natan, eu não sei o que você tá sentindo, você tem que dizer para o médico’, ‘Não mainha porque foi tu que marcou a consulta, tu que falou que eu tinha que vir pro médico, eu não sei o que é que eu tô fazendo aqui’. Dr. Hélio já entendeu, começou a rir. Eu expliquei que queria que ele fizesse um *checkup*, porque por ele era desse jeito.

Natan cursou até o 4º período de administração. Para a mãe, era o que ele queria porque gostava muito do trabalho na imobiliária. O dono, também jovem, muito amigo de seu pai, morreu um ano antes que Natan em um acidente de carro. O pai tinha muitos planos para Natan, inclusive, de abrir sua própria imobiliária, assim que ele fizesse o curso de corretor, porque sua função era de gerente administrativo.

– Mas ele já ajudava, ‘tem apartamento tal’ e já passava para os corretores, os meninos davam R\$ 50, R\$ 70, R\$ 100, dependendo da comissão. Ele se virava bem.

Os 21 anos de Natan foram bem aproveitados, vividos no amor familiar.

– Às vezes a gente saía porque ele era louco, apaixonado por caranguejo. Até hoje eu não como. Mesmo quando o pai dele não estava ele dizia ‘Ei boyzinha, vamo

comer um caranguejo?!'. Aí eu saía porque eu adorava praia, amava, amava. Depois da morte dele eu acho que só fui uma ou duas vezes. Ele dirigia já nessa época, então eu dizia 'Pronto, vou tomar cerveja e comer caranguejo'. Era o hábito dele, todo sábado ou domingo comer caranguejo. Uma vez no José Américo, eu peguei a mão dele pra atravessar a rua. 'Mainha eu tô com 21 anos, não sei atravessar uma pista?', 'É mania filho', 'Tu é louca'.

Apesar do excessivo protecionismo, Dina revela que não tinha ciúmes das namoradas do filho. "Ele namorou pouco, só uma menina e depois a Jéssika. Como eles namoravam em casa e eu gostava muito dela, ela vivia lá em casa, almoçava, jantava, a gente passeava, viajava. Mesmo ela sendo adolescente eu gostava muito dela, era uma filha que eu não tinha. Mas, ela estava muito ciumenta nos últimos tempos". Enfatizou o carinho que sentia pela moça.

– Vocês ainda têm contato?

– Desde o dia da morte dele, que a gente ficou sabendo o motivo, não tive mais nenhum contato. No dia da audiência no fórum eu ainda cheguei a falar com ela, mas ela foi muito hostil, muito superior, então achei melhor ela viver a vida dela pra lá e eu pra cá, tanto é que numa carta psicografada ele ainda mandou um beijo pra ela, 'Mainha se puder deixe um beijo em Jéssika'. Meu filho eu não posso ainda não, então deixe o beijo pra depois. Eu não quero alimentar ódio, amargura, cada um vai ter que repensar e pagar pelo que fez.

Foi tudo tranquilo, a coisa mais linda quando eu vi aqueles olhinhos. Na hora que Edson saiu da sala a médica disse 'Quem é o pai desse menino lindo?' E ele 'É o filho de Dina, é o filho de Dina?'. 'É'. 'É meu, é meu, é meu'. Edson diz que ele deu duas piscadinhas de olhos. Raquel foi a mesma pediatra dele até os 14 anos. Mas foi lindo, comia muito, não dormia muito porque gostava de comer. Toda vida sempre foi muito lindo mesmo, muito amado, desejado, não dava para quem queria quando era pequeno, todo mundo queria ficar, cuidar.



(Foto Dina e Natan: arquivo pessoal)

O mundo de Natan



(Foto A parede de Natan)

Ele tinha muita vontade de ser pai, de ter a moto que ele teve, de ter o carro, era doido pelo carro, mas, uns três meses antes de morrer ele vendeu porque ia comprar outro no fim do ano, um Golf, era o sonho dele.

Natan começou a trabalhar aos 17 anos, não por necessidade, os pais queriam que ele aprendesse na prática a criar responsabilidades. Mas, a maior parte de suas contas, quem pagava mesmo era a mãe. “Você precisa ter suas coisas”, dizia.

– Ele tinha uma Cinquentinha, mas o sonho era a Lander. Quando fez 18 anos, demos a entrada e botamos ele para pagar as prestações, mesmo como Menor Aprendiz. Depois passou a ser estagiário e em seguida, carteira assinada. Demos entrada no carro e ele ficou pagando. Mas o resto, ele dizia que comprava, só que era tudo no meu cartão – ela ri.

A moto foi vendida, as roupas doadas. “Tinha mania de chinelo bom. Eu pensei que seria um dos piores sofrimentos me desfazer das coisas dele, mas foi tão bonito o apoio que recebi dos amigos dele. E foram escolhendo o que queriam, é um pedacinho dele que ficou em cada um. Eu só fiquei com três camisas, não como apego, é uma lembrança. Um caderno, um livrinho que ele fez pra mim quando estava começando a escrever, essas coisas pessoais eu guardei – ela interrompeu o assunto para me mostrar as tatuagens, a última feita há cerca de dois meses.

– Por que você escolheu essa foto?

– Eu adoro essa foto. Ele era louco pra fazer tatuagem e eu disse agora não, porque a primeira que eu fiz eu já tinha 40 anos. ‘Mainha eu não vou esperar 40 anos não’. Mas ele já ia fazer. O meu esposo tem duas, uma foto em cada braço.

Dina fez quatro tatuagens em homenagem ao filho: seu nome no pulso, a frase ‘queira não viu!’ no pé (que veio na carta psicografada) ao lado de outra com seu nome e uma pomba, e seu rosto estampado nas costas, num processo que levou quatro horas.

– Ele desencarnou na terça, no sábado ia fazer um encontro pela igreja católica. Fez um encontro de jovem uns quatro meses antes de morrer, um concílio pela Igreja Batista. Eu acho que eu tenho as fotos, vou te mostrar.

Levantou-se e foi buscar os álbuns.

– Nesse concílio, quando chega em casa a gente faz uma surpresa né?

Vai até o quarto, fico aguardando, quando ela grita de lá:

– Você quer ver?

– Quero, deixa eu botar os óculos!

Vou até seu quarto, deixo o gravador ligado em cima da cama, ela abre uma caixa e mais outra com coisas dele: sapatinhos de bebê, roupinhas.

– Esse carrinho é o que ele mais amava. Essas três blusas eu fiquei porque eram as que ele mais gostava de usar.

– Está tudo aí?

– Tudo. Camisa do colégio, olha. Isso aí eu já tinha antes mesmo dele desencarnar, eu já gostava. O primeiro prato, copos, carteira, termômetro – enquanto os recipientes de alumínio tilintam, ela vai descrevendo cada objeto que retira da caixa – Edson não pode ver isso.

– Ele não gosta de ver?

– Não, ele não gosta não – ela fala baixinho, quase sussurrando, como se o marido pudesse ouvir, mesmo sem estar em casa. Vejo uma gaita entre as coisas.

– Ele tocava?

– Não, foi o avô que deu – olha para outro objeto e se pergunta: isso aqui é o quê? – muda para outros – relógio, óculos, louco por relógio, o celular dele da época. No dia do crime ele estava com esse cordão, a aliança. Ele dizia que era noivo com aquela... – E começa a pensar consigo mesma – Esse era o relógio que ele tava? Não, acho que era esse outro – tenta se lembrar – Esse aqui ele vendeu a um amigo antes de morrer, tinha muitas fotos com ele. O amigo já tinha vendido, mas pegou de volta e devolveu ao meu marido. Aqui as lembrancinhas da maternidade e, todos os dentes só falta um e a pulseirinha.

Dina, orgulhosa, mostrou o potinho com os dentes de leite do filho. Com muita satisfação, era um prazer remexer tudo aquilo. Não havia mais nenhuma nuvem de tristeza sobre ela, estava leve.

– Aí quando ele voltou do concílio, a gente manda um álbum de fotos – interrompe, olha o cartão de vacina, as notas da escola – Tá vendo como o histórico dele era bom?

– O que ele gostava mais?

– De matéria? Tu acredita que era Filosofia?

Da pequena caixa saíam mais e mais lembranças. Cartão da maternidade, registro, teste do pezinho. Encontra um livrinho que ele escreveu à mão na infância. Ela começa a folhear e ler as perguntas e respostas em voz alta, se deleitando a cada frase, como se fosse uma descoberta inédita.

– Meu brinquedo favorito – sorri – O que você não gosta? De tomar banho. Minha comida favorita? Pizza. Ele tinha seis anos. Meus melhores amigos? Júnior e Juninho. Meu animal favorito? O peixe! Que ele tinha no aquário. Quando ele chegou

do concílio isso tudo estava em cima da cama, ele quase enlouquece: ‘Mainha, como é que você tem isso tudinho meu?’ E esse outro é o álbum que eu mandei quando ele estava no concílio, parece que foi a despedida, porque eu fiz ele rever a vida dele todinha.

Atenho-me a olhar uma foto em que ele veste o macacãozinho que ela ainda guarda.

– Nesse dia ele estava lindo. Eu arrumei para ir a um aniversário e disse ‘Fique aí, mainha vai tomar banho’. Quando eu olho, ele está debaixo do chuveiro tomando banho de novo!

Vem à tona outro escrito de Natan, aos 14 anos: “o livro da vida” (ANEXO C). Ela lê baixinho e se enternece. Depois lê em voz alta e faz comentários. Muito desenvolto com as palavras, quando fala de um carro, ela conta que era um Fusquinha.

– Ele não saía de dentro. Queria ser jogador de futebol ou seguir Direito – começa a se emocionar, não de um jeito triste, sorri feliz – Ai que lindo! Nem eu tinha lido com esses olhos de novo, vou guardar. Se Edson ver, ele chora pra caramba.

Começa então a falar sobre o trabalho acadêmico da pesquisadora Betty Wainstock, do qual participou. Não era sobre o grupo e sim sobre cartas psicografadas. Voltamos à sala, pergunto quem fez os desenhos que estampam toda uma parede. Ela vai à cozinha:

– Um artista de rua lá do Centro. Você quer uma água? Você toma Guaraná?

– Não, evito refrigerante.

– Pois tem chá gelado.

– Quero água.

– Você quer bolo, biscoito, alguma coisa?

– Eu quero! Vou aceitar porque vim correndo do jornal para cá, nem deu tempo almoçar.

– Só se eu fizer um suco.

– Não, precisa não.

– É rápido, tem de uva, caju.

– Mas não tem chá?

– Você gosta? Eu gosto!

Aceno que sim, já era fim de tarde e não havia comido nada desde a manhã. Minha barriga já fazia barulho.

– Então vem pra cá.

Olho a quantidade de plantas.

– Minha mãe gosta muito de plantas também.

– Eu amo plantas.

– Essa foto da tua tatuagem está onde?

– Acho que não disponibilizei ainda. Tu tem meu Face?

– Acho que sim.

– E o de Natan? No dele tem todas essas atividades que a gente faz no sítio.

Vamos fazer a páscoa das crianças, vou te mandar as fotos do Natal que fizemos... a coisa mais linda!

– Mas tu tem a senha dele? Como é que tu conseguiu?

– Tenho, um amigo meu conseguiu pra mim. Olha que biscoitinho gostoso esse aqui! Tem pão também. Tem achocolatado, tu gosta? Melhor que chá, não?

– Não, não.

– Vou te mandar o artigo de Betty, ela passou dois anos estudando esse médium: cartas consoladoras. E ela é judia. As cartas de Natan são das mais acessadas. É muito linda a doutrina espírita, muito consoladora. Todas as perguntas que você precisa saber estão lá. A gente vai para o centro espírita três dias na semana. É porque foi taxada de uma forma que o povo pensa que é cadeira voando, mesa descendo, isso não existe, né? A gente estuda há dois anos e nunca participou nem de uma reunião mediúnica, só quando estiver avançado. Então, é só estudo do evangelho, de Jesus.

– Mas você acredita que as coisas tem um propósito?

– Tudo o que a gente passa é muito difícil aceitar, mas, a gente já concorda. A gente escolhe, ou é prova ou é expiação para a gente melhorar e voltar quantas vezes precisar ao ciclo, até mesmo para se purificar. Sempre pensei ‘Não é possível que a vida da gente se resuma a berço e túmulo’. E aí? Viveu e acabou? Ninguém muda, ninguém volta? Nada depois disso? Quando se tem uma perda dessas é que vêm esses questionamentos. E agora está onde? Foi para onde? A matéria se acaba, ou melhor, se transforma, mas o espírito não morre, existem outras dimensões. É porque somos tão pouco evoluídos. Todos nós temos mediunidade, às vezes é um sonho, mas existe.

– Já tem outra visita marcada do médium?

– Não, ele veio há 15 dias a Recife. A gente sempre vai. Criamos um grupo no *WhatsApp* “Amigos do Ben”, só de mães, esposas, que receberam cartas, a gente se ajuda muito. Esse já se tornou uma família. É diferente do grupo Mães na Dor, que é mais essa coisa da justiça. É tentar entender essas dores e consolar. Daqui só tem eu e

mais duas, as outras são todas de Pernambuco. Tinha de outros estados, mas enxugamos, precisávamos ficar mais presentes e as outras não tinham como vir.

Voltamos à sala para olhar os álbuns das mobilizações públicas...

Meu nome é Higor Natan Borges Figueiredo, nascido no dia 09 de julho de 1993, às 00h30min, no Hospital e Maternidade Edson Ramalho, na Cidade de João Pessoa/PB. Meu pai chama-se Edson e minha mãe Ubaldina, e até o momento sou filho único²⁰.

Idas e vindas na profissão

Não há um aspecto sequer da vida que não seja afetado pela morte prematura e violenta de um filho. Com o trabalho não foi diferente. Se não é pela dor é pela luta. Há quase um ano sem trabalhar, Dina agora procura emprego, se sente fortalecida para voltar ao mercado profissional.

– Você parou por quê?

– Precisava muito acompanhar esse processo, tinha outras audiências das mães, o meu relacionamento também. É outra coisa que não é fácil numa perda assim, abala muito. Outra fase do luto também. Tinha minha vida e eu não estava sabendo organizar meus sentimentos. E no trabalho é preciso muita responsabilidade, não pode ficar faltando. Eu agradeço demais ao meu patrão por tudo o que ele fez na época. Pessoa muito boa, me ajudou muito. Mas, as empresas querem pessoas que produzam, que estejam ali, disponíveis. E quando a gente não está se dando também tem a consciência de dizer ‘Eu não tô no meu momento, preciso de um tempo’. Financeiramente abalou muito, mas, conseguindo controlar algumas despesas deu pra passar esses tempos. Agora tenho que voltar, tanto pelo dinheiro, quanto psicologicamente. Estar ativa, ocupar a cabeça, ajuda muito.

Por muitos anos Dina trabalhou em uma construtora. Com a morte de Natan passou poucos dias afastada, no entanto, sempre que necessitava parar, utilizava férias, folgas e se ausentava.

– Quanto tempo para você conseguir realmente retomar a vida, o trabalho, as atividades?

²⁰O trecho foi escrito por Natan no livro citado pela mãe.

– Precisei voltar acho que antes de um mês, porque só tinha mais uma funcionária lá, muito boa também. Ela já estava com tudo programado para uma viagem que ela sonhou muito tempo nesse período.

– Você já estava pronta para voltar?

Ela reflete:

– Não, tava não. Eu vou te ser sincera, em um ano você não consegue administrar os sentimentos, a gente não sabe o que sente, é uma mistura tão grande: raiva, ódio, saudade. Você chora, briga com Deus. Pra tentar readaptar a vida eu tive que me mudar, deixar minhas coisas. Não consegui nem fazer minha mudança. Foi meu irmão que trouxe com Edson. Eu não conseguia mais nem entrar naquela casa. Uma mudança muito brusca, não por escolha, mas, por necessidade. Aí você vai vivendo, vai dormindo, quando acorda consegui vencer mais um dia – a última frase quase não é pronunciada, a voz travada revela que a lembrança da casa é dolorosa.

Desempregada há oito meses, a rotina de Dina passou a ser o Fórum Criminal e os cuidados com o sítio que levará o nome de Natan.

– A gente sempre que pode passa dois, três dias lá. É um lugar que eu não posso divulgar ainda porque esse rapaz está solto, até nisso você fica preso²¹. Como é uma área de pessoas carentes, com divulgação teríamos mais apoio, doações, ajuda para cuidar de outras crianças que passam necessidade.

A perda

Eu te juro, eu não gosto de falar das coisas de Natan, do momento do crime, do crime em si. Eu gosto de falar de como ele era, de como a gente está hoje, entendeu? Logo eu faço muita terapia ainda ,já fiz mais, hoje nem tanto por conta financeira, já estou mais fortalecida, buscando outros tipos de ajuda, estamos seguindo a doutrina espírita e isso nos tem fortalecido muito.

Perfilar uma mãe desfilhada é um desafio contínuo, porque se fala tanto no filho, que se chega ao ponto de pensar que o foco, a personagem central é ele e não ela. Não se pode negligenciar, contudo, o seu depoimento sobre ele. Se o maior acontecimento,

²¹ À época da entrevista, Rafael estava solto, mas foi preso novamente no dia 23/05/17, em Juarez Távora, cidade paraibana onde morava e trabalhava. A audiência de custódia que confirmou a prisão ocorreu no dia seguinte. Após a prisão, Dina respondeu: “estou um pouco mais aliviada né amiga, porque a sensação de impunidade acaba com qualquer vida”.

que mudou completamente sua vida gira em torno do filho, não é pecado que ele apareça tanto quanto ela. Se vivia em função do filho quando em vida, em morte, muito mais. Mesmo quando falam de si, é sobre os filhos que querem falar.

– Porque quando a gente perde um filho, a primeira coisa que eu senti foi revolta com Deus, um choque. Sofri muito, não queria aceitar essa ida dele de jeito nenhum. Era muito católica, de entregar Natan a Jesus e Nossa Senhora, fazia terço, assistia Canção Nova, padre Reginaldo Manzotti. Eu não entendia ter sido abandonada naquele momento. A gente fica sem chão, até porque ele é filho único e não tinha mais motivos para continuar.

– Dá pra superar? Pra conviver? Como é essa dor que lhe acompanha sempre?

– Superar? Possa ser que um dia eu consiga, mas acho que nunca. Eu consigo suportar. Eu busco muita força em Deus. Todos os dias eu peço para não entrar em depressão.

Sua voz começa a mudar emotivamente, ela sempre mexe nos cabelos castanhos e lisos quando chora. Dina é uma mulher bonita, o sofrimento não tirou sua beleza. Alta, robusta, cabelo abaixo do ombro, pernas grossas. A pele aparenta suavidade, hidratada com lágrimas durante quase três anos.

– E peço muita ajuda de Natan também para que através da nossa dor a gente consiga auxiliar outras mães. As cartas que estão no YouTube também me dão força. Ele é muito conhecido, tem muitos seguidores e muitas pessoas gostam dele como se o conhecessem. Onde a gente chega, reunião, congresso, dizem ‘É a mãe de Natan’, é mais conhecido em Recife do que em João Pessoa. Têm um carinho enorme por ele, comentam sobre as cartas, amam, porque são muito divertidas. Ele fala de namoro, de tudo, do jeito que ele era ainda. Nada de tristeza, vingança ou revolta. Eu sinto que meu filho está muito bem, numa evolução espiritual muito boa, tanto é que ele teve oportunidade de psicografar em outro congresso e passou a vez para uma menina porque ele disse que a mãe dela estava precisando mais do que eu. Das três cartas²², esse foi o recado mais lindo que ele me deu, mostrando empatia e solidariedade. Ele está ajudando outros espíritos a escrever, fez isso na penúltima vez.

Dina é procurada nas redes sociais por outras mães enlutadas. Elas trocam experiências. Ela guarda sua dor para cuidar das dores alheias.

²²Após a escrita do livro, Dina recebeu a quarta carta de Natan, de outro médium, em Uberaba (MG). Ela também se encontra em ANEXO A.

– E quando você vê que não é a única que passa por isso é cada história que você ouve. Quantas mães pensam, assim como eu pensei, em suicídio. Nunca tentei, mas me via me jogando dessa janela. Deus é muito misericordioso. Todas nós, quando passamos por isso, primeiro tem a renúncia, depois a vontade de se matar porque acha que não vai dar conta. Eu saí dessa situação e hoje vejo mães que conversei há um ano ajudando outras mães. Isso nos motiva a continuar. É um trabalho que eu faço fora do Mães na Dor, que tem o mesmo propósito, só que o grupo é mais restrito a Paraíba.

– Mas você toma algum remédio?

– Não. Às vezes um floral de Saint Germain, à base de ervas, de goiabeira. É natural, harmoniza nosso campo energético, de proteção. Não é um calmante, não causa dependência. Eu só tomo quando vou passar por situações difíceis, vou ao Fórum. Aquele ambiente é muito carregado, saio de lá muito cansada, as pernas doloridas. É um desgaste de energia, porque é um local de muito sofrimento. Então eu já tomo para ficar fortalecida para as energias negativas não nos atingirem tanto, até porque a gente já está bem debilitada. Mesmo antes de Natan eu já participava de terapias. Amanhã vamos participar de uma constelação familiar, que é mais conversa, passam as orientações. No início eu fazia duas, três vezes na semana, por coincidência o psicólogo é espírita e ele já me entende bem. Aí hoje em dia eu vou uma vez ou outra, até pelo financeiro também.

– Seu marido teve problema de depressão?

– Ele teve no início. O luto do homem é muito diferente do luto da mulher. A gente procura se acalmar e o homem se revolta muito. Ele se sentiu como se fosse, se sentiu não, ele foi confrontado, porque o cara entrar na sua casa, matar seu filho, agredir sua esposa, o assassino não respeitou nada. Ele entrou e fez o que fez. Para Edson o sentimento era diferente, muita raiva, desespero, mas graças a Deus ele está modificado, também faz parte da doutrina. Ele começou a tomar uns remédios, mas foi por pouco tempo. A gente busca não cair em depressão porque se você deixar, você entra e fica dependente de remédio, vivendo à base disso. Não quero isso pra minha vida não, penso que, partindo por esse caminho vou prejudicar ainda mais Natan.

– O que é que fica? A lembrança, a saudade, o vazio?

– Fica muita saudade, porque tem horas que você quer conversar, se bem que não empata, eu converso com ele do mesmo jeito, só não tem a resposta que a gente quer ouvir né? – Dina ri com a própria constatação – A gente era muito amigo.

Tem dias que eu tô meio pra baixo e começo a escutar as outras mães. Dona Régia perdeu um filho e um ano depois perdeu outro. E a dor dela? Ela está sentindo duas vezes o que eu tô sentindo. Você vai se fortalecendo para continuar.

A desonra



(Foto Tatuagem Dina: reprodução Facebook)

Manchado de sangue, manchado nos noticiários. O alvoroço midiático questionou o caráter de Natan. De vítima a bandido, uma desonra. Em outros casos, a mesma estratégia de culpabilização da vítima foi utilizada. Além de lidar com a morte, havia o desafio de lidar com a repercussão na imprensa da imagem manchada do filho morto. Diante dos falsos testemunhos, sem que Natan pudesse se defender ou contar sua versão, surgiu mais uma luta, que era a de manter sua memória limpa. A memória, tudo o que dele restou.

– As pessoas na rua eram muito solidárias. A imprensa no início distorceu, sofremos muito quando acusaram que Natan tinha sido morto por um crime de tráfico, que era traficante, que tinha uma dívida de R\$ 11 mil na comunidade do Timbó. Como, se ele tinha carro e moto? Tinha um pai que poderia ajudar e nunca falou isso? Fomos atrás dessa história, nada disso aconteceu. Foi um crime passional. As informações que não procediam foram retratadas, eram denúncias falsas, cada um queria dar um motivo para o crime. Depois recebemos muito apoio da mídia paraibana, todo mundo se sensibilizou com a história, viu que era um rapaz trabalhador, um menino digno. Todos

os veículos divulgaram o caso e até hoje são muito solidários com nossa dor, nossa causa. A gente colocou muito outdoor, placas luminosas, cartazes, panfletos em tudo o que foi poste. Por essa época no ano passado, passamos cinco dias, até 3h, 4h da manhã colando. Pedindo justiça. Contratamos carro de som, fizemos camisas. Gastamos muito mesmo, o dinheiro da moto e do carro que ele deixou foi todo para essas coisas dele.

Dina que nunca havia entrado em uma delegacia de polícia, não consegue esquecer o dia em que precisou subir as escadas geladas da antiga Central de Polícia Civil no Varadouro, a mesma que se avizinhava da Cracolândia de João Pessoa. O crime imperava sob o bigode da polícia, que com pouco efetivo e a parcimônia do Judiciário não conseguia coibir o tráfico. Aos 42 anos não havia passado nem perto de delegacia e estar naquela situação lhe era demasiado pesado, tenso e constrangedor. Adentrar pelas cinzas e velhas portas, respirar o cheiro dos amontoados inquéritos e recontar tudo o que vivenciou aos burocratas homens das leis era tarefa árdua. O sangue ainda estava ali, escorrendo de seu triturado coração.

(In) justiça



(Foto Outdoor Natan 2016: reprodução Facebook)

Outra coisa que nos abalou muito foi essa coisa da justiça, porque você enterra um filho, você não tem tempo de cuidar dessa dor, você não tem tempo de se cuidar, é 24 horas clamando, você sabendo quem são os assassinos e com provas e a Justiça não funciona.

Natan foi assassinado no dia 7 de outubro de 2014. Um mês depois, o autor dos disparos, Rafael Nunes Monteiro²³ foi preso em fuga na cidade de Patos e trazido para João Pessoa. A juíza Ailza Borges se pronunciou pelo júri popular. “Mas esqueceu de citar um artigo ‘Que vai a júri popular e permaneça preso’. O advogado pegou essa brecha. O desembargador Joás de Brito disse que mandou ofício, mas, ela não se pronunciou novamente. Ficou essa briga entre o Judiciário e Rafael foi solto. Saiu pela porta da frente, rindo da nossa cara. Como foram três, um ainda continua preso, que é o Thoy e Havid está foragido desde o dia 06 de abril de 2015. Hoje faz dois anos que a gente denunciou a participação dele na audiência de custódia”, explicou Dina observando como as datas se encaixavam.

Com Rafael em liberdade, o grupo Mães na Dor clamou muito nas ruas e pedindo explicações ao desembargador, que atualmente é presidente do Tribunal de Justiça da Paraíba²⁴. “Ele falou que o problema é que a juíza foi omissa. Fomos até ela: pelo amor de Deus nos ajude, até porque a gente corre risco, eu sou testemunha ocular, eu vi quando ele assassinou Natan. O processo havia sido enviado para Brasília, ela disse que se pronunciariam quando voltasse”, contou atônita com o ato relapso da Justiça.

Quando o processo voltou à Paraíba, constatou-se que não fazia parte do 2º Tribunal por já haver uma medida cautelar no 1º Tribunal do Júri. Não teve andamento, voltou para este e teve que recomeçar do zero, por um erro administrativo. “Então ela verifica que ele não poderia estar solto, porque ela não disse para ele permanecer preso, mas também não disse para ele ser solto”, confirmou Dina.

O medo

²³ Em sua defesa, Rafael informou que sua casa foi alvo de tiros. Em entrevista à TV Tambaú, o pai de Natan contou que no depoimento do próprio Rafael ele disse que Natan foi pedir desculpas e negou ser o autor dos tiros. O próprio Rafael teria dito “Eu sei que não foi você boy, você tem bom coração, mas cuidado com quem você anda”.

²⁴ A eleição de Joás de Brito para a presidência do TJPB foi marcada por polêmica. Outros desembargadores queriam adiar a votação, em seguida houve anulamentos, o caso foi parar no Supremo Tribunal Federal, novas eleições foram feitas e o desembargador conseguiu se manter no cargo. Outra polêmica envolvendo o magistrado foi quando ele revogou a prisão de Rodolfo Carlos da Silva, neto de José Carlos da Silva Júnior, ex-senador, ex-vice-governador da Paraíba e herdeiro do grupo São Braz e Sistema Paraíba de Comunicação, afiliado à Rede Globo. O jovem atropelou e matou um agente da Lei Seca ao furar uma blitz em janeiro de 2017. Teve a prisão decretada pela juíza plantonista Andréa Arcoverde, para que não destruísse provas já que fugiu do local. Mas, o desembargador que não estava em expediente, anulou a prisão às 3h, antes mesmo que o estudante fosse preso. O fato causou revolta e descrença na instituição não apenas por parte da população, como também por membros do TJ e do Ministério Público. Em 2013, Joás havia negado habeas corpus a um homem em caso semelhante.

A gente está sempre mudando de carro, não é por vaidade, é por necessidade. Para não ser seguido. Edson tem moto, eu não gosto, eu não deixo ele andar de jeito nenhum, fico morrendo de medo. Até porque de vez em quando chegam mensagens no celular 'Quem pode me prejudicar lá é a mãe do boy'. Ele sabe que eu o vi, sabe que eu tive contato físico com ele.

Para a família, manter os acusados do crime presos não era apenas uma questão de justiça, mas, de segurança. Ameaçados, Dina e Edson tiveram que dividir espaço entre a dor e o medo. “Em setembro a gente fez uma manifestação com o grupo Mães na Dor: Mais um dia com os nossos filhos. A primeira pessoa que passa de carro é Rafael e outro cara. Mas aí você tem prova? Não está preparado para tirar uma foto. Fiquei em choque, ele passou olhando. Eu me sinto muito ameaçada mesmo. Procuro não sair muito, se vou em shopping ou resolver algo em banco já fico tensa. Aluguei a minha casa nova e mobiliada e pago aluguel mais caro por questão de segurança”, desabafou.

As ameaças também vieram pelo Facebook pela família de Rafael. “Isso tudo está no processo. Inclusive ele abriu até um processo por danos morais contra o Sistema Correio. Tenho um Boletim de Ocorrência, já que fomos ameaçados publicamente, pela internet e tudo. No dia 21 de novembro de 2016, o juiz substituto Antônio Maroja deu a prisão e no dia 7 de março de 2017, o titular Marcos William falou da divergência administrativa, anulou o processo e soltou Rafael. Eu não tenho nada com isso, mas sou vítima e sou prejudicada. Então, há um mês a gente está sem chão de novo. Não sei se ele está em João Pessoa ou já fugiu. Numa cidade relativamente pequena você fica totalmente sem segurança. A qualquer momento a gente pode se encontrar, ele pode fazer alguma coisa”, relatou.

A revolta de Dina com a Justiça não é sem causa. “É um conflito existencial muito grande buscar essa justiça da Terra que muitas vezes é tão injusta. Acordar para viver aquele dia, não tem como fazer perspectiva de nada, planos, você não sabe o que vai acontecer daqui a pouco. Há outro caso como o de Natan, o de Egon. Vimos os dois bandidos saírem pela porta da frente. Só foi preso porque confessou. Pega 13 anos, passa nove meses e daqui a pouco o menino está solto. E essa mãe como é que fica?”. Ela ainda não conseguiu organizar as ideias, ainda há muito sofrimento, não apenas em relação à morte, como também à injustiça.

– E hoje qual o seu maior desejo?

Ela pausa, respira:

– É justiça, é ver esse caso resolvido, para poder dizer assim: foi julgado, condenado, estão pagando. E eu poder reorganizar esses sentimentos e seguir minha vida. Tenho muita vontade também de ir embora para outro estado.

– Para recomeçar ou por medo?

– Para recomeçar. Medo eu tenho agora, não vou a restaurante, praia, shopping. Quando esse rapaz estava solto ano passado, eu quase não ficava em João Pessoa. Esse foi um dos motivos de ter saído do trabalho. O pessoal de lá também sentia esse medo. Eu passava isso para eles. Ficavam vendo a hora esse rapaz entrar lá. Dez meses depois da discussão com Natan foi que ele cometeu o assassinato.

– Vocês já esperavam que ele pudesse fazer algo ruim, já tinha ameaçado?

– Não, eu não sabia nem dessa discussão. Natan não se preveniu, ele veio na maldade porque é mal mesmo.

– Vocês já conheciam ele?

– Não, eu não conhecia, nem eu nem Edson. A gente não tem mais vida social, quando entro num lugar público, fico olhando quem está. As pessoas sabem quem somos, mas, não sabemos quem são as pessoas, a família dele, tios, pais, sobrinhos. Recebemos ameaças que se não fosse feita a justiça da Terra, seria feita a dos homens, que eles têm parentes na polícia.

– Eles mesmos que falavam em justiça?

– Sim, em justiça com as próprias mãos. Tem na internet, tem em tudo, tanto é que eu não tenho sossego e acho melhor não ficar em João Pessoa nos fins de semana. Quando ele foi preso pensei que relaxaríamos, fizemos uma ação de Natal numa comunidade quilombola em Buíque, Recife. Divulgo as coisas de Natan, mas nada das ações, do que estou fazendo e aonde. Quando ando de carro fico olhando, se vejo uma moto já fico assustada. É horrível, horrível!

– Como você encara essa violência?

– Como falta de lei, falta de lei mesmo, porque a gente perde um filho e ainda fica aprisionado desse jeito, com esse medo absurdo.

Reconfiguração do ambiente

Todo o ambiente passa por reconfigurações, os relacionamentos se transformam, a mudança é total. “Ele me chamava de mainha, doida, boyzinha. ‘Ei boyzinha tu vai pra onde? Tu tá onde?’ . O pai chamava de boyzão, popozão”, lembrou serenamente os apelidos.

– Como é acordar e não ver aquela pessoa que você via todo dia?

– É por isso que eu mudei de casa. A maioria das coisas que tenho hoje não é da época dele. Sempre que posso procuro substituir uma mesa, cama, alguma coisa. Porque o quarto dele eu não conseguia nem ver, nem ver mesmo – a repetição é enfática, mostrando o quanto era difícil ver o ambiente em que o filho dormia – é ressignificando mulher, procurando viver mesmo outra vida – a intimidade com que me tratava fazia a conversa fluir espontaneamente.

Dina lamenta que os móveis tenham sido danificados na casa alugada. “Tudo acabado. A gente não pode nem tomar conta porque não consigo ir lá. Foi pela imobiliária e ainda recebi desse jeito. O pedreiro que está fazendo o serviço para alugar para outra pessoa é quem fez a vistoria. Então essas coisas financeiras vão porque eu não dou nem conta de passar nas Três Ruas. Eu não trabalho esse sentimento porque eu tenho opção de outras ruas, então me deixa sem passar ali por enquanto. Tem pessoas do nosso ciclo de amizade da época que eu não consigo nem ver, nem falar ainda, porque quando eu vejo, vem toda a minha vida de novo. Não, não estou preparada, mesmo me sentindo fortalecida por outras situações. Meu ciclo de amizades hoje é quase outro. Em momentos de dor, alguns somem mesmo, mas eu não dou conta de conviver com muitos deles e, como estou buscando outra vida, quero esquecer aquele dia”. Destacou o quanto a tragédia também redefine e reconfigura a sociabilidade.

O retorno da autoestima e vaidade

– Você falou que abalou o casamento? O que é que muda?

– Muda tudo porque você não tem ânimo para se relacionar. Eu estava constatando e até conversando sobre isso com Hipernestre. Diante de uma perda, todos passam por isso. Você fica sem estímulo sexual, sem motivação, não quer cuidar de quem está ao seu lado, não tem paciência, não entende a dor, começa a se distanciar, cada um vai para o seu canto com a sua dor. A gente teve que fazer muita terapia e saber que não são dois diferentes, é uma dor só. Temos muitas mães passando por isso, que se

separam, muitos pais partem para a depressão, alcoolismo. É bom você dá uma sondada depois para ver a quantidade de relacionamento que se destrói depois da perda de um filho. Tenho muitas amigas, quase todas com o mesmo diagnóstico.

O convívio grupal auxilia Dina nessa observação, de que passam pelas mesmas coisas. “Destrói a família mesmo. E chega a um determinado ponto em que a gente sofre, chora, mas os outros filhos não têm paciência de ver aquele choro direto. Conversando com outras mães, vejo que os outros filhos se sentem rejeitados porque a mãe não liga mais para eles, o pai não quer mais aquela mulher que não se cuida, não se arruma, que está se acabando. Eu vim pintar uma unha com uns seis meses, meu cabelo estava branco e passei quase um ano sem tingir. Eu não tinha vontade de botar uma maquiagem. Ia trabalhar parecendo uma louca”.

O reencontro da mulher com a vaidade aconteceu pensando no filho, que não gostava de vê-la desarrumada.

– Ei, tu vai pra onde? – Natan perguntava ao ver a mãe sair apressada e, às vezes, de qualquer jeito.

– Eu vou trabalhar.

– Mainha tu tá parecendo uma jogada, pelo amor de Deus vá se arrumar!

O espelho foi mostrando a Dina as mudanças em seu rosto. “Quando eu saía arrumada ele elogiava. Então fui vendo aquilo, porque tinha dias, Bruna que eu olhava no espelho, meus olhos estavam pretos, aqui (ela me mostra, apontando a face) tudo inchado de chorar, a cara de tristeza. As pessoas não querem ficar perto da gente. É como se a dor contaminasse. E realmente, se a gente chega perto de uma pessoa ‘Bom dia, como é que você está?’, ‘Tô péssima, arrasada’. Dizer isso todo dia, mulher, aquela energia quem é que quer né?”, ela ri entre lágrimas.

“Eu digo que estou indo, que estou aqui, que não sei ainda como estou. Mesmo que não esteja bem, a gente não pode dizer como está porque ninguém tem nada a ver com isso e você não pode cobrar, porque fica ruim para as pessoas. Isso também afeta dentro de casa. Seu filho lhe vê direto em cima de uma cama chorando, seu marido chega você está toda descabelada. É complicado demais e você precisa seguir. Com o entendimento que eu sei que Natan não morreu, que ele vê, presencia tudo, primeiro penso nele, para fortalecê-lo, para ele continuar bem. Então eu sacrifico a minha dor, vamos continuar, vamos viver, mainha vai se arrumar vai pintar o cabelo”. Ela fala com o filho.

A retomada dos cuidados femininos foi uma surpresa para quem convivia, com a Dina enlutada. “No dia que eu cheguei de cabelo pintado no trabalho, que resolvi botar uma maquiagem, por mais discreta que fosse, todo mundo ‘Meu Deus do céu que coisa maravilhosa, como você está bonita, está diferente’. Aí você vai de pouquinho, daqui a pouco você já bota um batom. Mas para ser o que eu era antes, ainda falta muito né? Não sei se eu consigo mais”, e continua pelo filho.

“De uma gente que ri quando deve chorar e não vive, apenas aguenta... mistura a dor, a alegria...”.

Pela dor

Vi uma reportagem na televisão que o grupo Mães na Dor ia fazer uma campanha de doação de sangue no Hemocentro. Eu conhecia a história de Hiper muito vagamente. Botei a camisa de Natan e resolvi ir, porque sabia que várias mães estariam reunidas, porque nós humanos, é muito difícil chegar para ajudar por amor, a gente vai pela dor. Acho que só fazia uns quatro ou cinco meses da morte do meu filho.

Dina não esconde o carinho que sente por Hipernestre.

– Fui super bem acolhida, ela já veio com aquele abraço, querendo conhecer nossa história, orientar os caminhos que a gente ia ter que percorrer, a questão do advogado. A gente criou uma amizade, é uma mulher guerreira que eu me espelho. Temos o grupo no *WhastApp*. Quando uma precisa ir ao tribunal, se outra não pode ir, mas vão duas ou três. A gente procura estar sempre juntas, através da internet também. Fizemos um piquenique na Lagoa, “Último dia com nossos filhos”.

O que desestimula a luta por justiça é a frouxa legislação brasileira.

– A gente se revolta porque as leis dão brecha demais para que aconteçam essas coisas, que as pessoas matem, estuprem, roubem, façam o que quiserem porque sabem que não tem punição. A gente tem o caso da nossa amiga Fátima Sá, que é mãe de Germana. O esposo dela que é réu confesso assassinou Germana com 13 facadas na frente do filho. Como é que a juíza dá 13 anos de prisão para uma pessoa dessas? Quer dizer, cada facada é um ano? E a cabeça da filha dela que hoje tem seis anos e tinha

quatro quando presenciou o crime? E o filho que ela estava ensanguentada e correu para amamentar-se em cima da mãe? Como é que não fica a cabeça dessa criança?

– Ainda vai a júri, participa ativamente?

– Vou! Inclusive o de Dona Maria, a gente chegou lá de 9 horas e saiu quase 1 hora da manhã. Se saísse não poderia entrar mais, então a gente passou o dia todinho sem comer, para ter que ver uma injustiça daquela. Mas, a gente está lá sempre. Quando foi agora no julgamento do habeas corpus de Rafael, tinham outras mães comigo. Sempre que posso vou. Participei do de Jaqueline, Egon, uns cinco. A gente fica mais fortalecida quando tem quatro ou cinco mães, até porque elas entendem o que a gente está passando. Nas audiências, elas sabem o que a gente está sentindo ao ouvir falarem coisas de seus filhos, porque os advogados criminalistas botaram agora que todo mundo que morre, se for mulher é garota de programa, se for homem é traficante. Eles procuram demais manchar a imagem dos meninos, usando motivos baixos, humilhando, para desfazer da pessoa mesmo e a gente sabe o que uma mãe passa numa situação assim. Por isso é importante o apoio do grupo, porque a gente precisa. Eu me sinto muito segura quando chegam as mães. Quando chega Hiper, eu digo a ela que ela é o grupo. Mesmo que não vá ninguém, se ela está a gente sabe que o grupo Mães na Dor está. E a gente se sente acolhida e mais fortalecida, porque sabe que se mexeu com uma, mexeu com todas. Por isso que eu quero passar essa segurança pra elas também.

– Como é lidar com a dor da outra?

– Tem dores que a gente sente igualzinho à nossa, essa dor afeta todo mundo que fica. Eu não tenho mais filhos, mas as outras têm que ser forte para lidar com os outros filhos, com o luto do marido, que é diferente. Se bem que meu marido participa muito, já foi até mais que eu. É um dos únicos homens, sempre vai às mobilizações. As mães têm uma segurança muito grande nele, conversam, perguntam ‘Edson, na entrevista eu faço assim? Eu digo isso?’. Dizem que é o marido das mães do grupo. – ela ri com o título do esposo – A gente está recebendo Marcela, esposa de Diogo. Ela não é mãe, mas é mulher que também está buscando justiça e eu me vejo quando entrei no grupo. Dois anos atrás, na audiência de instrução Hiper disse ‘Dina esse é o primeiro degrau que você subiu, ainda vai vir tanta escada pela frente’. Eu não entendia o que era e ainda estou aqui há dois anos e meio.

O perdão

Não, ainda não, posso até trabalhar esse perdão, possa ser que depois eu consiga, que eu possa dizer perdoei, relevei, mas ainda não consigo ter, eu acho muito digno, muito bonito, mas se eu te disser que eu perdoar é hipocrisia e eu não vou agir dessa forma. Eu acho que eles fizeram e precisam arcar, precisam pagar pela atitude, pelas escolhas deles. Não é uma forma de vingança até porque se fosse seria mais fácil e já teria acontecido. E quero que seja na forma de lei, porque do jeito que ele fez isso comigo se não tiver uma reparação, ele vai fazer com outras famílias. E se outros jovens virem que ele fez e que ficou impune vão agir da mesma forma. Então o ciclo do ódio nunca vai se romper. Ele teve a escolha, matar ou não matar, ele escolheu matar, como ele escolheu, ele precisa saber que precisa pagar por esse ato. Quem compactuou, quem levou, quem deu fuga, também tem sua parcela de culpa e precisa pagar.

Vingança é um dos sentimentos que permeiam o pensamento dos pais desfilhados. “No início a gente pensa, se revolta. Veja o quanto a gente tem provado com essa justiça. Era pra gente já ter desistido, desacreditado. Mas ainda estou firme e forte. Contratei um novo advogado, gastando de novo e confiante. Quero que ele sirva de exemplo para que outros saibam que a justiça existe, tem que respeitar. Não pode chegar e tirar os filhos da gente, matar, destruir nossas vidas e as perspectivas que tínhamos para esse menino, o futuro dele. Tinha dias em que eu me perguntava: pra que eu vou levantar? Pra que vou trabalhar? Pra que vou seguir? Pra fazer o quê? Pra quem? Para deixar pra quem?”, se questiona continuamente, Dina.

“Tiraram toda a minha vida, por escolha, resolveram acabar. Eles pensaram que só iam tirar a vida física de Natan. Mas, veja a quantidade de pessoas que sofrem com isso. Veja o que fizeram comigo, me deixaram sem motivação. Eles precisam repensar o ato que fizeram.

– Então, qual a razão de viver hoje?

– Busco diariamente um jeito, pelo meu esposo, é homem, é forte, mas precisa muito que eu esteja ao lado dele, assim, como eu preciso que ele esteja ao lado meu. A gente procura conversar com essas outras mães que passam por outra dor. Procura fazer, na medida do que a gente pode, umas ações sociais para umas crianças carentes. Tenho um projeto de abrir um espaço com o nome Rancho Natan Luz, um local de acolhimento, era para acolher pais que passam pela dor que a gente passa, de início,

pelo menos para passar o final de semana nesse sítio. Conseguir um terapeuta, uma pessoa só pra ficar cuidando deles, quando eles tivessem nesses dias de recaída. É isso que eu estou tentando fazer no local que a gente está tentando adquirir, mas não é fácil também não, tem muitos percalços. Tem dias que a gente está assim meio triste, meio desesperado, meio desamparado – ri e chora ao mesmo tempo – a gente enche o carro de alimento e sai aí, vamos para um sítio, pra Alagoa Grande e sai fazendo a caridade. Quando volta já renova as energias, quando a gente faz o bem, a gente recebe muita energia boa, é isso que a gente procura fazer e viver assim.

O caminho da caridade



(Foto: Ação de Natal: reprodução Facebook)

- Como são essas datas de Natal, aniversário, Dia das Mães?
- Não são fáceis não, esse ano eu já lidei melhor com isso. Ano passado, aniversário dele, contratei carro de som, fiquei como uma louca aqui nessa principal dos Bancários, distribuindo cartaz, pedindo justiça. Esse ano eu já fiz diferente, eu disse

‘Natan eu não vou mais atrás de justiça dessa forma porque a gente se desgasta muito, sofre muito, você está completando 23 anos agora em julho, eu vou comprar 23 cestas básicas e a gente vai andar nesses sítios e distribuir’. O dinheiro que eu ia gastar com carro de som, panfleto, clamando, gritando, eu vou gastar dessa forma. Dia das Mães já fiz outra ação com essas crianças, então estou ressignificando meus dias, minhas datas, procurando através dessa dor outros sentidos para ela. Procuro não me apegar mais à data e quando vem essa saudade, essa necessidade, eu digo ‘Vamos fazer diferente agora’, porque se não a gente enlouquece, se você mergulhar, enlouquece.

Lembranças

Dina recorda sem dificuldade cada passeio e viagem que fez com o filho. “São tantos. Para mim, o pior dia é o domingo. Porque no sábado ele trabalhava, às vezes ia para a casa de Jéssika, almoçava com ela. Aí no domingo, geralmente, ele era nosso, mais nosso. Porque durante a semana ele trabalhava de dia e à noite ia para a faculdade. Então é um dia muito difícil de ser trabalhado, porque a gente ficava mais junto. Primeiro ano, todo domingo era cemitério, Parque das Acácias. Às vezes passava a manhã toda, porque era o lugar que me dava paz. Hoje quase não vou e, apenas para fazer orações, porque sei que Natan não está lá e não tem mais nada dele”, falando sobre as próprias dificuldades.

– Mas você fala com ele?

– Falo, falo.

– Você acha que ele te escuta?

– Escuta, escuta e assim, não é que ele esteja lá, é porque lá um local bonito, é um lugar amplo e eu procuro muito trabalhar essa dor quando vou lá, de tudo o que passei naquele dia. Quando vou lá sinto paz, quando estou lá eu não fico mais aflita, porque eu sei que não tem nem restos mortais.

– Quais as maiores alegrias que você teve na vida?

– Meu casamento foi um momento muito feliz, o nascimento dele foi outro assim, maravilhoso, quando a gente comprou a nossa casa aqui nos Bancários, que era nosso sonho, nossa como a gente lutou pra ter aquela casa. E ultimamente, a maior, a maior de todas, foi saber que mesmo depois dessa perda dele, com essa carta psicografada eu descobri: meu filho morreu fisicamente, mas espiritualmente ele está

vivo. Eu estava no fundo do poço e consegui levantar meu nariz e respirar mais um pouco.

Álbum de família

No momento em que abrimos as dezenas de álbuns de família, Dina estava mais interessada em me mostrar as fotos do que responder a qualquer questão que eu levantasse e assim nosso diálogo foi fluído, sobre vários assuntos ao mesmo tempo, um vai-e-vem.

– Ele não pedia irmãos?

– Nunca, porque a casa era cheia de meninos. – Muda de assunto apontando as fotos – Olha o grupo, como tinha gente, isso foi no caso de Germana; a mobilização no Tribunal de Justiça; colando cartazes de madrugada, a polícia chega, pergunta o que é, pra que é; a gente botou as camisas dos meninos tudo no chão lá na frente do Tribunal, cemitério, na igreja.

– Quando eu cheguei, em João Pessoa tinha muitos cartazes.

– Dois anos atrás né? A Prefeitura queria multar a gente por esses cartazes. A gente já lutou muito. – Outra foto – Essa é a melhor amiga dele. Olha as manifestações que a gente fez aqui nos Bancários.

– Quando foi a última?

– Quando Rafael foi solto, foi em fevereiro do ano passado, agora fez um ano, teve mais não depois dessa. A gente fez lá em frente ao Tribunal, Dr. Jo soltou ele.

– Sempre gostou de cordãozinho, boné?

– É. Aniversário todo ano a gente fazia. Aqui é a primeira infância dele.

– As pessoas vêm aqui e ainda pedem pra ver?

– Pedem. Os amigos dele. É por isso que eu gosto de revelar foto sabe? Porque se não você perde sua história. Ele era louco, louco por criança.

Os “bips” do celular dela nos deixam em silêncio são mensagens chegando. Mas continuo olhando as fotos.

– Ele jogava bola?

– Jogava, no Sindicato dos Bancários. O pai dele trabalha lá e ele fazia parte do time de futsal. Só na infância, depois começou a jogar vôlei, mas quando adulto a

paixão era moto e a atividade física, musculação, adorava malhar, academia era com ele mesmo. Essa é a primeira infância né? – Referindo-se ao álbum em minhas mãos.

Ouvia-se o barulho das pessoas na piscina, se divertindo, rindo, parecia o paraíso, o American Way of Life. Vez ou outra eu perguntava quem eram as pessoas ao lado dele na foto, muitas festas de aniversário, muitas crianças, tema do Pokémon. Quanto mais eu via, mais álbuns ela me trazia.

– Flamenguista?

– Doente! – disse rindo.

– Nessa foto ele está muito parecido com o pai.

– Não é? – concordando com meu comentário – Depois das câmeras digitais e celulares, ninguém revelava mais foto, mas eu revelo até hoje sabia? Tem um monte ali que eu já mandei revelar, você nunca sabe o que vai acontecer e foto é uma lembrança pra vida toda né? Essa aqui é no Rio Grande do Norte, foi uma das nossas últimas viagens, em março. E na Semana Santa a gente foi pra Baía da Traição.

As crianças gritam na área de lazer, serelepes como um dia foi Natan.

Vejo-o numa roupa de motociclismo. O jovem de 1,72 m que não bebia nem fumava, gostava de aventura sobre duas rodas, fazia trilha, empinava. Em outra foto está malhando. Vejo-o todo ralado.

– Aqui foi queda de moto?

– Sim, sofreu umas três viu.

– Mas nunca se machucou grave não?

– Não, a pior foi uma que ele quebrou o pulso ali na subida quando você sai da Pedro II pra pegar a BR-230. Ele estava indo deixar um documento, aí foi mesmo na traseira da Saveiro.

– Mas ele sempre foi assim saudável, ou teve algum problema de saúde?

– Nunca, Natan veio tomar um soro acho que tinha 20 anos de idade, por conta de uma linguíça ou foi um peixe que ele comeu e vomitou muito. A gente lá no Memorial e ele ‘Mainha como esse negocio dói, tire da minha mão, tire, tire, tire’. Nunca precisou ser internado, fazer cirurgia, nada, nada, nada. Era muito saudável, não tinha alergia a nada.

– Mas teve algum momento em que você ficava angustiada?

– Nesses acidentes de moto, eu ficava doidinha, aperreada mesmo, porque ligava primeiro para o pai, aí quando Edson chegava eu ficava louca.

As fotografias davam a impressão de que a vida deles era perfeita. Fotografias têm esse poder imagético.

– Essa foto já é recente, dos amigos dele que vieram aqui um dia desses. Esses daí não desgrudam da gente não.

– Da faculdade?

– Não, de adolescência mesmo, aqui do bairro.

– Aqui foi o que, carnaval?

– Sim, em Jacumã, ele se vestia de mulher. Nessa outra, a conclusão do ensino médio. Olha os primeiros passos dele, andando nu, tá vendo? Se equilibrava, assim, ele botava os bracinhos pra frente pra não perder o equilíbrio – descreveu enaltecida com a recordação.

– Andou cedo né?

– Nove meses. Os aniversários a gente fez até 11 anos. Olha a quantidade de menino que morava na nossa rua, não tinha como ele se sentir sozinho não. E a gente levava eles pra praia, pra jogar bola no final da tarde, pra Bica (Zoológico), pra todo canto, enchia o carro.

Quanto mais entardecia, mais o barulho aumentava, mais gente se reunia na piscina do condomínio.

– Essa foi a missa de um ano dele, agora me diga se tinha necessidade da gente estar numa luta dessa né mulher? Pedindo por justiça, é isso que eu não me conformo, não era pra ser assim, estar se desgastando emocionalmente, gastando financeiramente, isso era pra ser preso e acabou – desapontada.

– Tantos e tantas, não é?



(Foto Aniversário Natan: arquivo pessoal)

Psicografia

O primeiro assunto abordado por Dina em nosso encontro foi: as três cartas psicografadas que recebeu de Natan. Estão disponíveis no *YouTube*²⁵, com média de três minutos cada. “São belíssimas. É um médium do Rio de Janeiro. Vimos que iria fazer psicografia em Recife e fomos, sem conhecer. Não fizemos entrevista, nada. Foi a última carta que ele leu. Tinham coisas muito peculiares, minhas e de Edson. Eu já havia dito que só acreditava que Natan escreveria uma carta se ele citasse a frase ‘Queira não’ e ele citou”.

A história da ida a Recife é tão curiosa, que parece mesmo que o destino os levara ao local. “Hoje a gente faz parte desse grupo, mas foi uma amiga minha que mandou um vídeo bem bonito e eu fiquei na curiosidade: será que isso existe mesmo? Comecei a pesquisar, vi a agenda desse médium e vi que ele iria para Recife dois meses depois, em junho. Vi o endereço na internet e liguei para o centro só para saber onde

²⁵Carta 1: <https://www.youtube.com/watch?v=-EwZthvwWqg>

Carta 2: <https://www.youtube.com/watch?v=8ge6Ean2XfQ>

Carta 3: <https://www.youtube.com/watch?v=Qq-dB6dcJFk>

ficava. Saímos às 16h. Vai fazer dois anos que a gente recebeu a primeira carta, sempre com ele. Estamos lutando para trazê-lo a João Pessoa até o final do ano”.

Era o código. “Sempre que ele brincava com os meninos falava assim ‘Queira não, viu?!’ Essa frase não era divulgada em internet, era dele mesmo, ele sempre falava, dizia ‘Queira não, mainha se não cê chora’. Tudo dele era ‘Ei mainha onde é que tá isso, eu quero aquilo, fala com painho aquilo’.

– Eu queria que ele dissesse esse código, mas tu fala tanto Edson, tu conversa tanto que eu tenho medo de dizer e tu contar para alguém – disse ao ouvido do marido durante o percurso.

O telefone tocou.

– A gente passou uma hora para sair daqui até o Sonrisal (viaduto), congestionamento. Sexta-feira, véspera de São João. Chegamos em Recife, procurando o endereço: Avenida 17 de Agosto. Data do meu aniversário, fácil de decorar. Sem saber andar em Recife, já de noite, não tinha GPS em celular. Amiga, a gente subia e descia uma avenida, Agamenon Magalhães, tu já ouviu falar? Diz que essa avenida é a que corta a cidade, a gente passou umas três vezes. Eu disse ‘Edson, vamos parar no posto de gasolina e perguntar como voltar para casa, tem condições de chegar mais não porque a palestra é de 19h30 e ele ia começar a psicografar 20h. Perguntei no posto ‘Moço como é que a gente faz para pegar a BR e voltar para João Pessoa?’ Ele disse: ‘a senhora pega aqui a Avenida 17 de Agosto’. ‘Onde é essa avenida?’ ‘Essa aí dobrando’. ‘Onde é que tem Ibama?’ ‘No terceiro quarteirão’. ‘Vamos Edson, dá tempo. A gente encontrou uma senhora, perguntei onde tinha um centro espírita e ela disse ‘É lá na frente, mas deixe o carro e vão a pé que a rua está lotada’. Uma rua sem saída, sem calçamento, o centro é muito simples, bem pequenininho. Acho que não cabem 100 pessoas lá dentro. Tinha um caminhão e um monte de gente escorado e a gente ficou lá, não tinha cadeira, não cabia lá dentro e a gente ficou na rua. Aí eu perguntei à moça: o rapaz que faz as cartas já chegou? ‘Ele já está psicografando’. E o outro fazendo as palestras. E quando ele começou a ler as cartas, fomos nos emocionando com cada mãe. A gente ficou em pé, não demos nome, só chegou e ficou lá fora sem conhecer ninguém e não tem fila, não tem nada, é aleatório mesmo. Quando ele leu a última carta, ele disse ‘Dina, minha mãe. Ubaldina Rodrigues de Figueiredo Silva’. Eu pensei: esse nome só tem eu. Porque Dina no meio de 200 pessoas poderia ter outra, mas Ubaldina. Aí disse meu CPF todinho. Aí eu disse ‘Meu Deus sou eu, sou eu, sou eu’.

– O que você sentiu naquela hora?

– Bruna – começou euforicamente – eu não sei, o mundo se abriu assim, eu fiquei louca, louca, ‘Esse menino tá vivo’. Aí a gente ficou doido e começou a ler a carta, linda e no contexto, no meio da carta, ele bota ‘Ei mainha, queira não, vingança para quê?’, quando ele fala isso, eu digo “o código”. Aí a gente começou a estudar a doutrina, saber o que era uma carta psicografada, buscar entendimento. A gente quer que a justiça seja feita, mas estamos aprendendo a trabalhar essa dor, tentando entender e, essa carta de Natan nos levantou pra vida, pra ver as situações, saber que existe vida após a morte, não é isso aqui. É o que está levando a gente. Em dezembro Fernando Ben esteve lá de novo e recebemos outra carta. E em julho do ano passado a gente foi para um congresso espírita que tem lá. Eram 2.500 pessoas e Natan psicografou de novo. Então são cartas assim maravilhosas, lindas, lindas, lindas, são coisas que ele fala que só a gente que é família é que entende e que sabe o que passa, mas é essa certeza que está nos mantendo de pé. A vida é minha, minhas escolhas, eu optei por esse caminho para tentar entender a vida dessa forma, porque se não for a gente enlouquece.

– Outras mães quiseram ir pra Recife?

– Já foram. Umas se identificam, outras não, porque acho que a maioria do grupo hoje são evangélicas.

– Mas elas receberam cartas?

– Hipernestre já recebeu de Aryane, mas, não desse médium, foi de outro que ela foi. Outras mães acho que ainda não.

O Grupo Cartas de Fátima possuía 30.192 membros no Facebook até junho de 2017. É fechado e um dos três administradores é a esposa, Thais Ben. No site, há uma explicação para quem seria Fátima. “Acreditamos que a mentora espiritual de Fernando Ben, viveu na época de Jesus e depois reencarnou como Hipatia, a filósofa, professora, astrônoma e matemática de Alexandria. Ela que dirige esta atividade das cartas psicografadas no mundo espiritual”. Há mais de 18 mil inscritos no canal do Youtube que tinha 165 vídeos e 1.848.180 visualizações até 14 de junho de 2017.

“Fizeram um vídeo para agradecer ao Fernando e à Fátima (mentora espiritual dele) por todo esse carinho conosco. A esposa Thays administra o site”, contou Dina. O material tem 5’26” de duração e 2.203 visualizações até 09 de junho de 2017. Cinco comentários emocionados, agradecendo e parabenizando. Há fotos e vídeos de Natan, a

família, e a namorada. A trilha sonora é a música “Pra te lembrar”²⁶, Caetano Veloso, composição de Nei Lisboa. Tive um déjà vu, foi muito impressionante.

A primeira carta de Higor Natan foi psicografada em 19/06/15, na casa Irmã Gertrudes, em Casa Forte, Recife (PE). O vídeo teve 14.178 visualizações até maio de 2017. O médium Fernando Bem informa aos participantes da reunião que aquela é a última carta de parente e pede permissão para lê-la. Na mesa junto com ele há outras pessoas e muita gente em volta. Ao final ele pede que Deus abençoe a família. Foi publicado no dia 21/06/15. Há cinco comentários, a maior parte parabenizando o trabalho do médium e apenas um em referência a Natan.

A segunda carta veio em 21/12/15. O vídeo teve 4.808 visualizações até 09 de junho de 2017. Há uma observação na legenda do canal: “Obs.: O médium não fala com familiares antes. Toda atividade é gratuita, de caridade. Bem como, as cartas são psicografadas publicamente, na frente das pessoas”. Há cinco comentários com palavras de amizade, amor, consolo e invocações a Deus, todas de caráter otimista, dirigidas a Natan e à família. Uma delas comentou o primeiro vídeo também. O médium vai lendo e passando a folha para uma mulher ao lado. Foi publicado em 29/12/15. Ao final, ele reúne todas as folhas, enquanto Dina se encaminha chorando até ele, que a abraça junto ao seu marido.

A terceira carta foi em 31/07/16, mas publicada somente em 09/08/16. E tinha 3.372 visualizações até 09 de junho de 2017. Foi em um espaço maior, diferente dos dois anteriores. Também há cinco comentários, mas, apenas um cita Natan diretamente, de uma amiga que comentou o segundo vídeo, os demais são aleatórios e referem-se a pedidos por pessoas que já morreram. Dina e o marido sobem no palco para ouvir, ela sentada, ele em pé chorando antes mesmo de começar a leitura, depois ele senta, aplausos e abraços ao final. Todas as cartas estão transcritas (ANEXO A).

Higor Natan

²⁶ Letra “Pra te Lembrar”: Que é que eu vou fazer pra te esquecer?/ Sempre que eu já nem me lembro, lembranças pra mim/ Cada sonho teu me abraça ao acordar/ Como um anjo lindo/ Mais leve que o ar/ Tão doce de olhar/ Que nenhum adeus pode apagar/ Que é que eu vou fazer pra te deixar?/ Sempre que eu apresso o passo, passas por mim/ E o silêncio teu me pede pra voltar/ Ao te ver seguindo/ Mais leve que o ar/ Tão doce de olhar/ Que nenhum adeus pode apagar/ Me abraça ao acordar/ Como um anjo lindo/ Mais leve que o ar/ Tão doce de olhar/ Que nenhum adeus vai apagar/ Que é que eu vou fazer pra te lembrar?/ Como tantos que eu conheço e esqueço de amar/ Em que espelho teu, sou eu que vou estar?/ Ao te ver sorrindo/ Mais leve que o ar/ Tão doce de olhar/ Que nenhum adeus vai apagar.

Ele era tranquilo, não era briguento, nem com os meninos que ele brincava na rua. Não era arrogante. Os meninos diziam mesmo, que era bonito, se vestia bem, gostava muito de coisa boa, roupa de marca, mas não tinha frescura com ele. Andava com esses meninos do Timbó, cumprimentava todo mundo onde ele estivesse. Porque tinha gente que quando chegava num show com os amigos da universidade não queria falar com os meninos da comunidade. Não tinha isso com ele não, onde tivesse falava com tudin.



(Foto: arquivo pessoal)

Quando cheguei à capital paraibana para iniciar o mestrado, deparei-me em toda parte com cartazes de um jovem de olhar distante que sorria para mim. A legenda da foto pedia justiça. Saber que mais uma vida foi interrompida, mais um garoto foi assassinado, mais uma mãe ficou sem filho me causou certa tristeza, comum a qualquer pessoa que tenha o mínimo de sensibilidade. Mas, em todo lugar em que eu ia, ele estava lá a sorrir para mim. Ele tinha um sorriso muito bonito, daqueles que dá vontade de sorrir junto, daqueles que causam empatia, daqueles que a gente não esquece. Era como se ele já fizesse parte da minha vida, porque ele estava sempre ali, todo dia. O único local em que não conseguia vê-lo era na minha própria casa. Mas, me acompanhava em cada parada de ônibus. A lástima pela morte de um total desconhecido deu margem à curiosidade: o que aconteceu com ele?

Jamais imaginaria que um tempo depois, aquele caso se tornaria parte do meu objeto de estudo. Na gênese do meu contato com o grupo Mães na Dor está essa foto de Higor Nathan. Vez ou outra, quando a via na companhia de algum pessoense eu

questionava como ele teria morrido. Versões, ouvi algumas, com dúvidas sobre sua veracidade, até o dia em que tive a oportunidade de entrevistar sua mãe, para a matéria especial de Dia das Mães, do Jornal Correio da Paraíba em 2015. Pedi a Hipernestre que reunisse outra mãe para a entrevista e ela conseguiu que Dina saísse do trabalho para nos atender. Aquele encontro foi crucial para que eu mudasse meu projeto para contar essas histórias.

Quanto mais eu conheço Natan, mais eu quero conhecer. Quando estive com Dina em sua casa, seu sorriso ecoava entre os porta-retratos e quadros na parede. E na pele. Nas costas de Dina o rosto de Natan está estampado, mas, dessa vez sem sorrir.

– Ele trabalhava na imobiliária ao lado do Shopping Sul. Tem uns rapazes que lavam carro ali, pessoas que são excluídas pela sociedade. Às vezes as pessoas ficam com receio, com medo, tem bem uns cinco ou seis e eu estacionando um dia, eles me reconheceram ‘A senhora é a mãe de Natan’, ‘Sou’. ‘Olhe, não é porque esteja na sua frente não, mas até hoje a gente sente falta de seu filho’. – Nessa hora meus olhos acompanharam os de Dina e lágrimas molharam o meu bloquinho, borrando minhas anotações e a bolsa que estava em meu colo – ‘Pelo que ele era, o jeito dele, a gente lavava a moto, ele deixava a chave, e todo dia que Natan chegava nessa imobiliária a gente já trazia o pão de casa porque antes dele ir trabalhar ele já trazia um copo de café pra gente’. ‘É mesmo?’ ‘Todo dia: peraí boy que eu vou buscar teu café, tu já trouxe o pão?’ ‘Ele sempre levava lanche na mochila, se a gente tava sem o dinheiro do pão, ele já jogava: toma aí um pacote de biscoito. Mas todo dia, a gente não ia nem lá buscar, ele já trazia um copo de café bem quente assim que a menina fazia’. São pessoas que a gente passa no dia a dia e nem cumprimenta e ele tinha essas atitudes.

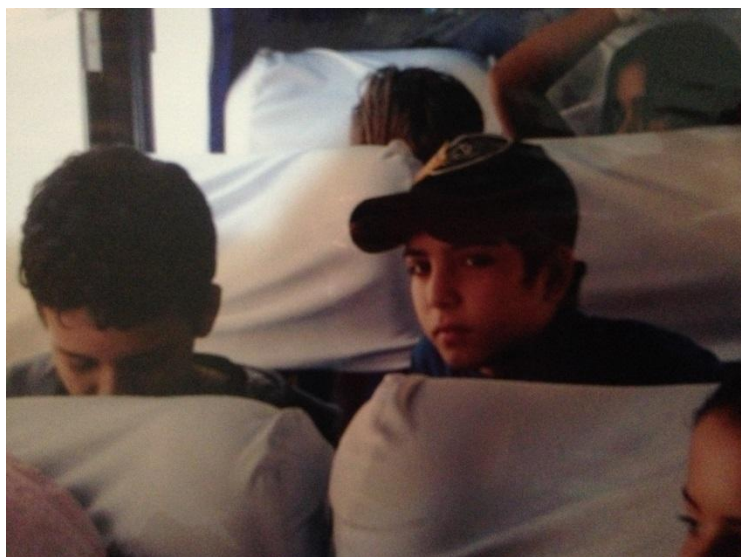
Natan era do tipo que “frescava”, tirava onda, apelidava as pessoas. “Era muito alegre, feliz. Até hoje os amigos ligam, se comovem. E como é que a gente vai viver agora sem essa alegria? Porque se eu chegava e dizia ‘Natan, a coisa tá ruim’. Ele dizia ‘Ah, mainha, crise pra mim só de for de risos’ (nesse ponto eu já não conseguia distinguir o riso da lágrima). Tudo ele tinha uma piada, não tinha tempo ruim. Às vezes eu me estressava com ele, queria brigar, mas começava a rir. ‘Tem jeito pra tu não’. Não é porque sou a mãe, mas todas as pessoas que conheço gostam dele”.

Quando se mudou, Dina descobriu outra história sobre o filho. É incrível como os acontecimentos vão se encaixando como peças de quebra-cabeças. “É uma restrição muito grande para entrar nesse prédio, principalmente se for um prestador de serviço, até imobiliária tem que ter um cadastro, uma autorização para mostrar apartamento. Ele

era louco para morar aqui e eu nunca quis. E depois que ele morreu, a gente rodou atrás de apartamento e viemos morar, justamente, aqui, inclusive, esse daqui foi um dos que ele mostrou e no dia que ele faleceu ele estava com a chave dele no bolso. Quando eu aluguei, não sabia. Eu fui mexer nas coisas dele, aí achei e liguei para a imobiliária e disseram que estava com ele e tiveram que fazer outra. Quando o administrador do prédio soube que éramos pais de Natan começou a chorar e disse ‘Era um menino que você não tinha o que dizer dele, porque por ser novo, ele vinha mostrar os apartamentos, tinha acesso sem todas as restrições que os outros têm, porque ele agradava a todo mundo. Às vezes do nada ele chegava com um refrigerante de dois litros e um bolo, ‘Eu trouxe pra lanche com vocês’, aí reunia jardineiro, todo mundo, a gente ficava besta, menino novo, bonito e falava com todo mundo’. Coisas que a gente não sabia que ele fazia”, a voz embargada de emoção.

“Ele era muito bondoso de coração, generoso, de ajudar, de querer sempre resolver tudo, humilde. Por ser tão bom, despertou a inveja do bandido que o matou, porque quando ele ficou com a namorada de Natan, já foi no intuito de querer ser o que Natan era, só que ele não vai conseguir porque bondade vem do coração. A personalidade dele era muito alto astral, tranquila, às vezes eu queria brigar e ele não deixava, porque pra tudo ele tinha uma piada, tinha uma coisa pra você rir. Até no dia do crime, quando eu ia saindo da construtora, uma meia hora antes eu falei com ele porque ele trabalhava até 16h e eu tinha que receber o dinheiro de um aluguel que era pela imobiliária dele. ‘Meu filho hoje é dia 7, esse aluguel ainda não foi depositado veja aí se esse pagamento não vai ser feito porque a crise tá feia’. Aí ele disse ‘Mainha, tu tá lisa é? Rapaz como é que a pessoa liga pra tá cobrando aluguel?’ Então era assim as coisas dele, tudo, tudo o que você falava, ele sempre tinha alguma coisa pra lhe tirar de tempo, era muito extrovertido”.

Conversando com Dina, eu que senti saudade de Natan, transcrevendo a entrevista, meu sorriso se abria espontaneamente ouvindo trechos do seu relato. Ela não me deixou fazer foto dela, disse que estava com o rosto muito inchado de chorar e que depois me mandaria uma foto, mais bonita. Foi sempre não só atenciosa, mas carinhosa, e sorria. Eu pedi as cartas, mas não precisei cobrar. Ela me mandou no mesmo dia. Carinhosa, nas mensagens ela me chama de “amiga”. Apesar de tudo, ela estampa um sorriso no rosto.



(Foto Natan viajando: arquivo pessoal)²⁷

Eu acho que já era preparada para isso, porque a gente viveu muito intensamente. Natan passou 21 anos ao nosso lado e tudo na vida da gente foi muito intenso, éramos muito colados os três, viajavamos muito, passeávamos, curtimos os finais de semana. Esses álbuns que você está vendo são todos de Natan em viagem e passeio, mais de três mil fotos. Então Natan curtiu demais, eu sugava muito dele, era muito apegada. Tinha horas que ele falava assim ‘Mainha pelo amor de Deus me deixa viver’, porque era aquela coisa, um grude, sempre conversava. Ele era companheiro mesmo, muito com Edson, em trilha de moto. E a saudade que não para, tem dia que você quer estar junto. Como a menina estava dizendo, meu sonho era ser vó e não fui, porque diante dessa situação, desse crime passional, se Natan ainda tivesse me deixado um neto como é que eu não estaria hoje? As providências de Deus eu só vou entender um dia, mas ele será sempre meu e ele sabe disso.

²⁷ Esta foto me chamou a atenção em especial, esse olhar de Natan no ônibus me prendeu naquele momento e me prendeu para sempre. Não poderia deixar de mencionar. Mais fotos podem ser vistas ao final (ANEXO B).

Uma mulher de missões (Ana Gláucia)



(Foto: arquivo pessoal)

Norberto disse que eu tenho missão né? Porque a gente está dentro de casa e a minha missão é grande, eu tenho que cuidar. Eram três irmãs da minha mãe, tem a casinha delas, mas toda vida viveram pertinho da gente. Todas eram solteiras, as duas mais novas foram noivas muitas vezes, mas nunca casaram. A mais velha nunca nem namorou. Nós sempre cuidamos delas. Minha irmã, minhas primas e eu. Ainda hoje elas vivem sob o nosso comando, elas são assalariadas e muito bem cuidadas. Minha irmã e eu tomamos conta delas e as primas ajudam financeiramente. Quando a mais velha adoeceu com 92 anos, uma tinha 80 e a outra menos de 80. No dia 28/02 teve um edema pulmonar, chegou na Unimed, levada para a UTI e já foi entubada. Pela idade e a situação, a gente tinha certeza que ela não sairia dali. Então a gente comprou túmulo e se preparou para a morte dela. E quem inaugura o túmulo dela é Everton no dia 14 de março de 2010. Depois de 17 dias, em 31 de março, ela faleceu.

O coração de Ana Gláucia já estava preparado para o luto, porém, ela jamais imaginava que seria pelo filho, que a morte traiçoeira surpreenderia a todos naquela madrugada de domingo. Um mês depois morreu Thaís, filha de Hipernestre Carneiro, a fundadora do Grupo Mães na Dor, em outubro foi a vez de Elton. Em outubro de 2014, Higor Natan e, em outubro de 2015, Rogério. Seu irmão, Dudu, foi o primeiro dos filhos perdidos das cinco mães que entrevistei, em outubro de 2008. Todos assassinados. Outubro, coincidentemente ou não, é um mês bem carregado.

Essa é mais uma história de dor, porém, sem grande drama. A mulher de 69 anos que encontro na casa espaçosa do bairro do Jaguaribe, em João Pessoa, não chora ao falar da maior perda de sua vida. Ela é firme, consciente e surpreendentemente forte. É o sustentáculo da família que se desmoronou com a queda do caçula. A morte prematura de Everton com uma bala no coração.

Esperei alguns dias até que Dona Gláucia pudesse me atender. Além das muitas ocupações, a filha adoeceu e foi morar com ela, que se encarregou de algumas responsabilidades tanto com ela, quanto com os netos. No dia 28 de março, nos encontramos pela primeira vez num fim de tarde quente de outono. Nossa conversa então começa sobre o calor, a sala de sua casa recebe o sol durante toda a tarde e torna-se muito quente. Ela me chama para conversarmos na área, mais ventilada. O horário foi sugerido por ela, para amenizar o desconforto das altas temperaturas.

Ela se arrumou para me receber, vestiu especialmente a camiseta com a foto do filho. Numa tentativa de discrição, não fiz nenhum comentário a respeito, no entanto, ela queria ser percebida por esse detalhe. Lágrimas surgem ao falar da missão de cuidar. Lágrimas minhas ou lágrimas dela? Quem sabe de ambas. Uma terceira figura aparece para acompanhar nossa conversa, mas queria “falar” mais que nós duas e teve que ser trancado no quarto. Téó, o cachorrinho fofinho que eu achava ser cadela, por conta da “xuxinha” de cabelo. Não parava de latir, não parecia feliz com minha presença.

Éramos seis

Ana Gláucia Barbosa Belmont, que fará 70 anos no dia 19 de setembro, é a segunda de quatro irmãos. Ela e a irmã do meio nasceram em Campina Grande, cidade natal do pai. A mãe veio de Cabaceiras, pequeno município do Cariri paraibano a 180 km da capital. Autodenominada “Roliúde Nordestina”, em um letreiro na entrada da

cidade, devido aos inúmeros filmes rodados no local, como o Auto da Compadecida. Cabaceiras é famosa também pelo ecoturismo no Lajedo de Pai Mateus, uma bela formação rochosa muito visitada por turistas.

O irmão mais velho e o mais novo nasceram em João Pessoa. Gláucia não lembra em detalhes da infância, nem as motivações que levaram a família a mudar de cidade. Os seis moravam na capital desde que ela era pequena. A família diminuiu com a morte do chefe da família, quando a jovem menina tinha apenas 17 anos. Essa foi a primeira de suas três grandes perdas. Em João Pessoa ela também viu a mãe morrer décadas depois por doenças trazidas pela velhice.

“Meu pai trabalhou no Dnocs e minha mãe era do lar. Era aquele tipo de homem antigo que só ele podia trabalhar para manter a família. Aos 48 anos teve um infarto fulminante. Então minha mãe que nunca trabalhou, aprendeu a trabalhar para sustentar os filhos. Eu acredito até que a gente amadureceu muito cedo com a morte dele. Meu irmão tinha 20 anos, estava em Cajazeiras fazendo um curso para o Dnocs e teve que vir nas carreiras e ficou no lugar de papai no Dnocs. Eu tinha 17 e fiquei ensinando, depois fui para o Paraiban (Banco do Estado da Paraíba). E foi assim, um início de vida muito sacrificado porque todo mundo começou a ajudar mamãe, já que ela nunca tinha trabalhado na vida. Nem numa feira ela ia sozinha, só ia com ele. Na época essa mudança foi muito difícil, em condição social e tudo, porque ele deixou de lutar para botar as coisas dentro de casa e um salário para quem vive de pensão não dá para nada. Minha mãe começou a costurar para fora. Eu não me lembro de grande coisa da minha infância não, foi normal, sem muita coisa a dizer”, puxou da memória as cenas do passado.

Tão difícil ter, tão fácil perder



(Foto Filhos: arquivo pessoal)

Eu nunca evitei, queria casar e ter filho logo, a vontade era tão grande, minha necessidade de ser mãe, mas parece que por conta da minha ansiedade eu passei oito anos lutando para engravidar. E tenho certeza que fiz muito bem a minha parte, sempre me dediquei. A minha vida toda foi para eles dois. Nada na minha vida me saiu como sacrifício, sempre lutei para dar a eles o que queriam.

Para Dona Gláucia foi tão difícil ter os filhos que ela tanto desejou e perder seu único rapaz foi tão fácil, tão rápido, tão fútil.

– Quando eu vim para cá, estudei, fiz Pedagógico e depois Letras. Mas comecei a namorar com meu marido cedo, acho que antes de meu pai morrer. Namoramos oito anos, casei em 1972 e já faz 45 anos. E depois de tanto tempo vem esse revés da vida, por mais que a gente tente entender, sofre só em falar. Eu passei oito anos sem ter filhos, aí veio Elane. Dois anos e meio depois, Everton. E depois não tentei mais não, já comecei a ter menino aos 33 anos, já tava bem veíinha para começar – ela se diverte ao falar das gestações, relata de forma empolgada.

– Já sabia o que era?

– A gente só soube quando nasceu, porque na nossa época não tinha isso. Na dele, poderia até já ter, mas nunca fui atrás. Era agradecida a Deus por ter, para mim o que viesse já estava satisfeita em ganhar um, eu não tinha nenhum.

– As gestações foram tranquilas?

– Foram o... – algo desvia atenção dela, olha para a folha da planta batendo em mim – essa plantinha está te incomodando né? Fasta tua cadeira.

– Ela é natural? A folha é muito lisa e brilhosa, parece artificial.

– É natural. Eu estava olhando pra tu e conversando e já achando ela queimadinha, acho que é falta de material, um adubozinho. O que eu estava dizendo?

– A gravidez.

– Apesar da idade foi tranquila, quis ter os dois por parto normal. Não me lembro de coisas que venham a marcar esse período não.

– O que a senhora lembra do dia em que ele nasceu?

– Do dia que ele nasceu... – para, reflete – Quando ele nasceu eu já tinha uma vivência do que sofri para Elane nascer. Você vai ter menino velha, aí tudo é diferente, a máquina funciona diferente – ela ri de si mesma de forma serena – mas foi bem, ele nasceu bem. Sempre foi magrinho, até três anos e meio era mais cheinho, não gordo.

Mas veio ficar forte depois de rapaz. Muito levado, muito ativo. Estudava comigo para que eu conseguisse que ele crescesse no colégio. Eu tinha que estudar com ele – sorri com a lembrança – nunca me deu muito trabalho, todos dois sempre foram apegados a mim. Eu precisava trabalhar o dia todo, quando chegava em casa tinha que estar com eles. Minha mãe, viúva, foi quem praticamente cuidou deles, porque eu morava com ela. Foi quem os viu crescer, foi mais mãe do que eu, que só pegava na hora que estava em casa.

Os pássaros, até então alheios ao nosso diálogo, iniciam uma sinfonia de forma sutil. O que podemos chamar de “música ambiente”. A orquestra natural estava bem ensaiada, pela afinação demonstrada. A casa tem muitos bichos, mais bichos do que gente.

– Eu não tenho filhos ainda, como é que a senhora poderia me definir o que é ser mãe?

– Olha, eu lhe digo uma coisa, eu acho que você tem que se dedicar e dar o que você tem de bom para um filho, porque o que ele recebe fica, tenho certeza que fica. E eu não me arrependo de nada na minha vida que fiz pelos meus filhos, pelo amor que eu dei, a dedicação. Trabalhei no Paraiban por 22 anos, até novembro de 1992 e à noite ensinava. Quando ela nasceu, passei a trabalhar só de dia. Quando o banco fechou eu ainda trabalhei na Usina São João e depois fiquei em casa só pra cuidar de menino mesmo. De menino não, porque já eram adolescentes. Não me lembro de ter tido lembranças negativas.

Ela tosse, estava meio resfriada, e quando começou a convalescer me chamou para nosso encontro, remarcado algumas vezes. Eu sempre na expectativa.

– Como era a infância deles?

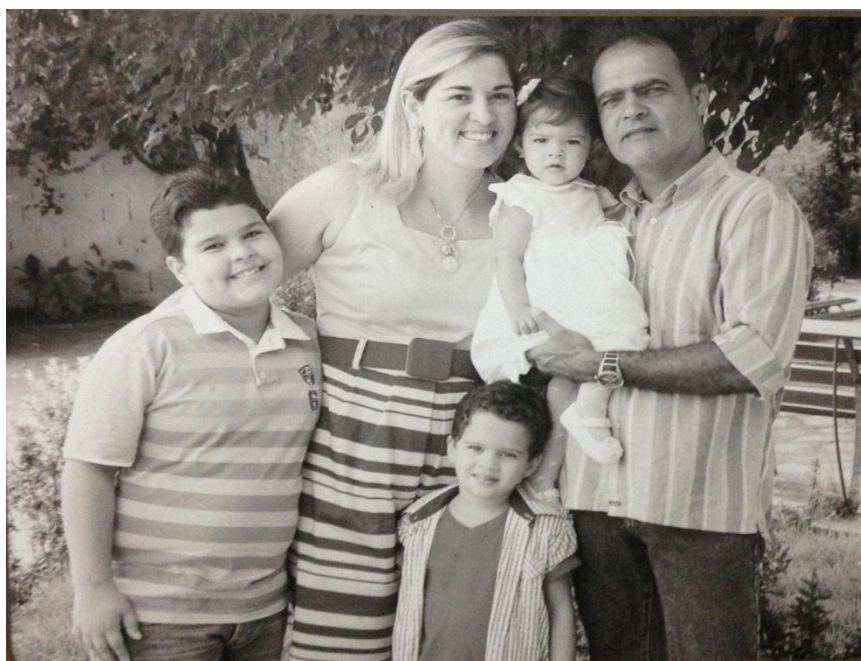
– De verdade, porque hoje meus netos não têm. Brincava, estudava, brincava. A gente morou aqui, tinha muitos amigos, gostava de bola. Sempre foi muito danadinho, assim, de fazer arte com ele mesmo. Se cortava, eu dizia que a perna dele tinha 29 pontos, porque saía correndo, daqui a pouco vinha com um buraco nas pernas, no dedo, machucava na bicicleta, arrancava pedaço do joelho – e eu olhando discretamente para os meus joelhos, ambos com cicatrizes permanentes das quedas que eu levava quando subia correndo as ladeiras de asfalto áspero do Santa Cristina em direção à Vila Junqueira, em Santo André, durante todas as entrevistas e transcrições, não parava de fazer conexões entre a vida das personagens e a minha própria – era assim, sempre me deu esse tipo de trabalho, natural de uma criança. Eu nunca me reclamei não, o pai não

ia para o hospital de jeito nenhum. Quando ele chegava arrebatado, era eu que colocava num carro e ia-me embora. Ele não tinha coragem não, porque, geralmente, levava ponto – um homem sensível a ver os simples machucados dos filhos, a vê-los sangrar, um homem que por mais maculado que fosse, não derramaria o sangue alheio – Uma vez empinando na bicicleta fez uma gota na perna, foram bem 15 pontos. Já com ela não, tranquila, nunca teve esses problemas.

– Não era muito difícil ser mãe, mulher e trabalhadora?

– Sabe por que não? Porque eu tive minha mãe, ela me ajudou bastante. Trabalhava costurando, mas sempre tinha alguém para ajudá-la. Eu acho que a minha vida não foi difícil por conta dela. Foi ela que criou os dois, mas o Alzheimer começou a aparecer, na época a gente chamava de esclerose. Ela morreu em 2004 e esqueceu totalmente Elane, que era a menina dos olhos dela. Eu tenho foto dela aqui com Erick já rapaz agarrado com ela – por diversas vezes ela troca o nome do neto com o do filho, não sei se por serem parecidos foneticamente ou pela presença constante do neto não como hóspede, mas como morador, que tomou posse do quarto de seu filho. Quando a bisavó morreu, Erick tinha apenas dois anos de idade, não poderia ser rapaz, já Everton contava com 21.

Passarinho, pato, galinha, cágado, tartaruga, cachorro



(Foto Netos: arquivo pessoal)

A filha se divorciou em julho, o marido ficou na casa e ela alugou um apartamento perto da casa da mãe. Em novembro de 2016 fez uma cirurgia de emergência de hérnia de disco. Perdeu o movimento da perna do joelho para baixo, começou a fisioterapia e precisava de alguém para cuidá-la, já que não conseguia andar. Assim, ela e os três netos passaram a morar com Dona Gláucia. Voltou a trabalhar, o pé que ainda não reabilitou, a sensibilidade virou, quebrou o maléolo (osso do tornozelo), ficou acamada. Voltou a trabalhar pela manhã, mas utilizando bota imobilizadora.

– Pense num revés que deu na vida dessa menina.

– Qual a idade dos seus netos?

– Erick tem 15, esse gordinho que está ali na foto. Ele hoje está um rapaz maior do que essa porta. O pequenininho tem 10 e a menininha tem 7. Isso era Everton ali – apontando os quadros na parede – ele se batizando com um ano, era loiro, olha os cabelinhos de ouro. Ali na primeira comunhão. Esse outro retrato dele foi na formatura. E ela também, pegamos o mesmo período: batizado, primeira comunhão e formatura. E hoje está ali aquela lembrancinha, só a foto do casamento que durou 15 anos.

– A casa fica mais alegre com os netos?

– Fica. Aqui é uma casa que tem muito movimento. E também é barulho o dia todo, porque menino você sabe. A diferença do grande para o do meio são cinco anos. Os dois mais novos são mais amigos. Daqui a pouco ele acorda, chegou do colégio ia dar 13h.

– Como foi o relacionamento dos seus filhos com o pai?

– Olha, na vida de adolescente deles, ele e o pai brigavam muito. Ele não aceitava que o pai bebia. Sempre tinha discussão. Elane não. Teve a fase boa do pai, quando ele começou a beber tiveram os desencontros, mas não era coisa de perder a paz dentro de casa. Quando ele virou rapaz já se chegaram mais, acho que pelo fato de Everton ter começado a gostar de beber. Foi o que ele viu dentro de casa né?

– Quais foram os momentos mais felizes da sua vida?

– Eu sei dizer os que não foram. Apesar de ter problemas, por que quem não tem? Um dos problemas com Norberto foi a bebida, mas era coisa superável, nada de marcar a vida não. Eu acho que a minha vida foi boa, apesar de sempre ter o que fazer, ter luta, trabalho para adquirir alguma coisa na vida. Nada para mim chegou de graça, teve foi muita luta, mas eu não tenho do que me queixar. Tiveram esses três fatos que

marcaram a minha vida, hoje eu não sei o que é felicidade. Antes, eu me sentia bem, feliz.

– Como é a rotina da senhora hoje?

– Menina, minha vida é tão cheia. Se você procurar um minuto que eu tenha tempo não acha. Depois que os pais separaram, Erick veio de mala e cuia pra cá. O apartamento da mãe está fechado desde que adoeceu. Ela veio simhora pra cá porque eu não podia deixar a minha casa pra ficar com ela lá. Amanheço o dia acordando menino para ir para a aula, voltei ao tempo em que meus filhos eram pequenos. Erick estuda de manhã e os outros à tarde. O pai que leva para a escola. Levanto, tomo café, se tiver alguma coisa para fazer de manhã, se não, eu deixo para a tarde. Depois do almoço, todo dia, geralmente, saio para resolver alguma coisa. Estou sempre agindo, não paro. Se tiver o que fazer, estou fazendo. Tenho uma pessoa que me ajuda, mas nunca é o que eu gostaria que fosse, aí eu estou sempre ajudando. Tenho uma pessoa que lava roupa pra cá, mas eu não posso ver um baldinho que saio botando pra lavar. Eu não paro, eu gosto de planta.

Já o marido se dedica às dezenas de bichos que cria no quintal: passarinho, pato, galinha, cágado, tartaruga, cachorro. Só falta mesmo papagaio. Esse é o “hobby” dele. É um homem que sofre muito e como sofre. “Sabe quando no interior você joga milho e vêm aqueles bicho tudin? É aqui em casa. Mas as galinhas dele é só lazer, são nanicas, deste tamanho (aponta com as mãos indicando a miudeza das aves). Ele não trabalha, fica pensando, a pressão sobe porque pensa muito. Eu não penso. Nada que vá esquentar minha cabeça”.

Uma mulher de missão

A TV está ligada e toca uma música instrumental bem triste ao fundo. Gláucia fala da missão de cuidar das tias.

– Elas não têm filhos? São lúcidas?

– Uma. A mais velha tem 87 anos hoje, está começando já uns espaçozinhos de esclerose, pela idade dela. Mas tem lucidez, de eu chegar lá e ela contar o que fez e se lembra de todo mundo, mas se você não aparecer mais lá ela esquece. Já a mais nova, de 84, essa daí tá num Alzheimer minha filha, você termina de falar com ela, ela não sabe que falou com você e era a mais ativa, de repente arriou. Aí, tem duas cuidadoras

durante o dia e uma à noite. Então o que é que ocorre, ela acha (a mais velha) que toda noite dorme ou eu ou minha irmã com elas. As que cuidam durante o dia saem 17h30, 18 horas. Geralmente, é antes de 17 horas que a outra vai embora. Aí chega a cuidadora da noite, tem que estar ou Neta ou eu lá. Ficou difícil porque elas moram na praia, estou eu num dia e ela no outro. Aí eu pego os meninos, levo pra lá e fico até 19 horas, quando ela adormece é que eu venho-me embora. E Neta é a mesma coisa, porque Neta mora na praia, mas não tem filho morando aqui, um mora em Recife, outro em Portugal. Pra ela não tem problema. Eu é porque vou buscar meus netos, porque Elane ficou desse jeito, não está dirigindo.

Everton, o menino



(Foto Everton: arquivo pessoal)

Como ele sempre foi magrinho, eu dava comida ele dormindo. Ele tava brincando na rua eu chamava ele pra tomar vitamina, que ele era doido por leite, é tanto que tinha uns amigos dele que botaram apelido nele de mingau. Porque ele tava lá brincando de bola no meio da rua, eu chamava, ele vinha tomava a vitamina no muro mesmo e voltava pra brincar. Nenhuma mãe se preocupava em chamar filho pra comer, mas eu sempre fui assim. Não porque eu quisesse ser diferente, é porque ele não comia, pense no trabalho a vida toda que foi pra esse menino se alimentar. Era

ruinzinho de comer, só queria brincar, era uma sede de mundo, de correr. Estudar era na marra, vem embora estudar porque se não, não fazia as coisas, mas até aí achei normal.

No dia 12 de novembro, ele completaria 35 anos. Até os três anos e meio o serelepe Everton era uma criança saudável, até adquirir uma broncopneumonia. Virou o menino da bolha, dos três aos seis foram quatro pneumonias. “Ele ficou magrinho por esse problema: ser alérgico demais. Tínhamos muito cuidado com ele, vinha uma chuva na casa de nosso senhor, já estava tirando ele para que não ficasse doente. Porque quase todo fim de semana, tinha problema, cansaço, asma”.

– E na escola? Faculdade? Como era?

– Sem problema, era aquela história que eu estava lhe contando, com ele eu estudei desde que começou até entrar na faculdade. O ginásio eu já não acompanhava tanto porque ele gostava muito de brincar. Tinha uma necessidade de brincar que eu nunca vi. Toda vida gostou de brincar, de correr. Para estudar era no cabresto comigo. Muito diferente dessa (Elane), que era dedicada, estudiosa. Na faculdade ele não me deu trabalho.

– O que mais a senhora fazia com ele? Andar de bicicleta?...

– Ah eu participava de tudo na vida dele. A gente teve uma Belina por um bom tempo. Eu enchia o carro de menino pra ir para a praia. Eu vim me soltar deles quando cresceram, começaram amizades, sair. Enquanto era adolescente, estava presente sempre. Os amigos dele sempre foram meus amigos. Até hoje tenho muitos ainda daquele tempo. Tenho certeza que sempre fui muito presente na vida dos dois.

– A senhora lembra quando ele começou a andar? Falar?

– Lembro, mas não com tantos detalhes assim, porque minha cabeça já não é tão boa. Eu não sei te dizer. A única coisa que eu sei é que com Elane a coisa começou muito cedo, em menos de um ano ela já corria o mundo, aquele “catoquinho” pequenininho, falava tudo. Ele já andou depois de um ano, falou já tinha um ano e tanto. Foram diferentes os tipos de crescimento.

– Ele se formou em?

– Administração na Ásper e especializou-se em Marketing. Quando começou já estava no banco, então ficou dentro da área dele. Mas, tudo de Everton foi muito cedo. Os tempos de estudo não, foram normais. Só que quando começou a fazer faculdade era estagiário do Banco Real (atualmente Santander) na época, fez um workshop e foi

admitido como caixa. Todo mundo gostava dele, de conversar e pelas habilidades dele, quando morreu já estava na gerência. Essa subida foi com muito esforço dele. Eu digo muito que a gente tem filho, sempre os filhos que puxam aos pais, a gente só serve de exemplo. Eu fui bancária 22 anos e ele saiu do cantinho dele e foi seguir o meu caminho. Ele só foi bancário por cinco anos, mas chegou até a ser gerente.

– E namoro? Chegou a casar?

– Não, mas teve dois namoros de verdade. No Colégio Ângulo, onde estudou, conheceu Flávia, ela bem pequenininha, ele bem grandão. Batia aqui debaixo do braço dele. Namoraram cinco anos. Acabou já por conta das coisas dele, que era “senvergôin”, deixava ela em casa e ia para as festas, chegava de manhã – ela conta com ternura as peripécias do filho – ela foi sabendo e terminou. Ele sofreu muito viu, sofreu que todo mundo no banco sabia, era nos rosto dele a tristeza. Nunca voltaram. A gente ajudou, ele conseguiu sair dessa saudade que ele tinha de Flávia. E logo no banco, ele conheceu Mariana, que era filha de um casal que trabalhou comigo no Paraiban, Socorro e Cláudio. Encontrou ela nas festas do banco e namoraram também cinco anos. Ele já estava pronto para casar, já tinha dado entrada no apartamento.

O cachorro late insistente.

– Vai atrapalhar – ela afirmou meio que perguntando.

– Pode deixar.

– Tu quer que eu chame a menina pra tirar ele? Edileusa! Chega, venha cá, Téo. Téo! – grita pela funcionária.

– Ah, é Téo, um rapazinho!

– É porque o cabelo está grande, tem que dar banho nele – ela explica – Oh Edileusa, bota Téo aí pra dentro que ele atrapalha.

– Só tem ele ou tem mais?

– Eu não tinha nenhuma minha filha, foi porque Elane separou-se e os meninos estavam tudo triste. Aí ofereceram o cachorro e o avô aceitou. Porque cachorro é uma mão de obra viu? Não deixa ninguém conversar, não deixa ninguém comer, quer participar de tudo, quer comer tudo – dirige-se ao cão – Vai, vai, vai comer pão! Vou fechar aqui a porta, quando a gente for olhar as fotos eu abro. Bota ele no quarto da frente – ordena de longe, o coitado vai ficar trancado – vai ficar batendo, tu vai ver ele arranhando a porta.

– A senhora tava me falando que ele ia casar.

– Sim, estava negociando o apartamento. Pediu uma linha de crédito na Caixa Econômica. Na sexta-feira antes de morrer, tinha liberado R\$ 90 mil e o apartamento era R\$ 100. Aí ele deixou para a segunda, para arranjar R\$ 10 mil e fechar o negócio. No domingo ele faleceu. Com Mariana eu acho que ele teria casado se tivesse vivido mais um tempo.

– Como ela está hoje?

– Está bem viu! Não está mais no banco, trabalha no Estado. Já teve um noivo, mas agora não tem ninguém. É bonita, inteligente, bem cuidada. Eu não sei a cabeça, mas aparentemente ela já superou. Eles eram muito companheiros.

– Vocês se afastaram mais? Se uniram mais?

– Com ela? No início ela estava muito presente aqui, mas o tempo... Já foram sete anos né? Com o tempo cada um vai seguindo o seu caminho. A gente se vê em ocasiões, quando era missa, algum movimento para Everton. Agora mesmo na missa de sete anos nós estivemos na igreja. Mas é mais telefone, não tem mais entrosamento com ela não. Ela tem a vida dela, quando há necessidade a gente está por perto.

– Qual a lembrança mais feliz que a senhora conta dele, que sempre vem à memória?

– Rapaz, a minha vida sempre foi muito boa, eu não lembro de coisa ruim não. Eu tenho essa vantagem dentro de mim. Eu não guardo nada que me magoe, de tristeza, sentimento. Só esse dele porque a gente não pode esquecer, uma pessoa que foi presente e deixar de repente de viver. E alegria, posso lhe dizer que quando ele formou-se. As tristezas dele eram minhas tristezas também. Quando eu via ele sofrer porque Flávia não queria mais saber dele eu sentia muito.

– Como ele lhe tratava?

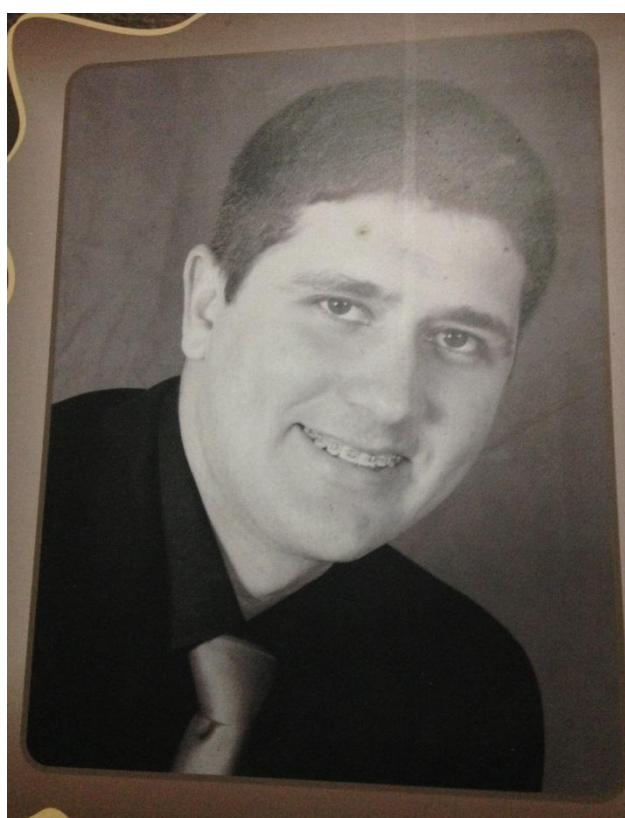
– Muito bem, agarrado comigo demais. Todos dois, ele principalmente.

– E ele lhe chamava de alguma forma especial?

– Mãeeee! Parece que eu tô vendo. Ele gritava quando chegava do trabalho ‘Bota meu dicumê que eu tô morrendo de fome’. Era assim, sempre dei comer na cama. Quando começaram as brigas com o pai, ele começou a sair da mesa. Eu fui criada, meu pai, minha mãe, todo mundo só comia quando meu pai chegava. Eu tive esse exemplo na minha vida, todo mundo junto na mesa. Começaram os problemas, ele começava a brigar com o pai e eu levava na cama. Daí começou, gostava de comer em cama, chegava morto de cansado do trabalho, se deitava, eu levava a comida lá.

Ele vivia o dia de hoje, não tinha sonhos, projetos. O único que ele teve foi pra casar. Cada um tinha um carro, venderam e ficaram com um só para dar entrada no apartamento. E Norberto dizia muito que Mariana tinha um temperamento muito forte, brigavam, que não sei quê. Ele era feliz com esse jeito “senvergôin” de viver, sabe? Você não encontrava Everton triste. Aí o pai dizia ‘Everton presta atenção, essa mulher não serve pra tu, ela não vai te fazer feliz. ‘Painho, se não der certo eu deixo’. Então você vê, ele vivia o hoje.

Matou meu filho por um cheque de R\$ 500,00



(Foto Everton: arquivo pessoal)

Everton era amigo do irmão de seu cunhado. O rapaz se divorciou e queria passar a escritura da casa para dividir com a ex-mulher, mas não tinha dinheiro suficiente. Everton ainda era estudante e não trabalhava, mas tinha um talão de cheques de um programa de governo. Emprestou o cheque de R\$ 500,00 ao amigo Everaldo, que trocou com o agiota Wagner Soares Nóbrega. Pagou por algum tempo e depois não conseguiu mais honrar a dívida.

Anos depois, quando Wagner soube que Everton trabalhava no banco, o procurou para que quitasse o cheque.

– Eu não vou pagar não rapaz, eu não lhe devo nada. Você vai procurar a família dele, porque a família dele tem condições!

Everton se recusou a pagar a dívida que não era sua. Não imaginaria que um ato de generosidade do passado, acarretaria o fim de sua vida. Chegou em casa muito revoltado com a cobrança indevida.

– Everton você pare, que agiota não é gente! – Alertava a mãe.

– Não mainha, eu não vou pagar isso não! Vou pagar não, que eu não devo nada a esse cara!

Já no cargo de gerência, uma pessoa se apresentando como advogado, procurou o seu chefe, o gerente geral no banco, informando que tinha um cheque sem fundo de Everton. Sem dúvidas isso lhe prejudicaria no trabalho, causando um constrangimento desnecessário. Ele foi chamado pela chefia e disse desconhecer o tal cheque, mas já sabia do que se tratava, só não imaginava que Wagner fosse tão longe.

– Eu não tô sabendo de cheque não. Manda a pessoa vir aqui que eu pago.

Uma mulher esteve no banco e recebeu o dinheiro.

Tudo resolvido, mesmo que de forma injusta. Então, o que levou Wagner a matar Everton?

Everton pagou, mas não engoliu a história. Ficou com o caso atravessado. Nas noites afora se encontraram, discutiram e a raiva do bancário de 27 anos só crescia. Apesar de brincalhão, tinha um gênio forte e na segunda vez que se cruzaram, a briga foi muito maior e fatal.

Everton estava apenas na praça em frente de casa, mas sempre que saía a mãe fica chamando para que ele voltasse para casa. Como o casal só estava com um carro, ele estava a pé, pois Mariana havia ido ao shopping.

– Everton vem-te embora! – chamava a mãe.

– Vai dormir véa, tu passa a noite todinha atrás de mim – respondia com brincadeira, sem nenhuma aspereza.

Enquanto ele não entrava os pais não dormiam e Gláucia passava a noite ligando para saber notícias. Bom filho, nunca deixou de atender. Ela tinha um medo terrível que Everton não estivesse vivo, de perdê-lo. No fundo do seu coração já existia algo lhe alertando. Ela liga novamente:

– Entra Everton, vem-te embora.

– Vai dormir véa que eu tô aqui de frente de casa, pode deixar a porta aberta.

A grade do portão também estava aberta porque a chave estava no carro com a noiva. Tinha um churrasquinho na Praça dos Motoristas e na época, era tranquilo ficar até tarde, a violência não assustava tanto. Mesmo assim, o casal não dormia até que o filho chegasse, como muitos pais preocupados, como a minha própria mãe.

– Cadê Everton? Liga pra ele! – pediu angustiado o pai.

Eram 4h30, ele já não estava mais perto de casa.

– Everton vem-te embora, teu pai tá aqui acordado.

– Vou já, vou já – a voz estava diferente.

Os amigos vinham da Praia do Jacaré e chamaram para uma saideira em um bar próximo ao posto de combustível Canaã, na Avenida Vasco da Gama. Por uma infeliz coincidência do destino, Wagner também estava lá. Ambos haviam bebido e se desentenderam novamente. Everton, com a raiva entalada disse alguma provocação com o agiota.

Wagner levantou-se e foi falar com Everton. E aos empurrões, Everton nocauteou Wagner. Ele levantou, mas não revidou. Foi buscar uma arma na casa de um amigo da mulher que o acompanhava. Os amigos puxaram Everton para o posto de gasolina do outro lado da rua.

Wagner voltou:

– Cadê o safado que tava aqui?

Uns disseram que ele tinha ido para o lado do Hiper Bom Preço, mas a mulher que estava com Wagner, permaneceu no bar observando tudo.

– Oh o galego ali!

Ele chegou atirando. Três tiros acertaram o veículo. Everton estava entrando no carro do amigo, mas foi atingido por um tiro na perna: caiu ao chão. Recebeu outro disparo que atravessou pulmão e coração. Ele veio para matar! Sem camisa, o manto que lhe cobria era o próprio sangue. Tingido de vermelho. Os amigos conseguiram conter o assassino e lhe tomar a arma.

– Não me deixe morrer, não me deixe morrer! – clamava Everton enquanto se debatia.

Os amigos soltaram Wagner, que fugiu. Levaram Everton para o hospital, mas ele morreu a caminho, quando passava perto do Lyceu Paraibano, no Centro da cidade.

Às 5h Norberto levanta para caminhar:

– Gláucia, Everton não chegou.

– Vê se tu não o encontra, ele estava aqui por perto.

A mãe tinha esperança que, como de costume, ele estivesse bebendo na casa de algum dos amigos. Enquanto o marido trocava a roupa, ela ligou e a voz do outro lado da linha não era a de Everton, mas de um amigo dele:

– Dona Gláucia, Everton saiu e deixou o celular aqui. Quando ele chegar eu mando ele ligar pra senhora – mentiu, para não preocupá-la, mas Everton Belmont já estava morto. Seus últimos momentos foram pouco depois da última ligação que recebeu da mãe.

Ao perceber que a mãe passou a noite em claro em busca do filho, o amigo Romero telefona:

– Dona Gláucia, vem aqui na Unimed porque Everton sofreu um acidente.

Norberto se desespera e chora convulsivamente:

– Ele morreu! Ele morreu! Ele morreu!

– Bora, Norberto comigo.

– Vou não, vou não!

Uma leoa, a mãe saiu às 5h de casa, sozinha, dirigindo rumo ao hospital para socorrer sua cria. Dona Gláucia sempre foi forte. Ao chegar ao local, percebendo que todos os amigos dele já estavam lá, pensou o pior.

– Romero, ele morreu?

– Não, o médico vai falar com a senhora.

Levaram Gláucia para dentro e foi lá que ela teve a maior surpresa:

– Mãe, não pude fazer nada. A bala ultrapassou o coração e o pulmão.

– Bala? Que bala? Romero, tu não me disse que foi um acidente?

– Dona Gláucia, eu tinha que lhe dizer alguma coisa.

Ela permaneceu firme, ligando para o marido que se recusava a sair de casa e ainda tentando amenizar a situação.

– Venha Norberto, ele está muito mal, venha ficar comigo.

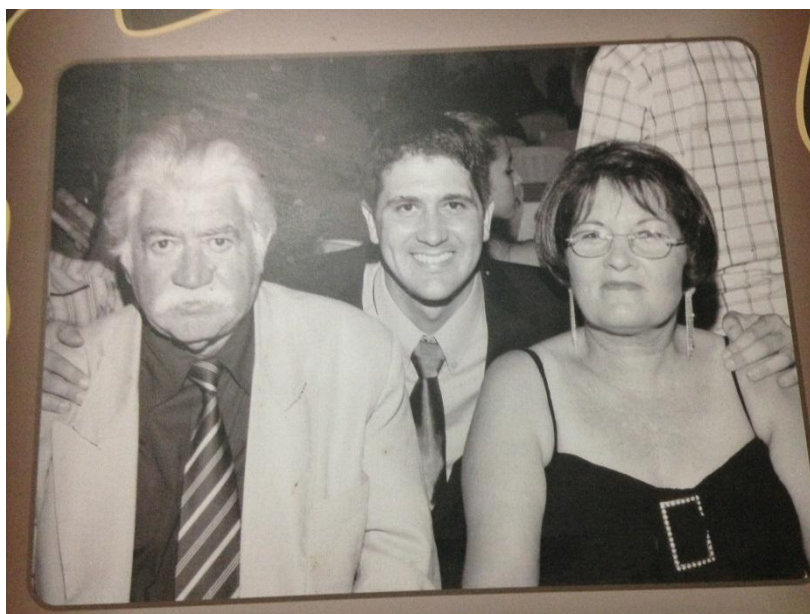
– Vou não, vou não. Ele morreu e você não quer me dizer!

Percebi que essa Ana é mais forte que todas as Anas da Bíblia. Quase não chorou narrando toda essa barbaridade.

Pela hora que o menino ligou pra gente ir pra Unimed e a hora que eu falei com Everton, eu acho que logo que eu falei com ele, o assassino chegou pra matá-lo. Quando Romero me chamou fazia pouco tempo que isso tinha acontecido. Eu cheguei

lá sozinha. Eu sei que foi uma luta viu, é um momento que eu nunca esqueci na minha vida, eu não voltei mais pra casa, fiquei no hospital, até quando saíram para o velório. Eu sei que eu não sei mais do resto. Até ir pro velório ainda me lembro, mas de lá pra cá eu não me lembro mais nada, até chegar em casa, eu não me lembro desses detalhes, mas um negócio diferente do normal viu, é indescritível, é uma coisa que a gente não tem condições de descrever.

“Tristeza não tem fim, felicidade sim”



(Foto Família: arquivo pessoal)

Eu hoje vivo apenas por viver, Norberto diz que ele tá como time vagabundo, só cumprindo a tabela, só esperando o dia dele. Eu não quero ir de jeito nenhum, quero ficar fazendo alguma coisa pelos que precisam, principalmente pelos meus, eu não penso em morrer em nenhum momento da minha vida, apesar de tudo. Não existe um momento, uma alegria na vida que me cause furor. E em tristeza, não há nada que me cause mais tristeza do que eu já passei e hoje eu já convivo com ela naturalmente. Olhe, todas essas datas, Natal, aniversário, Dia das Mães, tinham ele presente, hoje é uma data comum como outra qualquer. Nada mais tem vida, é como eu disse: felicidade não faz parte mais do meu coração.

– O que muda na vida depois de uma coisa assim?

– A gente deixa de viver. Eu tive que ser mais forte porque Norberto acabou-se, ainda hoje o mundo dele é o quarto, ele não sai mais, a gente não sai pra canto nenhum a gente vai pra feira, nosso divertimento.

– E o casamento, como é que fica?

– Depois da morte de Everton eu acho que a gente se uniu mais, acho que a dor uniu mais a gente do que antes. Porque antes quando não existia essa dor, ele saía, gostava do mundo igual ao filho, demorava a chegar, quando não estava aposentado chegava do trabalho e enganchava na rua de vez em quando. Então, eu acho que a morte de Everton trouxe ele pra dentro de casa

– Dá pra definir o tamanho da dor?

– Se eu disser o tamanho da dor eu não tô dizendo o quanto ela representa, é uma coisa que você não imagina que isso está acontecendo. Eu já tive mais ou menos um exemplo disso com a morte de meu pai, eu achava que o chão tinha desabado que eu não tinha mais como continuar minha vida e com Everton foi o buraco que ele deixou dentro da gente. Ele era muito presente dentro de casa. Ele era presente em todas as ocasiões. Em aniversário dos meninos, festa, tudo. Elane tem as fotos quando Everton nasceu – ela se refere a Erick, mas troca o nome novamente – meu neto mais velho é Erick. Everton com Henrique, esse magrelinho do meio, Henrique era louco por ele. É Everton todo quando tinha essa idade. Os colegas dele acham, até gostar de bola, hoje ele tá no futsal. Depois da aula ele tem futsal. Letícia nasceu no dia 05 de fevereiro. Ele morreu no dia 14 de março. Ela estava com um mês, ele foi na maternidade. ‘Vamos tirar foto’. Ele ‘Não, não, tô sujo’. E é porque adorava tirar foto. Parecia uma coisa, não existe foto dele com Letícia. Nesses diazinhos de vida dela inicial, ele participou, mas não tem nem uma foto.

Passa uma moto fazendo barulho, porém, o trânsito na rua é bem tranquilo.

– Tu quer alguma coisa? – fala com a empregada que se aproxima – passar ou passagem? Me dá aqui minha bolsa.

– Mas eu não sei nem te dizer, ele tinha vida dentro dele. Eu queria entender porque ele sabia que o mundo dele ia ser pequeno – ela se questiona de um jeito intenso. Dina também falou isso sobre Natan.

– A dor, ela diminuiu? Ela acalma? Como é que dá pra conviver esses anos todos com esse buraco?

– No começo era mais difícil, mas com o passar do tempo. Menina, isso é hora de tá atrás de dinheiro pra ir se embora – quando a moça chega com a bolsa – Vou mandar trocar, tu vai me dar licença visse, pode?

– Pode ficar à vontade.

Enquanto isso, Téo me faz companhia e não para de latir. Eu ainda tento “conversar” com ele, mas, não parece muito feliz com minha presença. Elas conversam lá dentro. O cachorro late, os pássaros cantam, as galinhas cacarejam e os patos grasnam.

– Ela sai 17h (Letícia). O outro tem futsal e só sai de 19h. Onde nos estávamos?

– A gente tava falando...

– Deixa eu te fazer uma coisa Bruna, e essas coisas, latido de cachorro, que misturou aí, que é que tu vai fazer?

– Vou escrever. Mas aí da pra ouvir o que a gente está falando mais perto, fica só o latidinho ao fundo.

– Por que quando o pessoal vinha da rádio aqui, todo barulho atrapalhava.

– É porque como eles vão botar no ar, o áudio tem que estar limpinho. Mas como é só pra mim, não tem problema.

– Sim, você estava falando da morte dele. Eu não sei da intensidade, é uma coisa tão profunda. Bota ele no quarto de Erick – ordenando que tirassem o cachorro de novo.

Acordar e não ver mais aquela pessoa que você via todo dia, saber que nunca mais vai ouvir sua voz é um sofrimento que Gláucia não consegue nem definir. Todas as mães têm essa dificuldade em mensurar a dor. É uma tristeza profunda. Mexer na ferida alheia é delicado para qualquer jornalista sensível. O que surpreende com Dona Gláucia é que para ela não há constrangimento nenhum, qualquer pergunta pode ser feita.

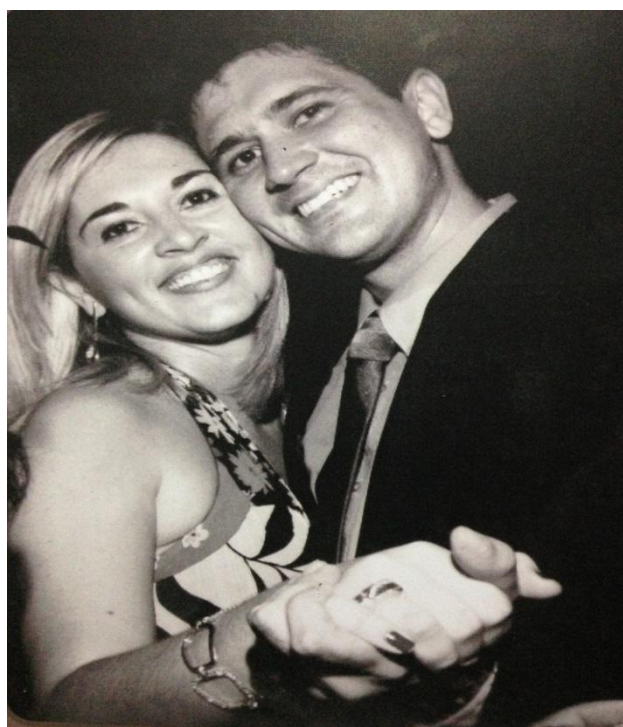
– Ainda é difícil falar sobre isso?

– Nunca foi! Eu chorava muito, mas sempre gostei de falar sobre o caso de Everton, falar de meu filho não me dá nenhum constrangimento, falo dele sempre. Norberto não gosta não, ele não gosta não. Quando eu saía, vestia a camisa ‘Pra onde tu vai? Deixa Everton descansar’ e hoje eu tenho deixado. Depois que ele foi preso, pra mim, o assunto da luta morreu ali, ele pode saber que eu não perturbo com ele, de falar, botar imprensa, botar faixa, eu fiz muita coisa. Tem um médico amigo nosso que é diácono, eu tinha uma medalha com o retrato de meu filho, ele disse ‘Ana tire essa medalha, deixe seu filho seguir o caminho dele em paz, tire essa faixa da sua casa’,

tinha um retrato dele pedindo justiça. Tem muita coisa no computador, minha memória está no computador, fazia muita coisa, divulgava a cara do bandido. Eu fiz tudo o que uma pessoa podia fazer sem ajuda de Justiça, porque a Justiça não nos ajudou.

Saber que ele não chega 'Mãaaae'... Eu sonhava com ele, chegava no portão com aquela roupa do banco de manga cumprida, 'Mãe, tô morrendo de fome, bota cumê pra mim'. Eu sonhei muito com ele. Eu não sei te dizer porque são sete anos de coisas no coração da gente e o tempo e eu mesma tenho me ajudado muito, porque não tenho tempo pra pensar, se eu tivesse deixado minha cabeça vazia eu acho que estava hoje pirada.

Piores dores



(Foto Elane e Everton: arquivo pessoal)

Quando se tem filhos nunca se imagina que isso possa acontecer. Apesar do jeito dele, pela fama, de ele gostar de viver, quando começou a ficar independente, todo dia esse rapaz saía. Tinha muita amizade lá fora, gostava de passear, beber, dançar. Eu chego a pensar Bruna, que eu sentia que ia acontecer alguma coisa com ele, com esse mundo que a gente está vivendo. Eu não pensava num assassinato, pensava num

desastre, porque hoje quem bebe dirigindo, você sabe. Mas eu não tinha segurança enquanto ele não chegava, nem hoje, quando qualquer um sai de perto da gente, fico ansiosa, só conseguimos dormir depois que eles chegam.

– Quais as maiores dificuldades que a senhora enfrentou durante a vida?

– Olha, eu acho que é a minha dificuldade maior, primeiro foi a perda de meu pai, quando ele morreu a gente perdeu o chão, que era aquele pai presente, o único homem da casa em termos financeiros, que sustentava a família. Fui eu que tive que ficar, porque minha mãe não tinha condições, foi de repente, a gente acordou 3h, 5h ele já tinha morrido. E foi uma luta, mas a gente superou, eu tive umas perdas na minha vida desse nível. Quando o banco fechou pra mim foi outra morte de alguém porque eu vivia no banco achando que eu não saía nunca dali, que ia envelhecer trabalhando, porque eu fazia uma coisa que gostava e me dedicava muito ao meu trabalho. Eu achava ‘Eu só saio do emprego se não trabalhar direito’. De repente o banco fecha, aí a gente ficou sem aquilo que me sustentava, porque meu marido trabalhava no Estado, mas a gente sempre sustentou a família juntando o que tinha. E de lá pra cá, o terceiro e grande golpe foi esse de Everton. Porque eu perdi minha mãe, ele perdeu pessoas dele, mas isso é coisa natural da vida. Essa de Everton é que foi o marco da nossa vida, acabou literalmente. Mexeu com todos, não foi só especificamente comigo e Norberto, teve Elane que era muito apegada a ele e ainda hoje isso tá muito vivo na vida da gente. A vida que a gente teve com ele e a tirada da vida, como se foi feito.

Apesar disso, ela já não chora, já é forte o bastante.

– A senhora se preocupava?

– Nossa! Só dormia quando ele chegava. Esse portão ainda é do tempo dele, velhinho o bichinho. Então quando ele chegava pra botar o carro pra dentro, ele arrastava esse portão, reco – ela imita o som – eu dizia ‘Pronto, Everton chegou graças a Deus’ e quando ele saía eu entregava ele a Deus.

As marcas que ficam

Elane ficou desequilibrada, com um mês de resguardo. E ele (o marido) que sempre teve problema de hipertensão, se arrasou, não saía desse quarto, era fechado nesse mundo. Sete anos depois esse homem ainda vive trancado nesse quarto, o mundo

dele é o quarto. Levanta de manhã, toma café comigo, mas se eu quiser que ele coma, eu tenho que levar o almoço e a janta lá.

O sofrimento de Norberto é muito intenso e não tem fim. Gláucia nunca precisou de medicamentos para depressão, ele até hoje ainda toma. Não o vi de perto em minha visita, apenas um vulto passando da sala ao quarto, calado.

– Apesar, que quando cheguei lá minha pressão estava 20 x 2. Disseram que era natural, por causa da emoção. O cardiologista disse que eu não sou hipertensa, não preciso tomar remédio. Em 1990 ele teve um derrame que deixou a gente seis dias no hospital.

– Como é essa ausência?

– Eu não sei te dizer, é triste. É um vazio muito grande que fica. Eu não sei como eu consegui. Deus me deu muita força para superar porque foi um desmoronamento geral na nossa vida. Essas crianças eram loucas pelo tio.

– A senhora chegou a questionar Deus?

– Eu devo ter falado em alguma hora, eu não acreditava naquilo. Eu pedia tanto, entregava a Deus quando ele saía. ‘Leva meu filho e traz de volta’. Mas eu sabia que Deus tomou conta até o dia que pode, depois deixou que ele fosse lá “pontá” (para onde está) ele.

– Já que o cheque estava quitado, a senhora pensou que isso pudesse acontecer ainda?

– Nunca passou pela minha cabeça que ele tivesse essa capacidade. Esse cara era amigo dos amigos dele – em nenhum momento ela pronuncia o nome do assassino – teve um Natal no começo da nossa história, aqui na praça, ele veio acompanhado de um dos amigos e uma mulher. Eu me lembro assim de fatos. Eu o conheço de vista, mas ele não era amigo de Everton.

– Ele já tinha cometido algum crime assim?

– Eu conheço pouco da vida dele, mas era aquele cara dono do pedaço, qualquer coisa resolvia na bala, mas só assustava as pessoas. Crime eu não conheço nenhum, o primeiro foi Everton. Mas há histórias de abuso dele com armas em outros casos. Já a família dele tem muitos. Um dos irmãos mais velhos matou um cara em Cruz das Armas, atropelou porque quis, deu ré e passou por cima de novo. Um que morreu depois que ele matou Everton. Ele tinha um irmão que já tinha quatro processos na Justiça, estelionato, tráfico de drogas, clonagem de veículos e eu não me lembro o

quarto. Se você entrar no nome dele, vê a ficha. Era Walber Soares Nóbrega, esse tava no regime semiaberto, quando chegou na porta de casa, mataram. Tem um sobrinho que já se meteu num assalto. Então, é uma família que tem histórico.

– Vocês não ficavam com medo quando faziam os protestos?

– De ele chegar? Não, não. Medo eu tinha porque Elane morava nos Bancários e todo dia saía daqui 22h, 22h30, pra ir simhora com os meninos dentro do carro, lá era esquisito. A casa dela era já chegando naquela estrada que você sai no Altiplano, de frente tinha um colégio, um bocado de casa e um terreno baldio imenso. Então a gente tinha medo dela lá porque a gente tava lutando, a família podia fazer alguma coisa. Mas dele nesses movimentos não, porque tinha muito amigo nosso e muito amigo dele nessa luta com a gente.

Uma construtora se interessou pelo terreno onde estava a casa de Elane para construir um edifício. Em troca lhe ofereceu dois apartamentos. Na negociação perguntaram se ela gostaria que o prédio se chamasse Residencial Everton Belmont e ela aceitou. Certa vez ao passar pela Rua Antônio Dias de Freitas, número 41, deparei-me com o condomínio e fiquei parada, olhando para o nome. Isso aconteceu antes que Dona Gláucia me contasse essa história.

– É uma lembrança que fica né? Hoje tem uma creche do lado contrário, onde era o terreno e uma escola Coelho não sei de quê.

Antigamente, antes de acontecer com Everton, eu não acreditava, a gente não via essas coisas. Violência era só na televisão, uma coisa longe da gente. Depois dele, a coisa ficou tão próxima, aconteceu logo em seguida a de Aryane (que também morava em Jaguaribe) porque a menina não foi assassinada por coisa que justifique, por uma decisão que é você estar grávida de alguém. Por conta disso matar? Isso é uma coisa que não se admite né?

O elo forte da superação

– Qual a razão de viver hoje?

– É como Norberto diz. É porque eu tenho filhos, netos, hoje eu me dedico totalmente a eles, eu sou a mãe deles mais do que ela. Você vê, a menina está no colégio, ‘Vai buscar ela?’ ‘Vou não, vou pra missa’, nem buscar foi. Quando eu sair

daqui eu vou buscar a bichinha porque o outro sai de 19h. Se eu não tivesse esses três netos, acho que estaria quem sabe doente, porque eu não tenho tempo pra pensar em coisa ruim e outra coisa, meu coração não guarda mágoa não, não fica nada ruim lá dentro não. Esse cara, esse assassino de Everton, eu não quero conversa com ele, mas eu não tenho ódio, de olhar para ele e sentir raiva, vontade de matá-lo.

– Mas a senhora sentiu alguma vez vontade de fazer justiça com as próprias mãos?

– Eu não, ele teve. Ele dizia que ia morrer como covarde por minha causa, porque eu não deixei. Eu dizia ‘Norberto você hoje deita e dorme. Você vai deitar e dormir depois que você souber que mandou tirar a vida de alguém?’ Então eu nunca quis, eu sempre acreditei que Deus vai fazer o que ele precisa.

– A senhora consegue perdoar?

– Perdoar é um sentimento muito forte, eu não perdoo não, não tenho ódio dele, mas achar que devo perdoar, não.

– Como que supera isso?

– Eu superei. Hoje eu acredito. Eu tenho uns amigos que são evangélicos e um deles conversava muito comigo ‘Ana, bote na sua cabeça que os nossos filhos foram emprestados à gente, quando termina o período do empréstimo eles são devolvidos pra Deus’, então eu comecei a acreditar. Deus mesmo me deu muita força para superar. Uma casa com um bocado de pessoas desequilibradas tinha que ter alguém com uma forcinha – era ela o elo forte –, apesar de sofrer muito eu tive muita força e outra coisa, eu dediquei meu tempo, que nunca foi vazio. Depois que eu deixei de trabalhar, tenho uma pessoa pra me ajudar, mas sou eu que cozinho, sou eu que resolvo tudo dentro de casa, fora de casa, faço feira. Eu sou aquela “Bombril” da casa, então isso não me dá tempo de sofrer.

– A senhora sentiu vontade de morrer?

– Nunca, em nenhum momento. Eu quero viver pra ver esse cara pagar pelo que ele fez com meu filho. Hoje eu tô vendo que ele já tá começando e eu sei que ele tem muito pra pagar.

– Como é que foi lidar com a repercussão, jornal, TV te procurando?

– Isso não acrescentou muita coisa na minha vida, mas eu tinha vontade de falar e era o único meio que a gente tinha. Quando você quer falar pra todo mundo escutar, só através da imprensa e ela nos ajudou bastante a vida toda, desde o começo. Hoje, não tanto quanto na nossa época - na minha, de Hiper e Célia -, porque era coisa nova que

estava acontecendo em nosso ambiente. Você morar aqui tantos anos, você nunca tinha visto essa loucura que está essa selvageria, o povo matando por brincadeira. Então como nós fomos os primeiros a ver essa derrocada, eles se dedicavam mais ao nosso caso. Hoje, você não vê a imprensa como ela ficou ao nosso lado no começo.

– O que a senhora mais deseja hoje na vida?

– Justiça, a vida perdeu o sentido. Meus netos gostam de brincar na praça, eu fico sentada nesse banco aí de frente toda noite. Vejo minha casa e estou vendo eles e o povo de vez em quando chega ‘Como é que você tem coragem de ficar aqui nessa praça, você não tem medo não?’, eu sei que a gente está exposta a acontecer isso a qualquer momento, mas eu não tenho medo mais, porque hoje não existe você estar em ambiente bom e ambiente ruim, a maldade está na cabeça da pessoa. Meu marido mesmo diz: ‘Qualquer dia o caba vem e assalta tudo’. Tem nada não Norberto, eu vou pra praça com a mão abanando, celular deixo tudo aqui em casa. Eu vou olhar meus netos, que eles têm direito de ter uma infância, já viu a pessoa preso dentro de uma casa sem viver? Então hoje deveria ter mais justiça pras pessoas, pegar esses caba, prender, botar pra trabalhar, pra ajudar a sobrevivência, precisava matar não. Eles tão se matando sem necessidade tudo por causa dessa bendita droga, então se alguém agisse eu acho que diminuiria. Você teria direito a viver, hoje você vê alguém sentado nas portas conversando? Um dia desses a menina da TV Globo veio conversar com um pessoal aí e veio aqui: ‘a senhora não tem medo não?’ Eu não. Se eu tivesse medo eu ficava ali sentada? Apesar de que a gente fica apreensiva. Passa uma pessoa você tá sempre olhando. Elane já foi assaltada aqui em frente duas vezes e teve outro na porta da casa dela. O menino dela tava doente, ela foi buscar dinheiro pra pagar o remédio, tava com Letícia dentro do carro, quando ela chegou na porta que tava saindo, os caras entraram na rua dela, não entraram pra assaltar nem ela nem ninguém lá, mas achou oportunidade. Eles estavam fugindo de um assalto, aí tava ela saindo de casa e o entregador de água na casa vizinha, tomaram chave do carro, celular, o negocinho do som do carro, essa menina só faltou morrer, e a bichinha pequenininha, o revólver era na cabeça dela. Ouro dia estava no celular aí na calçada, o caba passou, deu uma volta e disse ‘Passa o celular’, ela jogou o celular nos peito do caba. E a terceira vez ela estava saindo daqui pra pegar o carro do outro lado da rua. Aí, o caba, a encontrou, com a moto, levou a bolsa dela e tudo o que ela tinha. Então ela tem três experiências, graças a Deus eu não tenho nenhuma. Mas o que acho Bruna é que não é que a polícia não trabalhe, mas que em cima, esse povo que pode botar você preso ou soltar tivesse mais

hombridade, mas tudo é comprado, tudo é comprado. Esse povo de Justiça é uma raridade se tiver capacidade de fazer alguma coisa sem dinheiro, eles só falam por você se tiver dinheiro na frente, eu acho que se eles tivessem preocupação em ajudar os menos favorecidos muita coisa poderia se fazer, pegasse esses caba tudin e botasse numa colônia pra trabalhar, pra estudar. Hoje a desmoralização do nosso país é a Justiça.

“Dura lex sed látex”²⁸

Hipernestre já havia me falado anteriormente o quanto Dona Gláucia era desacreditada na Justiça. É mais que descrença, é decepção. Há uma frase do escritor mineiro Fernando Sabino que diz que “Para os pobres, é dura lex sed lex. A lei é dura, mas é a lei. Para os ricos é, dura lex sed látex. A lei é dura, mas estica”. A seguir, ela narra episódios e situações, que vivenciou durante o processo e, que a fizeram formar essa opinião.

Só o que me decepcionou foi a Justiça, a tal ponto. Foi decretada a prisão dele pela promotoria. Eu acompanhava o processo no Fórum. Quando a gente chegou e falou com a juíza, ela disse que estava para decidir, mas não teve tempo de ler o processo. Quando cheguei em casa, o Abraão Beltrão (advogado dele), já estava na televisão dizendo que ela tinha negado. Então, eu comecei a ver a safadeza, uma máfia danada. A viúva do pai dele, Branca, que nós já conhecíamos, havia sido jurada. Eu chegava para saber do processo de Everton, lá estava Branca olhando os processos. ‘Ela trabalha aqui?’ ‘Não, é jurada’. ‘E ela tem acesso?’ A safadeza era tão grande que a gente via que ele tinha sido jurado durante nove anos no Tribunal, então o Abraão tinha muita gente que comprou voto dele. Como eu vivia acompanhando o processo comecei a observar a safadeza existente naquele local. Em outra ocasião, eu estava esperando o elevador para descer, tinha dois advogados conversando com o assessor dessa juíza, o cara cheio de pacote. O elevador chegou e o casal entrou com a gente. A mulher perguntou ‘Tu acha que ele consegue?’, o homem respondeu ‘Consegue, ele faz, a juíza só assina sem saber nem o que está assinando’. Se ele tivesse sido preso acho que a gente teria acalmado há muito tempo. Quando teve a morte

²⁸ Expressões em latim.

daquela Rebeca, Hiper e eu fomos para uma mesa-redonda junto com o corregedor de Justiça, radialistas e esse Dr. Nilo Feitosa. E eu contei tudo, disse que era uma safadeza, que a juíza olhou pra mim e disse que não leu o processo e negou. Como é que ela não viu e negou? Em meia hora que eu cheguei em casa ela leu um processo de crime? Aí até aquele da cabecinha grisalha da rádio Correio disse ‘Tá vendo Dr. Nilo, isso é uma acusação grave’. Aí eu contei a história do elevador. Eu já estava achando estranho a presença de Branca dentro do cartório. Sabe o que ele disse? ‘Se a senhora tem provas, apresente’. Quando eu comecei frequentando eu ia com tanto cuidado pedir o andamento do processo, com medo de ofender ou estar fazendo algo errado. Aí comecei a ver as coisas erradas ali. ‘Então faça isso por escrito’, ele ainda disse. Eu fiz, mandei para o CNJ (Conselho Nacional de Justiça), foi chamado o diretor do Fórum, a juíza, tanta gente. Eu fiquei odiada dentro do Fórum, deixei de ir lá, o que eu queria dizer eu disse. O promotor da época era Márcio Rolim, ele disse ‘Dona Ana não vá mais lá não porque o povo quer comer seu fígado’. O Abraão foi para a televisão, disse que ia me processar criminal e judicialmente. Eu disse ‘Fique à vontade, como é que o caba mata meu filho, você fica protegendo ele e eu vou ter medo de ser processada?’ Eu sei que eu lutei tanto que quando eu me vi diante dessa safadeza, eu disse ‘Não me chame, Hiper que eu não vou’. Pra fazer volume, pra ajudar, pra dar uma palavra de conforto eu ia, mas eu não acredito na Justiça. Hiper dizia ‘Não diga isso, Dona Gláucia’. E eu digo, eu não acredito na Justiça, ela é comprada, ela tem preço. Porque eu fui criada sabendo que a Justiça era para proteger as pessoas necessitadas, o homem de bem e eu vejo hoje que a Justiça só protege bandido, porque bandido tem todos os direitos, a gente não tem nenhum.

A dor do outro é café pequeno

- Como é que a senhora conheceu o grupo Mães na Dor?
- Houve muita movimentação quando Everton morreu, a gente fazia carreata, pedindo justiça, porque o cara se mandou e a gente ficou. A injustiça e a impunidade é o que fazia a gente lutar. Eu me movimentei demais, Hiper estava muito ativa, então me ajudou bastante. Quando houve a primeira carreata de Thaís, ela mandou chamar a gente.

Na TV toca Maria Rita: “mande notícias do mundo de lá”...

– Foi assim que a conheci e ficamos amigas. Eu não tenho o pique que ela tem, eu me afastei muito do grupo, não pelo grupo, pela falta de justiça que tem nesse país – Hipernestre havia mencionado que Gláucia era desacreditada na Justiça – porque pelo movimento a gente conseguiu que esse cara fosse julgado, dois anos depois da morte de Everton, no dia 23 de agosto de 2012. Achei que quando fosse julgado, seria preso e a gente ia se aquietar. Que nada! – um tanto de revolta em sua fala – o cara saiu do fórum livre como entrou, porque se livrou do flagrante pode responder em liberdade. Passou mais de um ano esse processo rolando no tribunal, o Abraão sempre ajeitando uma forma de ele nunca ser pego, foi pra Brasília e, lá foram cinco anos de demora. Ele foi preso agora porque a defesa já tinha tentado todos os recursos.

– A senhora acreditava na Justiça?

– Desacreditei totalmente. Eu acho que, o que aconteceu agora, foi por falta de opção para arranjar brechas. Por conta dessa Lava a Jato, o que tinha de poeira debaixo do tapete foi saindo e num instante botaram o processo, porque eu nunca vi tanto recurso como ele teve direito.

– A senhora ficou mais satisfeita depois que ele foi preso? Deu um alívio?

– Satisfeita com certeza a gente fica, viu?! A gente sente que foi feita um pouco de justiça, tem que ter a de Deus também. Você não tem direito de acabar com a vida de ninguém, principalmente de um jovem que não saiu pra fazer nenhuma desordem nem matar ninguém.

– Como é que o grupo lhe ajudou?

– Pela companhia, todo movimento que se fazia, se fosse de Everton elas estavam, se fosse delas eu ia. Eu e Elane, a gente estava sempre.

– A senhora se sentia melhor sabendo que estava ajudando outras mães?

– Acredito que sim, viu?! Eu fazia isso de coração, sem nenhum constrangimento de estar ajudando outras pessoas.

– E como era ver, que tinham outras mães que passavam pela mesma situação, que a senhora não estava só? Que tinham tantas outras e esse número foi crescendo, crescendo...

– Bruna, depois que a gente tem uma dor de perder um filho, a dor do outro é café pequeno. A gente ajuda, porque sabe o que ela está passando. Você sente pela pessoa, pela família, mas não sente a ponto de seu coração ficar constrangido com o que está acontecendo. E acho que a gente fica insensível. – e quem vai julgar mal? – Eu

posso dizer que felicidade eu não sei o que é isso – e sempre se disse tão feliz – já fui feliz, mas no meu coração não existe mais.

– Como está o grupo hoje? Mais disperso?

– Totalmente. Eu acho que Hiper sustenta o trampo – chega um momento em que parece que elas cansam –, hoje, ela sustenta aquelas mães que não têm condições de saber como fazer. Têm outras mães, que têm disponibilidade de tempo. Eu ocupei o meu todo, não tenho tempo pra nada.

O assassino

– Tem alguém de Hiper, que ela sabe de tudo o que acontece com o cabra lá, esse que matou Everton. Ele disse ‘Por causa de 500 conto, eu gastei quase 400 mil e estou aqui nessa merda’. Pra você ver o quanto esse caba gastou com esse processo em Brasília, para dormir. Como a gente não tinha ninguém, aqui a gente tinha amizade, tava sempre mexendo, só passou um ano aqui no tribunal, mas em Brasília foram cinco. Então há muita safadeza, há muita falta de vergonha nesse país por conta da Justiça – Gláucia é enfática quanto a essa questão.

– Ele ainda passou quanto tempo livre?

– Sete anos. Ele achava que não ia acontecer isso. Quando ele perdeu em Brasília a gente soube, ai ficou esperando o processo chegar aqui. Uma pessoa amiga nossa encontrou ele no fórum e ele disse ‘Tá fazendo o que aí?’, ‘Eu vim com o Dr. pra ver se ainda tinha alguma brecha, porque se não eu vou ter que ser preso’. Quer dizer que mesmo ele vencendo todos os recursos no Supremo ele ainda achava que comprava o povo por aqui – quando ela diz vencer se refere a vencimento e não ao verbo vencer, ou seja, ele não ganhou, ele esgotou os recursos – E deixa eu lhe dizer que ele ainda molhou a mão de alguém. A gente ficou no pé da juíza, foi decretada na quinta feira (23/02/17) ²⁹ a prisão dele. Pensamos que ele ia se entregar, ele fugiu, apresentou-se quinta feira depois do Carnaval, ele fugiu pra quê? Pra passear. Eu queria que ele tivesse sido preso de surpresa, mas é impossível, o Abraão tem gente que avisa das coisas lá dentro, molha a mão de todo mundo, é muita safadeza, é decepcionante.

– Ele está em qual presídio?

²⁹ Wagner já havia sido condenado no dia 23/08/12 a 17 anos e seis meses de pena, mas recorreu até às últimas instâncias e respondeu em liberdade a todo o processo que durou sete anos. O mandado de prisão foi expedido pela juíza Aylzia Fabiana Borges, do 2º Tribunal do Júri da Capital.

– PB1. Aí quando ele foi preso Hiper disse: ‘Diga agora, diga que você acredita na Justiça’. ‘Eu vou dizer por que você tá pedindo Hiper? Eu acho que a Justiça começou a ser feita, mas que eu acredito na Justiça? Deixa muito a desejar’.

O que restou



(Foto Turma da Faculdade: arquivo pessoal)

Só guardei as fotos, têm as da formatura, no computador, as das manifestações. Eu dei tudo o que ele tinha. Mania de relógio caro. Dei até o pai carregar e guardar porque se não ele ficava sem nenhum. Dei roupa. Os óculos e a corrente são do pai. O celular dele, na época tava com um vagabundo que só, porque tinha vendido tudo para empenhar no apartamento e o celularzinho ficou com pai. Agora o que existe muito dele é a presença de foto, onde eu posso botar. Chegou um evangelizador da igreja católica e disse ‘Tire todas as fotos, pare de estar sofrendo’. A mim não causa sofrimento, olho no computador tem um retrato dele, em todo lugar.

– E o quarto dele como é que está?

– Hoje só é o lugar que ele dormia. A cama não é mais, eu botei um camão pra meu neto que é grandão, o guarda-roupa ainda tem, a TV e o computador, só isso, nada mais. E existe esse cantinho porque era o cantinho dele, era onde eu ficava até a hora que ele chegava da rua. Porque no final de semana ele passava a noite toda fora – fala

sorrindo – mas na semana ele chegava pra dormir. Sempre foi meu amigo, sempre foi amigo demais da irmã, da namorada.

Forte e desprendida. Ela é diferente de todas as mães que encontrei, por mais que não seja feliz, ela também não se mostra deprimida. Há saudade, há tragédia em sua história, mas não há drama. “Nunca me deu nenhum constrangimento falar do meu filho, o povo ‘Eu sei que não devo, mas...’. Pode perguntar que eu respondo. Não saio falando como antes. Eu não falava porque queria aparecer, falava porque queria justiça, foi por isso que eu lutei. Quando vi que não serve de nada, me aquietei, entreguei a Deus”.

Gláucia se comparava a uma formiguinha diante de um elefante (a Justiça). “No dia que o caba foi preso, aquele Emerson Machado da rádio ligou pra mim no programa que ele tem. ‘A senhora acredita na Justiça?’ ‘Em parte, acredito que ela acontece, mas não foi comigo. Eu lutei muito para que ele fosse preso. Eu dizia a Deus: eu não quero ir embora sem ver quem matou meu filho pagar’. Mas a nossa luta foi tanta que eu não faço mais questão que ela seja divulgada. Eu fui criada assim ‘Ande certo, para não precisar da Justiça’. Quando vejo, ela só serve para ajeitar marginal. Pelo menos esse Abraão é assim, só é advogado de marginal, teve dinheiro ele advoga, suga o dinheiro todinho dos bestas”.

Ela não faz questão de esconder a animosidade que existe entre ela e o jurista. Nem teme as palavras que usa, é uma mulher inteligente, que não se esconde por trás da dor, sempre mostrou sua cara. “Nem ele gosta de mim, nem eu dele. Agora realmente ele é um furador viu, o que tem de brecha ele consegue chegar lá. Eu briguei com ele na imprensa, ele foi no programa de meio-dia do Correio da Paraíba dizer que ia me processar porque eu o comparei a um bandido. ‘Se você está acatando o que um bandido faz é porque você é um bandido igual a ele. No júri ele se dirigiu a mim: ‘Essa mulher que está aqui me chamou de bandido tanto quanto o assassino. Eu sou profissional, preciso disso para viver’. Ele me provocou pra ver se eu quebrava o silêncio e fazia alguma coisa. Eu só balançava a cabeça, ele não podia mexer na minha boca. Tenho ódio de ninguém não, mas falo mal dele em todo canto, pelo profissional que é, em ficar sempre do lado da coisa errada, que ele tem capacidade de beneficiar seu cliente eu sei que tem”, finalizou o discurso de antipatia ao advogado.

– O que a senhora pode me mostrar de Everton?

– Deixa eu acender aqui a luz. Isso aqui tá uma bagunça.

– Essa é quem? – pergunto vendo um quadro em que uma moça o beija no rosto.

– É minha sobrinha, quando ela fez 15 anos ele dançou com ela. Tá cheio de poeira aí visse? Aqui foi a formatura dele, meu genro – foi mostrando cada foto – Aqui quando ele era magrinho, parecia uma linguixa – na hora eu não tive nenhuma reação à frase ou se tive foi bem tímida, porém, ao transcrever a analogia com a linguixa, ri bastante, apesar de o tema ser a violência, essas mães e seus filhos me encantaram com seu humor – Isso aqui foi quando ele terminou o segundo grau, devia ter uns 18, 19. Mago que era uma linguixazinha. Essa outra foi bem pertinho dele morrer, um casamento, ele estava noivo com Mariana.

Alguém assiste TV no cômodo ao lado, enquanto eu clico as fotos que me aparecem, ela vai à cozinha, conversa de lá, volta.

– O rapaz tá dormindo ali no ar condicionado, no escuro, parece noite – era fim de tarde, quando ela foi ver o sono do neto.

– Esse quadro já tinha? – Outras fotos ao final (ANEXO D).

– Não, eu fiz depois que ele morreu. Eu juntei a foto do batizado, primeira comunhão e formatura. Eu queria achar o álbum dele, deixa eu pegar o da formatura, tu queres ver?

– Sim, aquele é o do filme – perguntei por um quadro em preto e branco com textura, porque Célia também tem um igual.

– Foi uma artista plástica que fez e deu pra cada uma. Vou soltar você – lembrando-se do cachorro.

E ele volta latindo...

– Mas, enche o saco!

– Essa moça é quem nessa foto?

– Elane.

– Ah é? Como ela tá diferente. Essa foto é a que mais sai na TV, né?! – identifico de cara a que sempre sai na mídia.

– Que álbum é esse? – ela pensa em voz alta – Ah, esse é do casamento de Elane, deixa eu ver se aqui tem ele. Oh, Bruna ele aqui. Magro que eu nunca vi.

– Ele tinha quanto de altura?

– Bem 1,90m, ele era do tamanho dessa porta. Aqui é minha irmã. Hoje eu tô de folga, mas ela tá lá na casa das tias. Eita, o álbum dele tá todo solto, eu tenho que parar pra organizar de novo.

Um grande silêncio se faz entre tantos olhares e sorrisos, entre tantas fotografias. Admirada, rompo a quietude:

– Era muito bonito né?

– É, e a beleza que ele tinha também era interior, pense num cara de um coração bom. Esses eram os colegas de trabalho, olha Mariana aqui, esses aqui são os colegas dele de juventude, essa é a turma do banco. Essa aqui foi no culto ecumênico, aula da saudade.

– Mariana é muito bonita também.

– Sim. Ela, hoje, está muito mais bonita. Mesmo sofrida. Ele (o marido) se arrasa todinho se ver essas fotos.

Na TV, começava o hino do Equador. Era jogo das Eliminatórias da Copa 2018. A Colômbia venceu por 2 x 0. Mais à noite, o Brasil também jogaria. Bateu o Paraguai por 3 x 0 na Arena Corinthians.

Seguro as fotos da medalhinha, concentro no hino que fala de filhos, de sangue, de heróis e holocaustos.

“Los primeros los hijos del suelo
Que soberbio, el Pichincha decora
Te aclamaron por siempre señora
Y vertieron su sangre por ti
Dios miró y aceptó el holocausto
Y esa sangre fue germen fecundo
De otros héroes que atónito el mundo
Vio en tu torno a millares surgir
A millares surgir, a millares surgir”³⁰

³⁰ Os primeiros filhos da terra/ Que magnífica, a decora Pichincha/ Te aclamaram senhora para sempre/ E verteram seu sangue por ti/ Deus olhou e aceitou o holocausto/ E esse sangue era a semente fecunda/ De outros heróis que deixaram o mundo atônito/ Viu em seu torno a milhares surgir/ A Milhares surgir, a milhares surgir. (Tradução livre da autora)

Morreu porque teve medo

(Célia)



(Foto: Célia)

Foram oito tiros em Elton. Ele saiu e não voltou mais. Morreu porque teve medo e em vez de abaixarem o farol, ligarem a luz de salão e descerem os vidros, deram ré, não entenderam o sinal dos bandidos. Até hoje eu me sinto angustiada. Já tomei antidepressivos, hoje são mais calmantes. Fui acompanhada por uma psicóloga por um tempo, deixei a terapia, mas depois voltei. Depois do assassinato do meu filho o medo da violência aumentou. A gente ficou mais unidos sim, mas é cada um sem querer falar muito do assunto, estar sempre lembrando. Eu não consigo nem conversar. Quando eu começo a falar, meu esposo já fica assim... Sabe? A gente se trancou muito para não fazer o outro sofrer. Às vezes, ele chegava do trabalho e eu não queria que ele percebesse que eu estava chorando. Ele só chorava escondido, eu só chorava escondida, Elisa chora escondida. Para o outro não chorar também. Até hoje é assim. Mas, eu como passo mais tempo em casa, às vezes estou na cozinha, quando chego

nessa pia vem a lembrança. Semana passada, por coincidência, eu estava cortando uma cebola, eles estavam em casa e ela achou que era por conta da cebola que eu chorava, mas não era, é porque vêm as lembranças. Acho difícil superar. Tem dias que dói muito, muito, muito, muito mesmo. Perdoar, eu já venho tentando trabalhar nisso, mas eu não sei se perdoei não, acho que não perdoei não. Acho muito difícil perdoar. É muita maldade e hoje a gente tem que viver como se nada tivesse acontecendo. Como é que pode? Como se essa maldade não existisse.

O sofrimento de Célia e sua família é diferente porque a maneira, como eles lidaram com a dor foi de isolamento. O presente dói tanto quanto o passado. Ninguém quer falar, ninguém quer lembrar daquela fatídica noite de sábado, véspera de eleições, em que a polícia protegia as urnas. Nas ruas, os criminosos tiveram mais liberdade para praticar suas ações, com a redução do efetivo. Para matar Elton de Oliveira Nascimento, no dia 02 de outubro de 2010. Ele foi executado a queima roupa, com tiros nas costas, no peito e no rosto.

Quase sete anos depois, ninguém foi indiciado, julgado ou condenado. Enquanto ela participa e ajuda outras mães na luta por justiça, o seu caso segue para a negra estatística da impunidade. Os suspeitos foram inocentados e nunca pagarão por esse crime. E, essa pena quem paga são os pais, que também são vítimas, pois a lacuna jamais será preenchida.

Quando entrei em contato com Dona Célia, quem me atendeu foi a sua filha Elisa, que me confirmou que a mãe aceitaria, sim, participar do trabalho. Dias se passaram até que pudemos nos encontrar. Cheguei atrasada, como sempre, devido às horas extras na redação. Ao me aproximar do prédio onde morava, uma mulher de vestido verde que estava sentada na praça, em frente ao condomínio, veio em minha direção. Apresentei-me e entramos.

Lucy in the Sky with Diamonds³¹ – A Célia rebelde

Maria Célia de Oliveira Nascimento nasceu no dia 14 de abril, de 1960. A década de ouro do Sexo, Drogas e Rock in Roll. Era o auge das bandas inglesas: Beatles

³¹ Lucy no céu com diamantes. Este é o título de uma das canções dos Beatles. Por Célia ter nascido nessa época, decidi colocar os títulos das coordenadas com canções da banda inglesa. Não relaciono a letra das músicas com as narrativas, apenas o nome.

e Rolling Stones. Era também a ascensão dos hippies. Sua história tem um pouco de rebeldia. Comecei a nossa conversa falando que a minha madrinha também se chama Célia. Célia, que tem o mesmo sobrenome que eu: Oliveira. A TV estava ligada, mas ninguém assistia.

– Eu nasci em São Paulo, capital. Mas vim pra cá pequenininha, tinha dois anos. Veio eu, meu pai e minha mãe. Depois ela teve mais três filhos, em João Pessoa. Só eu nasci lá.

– Por que mudaram? São daqui ou de lá?

– Papai é de Itabaiana e mãe de Serra Talhada, Pernambuco. Eles foram para São Paulo, um foi daqui, outro foi de lá. Meu tio trabalhava na mesma fábrica que meu pai. Então, eles se conheceram e ficaram frequentando. Casaram. Eu nasci, depois de dois anos vieram pra cá e até hoje. E tiveram três filhos homens.

– E como era a infância de vocês?

– Normal – ela ri com a pergunta – a gente brincava, brigava – no início ela se mostrou bem tímida, monossilábica, falava pouco.

– Como foi que a senhora casou?

– Eu tinha 19 anos e ele 17. Naquela época ele foi conversar com papai para a gente namorar e papai disse: “Você tem que casar daqui a seis meses”. Aí, ele não foi mais – contando a desfeita, ela ri e começa a se desinibir, falar mais detalhadamente –, mas a gente continuou se encontrando. Eu fazia curso técnico de datilografia, saí e minha avó estava internada. Fui comprar uma sandália para ela e deixar no hospital, só que chegando lá, a sandália ficou pequena, tive que voltar ao Centro e papai de olho. Cheguei em casa tarde, quando estava na esquina fiquei conversando com Elson. Em menos de cinco minutos papai apareceu e achava que fazia tempo que eu estava lá com ele. Aí, queria bater em mim na rua. Foi nesse dia que eu saí de casa levada, sem saber, com raiva. Fui para a casa da minha cunhada. De lá peguei outro rumo a gente acabou se casando, na igreja e no civil. Ainda fui para o juiz, que me disse que eu era obrigada a voltar para casa. Minha cunhada disse: ‘Você só vai se você quiser’. ‘Então não vou mais não’.

– Tiveram quantos filhos?

– Quatro. Clézio, o mais velho, nasceu em 1981. Elder em 1983 e Elton em 1988. Os dois mais velhos estão casados.

– E hoje como é sua vida, como se ocupa?

- Hoje estou aposentada. Mas eu trabalhava na secretaria da escola do município, me aposentei vai fazer dois anos. Só me ocupo com casa mesmo e comecei a fazer hidroginástica. Nos fins de semana a gente sai, vai à praia, almoçar fora. Passo mais tempo em casa. É tanto que arranjei essa agregada aqui – fala olhando para a cachorra e lembra do dia do crime -. Pronto, essa cadela era do casal que meu filho foi na casa deles naquela noite. O senhor já era bem de idade, não enxergava mais, ano passado teve um câncer e morreu. A mulher também adoeceu e foi para a casa do meu filho, porque a família que eles têm somos nós. E a cachorra não tinha onde ficar. Elson doou para um restaurante rural, Xuxa ficava em um terreno, começou a adoecer, magra que só, teve que fazer uma cirurgia, a orelha está com mais de 20 pontos. Então veio pra cá por causa dessa doença, ele começou a cuidar dela, agora tá aí, espaçosa, dona da casa – como na casa de Dona Gláucia, os bichos são uma alegria. A relação dos animais com a melhora emocional é confirmada – Outro dia eu saí, Elisa ligou ‘Mainha, tô com Xuxa trancada aqui no teu quarto porque eu escutei um barulho no quintal’. ‘Manda ela ir olhar’. ‘Já mandei, ela foi, voltou, olhou pra minha cara, acho que não tem nada demais não’. A cachorra é louca pelo meu esposo, pode um negócio desse? Mais tarde deixo ela trancada na área.

A história é engraçada, mas revela o medo - uma constante na vida de Elisa e de toda a família. Medo que divide espaço com a dor em seus corações.

– No início eu tava sendo atendida por uma psicóloga lá no Ceav (Centro de Atendimento à Vítimas de Crimes), parei de ir, depois voltei, ajuda bastante.

– Mas como foi na época com o trabalho? Parou?

– Não parei. Estava dizendo, ontem, porque eu fiquei tão assim... Todo mundo da família ficou tão chocado, que eu praticamente fiquei sozinha em casa. Elson voltou a trabalhar, ela ia para o colégio de manhã – apontando para Elisa que se arrumava para sair – os dois saíam e eu ficava só. Aí ia fazer almoço, essas coisas. Fiquei tão... Não sei, eu não conseguia nem chorar – em choque – às vezes, eu não me sentia bem. No fim do ano teve o encerramento e, eu não conseguia nem ouvir o hino nacional. Quando eu me sentia mal, a diretora dizia que eu poderia ir para casa. Então, às vezes, ficava em casa, passava semana em casa. Teve uma época que passei não sei quantos meses. Depois de um tempo foi que eu comecei a chorar.

Oito dias depois eu voltei a trabalhar. Eu queria saber quem foi e fui para a escola, que era na comunidade, queria sondar, mas ninguém comentava nada, nada, nada, nada.

All my loving³² – Ser mãe

Ai meu Deus, eu me lembrei de uma cena agora. Quando Elton era pequeno, ele cansava muito, uma vez ele ficou internado, aí no hospital ele ‘Mainha e se o cara não quiser tomar injeção?’ Eu não sabia se chorava ou se ria. ‘Se o cara não quiser tomar injeção?’ Bem pequenininho. ‘Ah, vai ter que tomar não tem jeito’.

Maio é o mês das mães, mês em que Célia ganhou Elton.

– Como a senhora descobriu que estava grávida do caçula?

– Eu tinha feito um tratamento de queimagem no útero e engravidei. Comecei a enjoar, fui ao médico, fins uns exames e descobri. Quando eu fiquei grávida pela primeira vez, meu esposo só falava de uma menina, uma menina, uma menina. Aí, foi menino, depois veio outro menino e na de Elton, outro menino. A dele eu descobri antes porque fiz a ultrassom, os outros dois não, só fiquei sabendo na hora. Pensei: agora é uma menina, mas não foi. Mas é a mesma coisa, tanto faz se é o primeiro, segundo, terceiro.

– Como é que foi ver o rosto dele pela primeira vez?

Ela volta em silêncio ao passado.

– Ai meu deus! Eu tenho foto dele bem novinho. Cada filho é uma emoção que a gente sente.

– O que é ser mãe?

– Ser mãe... Eu acho que é a gente abdicar muita coisa, ser mãe é muito bom. É um amor sem medidas. Eu que cuidei deles, não é fácil cuidar de três crianças pequenas sozinha, comecei a trabalhar em 1985. Quando Elton nasceu já estava trabalhando. Era muito corrido pra levar os dois para a escola, trabalhar e tomar conta de casa.

– Quais foram as maiores dificuldades que a senhora já enfrentou?

– Quando Elton era pequeno vivia doente e eu tinha que cuidar dele e dos outros dois, cuidar da casa, trabalhar fora. Ele ficava muito dentro de casa e o médico disse:

³² Todo o meu amor. The Beatles.

‘Pode deixar ele brincar na rua, que poeira da rua não faz mal não, a poeira de dentro de casa é que faz’.

A família passeava muito.

– Elton gostava de praia, muito de Camboinha, em Cabedelo. Gostava de ouvir as músicas da época, som alto. Eu não gostava, mas também não desgostava. Estava conversando com meu esposo sobre um caso que aconteceu em uma cidade e eu estava lendo na internet. Hoje a gente não pode mais nem ser bom, tem que ser ruim, não ligar com ninguém. Se alguém está sofrendo, nem ajudar você pode.

– O que a senhora mais deseja hoje?

Ela sorri. Um sorriso que não é alegria. É mais ironia, discordância.

– O meu desejo... Eu costumo dizer aqui em casa que eu parei de sonhar. Eu gosto muito de viajar e nem pra isso. Ano passado fui ao Rio de Janeiro, mas não lembro mais, assim, não fica aquela lembrança, é como se fosse perdendo a graça.

– Como é acordar e não ver mais aquela pessoa?

Ela para, dá um gemido:

– Não é bom, fica muita lembrança. Elton levantava – ela funga, chorando – saía do quarto com aquele jeito dele. Às vezes eu fico olhando para essa foto.

– A senhora lembra quando ele começou a andar, falar?

– Quando ele começou a falar? – pausa, é como se voltasse à recordação e não compartilhasse comigo, ela estava vendo a cena, mas não a revelou a mim – lembro sim. Ele era muito risonho, tinha um sorriso tão bonito, os dentes bem bonitinhos, bem branquinhos – cada frase é dita pausadamente – depois foi para a escola, aprendeu a ler, teve a formatura de alfabetização. Ele estudou lá no colégio em que eu trabalhei, João XXIII, ficava vizinho lá de casa. Ele sempre estudou em escola particular, mas teve uma época que foi estudar no Centro e ficou com medo de ir. Aí eu pensei ‘Sabe de uma coisa? Vou lhe botar lá no colégio’. Ele fez da 5ª à 8ª série, aí reprovou.

– Quem fazia as tarefinhas com ele? A senhora?

– Era. Eu fiz com todos três. Com ela não, ela não queria que alguém ajudasse. ‘Eu sei fazer sozinha’. Tudo muito corrido, com três filhos pequenos. Quando eu comecei a trabalhar o mais velho tinha quatro anos e o mais novo, dois. Eu nem tinha ele ainda. Aí, depois eu tive que botar ele numa escolinha quando eu me mudei do Valentina para o Alto do Mateus, foi quando ele começou a estudar. Na época ele já fazia uso de homeopatia. Levava o vidrinho com as bolinhas, chegava lá ficava distribuindo na escola. – Essa foi a parte em que eu mais ri durante a transcrição – Um

dia foi participar de umas atividades, eu disse: ‘Elton e esse remédio aqui?’ ‘Eu dei aos meninos lá’ – nós duas rimos muito – ainda bem que não faz mal porque a partir do momento que você bota na mão já tem que botar direto na boca, já perde o efeito e eles botavam na mão, olhavam e ficavam brincando.

O silêncio não apaga as lembranças da memória, embora a família evite tocar em assuntos que lembrem o filho perdido, as recordações estão lá, vivas, persistentes e perenes.

– Ele ia para Dr. Walter Bandeira quando era pequenininho, ficava lá brincando com a esposa dele. Ele era muito observador, outra vez entrou uma menina no consultório pra fazer acupuntura. O médico deixou ela fazendo e veio atender ele. ‘Cadê a mulher que entrou aqui?’ Eu disse ‘Fique na sua que você não tem nada a ver com a mulher’. – Mais risos nas histórias da meninice de Elton – Como quem diz assim, a mulher que entrou aqui, ela sumiu foi? Às vezes, eu vou comentar e começo a rir, aí Elson ‘Para’, não sei quê, ‘Já vai começar a falar nele’. Não quer falar, sabe? Mas é bom lembrar dessas coisa né? É quando você consegue rir.

Fã dos Mamonas Assassinas (assim como eu na primeira infância), conseguiu da mãe CD, fita cassete, camisa. Eu tinha um LP e também chorei bastante.

– Ele só vivia me pedindo um CD e eu ‘Vou comprar, vou comprar’. Quando eles morreram ele chorou tanto ‘Tá vendo, eles morreram e eu não tenho um CD dos Mamonas’. Aí eu comprei, tenho foto dele com a camisa, fazendo palhaçada. As fotos é que trazem as lembranças daqueles momentos.

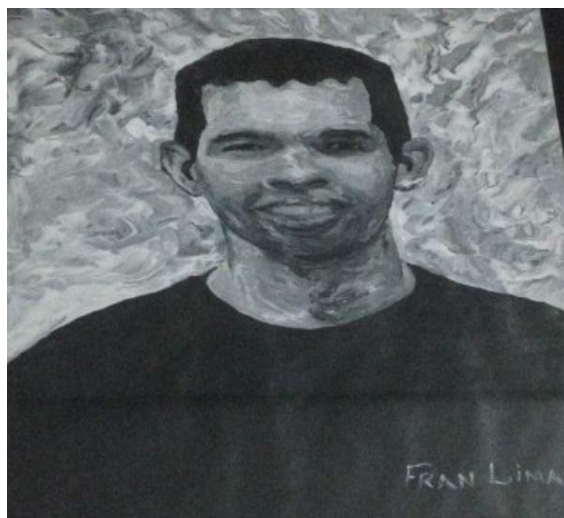
As fotografias ajudam a perpetuar, reavivar o passado, imagens evocam sempre a memória.

– Ele criança brincava nos aniversários, na rua, se divertia que só. Na vez que foi internado, eu cheguei em casa, fui cuidar das coisas, minha mãe tinha ligado, mandou recado, eu não tinha telefone em casa e fui no orelhão. Voltei correndo, Elson tinha levado uma queda. Elton tinha saído do hospital, foi comer doce no aniversário e adoeceu de novo. Ele foi internado cansado e quando voltou ao hospital foi com diarreia. Os dois doentes, um com pé pra cima e o outro com diarreia. Ele era tão doente que cansava, eu andei tanto com ele procurando todos os tratamentos, HU³³, tudo. Onde mandava eu ia para ver se melhorava. Depois que se recuperou, não cansava mais. Mas

³³Hospital Universitário Lauro Wanderley.

tinha uma psicose de doenças, tudo dele era ‘Vou pro médico’. Só vivia no médico, meu Deus.

A hard day’s night³⁴ – O homicídio



(Foto: arte de Fran Lima)

A gente correu pra lá, na hora que eu saí eu lembro que troquei uma blusa e peguei o documento dele, mas eu peguei não sei nem porque, porque eu jamais poderia imaginar que eu ia ver uma cena daquela, que ele não assistia na televisão, se ele acordasse de meio-dia e visse qualquer reportagem, programa passando aquilo ali ele já mudava de canal, ele não assistia.

Celia mostra o retrato na parede, feito por Fran Lima. As sete mães do grupo que participaram do documentário *Por Nossos Filhos*, de Flaviano Carvalho e Helton Nóbrega receberam o quadro no dia do lançamento. Foi o primeiro trabalho acadêmico realizado com o grupo.

– Como foi esse filme?

– Eu só tenho a cópia que ganhei. Comprei muitas, mas doei. Esse vídeo ele fez por etapas, depois montou. Foram abordados vários temas, sobre a lei – na TV passava uma matéria sobre o homicídio de um vigilante – a gente contando a história, fizemos umas fotos, uns vídeos.

– Como é que foi assistir depois?

³⁴ Um dia difícil. The Beatles.

– Ah, eu assisti. Mas depois não consegui mais, está guardado. Aqui ninguém assiste.

– Eu já pedi, mas a senhora não deixou – Elisa, que tinha 11 anos quando o irmão morreu, entra na conversa pela primeira vez. O vídeo é proibido.

– A gente morava num loteamento lá no Alto do Mateus, no Juracy Palhano. Mudamos uns três anos depois. A gente tinha uma casa mais em cima, no Alto, que era nossa. Aí, nosso filho casou e pediu para morar na casa, comprou outra e fomos morar lá, que era mais perto do trabalho, da casa da minha mãe e da minha sogra, dava para ir a pé. E, era muito perto de onde ocorreu o crime, por onde ele passou é por dentro mesmo da favela – Célia retoma a conversa para adentrar na história do assassinato.

Próximo ao loteamento havia uma comunidade, fruto de uma invasão que era dominada pelo tráfico: Bola na Rede. Célia cresceu na rua 7 de setembro, no bairro dos Novais, em que os pais moravam, onde seu pai mantinha um ponto comercial há 50 anos. Na outra rua, morava Elson Nascimento.

– Nesse dia meu irmão passou no bairro dos Novais e deixou minha cunhada. Veio lá pra casa, ficou conversando e tal. ‘Vamo ali comer uma tapioca, uma pizza’. Insistindo para Elton sair. ‘Só vou se mainha for’. Eu disse que não ia, iria trabalhar na eleição no outro dia e tinha umas coisas pra fazer em casa. Ele disse que só ia se o primo, Edi, filho desse meu irmão, também fosse. Mas ele também não quis ir. Então meu irmão chamou para ir buscar a mulher dele, Leda. Na hora de ir, meu irmão pegou a direção contrária e foi na casa de um casal lá no Alto, mas eles não estavam, tinham ido à igreja. Um casal de idade, que viu a gente crescer – Elson chega em casa nesse momento e nos cumprimenta – Na volta ele já veio por outra rua, passou direto e entrou por dentro da favela. Só que lá tinha um toque de recolher, as pessoas estavam vivendo atormentadas, tinha que passar com farol baixo, a luzinha de salão acesa e vidros abertos. Tudo o que não estava acontecendo naquele momento. Ele estava com farol alto. Meu irmão estava dirigindo, mas até hoje eu tenho dúvidas se ele não teria entregado o carro a Elton, pela posição que ele tava. Ele não tinha carteira de motorista, mas pegava de vez em quando pra dar uma voltinha. Então, o grupo que dominava a favela veio pra cima dele, gritando, mandando parar né? Só que ele não entendia o que eles diziam. Os dois desesperados acabaram dando ré. Meu irmão achou que estavam pedindo para eles voltarem, por isso deu ré e acabou batendo num muro e ficou preso. Então ele disse ‘Vamos sair’, só que cada um saiu por um lado, correram em direção contrária. Meu irmão levou um tiro na perna e Elton nas costas. Depois que ele estava

no chão um deles reconheceu que ele não tinha nada a ver. Mas, como depois ele poderia reconhecê-los, o executaram. Só depois que aconteceu isso percebemos o quanto o local era perigoso, porque era tão de costume passar ali, que nunca notei nada. E, realmente, eu nunca tinha visto e as coisas que aconteciam lá na mercearia papai não comentava, mamãe também não contava nada – era a famosa “Lei do Silêncio” – ela só começou a comentar alguma coisa depois de Elton, daí nós percebemos o quanto éramos vigiados. Eles estavam no lugar errado, na hora errada. Morreu porque teve medo.

A indignação da família é sem fim.

– Meu pai tinha esse ponto comercial há muitos anos. Havia um terreno da TV Arapuã que foi invadido e se tornou a favela Bola na Rede, tiraram a antena, tinha uma loja maçom lá, mas está tudo abandonado. E foi ficando cada dia pior. Só depois que aconteceu isso com meu filho que mudou a história todinha. O governador assumiu, conseguiu prender todos eles, ainda estão presos, mas não responderam pelo caso de Elton. Foram presos por outros crimes, porque dominavam lá. Hoje o pessoal entra e sai e não acontece como antes, há direito de ir e vir.

– Mas a senhora acha que por eles estarem presos houve justiça?

Ela demora a responder, reflexiva, a voz um pouco trêmula. Só Deus sabe o que se passa em seu coração ao reviver toda a tragédia, que só não foi maior porque o irmão sobreviveu e ela e o sobrinho recusaram o convite para sair. Quem sabe ela estivesse sangrando e eu não estivesse vendo jorrar de seu coração.

– Não, não foi, porque ninguém respondeu, eles ficaram isentos. E o que atirou era de menor, o de maior foi o que mandou executar.

– Quem foram?

Ela se mostra muito apreensiva em citar os nomes, mesmo que já tivessem sido divulgados pela imprensa.

– Na época quem comandava lá dentro era o Alexandre Neguin³⁵, o nome verdadeiro dele é Paulo Henrique. Só que um deles mesmo disse que ele não estava lá no momento. Então não tem culpa nenhuma né? E quem teria atirado em Elton era um que tinha morrido, que foi contra o que eles fizeram.

– Vocês ficaram com medo depois?

³⁵ Paulo Henrique do Nascimento era conhecido como Alexandre Neguinho. Ele foi preso meses depois e transferido para o Presídio Federal em Rondônia.

– Eu confesso que eu não fiquei. Sei lá. É tanto que o pessoal dizia assim: ‘Vocês têm que sair daqui, vocês tem que sair daqui’. Não. Elson dizia ‘Quem tem que sair daqui são eles, não sou eu não, que eu não fiz nada com ninguém’. Mas tinha o risco né? Isso aconteceu em outubro, em novembro papai viajou com mamãe para Serra Talhada, estavam saindo de carro de madrugada e um deles chegou e disse ‘Não, não vou fazer nada com ninguém não’, porque eles sabiam o que tinham feito. A gente ainda foi no Tribunal de Júri, em uma audiência que teve, justamente, a que eles foram inocentados. Meu irmão prestou depoimento, reconheceu todos eles, mas mesmo que ele fosse responder, por ser menor, só eram três anos de cadeia. E já faz mais tempo que ele está lá, não sei nem qual é o presídio. Um foi para o presídio federal, passou um bom tempo lá, mas dizem que ele está por aqui. Eu não sei nada deles não, só o que sai na mídia.

Eu não sei se realmente ela não sabe ou se tem medo de falar. Às vezes, ela ignorava minhas perguntas, fazia muitas pausas para responder. E algumas informações foram preservadas por questão de segurança.

Na hora, como era bem próximo, eu escutei o barulho dos tiros e foi muito tiro. Meu esposo estava na calçada conversando com o vizinho e disse: ‘Rapaz, 20 tiros ali dentro da favela’. Um do meu irmão, oito em Elton e os outros eles deram para comemorar. Ele entrou e comentou isso, eu estava na área de serviço estendendo umas roupas que eu tirava da máquina. ‘Meu Deus que tanto de tiro é esse?’ Jamais poderia imaginar que fosse por ele, não tinha motivo nenhum para ser com um deles. Aí, nisso minha mãe ligou ‘Diga a Carlin que não venha para cá agora que está tendo um tiroteio aqui. Só que ele já tinha saído e tinha sido com eles. Liguei para a casa onde ele foi e não atendiam. Liguei de volta para mamãe e não atendia. Daqui a pouco o telefone toca de novo, a família toda morando perto, minha sogra, minhas cunhadas. Rapidinho a gente ficou sabendo. Ele estudava à noite, fazia Administração de Empresas, todos os dias, na hora certinha, onze da noite ele estava em casa.

Help³⁶ – O questionador

³⁶ Socorro. The Beatles.



(Foto Elton: arquivo pessoal)

Ele não tinha namorada. Era caseiro, não tinha muitos amigos, só os da faculdade. Só tinha um menino que era vizinho lá da gente e muito amigo dele. Eu conheci o pessoal da universidade depois, aí as meninas diziam ‘Não, é porque o pessoal lá tudo era mais velho e ele era mais novo, o pessoal não saía muito, não vivia com farra, mas ele era muito querido na turma’. Todo mundo ficou chocado, ninguém jamais poderia imaginar que fosse acontecer uma coisa daquela. Ele era calmo, meio calado. Agora ele perguntava muito, por quê? Por quê? Tudo dele era por quê? Se achava o patinho feio da família, enquanto outras crianças achavam ele bonito, ele não.

Aparentemente, Elton tinha dificuldades de socialização e de autoestima.

– Os amigos dele pediram algum objeto para guardar de lembrança?

– Não, primeiro porque ele não tinha muitos amigos né? O pessoal da universidade fez uma homenagem na formatura em 2011. Eu não fui, ficamos sabendo em contato algumas vezes com uma menina, ela me entregou uma plaquinha com uma foto dele, uma foto da turma que tem o nome dele. Ela disse que ele foi lembrado em todos os momentos. – Estava bem perto de concluir a graduação, já matriculado no último período.

– Como é a sensação de saber que foi algo tão banal, que não era para ter acontecido, sem motivo?

– Não, não tinha motivo algum. Eu não sei nem expressar... A gente fica sem chão. É tanto que na hora que cheguei lá não chorei. Fiquei só perguntando por quê? Por que tinha acontecido aquilo? Aí, uma senhora chegou no meu ouvido e disse: ‘Porque ele não abaixou o farol, não acendeu a luz, tava com os vidros fechados’. Aí eu disse ‘Por que ele não acendeu o farol?’ Eu lembro disso, de algumas coisas, outras não lembro. – O mesmo tipo de esquecimento que Dona Gláucia teve após o velório de Everton. Mesmo em choque, Célia se indignou com o motivo torpe que tirou a vida de seu filho de 22 anos de forma tão cruel.

– E depois que vai caindo a ficha?

– Fica só... É... Eu fico procurando uma resposta para isso. Não consigo entender, mesmo depois de já ter escutado tanta coisa, tanta gente falando, mas eu não consigo entender não, consigo assimilar não.

– Como ele era como filho?

– Ela provocava ele, era pequena. Dizia que fazia de propósito. ‘Não tem vergonha não?’ – ela conta a anedota dos filhos sorrindo – E ela dizia que fingia que estava dormindo ‘Ficava esperando ele vir mexer comigo e eu dar nele’. E eu: ‘É né mocinha, agora eu descobri’. E ele sabia, eu que não sabia.

– O que ele gostava mais?

– De praia, gostava muito, a gente tinha uma casa em Lucena. Não tocava nenhum instrumento, mas gostava de ouvir música. Na infância era muito doente, tinha problema, cansava, teve uma época em que tava usando umas bombinhas. Ele só vivia doente, era bem magrinho.

E na televisão só notícias de crimes.

– O que a senhora tem dele?

– Só duas camisas que ele gostava muito, uma pasta da faculdade e a camisa do primeiro ano de curso, a carteira dele. Ele era muito relaxado, não estava nem aí para nada. Quando eu tentava organizar as coisas dele, ele nem ligava. Uma semana antes ele tinha participado de um evento na Estação Ciência e eu disse para ele ajeitar a carteira. Ele tinha sido assaltado quando estudava no Lyceu e ficou sem o título e a identidade. Aí, eu disse: ‘Olha, tu tira a identidade porque esse ano eu vou trabalhar na eleição e não quero confusão, não quero que você fique sem votar. Porque tudo o que ele queria era votar no dia 03 de outubro. Ele era muito envolvido, falava muito. Aí veio me mostrar ‘Oh mainha, minha identidade nova’. Tava com tudo novinho, mas nesse dia ele só saiu com o cartão de passagem.

*“No azul do céu brilha um tom desigual
Nuvens numa inundação
Sombras nas imagens que sonhei
Hora de escarcéu, de um vento anormal
Fumaça que embaça minha visão
Assombrando os sonhos que inventei
(Naquela noite eu não imaginava que meu filho nunca mais voltaria pra casa)
A noite fria me faz bem pra alma
Cometi erros como um homem simples
E dessa mania de me implicar
Dos desvarios de não torná-los cúmplices
Tocando esse céu e a leveza habitual
Imensurável mansidão nas memórias em que sosseguei
Essa multidão e seu fluxo infernal
Que descortinam com exatidão
Os desvios que nunca trilhei
Num labirinto de encenações
Com tantas formas de acabar sozinho
Nos meus instintos, minhas razões
Todas as farpas, todos os espinhos
Sempre corri o risco
Mas sem você desisto
Chove desde que você foi
Mais que multidão e fluxo infernal
Desatinos, inexatidões dos desvios que nunca verei
E o azul do céu brilha um tom desigual
Suas nuvens, suas inundações
Sombras dos assombros que sonhei
(Eu pensei que a vida era como nos quadrinhos, mas logo percebi que não podia ser
herói de mim mesmo)
E o labirinto de encenações
Todas as formas de acabar sozinho
Nos meus instintos, minhas razões*

Todas as mágoas, desgostos mesquinhos

Sempre corri o risco

Mas sem você desisto

Chove desde que você foi

Sempre corri o risco

Mas sem você desisto

Chove desde que você foi”³⁷

Célia cita a letra da música, que representa o sentimento das mães enlutadas. “Nunca pensei que não veria mais meu filho. A música é linda, linda, linda. Tem um trecho que diz ‘Naquela noite eu não imaginava que o meu filho nunca mais voltaria pra casa’. Eles fizeram para o documentário, tem alguns trechos no *YouTube* e teve uma época que passava direto na televisão num canal fechado, às vezes eu mudava, botava em outro canal porque não queria assistir. Na época eu ainda não conseguia falar nada”, desabafou. Não é possível imaginar o quanto tenha sido, ou seja, doloroso falar sobre isso.

Elisa, hoje com 18 anos, não estava em casa quando aconteceu, não ficou sabendo no seio da família. Ela havia ido dormir com amigas na casa, de uma ex-vizinha, que havia se mudado para Manaíra, mas que ainda possuía uma loja perto da casa de Célia. Foi lá que contaram para a menina e imediatamente ligaram para a sua casa.

– Nesse mesmo ano meu sogro estava bem debilitado, idade avançada, eu dizia para Elton visitá-lo. Foi o único neto que foi. Eu disse vai lá escutar as conversas dele, ver as coisas que ele tem para dizer, fica lá ouvindo. Minha cunhada disse que ele chegou de mochila um dia, porque estava indo para a faculdade. Ontem ela até me perguntou por essa mochila, ele passou um tempão usando ela, uma bolsa boa, mas só que já estava toda mofada porque ele não tinha cuidado. Um dia eu peguei a bolsa, botei na calçada e fiquei esperando alguém levar. Vinha uma pessoa, se dirigiu até ela, eu olhei e virei as costas. Ele passou, pegou e foi embora. São coisas que a pessoa não esquece nunca. Aí, você vai se desfazer das roupas que ele tinha...

– E a cama dele?

– Dois meses depois meu pai faleceu e mamãe teve que ir lá pra casa.

³⁷Música “Sem você desisto” de Kytu Costa, na voz de Gitana Pimentel para a trilha sonora do documentário *Por Nossos Filhos*, de Helton Nóbrega e Flaviano Carvalho.

– Mas teve alguma relação com a morte de Elton?

– Ele teve um aneurisma cerebral. Eu só acho que foi por conta disso, apesar que ele se mostrava muito forte na nossa frente. ‘Você sabe que não cai uma folha que não seja da permissão de Deus’, não sei quê e tal. E na hora (do homicídio) ele foi para o local, porque era na esquina, bem pertinho da casa dele. O pessoal foi lá chamar, ele ficou o tempo todo até o carro sair. Não tinha ninguém que o tirasse de lá. ‘Podia ter feito isso comigo, não com meu neto, que não fazia mal a ninguém’. E ele era novo e estava estudando e tudo. – A voz transmite o nó que sufoca sua garganta enquanto as lágrimas lhe querem saltar dos olhos – Mas não foi ele que passou naquela hora e todo mundo o reconhecia, ninguém ia fazer nada com papai. Meu irmão passou por dentro e voltou pelo mesmo caminho. Na hora que ele tinha ido deixar a mulher, alguém avisou ‘O filho de seu Luiz está passando por aí’. Quando ele voltou ninguém percebeu que fosse a mesma pessoa.

Elton tinha uma papelada de trabalhos, faculdade, escola. Célia queria levar para a escola, perfurar e guardar em pastas para organizar, mas ele recusava, não queria que mexesse em suas coisas. Ao se deparar com aquele monte de papel, coisas do ensino fundamental ainda, aquela pilha oprimia as emoções da mãe. Não sabia que destino dar aquilo que lhe trazia lembranças tristes. “O que eu vou fazer com isso?”, pensava ela aflita, quando tomou uma decisão sem volta. Levou para um terreno próximo, tirou o isqueiro do bolso, acendeu. A chama amarela da combustão ia consumindo as letras rapidamente, devorando as ideias do menino, transpostas no papel. Ali, Célia sentou e chorou. Tantos anos de estudo, tanto esforço. Para quê?

Elton estudava à noite, dormia tarde e acordava somente pela hora do almoço.

– O que ele falava que queria ser? Quais eram seus sonhos?

– Ele fazia Administração de Empresas, mas era muito de questionar, queria saber a razão de tudo. Um amigo dele, que fez Direito, botou um texto na página de Gabriela Sou da Paz³⁸, que diz tudo. Nesse site tem vários casos e ele foi registrado. Antes de acontecer isso eu já me envolvia muito nessas histórias, por amor. No caso de Isabella Nardoni, tinha uma página no *Orkut* e davam *copy* no caso e a gente repassando, me envolvi muito. É tanto que no dia do julgamento, eu não assisti, quando saiu o resultado no 5º dia, ele bateu no meu quarto – ela faz o toc-toc na mesa – ‘Mainha, acabou’. ‘E aí, eles foram condenados?’ nunca os vi, não conheço a mãe dela,

³⁸ Gabriela Sou da Paz é uma página na internet que reúne casos de pessoas vítimas da violência em todo o Brasil.

só via na mídia. Desde aquela época eu via a necessidade de correr atrás da Justiça. Eu lembro que Francisco Cembranelli, que era o promotor, deu uma entrevista. O repórter perguntou se seria mais um caso de impunidade no Brasil. Ele disse ‘Não, porque a população está em cima’. Quer dizer, havia um clamor muito grande. Depois eu descobri que a justiça realmente não existe.

Todos os dias, Célia pergunta a si mesma que sensação teria se os assassinos do filho tivessem sido condenados. Ouviu uma pergunta que a deixou pensativa. Se sentiu vontade de ver o assassino morto. Não negou, embora não seja capaz de cometer nem planejar nenhum mal a ninguém, a vontade existiu. Mas, quando comentaram certo dia que ele haveria morrido, ela percebeu que talvez isso não tenha importância, pois nada trará Elton de volta. A incompletude permanece, o vazio, a lacuna impreenchível.

I want to hold your hand³⁹ – Mães na Dor



(Foto: Grupo Mães na Dor: arquivo pessoal)

Eu não sei quanto tempo depois, acho que foi Hiper que me ligou, até hoje não sei como ela conseguiu meu número. Me convidou para ir ao Ceav. Fui com meu irmão, ficamos sendo atendidos por uma psicóloga, assistente social. Tinha umas reuniões com as mães, fazíamos um lanchinho e íamos nos conhecendo. Comecei a participar dos protestos, caminhada, audiência, júri, de vez em quando fazia um movimento na Lagoa.

– Como a senhora se sentia nesses momentos?

³⁹ Eu quero segurar a sua mão. The Beatles.

– Eu me sentia bem, fui conhecendo outros casos, aí você dá o ombro, eu ficava tirando as fotos.

– Por que a senhora resolveu fazer isso?

– Tinha começado desde Isabella, então eu vestia a camisa pra mostrar o meu filho também, porque quem tinha que se esconder era o assassino e não eu esconder a foto do meu filho.

– Hoje a senhora sente que ajuda outras mães?

– É também. Eu participo de um grupo no *WhatsApp* de São Paulo, contra a violência. Já fui a Brasília, Rio de Janeiro. Por coincidência, houve uma homenagem a Gabriela Sou da Paz, eu fui, todos os anos eles fazem esse ato. Até mãe que não tinha camisa eu mandei fazer – o marido, que estava no sofá ao lado conversava com Xuxa – levei a faixa grande, várias vítimas, botei lá. Hoje ainda participo das atividades, mas não está tendo muita frequência, no começo tinha mais porque era um caso atrás do outro.

– Como era essa luta de vocês se juntarem e ir atrás de justiça?

– Árdua, porque você ficar na rua gritando, pedindo justiça, ir para um tribunal de júri. Acho que todo mundo deveria conhecer um tribunal de júri para ver como é que funciona.

– E como é ver que há tantos casos em que há condenação e o seu não teve essa oportunidade?

– Assim, eu acho, eu tive essa consciência, quando eu vim entender melhor a lei, que não haveria, se ele fosse responder ia passar só três anos. E a gente vê a certeza da impunidade. Às vezes, me dá assim... Como é que se diz? Conformar, a gente não se conforma não, mas o tempo vai passando, a gente vai vendo a realidade, sabe que não há o que fazer, a justiça não permite que ele seja punido. Quantos casos não têm na televisão? A gente vê todos os dias...



(Foto: Mães na Dor: arquivo pessoal)

If I fell ⁴⁰ - Desânimo

– Em algum momento a senhora quis deixar de viver?

– Já, várias vezes.

– O que lhe deu forças para continuar?

– A família né? Os outros filhos.

– A razão de vida hoje?

Célia ri, aquele mesmo riso de discórdia:

– Os meus filhos, eu tenho muito medo de perder outro.

– Esse medo aumenta depois que perde um?

– Sim. Essa daí mesmo está com muito medo da violência. Eita que hoje apareceu muriçoca aqui que eu nunca tinha visto. Ela entrou na faculdade esse ano, Arquitetura. Nos primeiros dias, Elson ia deixar ela de carro e ela voltava de ônibus. Aí ela viu uma abordagem, os policiais à paisana, perguntou o que estava acontecendo, veio num pique pra casa e chegou chorando. Anda com um medo tão grande na rua. Vai para a academia na outra rua e sente medo. Um dia passou uma pessoa por ela, ela voltou e não foi mais. E a gente vai viver assim agora? – A família vive assombrada no presente.

– Como era nas datas, aniversário, Natal, Dia das Mães?

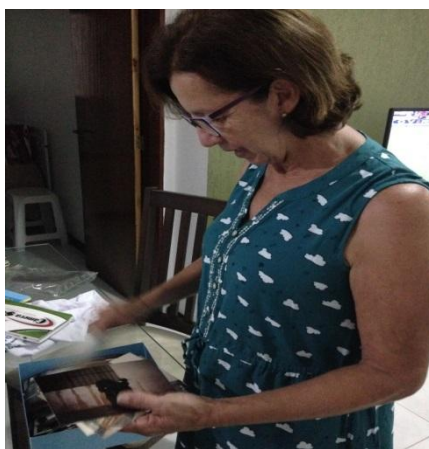
⁴⁰ Se eu cair. The Beatles.

– Se eu pudesse tirava essas datas do calendário. A gente não comemora, no aniversário dele meu filho faz tudo, ‘Vamos num restaurante, vamos jantar, almoçar. A gente vai fazer o quê Mainha?’. Para não deixar a gente trancado. No meu também.

– A senhora já tem netos?

– Três. Uma com 13 anos. Quando a minha nora estava grávida Elisa dizia ‘E eu vou ser tia pequena é?’ Ela também é uma longa história...

Getback⁴¹ – Desistir jamais



(Foto Célia olha as fotografias)

Apesar de conviver naquele ambiente, sabendo como era o regime lá dentro, não acreditavam que isso fosse acontecer com Elton. Viam o comportamento dele, passava por lá, falava com as pessoas, todo educado. Ia na casa de papai, dava a benção, entrava, falava com mamãe, ia na casa da minha sogra, todo atencioso. A família toda ficou abalada. Ninguém gosta de tocar nesse assunto porque dá logo raiva.

Elisa buscou na religiosidade o alicerce para amparar sua dor e superar seu trauma. Desde menina frequenta a igreja pelo menos três vezes por semana. O pai não quer ir para não ter que assumir o compromisso da frequência. Mas participam de um grupo de casal semanalmente.

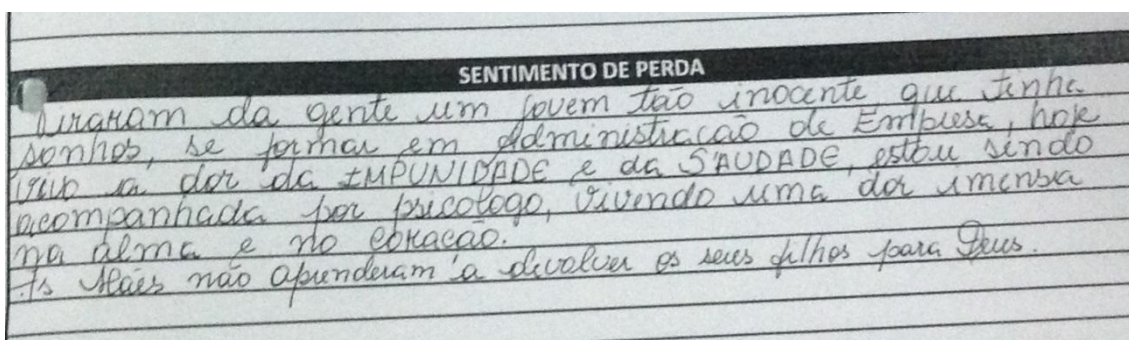
– Seu marido mudou após a perda? A relação de vocês?

– Ele ficou mais cuidadoso na hora de falar. É um negócio muito esquisito, a morte assim, de um filho. Um negócio desse deixa a pessoa sem... Sei nem o que dizer.

⁴¹Volte.The Beatles.

– Tem alguma mensagem de otimismo para outras mães que passam por isso também? Para que sigam em frente?

– A gente não pode desistir, desistir jamais. A gente tem que ter fé e acreditar em... Mudança em relação à violência, essas coisas eu não acredito não. E cada mãe que vai entrando aos poucos. Graças a Deus no, *Mães na Dor*, eu não conheço nenhum caso sem condenação. A não ser o de Dona Penha, que não foi o filho, foi ela que foi assassinada na Procissão da Penha. O filho fazia parte do grupo com a gente. No caso de Everton Belmont, teve condenação. Só o de Elton que não tinha como punir, não tinha testemunha, ninguém quis testemunhar. As pessoas ficaram muito arrasadas. Eu sei, porque eu conheço o pessoal de lá, comentaram comigo depois ‘Fulana teve que ir para psicóloga’. Ficaram muito abalados. Ontem mesmo eu estava arrasada, arrasada, arrasada, arrasada – Nesse momento eu me pus a avaliar se não houvera sido os meus contatos que a deixaram para baixo – Estou até tomando uns florais e um remédio em gotas que é preparado com flores na farmácia. Fui para o Equilíbrio do Ser, conversei com a escuta, a psicóloga, chorei muito, muito mesmo. Aí, hoje eu levantei, fiquei fazendo as coisas e te esperando.



(Foto: Ficha Mães na Dor)

Here there and Everywhere ⁴² - Arquivos

⁴² Aqui, ali e em todo lugar. The Beatles.



(Foto: Bandeira com as vítimas)

Hipernestre já havia mencionado que Célia era o “arquivo” do grupo, por registrar e guardar todas as ações. Mas, ela disse que foi emprestando e não devolveram.

– O que a senhora pode me mostrar? Posso fazer uma foto dessa?

– Pode. Deixa eu acender a luz, deixa eu ver se ela está acendendo. As do grupo ou dele?

– Os dois.

– Do grupo, as que tenho reveladas são essas – e, me traz um monte de álbuns – eu tenho muita foto no *pendrive*, mas eu não sei nem como localizar. Essas fotos eram tudo aqui dentro – ela fala comigo na sala, de dentro do quarto, onde está remexendo as caixas, não sei se a mim ou a ela mesma – tá tudo espalhado, quando a gente se mudou. Minha casa era bem grande, esse apartamento é pequeno demais – ouço o barulho do plástico, ela me traz uma foto – essa foi Hiper que me deu.

– Vocês acabam formando uma amizade né?

– É, também. Eu tenho até uma revistinha sobre o caso de Hiper, não sei se tu já viu esse, olha só.

– Ah, essa é a placa da faculdade? – Ela retira todo o material de dentro dos plásticos, tudo cuidadosamente embalado para se manter conservado.

– Olha, de Isabella. Esse outro também. Tem esse aqui que é das ativistas de São Paulo. Essa revista eu comprei sobre o caso de Isabella. Eu tirei uma foto e mandei para as meninas. ‘Onde você conseguiu essa foto?’, aí mostrei a capa.

– E essas outras revistas são o quê?

– São da OAB (Ordem dos Advogados do Brasil), que a gente pegou lá uma vez, tem fotos de uma caminhada da paz que a gente participou, mas não tem a gente não. Um desfile que a gente participou, até foto. Guardei para quando tivermos um espaço próprio.

Assim como eu, Elton também era corinthiano. A camisa do clube está guardada e preserva o mesmo branco de outrora.

– Quando o Corinthians está jogando eu só lembro dele. – Mostra uma foto – quando ele era pequeno, bem magrinho.

Ela tira do plástico, uma roupa que ele usou em uma apresentação na escola e ri narrando a história.

– Mainha, tem que fazer uma roupa.

– E o que é que tu vai falar?

– Eu não vou falar nada não.

– Mas Elton como é que eu vou mandar fazer uma roupa pra tu não falar nada?

– Mãe, eu falei com a tia, ela vai mandar eu falar uma frase. Entrar, falar e sair.

– Mas eu não sei não viu? Só você pra fazer um negócio desses comigo.

O menino Elton se emocionou com a apresentação, chorou.

– Tu viu, mainha que eu falei?

– Vi.

Célia começa a me mostrar outras coisas:

– Isso aqui é a cara dele quando era criança. Essa outra camisa foi Serginho do vôlei que autografou, ele nunca usou. Esse papel é da ocorrência de quando ele perdeu a identidade. E aqui era a xérox do documento autenticado.

Ela vai tirando tudo do “baú”, meus olhos vão percorrendo. Até ofereceu uns papéis que falavam sobre ele no site Gabriela Sou da Paz.

– Essa faixa foi no Rio de Janeiro. Esses são os comentários na página, eu pedi a Elson para imprimir todos.

– Todos que comentaram são amigos ou tinha alguém que a senhora não conhecia?

Ela folheia tudo.

– Só teve esse, uma pessoa que entrou, fez um comentário muito...

E desvia o assunto, o comentário era desagradável, mas ela me mostrou.

– Eu não conheço esse casal, mas perderam um filho também. A Patrícia Trajano. Essa é minha sobrinha. Elisa. Essa é uma amiga nossa, vizinha da gente. – E vai apontando quem é quem nas fotos – Olha o que botaram aqui. Tá vendo?

– Foi um comentário infeliz né?

– Olha a carteira, carteirinha da Unimed, cartão do SUS, AETC, a identidade do Corinthians que fiz no site. Eu disse: ‘Mas tu tá uma beleza visse’ – sorri entre as lágrimas – olha o título novinho.

– Mas ele já tinha votado em outras eleições?

– Uma vez. A identidade nova, nova, nova. A carteira de trabalho, nunca assinou nada, só estudando – ela procura por outras coisas – aqui foi um encontro de jovens, sempre tem esses caderninhos de mensagem, o pessoal colocando mensagens, colegas, amigos, conhecidos. Olha o que Elisa fez. Olha o que eu fiz com o Corinthians – mostra a brincadeira com o time – Elson disse que ele iria rasgar com raiva, mas ficou só rindo.

Elson vai até a cozinha preparar um café.

– Tem suco também. Você quer suco?

– Não, obrigada. – Na verdade eu estava com fome e sou daquele tipo de pessoa que nunca dispensa comida, mesmo sem estar com fome. Não se deve me oferecer comida por educação, sempre aceitarei. Mas aquele dia, senti vergonha.

– Não tomou nem água não foi? Ela fica só falando e você não tomou água.

– Tomei não.

– Quer água?

– Quero um pouquinho, não sinto muita sede. Aí, quando lembro de tomar...

– Deu certinho com essa daí que ela não toma água também não. Gosta de canjica?

– Não obrigada.

– Tem muita coisa viu? – ele diz se referindo aos objetos de Elton e nesse momento passa a interagir conosco.

– Isso aqui foi um formulário do grupo sobre os casos que Hiper pediu pra gente preencher – mostra Célia.

Uma música gospel toca ao fundo.

– Essa é Gabriela, do Gabriela Sou da Paz. Esse gesto nessa foto ela fez na escola. – O símbolo da paz, as mãos cruzadas em forma de pomba – Essa menina tinha 13 anos, nunca tinha saído de casa sozinha e tudo o que ela queria era pegar um metrô sozinha. Levaram ela na Tijuca e já tinha outra pessoa aguardando na próxima estação.

– E ela não chegou viva – complementa Elson.

– Teve um tiroteio e ela recebeu uma bala perdida. Filha única. A mãe dela entrou na luta e conseguiu mudar algumas coisas em Brasília (leis) – contou Célia.

– O pai botou numa estação e já tinha outra pessoa aguardando ela. Parece coisa de filme. Nós fomos ao Rio conhecer o pai dela. Mas... Todo mundo se acovarda, todo mundo se acovarda, todo mundo se acovarda – Elson repete a frase com certo grau de indignação a seu próprio caso – e você não tem como provar nada, se brincar passa a ser réu.

– Eu não posso nem citar nomes, dizer foi Fulano, Cicrano, se não ‘Que história é essa de ela estar dizendo que foi Fulano?’

– Tem que ter provas. É complicado demais. E Elton mesmo dizia que não acreditava na Justiça.

– Era, ele dizia nera, Elson? Ele dizia direto ‘Isso não vai dar em nada’. – Ela confirma com tamanha intensidade – No caso de Isabella ele dizia, mas eu estava tão focada que no dia do julgamento não assisti com medo que eles fossem absolvidos. Aí sonhei ‘Seria tão legal que as ativistas soltassem fogos’, pois não é que soltaram? Quando Elton foi me chamar estava passando os fogos na televisão. – Mostra a foto de uma garotinha – Essa aqui é minha neta, está com seis anos, não conheceu ele. Quando minha nora ficou gestante, a outra tinha dois filhos. Esse outro aqui também está com seis anos. Eu dizia ‘Nádia, é outro menino, outro corinthiano’.

– Enquanto aconteceu isso, a polícia tomava conta de urna, eleição – fala com ironia o pai – Manda aquele monte de policial para o interior e a população ficou desprotegida.

– Aqui tem várias fotos – o álbum – Foi no caso de Aryane, dois anos. Nessa outra é Santiago, pai de Gabriela. A esposa dele morreu. Essas aqui são ativistas. Esse é o livro de Gabriela. Esse aqui é da família Ramalho. Essa é Tânia Lopes, irmã de Tim Lopes. Isso aqui é em Brasília. Essa é a mãe de Lucas Terra, que foi na Bahia, adolescente assassinado queimado.

– E o filho de Keyko Ota⁴³? O próprio segurança da casa sequestrou com uma equipe. E foi ele quem matou a criança.

⁴³ Ives Yoshiaki Ota, filho de Massataka Ota e Keyko Ota, foi sequestrado em casa na manhã de 29 de agosto de 1997, em São Paulo. Na madrugada seguinte foi assassinado com dois tiros no rosto por ter reconhecido o segurança, que também era policial militar. Keyko, a mãe, virou deputada federal.

– Quando ele chegou no cativoiro, o menino disse: ‘Tio ainda bem que você chegou’, ele matou e enterrou e ainda pediu o resgate, depois foi descoberto. Isso aqui são flores que a gente recebeu da psicóloga que nos acompanhava. Tinha um parente lá em Brasília que chegou procurando Hiper, a gente ficou surpresa, ela ficou feliz ‘Celinha, olha aqui’. Jorge Damas⁴⁴. Essa daqui perdeu a filha por erro médico, não sei quanto tempo depois perdeu o filho de acidente, ia passar Natal em casa, depois ela teve câncer e morreu. Esse casal de São Paulo a gente tem contato direto com eles. Eu participo do Navv⁴⁵ em São Paulo. – Célia viajou bastante por justiça – Aqui foi em Tambaú, essa na Praça dos Três Poderes. Eu tinha uma pasta cheia de recorte de jornal, Ana Geórgia nunca me devolveu. Olha, esse faz um movimento em Praia Grande todo ano para homenagear o filho, aí tiraram foto mesmo na hora que eles estavam com a foto de Elton. Eles colocaram numa cruzinha e fincaram na areia.

– O grupo ainda se reúne?

– Hoje a gente não tem um espaço para se reunir, aí fica difícil.

– Tem foto com Ricardo Coutinho⁴⁶, Elton era doido por ele – revelou Elson.

– Suênio. Essa mãe é de Campina Grande. Foi o caso do Manaíra Shopping, tu lembra?

– Não – eu não conhecia o caso que também aconteceu em 2010, cinco anos antes de eu chegar à Paraíba. Suênio Rocha Melo saía de um show na Domus Hall, quando foi abordado pelos assaltantes no estacionamento do shopping. Ele veio de Campina Grande somente para o evento e morreu aos 30 anos no dia 10 de outubro.

– Que ele foi para um show e um cara foi assaltá-lo, o segurança atirou e acertou foi ele e não o bandido.

– Mostra Ricardo Coutinho – insiste Elson.

– Olha aí, todo despojado, ‘Tô nem aí’. Isso foi na casa do meu vizinho e ele estava tentando convencer o pessoal a votar em Ricardo Coutinho – ela mostra a foto, rindo do jeito desleixado do filho – acho que teremos uma resposta um dia, só não sei quando, do porquê de tudo isso.

– Todo mundo nessa foto aqui é do grupo?

⁴⁴ Jorge Damas é psicólogo e palestrante sobre psicologia, espiritismo, parapsicologia e filosofia.

⁴⁵ Núcleo de Apoio às Vítimas da Violência.

⁴⁶ O governador da Paraíba, Ricardo Coutinho, conhecia Elton pessoalmente e implantou um plano de segurança pública na comunidade Bola na Rede. Em novembro de 2011, a Polícia Militar começou a agir no local, cumprindo mandados de prisão, busca e apreensão e uma UPS (Unidade de Polícia Solidária) foi instalada.

– Sim, a gente em Campina Grande. Essa mulher aqui era vizinha da gente, ela estava sentada na porta de casa quando ficou sabendo de Elton e desmaiou na hora. Hoje ela é formada, fez administração de empresas. Essa aqui é Fernanda Hellen. Essa aqui é Anna Georgea que fez um trabalho para a universidade com a gente também.

O barulho da louça na cozinha, de onde Elson interage no diálogo.

– Olha o amigo dele, Dudu, vizinho da gente. Ele casado, com filho e Elton ia para a casa dele e ficava lá. Elson ele não só vivia na casa de Dudu, nera? Eles se gostavam demais não era não? – ela fala sorrindo.

– Novo demais, videogame e Corinthians x Palmeiras, pronto. Foi o único cara que viu Elton com alguma menina. Lá em Monteiro, num São João. Foi o único! Porque a gente nunca viu! – Enfatiza Elson sobre a vida amorosa do filho, muito tímido. Para a família ele morreu virginal.

– Elisa sempre foi esperta, quando ele estava no computador, ela chegava ‘Quem é essa Elton? Tu tá namorando com essa mulher aí?’ E ele ‘Saia daqui’, batendo papo na rede social – nesse momento seu riso afrouxa, ela gargalha.

– Eu só entrava quando ele chegava da faculdade, ficava na calçada esperando.

– Só teve um dia que ele chegou de meia-noite, eu fiquei com medo visse, porque era esquisito lá. Ele dizia ‘Aqui não é lugar da gente morar não, lugar de morar é nos Bancários’, não era Elson?

– Era. E o pior é que o sonho dele era vir morar aqui, mas era praticamente impossível de realizar.

– ‘Aqui nesse lugar não tem uma padaria, uma pizzaria, uma sorveteira, não tem nada’. E realmente até hoje não tem nada lá.

– E quando aconteceu isso de repente as portas se abriram – relata Elson.

– Eu dizia: ‘Não acredito, ele queria tanto vir morar nos Bancários e agora a gente vem’.

Quando o marido começou a conversar conosco, Célia lembrava de momentos, frases e estava extremamente empolgada ao compartilhá-las. E sempre pedia a confirmação do marido ao que dizia. Creio que pelo fato de ser um assunto quase proibido na casa, poder falar junto ao marido era algo raro de acontecer e isso foi bom para ela. Não tenho certeza se para ele também.

– A gente estava sem condições, não podia vir morar aqui. Será que foi uma recompensa divina? A casa lá era muito boa, mas pelo local não valorizava. E a primeira vez que a gente veio nesse prédio, quem ia comprar era o irmão dela para a

mãe dela, porque ele tinha uma condiçãozinha melhor, não era nem esse, era o do lado. Esse estava desocupado e viemos olhar. ‘É, legal’. Terminou a conversa, meu cunhado não comprou e o cara disse ‘E o senhor seu Elson não vai querer ficar com esse não?’ ‘Quero não, não tenho condições não’. Ele ‘A gente dá um jeito’. ‘Quer a minha casa lá? Diga quanto é a volta’. ‘Não, a sua casa não me interessa não’. Eu saí até meio chateado.

– A nossa casa estava bem bonitinha, toda reformada.

– Um casarão, se você visse, três quartos. No outro dia ele ligou ‘Eu recebo sua casa por R\$ 150 mil’. Era uma casa pra mais de R\$ 300 mil. É entre o Alto do Mateus e o bairro dos Novais, em frente à escola João XXIII, Célia trabalhava lá, 50 metros de distância. Aí ele pediu pela metade do preço e mais R\$ 50 mil, que eu financiei e a gente foi pagando.

– Essa foi a primeira caminhada que participei, no caso de Gerlane. Isso aqui foi em Brasília, a mãe de Eloá. Sandra Domingues.

“O escape, o descanso, a cura, a recompensa vem, sem demora”. A música toca enquanto conversamos.

– Olha meu irmão que estava com ele.

“Em tempos de guerra, nunca pare de lutar, não baixe a guarda...”

– Como é que ele ficou depois?

– Abalado, mas se firmou na igreja, mas ele não toca nem no assunto. Ninguém fala com ele desse assunto. Tem muita foto, muita foto, eu vou separar para se um dia a gente (o grupo) tiver um espaço, conseguir a ONG.

– Hoje teria uma reunião sobre isso? Hiper me falou.

– Ia, mas ela deixou para amanhã.

– Tinha um blog né?

– Mas está parado. Isso aqui foi vítima de trânsito: Rafael. Esse foi do caso Everton Belmont.

– Foi preso outro dia né, o assassino?

– Foi agora recentemente. Foi julgado, foi condenado e agora que foi preso. Olha, eu estava tirando essa foto com os meninos e Elton foi chegando assim – com uma cara estranha.

– Ele era alto não é?

– Era o mais alto daqui. Nessa foto a gente estava entregando uma mensagem em frente ao Mag Shopping, parando os carros, foi a última cena do documentário. Essa

menina é de Portugal, que tenho foto dela com a camisa de Elton que eu mandei para ela. No dia do lançamento do documentário, em 19 de agosto de 2011, veio Sandra Cassaro ⁴⁷, do Registra Brasil, ela perdeu o pai e depois de adulta foi lutar na Justiça para condenar os assassinos. Veio Janete, a mãe de Mércia Nakashima. Até elas duas receberam as fotos da artista plástica. Esses dois aqui foi de trânsito também, Jéssica e Gustavo, tia e sobrinho, neto desse casal.

Todo aquele tempo que gastamos olhando as fotografias me deixou uma pergunta sem resposta: por que gosto tanto de ver fotos? Mais ainda: por que eu gosto tanto de mostrar fotos? E ainda contar a história da foto. O mesmo gesto que Célia fazia comigo.

“Vem Jesus, vem Jesus toca”, as canções não paravam. Em seguida um longo silêncio.

– Foram sete mães que participaram.

– Mas tinha mais no grupo ou eram só vocês?

– Tinha, teve até uma que participou de algumas coisas, mas como não fez tudo, ele não colocou. A gente estava no Ceav quando Remédios sugeriu a gente formar o grupo, dar o nome. Então fomos escolher.

“Transforma essa pedra em pão, toca...”

– Esses livros são o quê?

– Aqui é a história de Lucas Terra, da Bahia, que ele foi traído pela obediência. Aqui sobre Dorothy.

Elson canta baixinho: “Não consigo ir além do teu olhar, tudo o que eu consigo é imaginar a riqueza que existe dentro de você” ⁴⁸.

No *Facebook*, Célia faz parte de grupos de luta por justiça, como “Mães que perderam seus filhos amados”, “Lutando por justiça” e “Sede de justiça”. Há vídeos no *YouTube* em uma conta com o nome de Elton, por conta do Orkut, Célia explicou que foi Elisa quem postou, mas Célia esqueceu a senha e não conseguiu alterar o nome. Desligo o gravador, o momento mais difícil da entrevista, estamos nos despedindo. Porém, ainda fiquei mais meia hora, Elson queria falar, então o ouvi. Ele me mostrou o vídeo feito pelo amigo, citado por Célia no início. “Parece que foi tudo escrito igual”. Para o pai, a esperança é que um dia reencontrará Elton, é o que lhe consola.

⁴⁷ Sandra é filha de Antônio Cassaro, prefeito de São Gabriel da Palha (ES), assassinado aos 59 anos em Vitória (ES) no dia 03/04/1986.

⁴⁸ Música “Raridade”, interpretada por Anderson Freire.

– Ele encaixou a letra da música com os slides. A parte “Ele olha seu retrato na estante”, passa uma estante com o retrato de Elton – lembra Célia.

Quando já não estava mais gravando, Célia contou que Elton adorava tirar fotos com famosos, celebridades, políticos, artistas, figuras públicas. Ao publicar uma foto minha com Chico José, jornalista da TV Globo, Célia comentou “Essa foto, me fez lembrar alguém...”. Foi um momento singelo, em que mais uma vez me assemelhei a Elton, nos Mamonas, no Corinthians e nas fotos.

Já era noite, eles quiseram ir me deixar em casa, eu não quis, fui caminhando, a rua estava tranquila. Nunca me senti muito segura para caminhar nessa cidade, em especial à noite, mas naquela noite não tive medo. A poucos metros chego à Avenida Principal, na qual a tranquilidade dá lugar ao ronco dos motores, automóveis, ônibus, motocicletas. Barulho, barulho, barulho. Mas havia o vento no rosto, o vento é calmaria. Fazia muito calor aquele dia. E eu precisava dar aquela respirada, receber uma história tão triste, pesa um pouco o espírito. Mas, a cada visita, eu tinha mais certeza de que estava no caminho certo.

*“Mais uma vida jogada fora
Um coração que já não bate mais, descanse em paz
Sonhos que vão embora, antes da hora
Sonhos que ficam pra trás
Pra onde vai você?
Pra onde vai?
Pra onde vai o Sol quando a noite cai?
E agora?
A dor é do tamanho de um prédio
A casa sem ele vai ser um tédio
Não tem remédio, não tem explicação, não tem volta
Os amigos não aceitam, o irmão se revolta
A família não acredita no que aconteceu
Ninguém consegue entender porque o garoto morreu
Tiraram da gente um jovem tão inocente
E a sua avó que era crente hoje tem raiva de Deus
O seu pai ficou mais velho, mais sério e mais triste
E a mãe simplesmente não resiste*

*Além do filho, perdeu o seu amor pela vida
E a nora agora tem tendências suicidas
E a namoradinha com quem sonhava se casar
Todo mundo toda hora tem vontade de chorar
Quando se lembra dos planos que o garoto fazia...
Ele dizia: "Eu quero ser alguém um dia"
Sonhava com o futuro desde menino
Ninguém podia imaginar o seu destino
Mais uma vítima de um mundo violento...
Se Deus é justo, então quem fez o julgamento?
Pra onde vai você?
Pra onde vai?
Pra onde vai o Sol?
Quando a noite cai?*

Por que um jovem que vivia sorridente perde a sua vida assim tão de repente?

*Logo um cara que adorava viver
Realmente é impossível entender
Nenhuma resposta vai ser capaz de trazer de novo a paz à família do rapaz
Nunca mais suas vidas serão como antes
E eles olham o seu retrato na estante
Aquele brilho no olhar e o jeitão de criança
Agora não passam de uma lembrança
E a esperança de que ele esteja bem, seja onde for,
Não diminui o vazio que ele deixou
É insuportável quando chega o seu aniversário
E as suas roupas no armário parecem esperar que ele volte de surpresa
Pra ocupar o seu lugar vazio à mesa
A tristeza às vezes é tão forte
A tristeza às vezes é tão forte que é mais fácil fingir que não houve morte
Porque sempre que ele chega pra matar as saudades
Ele vem com aquela cara de felicidade
Alegrando os sonhos e querendo dizer que a sua alma nunca vai envelhecer
E que sofrer não é a solução
É melhor manter acesa uma chama no coração*

E a certeza na mente de que um dia se encontrarão novamente.

Pra onde vai você?

Pra onde vai?

Pra onde vai o Sol quando a noite cai?

Pra onde vai você?

Pra onde vai o Sol...

Pra onde vai...

Quando a Noite cai?

Quando tudo vira cinzas,

Pra onde vai o Sol...

Quando a noite quando a noite cai?

Quando o Sol se vai?

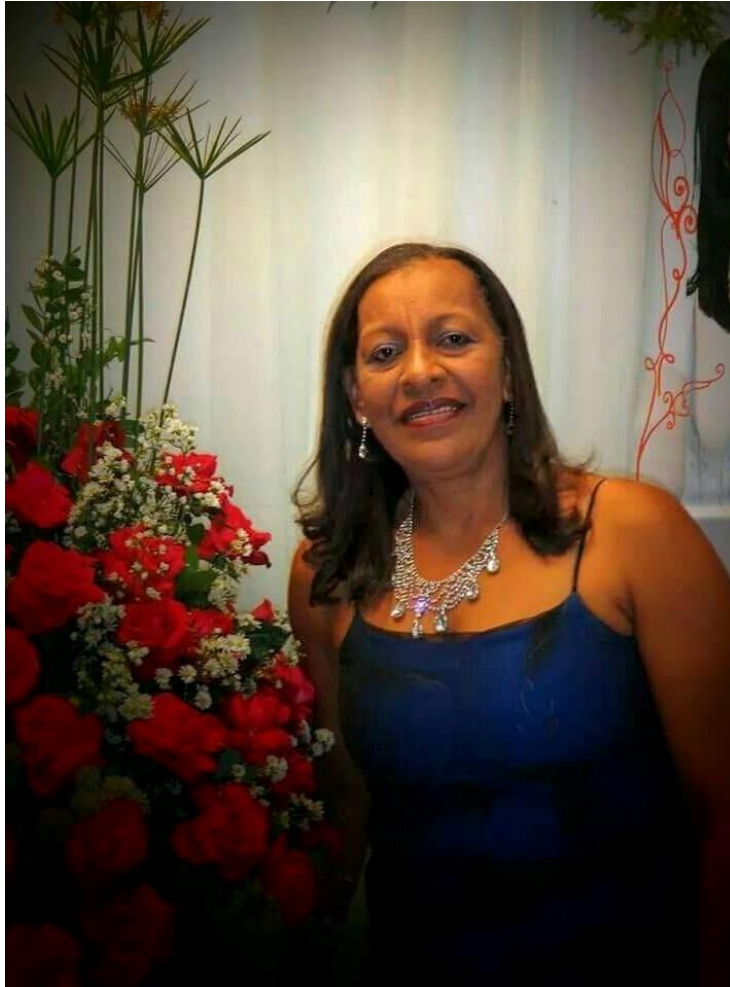
Quando tudo passa?

Quando a gente chora?

Pra onde vai? ”⁴⁹

⁴⁹ Música “Pra onde vai”, Gabriel O Pensador.

Uma mulher de perdas (Régia)



(Foto: reprodução Facebook)

Meu pai morreu, eu era muito pequena. Acho que tinha uns cinco anos de idade, mas eu lembro dele. Era um homem muito bom. Teve uma trombose e passou anos em cima de uma cama, dependendo da minha mãe para tudo, inclusive para comer e tomar banho. E ela, ainda, tinha que trabalhar na fábrica de tecidos para sustentar a casa. Meu filho mais novo foi assassinado, em 2008, na rua de casa. Eu escutei os tiros. Um dos amigos, que estavam com ele foi me chamar. Foi a pior coisa que eu vi na minha vida. A cena mais triste que uma mãe pode ver. Meu netinho estava brincando com o primo com um espeto de churrasco, ninguém tinha visto, até que o menino furou o olho dele, perdeu a visão, teve que fazer um transplante de córnea. Nos exames pré-cirúrgicos, descobrimos que ele tinha um sopro no coração, desde que nasceu. A

abertura estava muito grande e ele teve que fazer uma cirurgia. Ele entrou no bloco cirúrgico alegre e feliz e nunca mais abriu os olhos. Sete anos depois de perder meu caçula, meu filho do meio é morto na porta de casa. E, até hoje a polícia não me deu uma resposta. Meu filho mais velho está preso há 13 anos. A ex-mulher dele sumiu com meus dois netos, vi eles pequenos. E tem um suposto neto que eu nunca vi. O meu filho descobriu pouco tempo antes de morrer, não deu tempo fazer DNA. Até hoje não sei se é verdade. Eu passo o dia assim, com uma garrafa de café e cigarros, fumo duas carteiras todos os dias, às vezes, nem como.

O passado doloroso de Régia Maria Souto Cavalcante ecoa no presente. Mais uma Maria banhada de lágrimas e, a prova de que um raio pode, sim, cair no mesmo lugar duas vezes. Quando iniciei o trabalho ela tinha perdido um filho, ao final já eram dois. Uma mulher de perdas que nunca viu a justiça. Entre as cinco mães entrevistadas para esta reportagem, ela foi a primeira a perder o filho. E a última também. O princípio e o fim.

Era a primeira vez que eu ia ao Padre Zé. Pensei se não seria mais seguro pegar um táxi, mas eu queria mesmo era ver as pessoas que vão até lá, andar pelas ruas, sentir o clima do lugar. Faz parte do meu trabalho, do meu mergulho. O percurso é tão importante quanto à chegada. Desci do ônibus e liguei para ela. O celular não completava a chamada, ela disse que me pegaria na parada. Mas eu tinha o endereço e com algumas perguntas foi fácil encontrar. Mas nos desencontramos. Eu não a conhecia, ela não me conhecia. Foi me buscar e eu já estava na porta de sua casa.

Fui descendo a ladeira, duvidando se estava na direção certa. Ao chegar, havia um casal de idosos sentados na calçada da casa em frente.

- Régia saiu agorinha.
- Deve ter ido me buscar. Vou aguardar.
- Sente um pouco.

Conversamos nós três como se fôssemos conhecidos. Eu olhava o fim da ladeira lá em cima e, lembrei da minha infância, no Santa Cristina, em Santo André. De repente uma mulher despona e desce o calçamento. Com a blusa amarela e o short de outra cor. Uma quarta-feira quente de verão, dia em que completava oito anos e quatro meses da morte de Dudu, o mais novo.

Entre máquinas e tecidos

Lembro demais, meu pai era um pai maravilhoso. Mas adoeceu, foi pra Campina, ficou no hospital, depois voltou. Aí pronto, ficou doente, ficou doente. Ele não comia só, não tomava banho só. Aí minha mãe vivia numa luta muito grande, trabalhava demais. Trabalhava na indústria têxtil.

A casa extremamente limpa chama a atenção. As tarefas domésticas são a forma de passar o tempo e não pensar na dor. A voz grave revela os efeitos dos 40 cigarros tragados diariamente. Os olhos, marejados, não necessitam de explicação. Quando ela já estava se recuperando de um golpe, sempre vinha outro. Não comeu aquele dia, bastou-lhe a nicotina e o café.

Fomos conversar na área dos fundos. Mais distante do barulho da rua, mais arejado. Tinha uma máquina de costura como a da minha avó, de roldana, em que a propulsão é gerada pelo movimento dos pés. Mais elementos da minha própria vida.

Dona Régia, o irmão e a mãe vieram morar em João Pessoa quando ela tinha apenas seis anos de idade, há mais de meio século. A família deixou a cidade de Areia, região serrana e fria no Brejo paraibano, quando a fábrica de tecelagem em que Dona Nair trabalhava fechou. O dono vendeu, mas comprou outra em João Pessoa. E ela acompanhou a mudança. Restaram apenas duas tias quase centenárias na pequena cidade.

Quando iniciamos nossa conversa o telefone tocou. Régia foi resolver a situação. Ela se considera uma guerreira, trabalhadora, que vive lutando. Tem consciência de quem ela é. Mesmo com todos os abalos. Régia sempre fala com muita firmeza, muita força, muita eloquência. Ela sabe o que diz.

“Meu pai não recebeu nenhum benefício social quando ficou doente, porque não trabalhava de carteira assinada. Aí, ficou dependente da minha mãe. Naquela época ela sem ter tempo de procurar os direitos dela, e a gente, pequeno também, não sabia como resolver nada, meu irmão é mais novo que eu. Aí, minha mãe nunca recebeu a pensão. Meu pai chegou a se aposentar por invalidez, mas no primeiro mês que recebeu, faleceu. Minha mãe veio trabalhar na Têxtil de Mandacaru, que empregou muita gente. Meu pai morreu cedo, mas ela não quis casar novamente. Ele foi o primeiro namorado, o esposo. No interior, naquele tempo o povo chamava de trombose, né?! E ele levou uma queda. Trabalhava de servente, caiu de cima de uma casa. Levaram para Campina e daí ele ficou doente e passou muitos anos em cima de uma cama”.

Dona Nair



(Foto: reprodução Facebook)

Chega a mãe dela com seus cabelos brancos e olhos azuis. A pele negra quase não tem marcas do tempo. É uma senhora bonita, apesar da idade. Ela está de camisola de algodão. A empatia foi imediata. A vontade que senti foi de abraçá-la e beijar-lhe a testa. Então, beijei-lhe as mãos quando fui embora. Ela olha para a água que escorria no chão do quintal, onde estávamos.

– Boa tarde, tudo bom?

O lugar me lembrava uma casa onde morei em Iguatu, Ceará. O piso batido, uma cadeira, uma poltrona, uma cobertura de telhas. Somente o corredor não tinha teto. E havia uma espécie de banco, de cimento, ao longo de uma das paredes. E uma geladeira no quintal, funcionando. Além da TV.

– Foi a garrafa d’água da senhora, que a senhora deixou aberta e quando eu abri derramou.

Alguém chega para visitar sua mãe, Régia sai para atender. Nossa entrevista teve várias interrupções, mas sempre conseguimos retomar o fio da meada. Enquanto isso, eu converso com sua mãe.

– A senhora é nova.

– Eu? Tenho noventa e... não, oitenta e... oito anos.

Ela gostou do elogio e realmente ela é bem “conservada”.

– Não tem nem ruga?!

– É! – Ela ri de lisonja, sua fala é mansa e pausada – É assim mesmo, às vezes, a pessoa diz assim, mas se eu tivesse mais saúde. Olha as pernas, essas pernas eu não saio para canto nenhum.

– É artrite?

– Eu sei lá! As pernas doem, as juntas, os joelhos doem demais. Eu não posso andar. Quando eu ando é caindo e eu tenho muito medo de levar uma queda. Um dia desses, eu levei uma queda no banheiro, fui pro médico, me botaram nos braços e levaram. Para entrar no carro tenho medo de levar uma queda e quebrar logo... Olhe a pessoa fica velha...

– Mas tem problema de coração, pressão?

– Tenho pressão. Um dia desses, eu ia morrendo de noite.

– Sentiu o quê? Falta de ar?

– Não. Coisa abusada meu Deus...

– Como é o nome da senhora?

– Nair de Araújo Souto.

– Eu sou Bruna, vim conversar com Dona Régia. A senhora gosta daqui de João Pessoa?

– Eu gosto, gosto daqui. Mas é fogo, quando meu filho está aqui ele me pega pra poder ir nos médicos.

– Ele mora onde?

– Lá em cima, é Toin.

– E lá em Areia, não é bom não?

– É bom, mas depois que a gente veio para aqui não quiseram mais voltar pra lá.

– É frio lá!

– Você conhece Areia?

– Eu fui só uma vez lá, mas a noite é frio.

– É frio. Tem uma casa lá que mora uma irmã minha. É assim minha filha, eu já tô perto de...

– Quem sabe é Deus!

Ela, pela idade, acredita que está mais próxima da morte. No entanto perdeu dois netos e um bisneto, além do marido que morreu jovem. Régia se despede das visitantes.

– Aqui é assim, é uma coisa, é outra e eu só pra resolver, entendeu? Chega um fala uma coisa, chega outro, chega outro.

Na rua, a trilha sonora é o batidão⁵⁰, que nos acompanhou quase a tarde inteira.

Rogério



(Foto: Retratos)

Ele tinha ido de manhã para o médico por causa de um problema na coluna, tinha passado no neuro e de lá foi trabalhar. A mulher dele até falou com ele no médico, só que ela não sabia que ele viria para casa. E ele veio em casa tomar banho para ir para o outro emprego. Eu conhecia a rotina dele, também e, acredito que ele tinha acabado de chegar. Acho que tinha tirado a roupa para tomar banho, estava de cueca comendo um doce de leite, quando alguém chegou, o chamou e atirou nele. Meu filho morreu dentro de casa, assim, na entrada da casa dele. Tinha o portão, aí tinha um murozinho estreitinho. O espaço era pequenininho, tinha assim uns cobongó, mas era alto. Então ele não tinha visão de quem chamou, mas, eu como mãe, acredito que

⁵⁰ Batidão de funk: estilo musical.

foi alguém que morasse por lá, que o conhecia. Porque se não fosse, ele jamais teria saído de cueca.

Entrar na seara dos crimes demorou um pouco, pois sempre que eu pedia que me contasse como aconteceu, ela começava a ressaltar as qualidades e o caráter do filho. Minha curiosidade crescia, pois, não tinha nenhum dado sobre os casos até o dia que estive com ela. Fiz buscas na internet, mas nada encontrei. Depois entendi que essa introdução, que ela fazia não era apenas para convencer quem ouve a história, mas era a indignação por uma pessoa tão boa ter sido assassinada, sem motivo aparente. Na cabeça de Dona Régia e na minha e na da maioria das pessoas, isso é mesmo inadmissível. Ela fala bem dos dois filhos, sente a dor pelos dois. Ama os dois, mas em Rogério há também uma devoção.

– E como é que aconteceu?

– Aconteceu... Meu filho desde pequeno era um guerreiro, era um batalhador, era um sofredor, um menino que... Sabe o que é um filho que trabalhava, que todo mundo admirava o quanto ele trabalhava? Ele tinha uma força. Ele trabalhou o que fosse para ganhar o dinheiro dele, ele tava trabalhando. Era de ajudante, de pintor, de arrancar toco. O povo chamava ele para cortar aquelas árvores antigas, enormes pela raiz. Fazia aquele buracão bem grande. Ele trabalhava demais para ganhar o dinheiro dele, um lutador. Respeitador, que todo mundo aqui admirava, todo mundo amava meu filho. Meu filho tinha 34 anos. Era uma pessoa que não se incomodava com a vida de ninguém, não mexia com ninguém. Nunca, graças a Deus, meu filho deu uma tapa em ninguém, nunca na vida meu filho fez mal a ninguém, o negócio dele era trabalhar, não gostava de conversa, não gostava de fofoca.

– Ele bebia ou fumava?

– Fumava não. Tomava a cervejinha dele como a maioria das pessoas toma, trabalha, tem seu dia de lazer, mas na época que aconteceu isso, ele estava trabalhando em três empregos. Ele trabalhava no Estado, na Prefeitura e em um prédio, era vigilante. No Estado era uma noite sim, uma noite não. Aí, ele arrumou na Prefeitura também. Porque o lugar que ele morava, eu não gostava e por sinal morava ele e minha filha, os dois moravam juntos, vizinhos. Esse emprego que ele trabalhava durante o dia, fazia pouco tempo, só fazia um mês e 17 dias que ele tinha começado nesse edifício, lá em Tambaú. Ele sempre trabalhou nessa área de ajudante, depois ele fez o curso e passou a ser vigilante.

Ela vai baixando o tom de voz.

– Meu filho era grande, enorme, lindo, maravilhoso... Meu filho.

E retoma com fôlego:

– Então, eu já tinha comentado com ele, que como ele não tinha filhos, não tinha essa responsabilidade, ele procurasse fazer uma economia para procurar outro lugar para morar. Porque onde ele morava, é assim, numa comunidade que o povo chama favela, né?! Ele já morava lá há sete anos, mas eu não gostava do lugar. Eu não ia lá por falta de tempo e por não gostar. Eu dizia ‘Meu filho, cuide em sair daí, você tem seu emprego, seu salário. Na época o dinheiro que ele tinha não dava para comprar um aqui. Lá era só um cantinho pequeno, era um vão. Então ele trabalhou, batalhou e comprou. E ficou feliz demais. Mas eu sempre pedia para que ele saísse de lá.

Alguém a chama lá dentro. Era, uma amiga que seria presenteada com um perfume e a vendedora. Elas discutem qual seria o melhor: Glamour ou Linda. E eu aguardo.

– Minha linda você tenha um pouquinho de paciência. Desde a manhã, não tive tempo para nada, só nisto daqui – e me mostra o maço de cigarros.

Rogério trabalhava há mais de 10 anos prestando serviço de vigilante em uma creche no bairro do Cristo Redentor. Depois passou a trabalhar, também, em uma escola. Como a mãe sempre insistia para que se mudasse e, surgiu a oportunidade de um terceiro emprego, ele aceitou, para conseguir juntar dinheiro.

– Como ele aguentava desse tanto de trabalho?

– Ele saía de um e ia para o outro. Aí, apareceu um nesse prédio de 7 horas e largava de 17 horas. Às vezes, ele vinha em casa, tomava banho e, às vezes, não dava tempo. Do trabalho mesmo ele ia, porque ele ficava esperando, tinha que ver todos os funcionários quando passassem para revistar as bolsas. Quando eles saíam tarde, ele só podia sair quando eles saíssem também. O tempo dele era muito corrido. E eu dizia: ‘Pra que trabalhar tanto Rogério? Você não tem filhos, não tem essa necessidade’. Mas desde pequeno ele foi trabalhador. E quando não trabalhava durante o dia, estava em casa. Mas assim mesmo ele não parava em casa, sempre arrumava coisas pra fazer, ele ia pra pescaria no mar, na maré, tinha amigo pescador. Que o sonho dele era trabalhar num navio. Mas, ele gostava demais de uma pescaria e sempre ele ia, ajudava os pescadores. Trazia o peixe dele.

– A mulher dele não estava em casa quando aconteceu?

– Ela não estava em casa, ela nem sabia que ele vinha.

– Ninguém na rua viu?

– Com certeza que o pessoal na rua viu, mas só que ninguém vai falar, ninguém comenta. Quem é que vai dizer?

Eram cerca de dez horas da noite e Régia estava deitada, preparando-se para dormir e lembrando que dali a dois dias completaria sete anos da morte de Dudu. Estava triste, ansiando que o sono chegasse logo, mas sua tristeza não foi bastante para aquele dia. O inesperado aconteceu, de novo. O telefone tocou, era a filha chorando desesperadamente.

– O que foi? O que foi?

– Mainha, mataram Rogério.

– Eu não acredito não!

Nos seus piores pesadelos, Régia nunca imaginou que passaria por tudo aquilo outra vez. Correu desesperada ao bairro 13 de Maio, no qual morava Rogério. A polícia já estava no local e o delegado não a deixou ver o corpo quase nu, vestido de carmim, seu próprio sangue.

– Ele tinha inimigos? Alguém já tinha ameaçado?

– Não, não. Meu filho não tinha inimigo porque ele nunca foi pessoa de arrumar confusão com ninguém. Muito pelo contrário. Uma vizinha dele foi embora depois disso porque gostava muito dele e, assim, ninguém comenta. Agora, assim, como ele morava num lugar, assim, porque em todo lugar existe tráfico de drogas, ponto de drogas. Então por ele morar numa comunidade, que existe muita gente ali e como ele andava fardado, ia trabalhar fardado, alguém podia não ter gostado pelo jeito de ele ir trabalhar, né?!

A filha é solteira, sem filhos. Desde cedo quis ter o seu próprio lugar para morar. Conseguiu comprar com muito suor uma casinha no 13 de Maio, que reformou e foi a primeira a se mudar para lá, há quase 15 anos. Quando a vizinha dela separou-se do marido, vendeu a casa para Rogério. Quem passa pelo local vê tudo fechado, com placa de venda.

– Não quis alugar, apareceram duas pessoas interessadas, mas eu não quis botar gente de lá. Tenho muita vontade de vender porque eu não me sinto bem mais de jeito nenhum indo lá e, também, não posso abandonar. Uma vez por outra, de cinco em cinco meses, eu vou lá, abro, limpo, mas sempre aparecem aqueles tipinhos de gente, sabe? Aqueles molequinhos que a gente sabe que é do lado errado. Passa, fica olhando.

– A senhora não tem medo não?

– Tenho! Claro que eu tenho. Quem não tem? Porque meu filho nunca fez mal a ninguém e uma coisas dessas aconteceu com ele. Eu não espero mais nada de ninguém. Entendeu? Espero mais nada.

– Foi pior por não saber quem foi? Que nunca pagará pelo crime?

– É. E nunca vai pagar. Mas dizer que todo mundo sabe quem foi, todo mundo sabe quem foi. E se eu lhe disser que a polícia também sabe quem foi, sabe. Mas, até hoje, um ano e quatro meses, eu tenho cobrado da polícia. E sem nenhuma resposta.

– Quem é o delegado?

– O delegado, eu não sei o nome dele não. Eu tenho anotado ali. Porque minha cabeça, minha filha, não vive muito bem. Às vezes, eu tô conversando com você e dá aquele apagão, sabe quando a televisão está fora do ar? Mesmo assim é minha cabeça. Estou falando com você, depois eu esqueço de tudo. Não lembro mais de nada, com quem que eu tô conversando. Eu vivo assim, tem dias que eu tô bem, tem dias que eu não quero falar com ninguém, tem dias que eu não durmo, passo a noite chorando, tem dias que eu tô estressada, tem dias que eu tô calma e, eu vivo assim. Aí, eu corro, trabalho, que é pra... Sabe?! Aí, às vezes, minha filha diz assim: ‘Mainha, deixe de tanto passar pano em casa, a senhora fica trabalhando sem necessidade’. Mas é um jeito de eu não estar pensando, porque se eu parar, aí eu começo a imaginar: o que foi que meu filho disse? Por que isso aconteceu?

Rogério gostava de sossego. Chegava em casa, armava a rede, ia assistir TV e escutar música aos fins de semana enquanto tomava cerveja.

– Às vezes, vinham alguns amigos. Ele botava uma churrasqueira na porta de casa, botava ali um pernil de 9 kg, porque sempre foi assim barriga cheia. E, brincava e ria e se divertia e botava o som numas alturas. E, assim, ficava aquele pessoal olhando, como quem diz ‘Poxa, o cara mora aqui e não chama a gente pra nada’, mas se alguém chegasse ‘E aí?’. Ele dizia ‘Tome, agora vá tomar sua cerveja pra lá’. Se chegasse um ‘E aí Rogério, arruma uma dose aí pra mim’, nunca negou nada a ninguém, ia na venda, comprava e dava. ‘Pronto, vocês podem ir beber pra lá’. Ele era assim, ele pouco vivia em casa. Eu soube que muita gente foi embora porque disse que ninguém se conformou com o que fizeram com ele. Porque nunca se envolveu com vida de ninguém, com o que faziam ou deixavam de fazer.

- E a mulher, o que ela diz que acha que aconteceu?

- Ela também, até hoje pensa do mesmo jeito que eu, entendeu?! Ela é apaixonada, apaixonada demais pelo meu filho. Ela é uma pessoa honesta,

trabalhadeira. Uma dona de casa muito boa, foi muita boa. Ela era manicure. Ela cuidava da casa, cuidava dele muito bem, eu não tinha uma preocupação. Ela sempre foi uma mulher que eu nunca tive o que dizer dela.

– Então, o problema foi o lugar que ele escolheu para morar?

– O problema eu não sei, não foi o lugar que ele escolheu, não sei. Não sei se foi o lugar. Eu não sei, porque a violência está em todo lugar, é em periferia, é em favela, é no bairro nobre, é em todo lugar. A violência não escolhe mais lugar não. É rico, é pobre, é classe alta, média, baixa. É em todo lugar, mas a gente sabe que no lugar mais humilde é onde acontece mais as coisas.

Ela enxuga os olhos, o nariz. Seu rosto está todo molhado de lágrimas.

– A senhora nunca imaginou que isso fosse acontecer com nenhum de seus filhos?

– Nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca, nunca. Principalmente com Rogério, porque era respeitador, trabalhador, um menino que ajudava todo mundo. Uma vez ele chegou dizendo assim: ‘Mainha, dentro do ônibus uma senhorinha foi entrar, o motorista saiu, foi uma confusão e eu tomei as dores’. E eu: ‘Pelo amor de Deus meu filho, não vá brigar, reclamar com o motorista, nem com ninguém, nem tomar as dores dos outros porque, às vezes, você vai tomar a frente, defender alguém e a pessoa termina perdendo a vida’. Mas ele não gostava de injustiça. Ele não se metia em vida de ninguém, ele não queria saber da vida de ninguém. Ele, às vezes, gostava de viajar quando tinha folga, férias né? Ir para o interior. Final de semana gostava muito de ir pra uma cachoeira, numa serra entre Alagoa Grande e Areia. Ele sempre ia com a mulher dele, às vezes, com os amigos, na casa das minhas tias. Mas, se eu não chegasse e perguntasse: ‘E aí como estão minhas tias, meus primos, fulano e cicrano?’ Ele também não dizia, não gostava de comentar. Às vezes, a gente estava comentando, falando de uma pessoa, ele saía logo de perto. Nunca gostou de andar em turma, só quando ia pra pescaria, que ele ia com um amigo ou dois e encontrava os pescadores lá. Um menino que todo mundo, até hoje, não sabe porquê fizeram isso com ele.

Não levaram nada, nada, nada, nada. Mas levaram tudo, que foi a vida do meu filho. Levaram tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo, tudo na minha vida. Foi a minha vida, porque ele não matou só meu filho, não destruiu só meu filho, não tirou só a vida do meu filho. Ele tirou a da família toda porque minha família é pequenininha,

mas machucou minha mãe. Até hoje minha mãe não tem gosto, não tem alegria, chora calada, sentada. Às vezes, ela está sentadinha assim, a lágrima caindo. Ela deixou de andar, ela nem naquele terraço vai. Só é do quarto pra cá e daqui pro quarto. Minha filha que era uma pessoa alegre e feliz, que sempre me deu um suporte muito grande, está assim, acabou a alegria dela, só trabalha, não anda, não sai, não se diverte, só é do trabalho pra casa, de casa para o trabalho.



(Foto Treinamento)

Já nasceu sofrendo

Rogério já nasceu sofrendo, por pouco não morreu. Meus filhos nasceram todos no Grupamento de Engenharia. Como o primeiro foi cesárea, os outros também deveriam ser, mas foram normais. Fui à maternidade com dores, a médica examinou e me mandou pra casa. No outro dia, a dor aumentou e voltei. Foi uma demora para ser atendida. Quando a médica veio, uma cara de sono medonha, disse que meu filho só ia nascer no outro dia. A enfermeira aplicou uma injeção e senti vontade de ir ao banheiro. Quando ela ainda ia, no corredor, senti aquele peso e botei a mão, segurei meu filho no vaso sanitário.

– Eu acho que ela estava dormindo. O plantão estava calmo, acho que num plantão tranquilo os médicos vão descansar, né?! Aí eu disse: ‘Amanhã doutora? Eu me

acabando de dor’. ‘Só amanhã!’ Muito chata. ‘Bota ela pra sala de pré-parto. Ela vai ficar, vai voltar não, que ela vai ter o menino amanhã’.

Régia gesticula mostrando como segurou o bebê. Ela relembra o momento com riqueza de detalhes.

– Segurei assim, oh! E gritei. A enfermeira voltou ainda com a vasilhinha na mão. Aí foi um sacrifício, pediram ajuda, porque eu não podia soltar a mão que o menino caía. Aí, quando chegou mais outras foi que seguraram o menino pra me levantarem, eu tinha me abaixado. Eu nunca tinha tido menino normal, eu não tinha experiência. Aí foram fazer os procedimentos. Já nasceu nessa situação. Foram correndo chamar a médica e lá vem ela com a cara de sono.

– Você tá doida mãe? Você ia matando seu filho. Se tivesse caído seu filho tinha morrido.

– Louca é você, doida é você, porque você disse que eu só ia ter o menino amanhã.

O parto inusitado não tirou a emoção daquele momento. Régia olhava para aquela criança maravilhada em pensar que aquele bebê tão bonito saiu de dentro dela.

– Aí foi, costurou, costurou. Menina, eu sofri tanto. Mas nasceram graças a Deus, todos com saúde, bem, perfeitos. Foi lindo! Foi lindo!.

– O que foi a primeira coisa que ele falou?

– Eu não lembro. De nenhum eu não lembro. Eu não lembro as primeiras palavras. Naqueles tempos eu trabalhava, sempre trabalhei. Hoje em dia não. O pessoal já é tudo mais atualizado, filma o nascimento, o primeiro andar, o primeiro falar, tudo é registrado, mas antigamente não era assim, não era assim. Também, eu não tinha lá esses tempos, não pensava em fazer nada disso.

O neto perdido

Perdi as contas de quando Dona Régia começou a falar dos netos. O suposto neto, o qual ela nunca viu não foi incluído em seus cálculos. Um neto que não conheceu o pai. Quando veio do interior a família morava em Mandacaru, até se estabelecerem no Padre Zé.

– A casa é da minha mãe. Vai fazer 40 anos que a gente mora aqui.

– Mas a senhora casou?

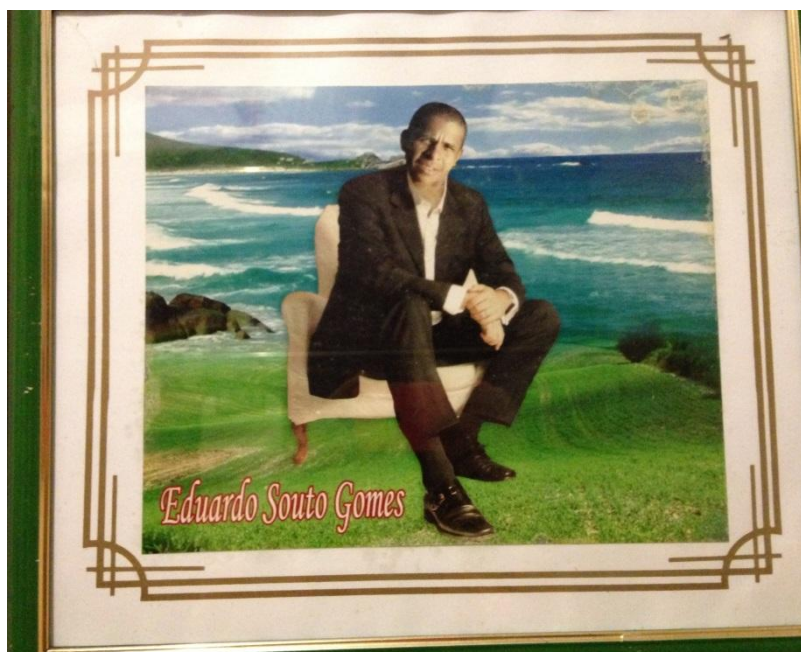
– Não, não. – Senti que ela ficou um pouco constrangida com a pergunta.

– Mas teve quantos filhos?

– Quatro. Três homens e uma mulher. O mais velho é Ricardo, tem 40. E tive Rogério que é o que foi assassinado agora há pouco, fez um ano dia 20 de outubro. Faz um ano e quatro meses. Eu perdi meu filho. O que aconteceu até hoje a gente ainda não sabe. Ele trabalhava, era um menino trabalhador, guerreiro. Fazia uns sete anos que ele tinha ido morar na comunidade Riachinho, no bairro 13 de Maio com a esposa.

Rogério ficou com uma moça em uma festa, passaram a noite juntos, ela engravidou e foi embora para São Paulo, mas não contou nada, nem o procurou. Quando o menino já tinha 13 anos, a família dela manda avisar às tias do interior que o filho é dele. E, uma das tias diz a Rogério que pela foto, parecia mesmo com ele. “Então, ele foi quem correu atrás, foi na casa das tias, muito ignorantes, não deram nem atenção a ele. Aí por fim, ele conseguiu entrar em contato com ela em São Paulo, pegou os dados tudinho. Procurou na internet localizar o menino e ela disse que já estava dando entrada para fazer o DNA para reconhecer. Mas, ele já falava com o menino pela internet. Mas ele morreu e nunca confirmamos. Nunca vi, nem mãe nem filho”.

Dudu



(Foto Dudu: arquivo pessoal)

A morte mais recente foi a de Rogério. Mas, a primeira dor, o primeiro filho perdido, que a levou ao grupo foi Dudu, o mais novo.

– Dudu nasceu. Eu olhei assim pra Dudu: ‘Meu Deus como esse menino nasceu inchado’. Porque criança nasce inchada, mas foi o meu filho que nasceu mais gordo. Nasceu com 4,4 kg e normal. Por conta de Rogério eu fiquei toda rasgada, quando eu tive Dudu, decidi: agora não quero mais filho. O médico disse ‘Você tem que fazer um períneo’.

– Mas a bolsa estourou tava em casa?

– Não, nenhuma bolsa minha estourou eu em casa. Nada, nada, nada. Nunca tive esse negócio ‘Ah, a bolsa estourou’, sempre foi lá no hospital. Senti a dor e fui. A primeira vez eu fui e já fiquei. Da terceira, de Edna, eu fui duas vezes. E de Dudu eu já fui só uma vez também.

Eduardo Souto Gomes, 23 anos, sem filhos, mas muito “namorador”. “Hiper diz: ‘Nunca cheguei a ver Dudu, mas eu amo Dudu’. Dudu era menino novo, brincalhão, era um palhaço. Falava aqui, quem tava do outro lado escutava. Meus filhos sempre foram pessoas que gostaram de ajudar os outros. Era um palhaço meu filho, se ele visse você triste, ele não saía de junto de você enquanto não arrancasse um sorriso seu”.

A rixa que levou Dudu à morte começou em uma briga de casal.

– Ele estava tomando cerveja com uma turma. Nessa época ele estava namorando uma menina. Todos conversavam, brincavam e outra moça ligou para ele. Aí, ele chamou ela para ir pra lá, participar. A namorada não gostou e teve uma discussão. Ela pegou o telefone e estourou no chão. Quebrou o telefone dele, que fazia oito dias que ele tinha comprado. Aí ele deu uma tapa nela. Aí nisso, o primo dela foi chegando na hora com mais dois caras e saiu e voltou armado. Quando ele veio matar meu filho, o tio dela disse ‘Não, você não vai fazer isso com ele não, que errada foi ela’. Aí teve aquele problema lá, eu não estava presente, eu não vi, foi que eu soube, né? E pra lá teve aquela situação ‘Aqui você não vai fazer isso com ele não, de jeito nenhum, que a culpa foi dela, ela não tinha que quebrar o telefone do rapaz’ e tudo o mais. Ele foi embora. Só que a partir desse dia ele ficou perseguindo meu filho, as pessoas viam ele andar dentro de carro armado de revólver, de 12, de tudo. Era uma pessoa perigosa e já tinha matado muita gente. Quando eu fui à delegacia para reconhecer, quando ele foi preso, tinha sete mães vítimas dele.

– Ele está preso ainda?

– Ele ainda está preso. Mas ele não foi preso pela morte do meu filho não. Ele foi preso por outros homicídios, porque pelo do meu filho, por falta de provas ele foi inocentado. Ele foi preso por outros crimes que ele cometeu, pegou 30 anos.

A mesma impunidade que recaiu sobre a família de Célia, só que com o agravante de que foram dois filhos perdidos e ninguém responde pelos crimes.

– A senhora foi pro júri?

– Fui. Fui, fui pro júri. Estava lá. Faz uns cinco anos.

– E a namorada?

– Sumiu. Foi embora.

– Mas da briga que eles tiveram eles ainda ficaram juntos?

– Não, a partir daí ele não quis contato mais. Ela ficou com raiva. Ele era uma pessoa que tinha muitas amigas e saía, gostava de andar, de passear, de se divertir e pronto, não quis mais contato com ela.

A última dança

Quarta-feira é um dia agitado na semana dos brasileiros por ser dia de futebol. Naquela noite, 22 de outubro de 2008, Dudu foi deixar a irmã no trabalho e voltou para casa. Alugou três filmes para assistir. Parou na pizzaria da rua de casa, gostava muito do dono e ficaram conversando com outros dois rapazes. O telefone toca:

– Dudu, eu tô com o som aqui, eu queria botar um CD, mas eu não sei mexer.

– Quando for daqui a pouco eu ajeito mainha.

Pouco tempo depois, ele desce para casa, pronto a atender ao pedido da mãe, que estava à sua espera. Foi ao banheiro, tomou banho e saiu enrolado na toalha. Começou a dançar, puxou a mãe e a beijou. Ela impaciente com a brincadeira, pede mais uma vez:

– Sai Dudu, ajeita aqui.

– Não, eu vou ali comprar umas coisas com o rapaz da pizzaria que ele vai comprar no meu cartão e quando eu vier, eu ajeito.

Régia permaneceu esperando, sem saber que aquela brincadeira, aquela dança, seria a última que ela teria com o filho, que ele não voltaria para tocar a música que ela tanto desejava ouvir aquele dia. Cansada da demora do filho, resolveu dormir. Saiu para trancar o portão, olhou para fora na rua, olhou para a ladeira, lá em cima.

– Meu Deus, cadê Dudu que não chega? Quando ele chegar, ele chama.

Voltou, pegou a colcha da cama, quando já ia cobrir-se, escutou barulho de tiros. Eram 23h.

Pá, pá, pá, pá, pá.

– O que é isso?

Assustada, foi até à rua.

– O que foi isso?

– Isso são fogos, é do jogo! – Responderam algumas pessoas que passavam pela rua.

Régia voltou ao quarto, mas seu coração batia aceleradamente. Os estouros fora tão forte, que pareciam que tinham mesmo soltado fogos, só que dentro de casa. Foram muitos tiros. Ela não compreendia aquela sensação ruim e a preocupação aumentou.

– Cadê Dudu? Cadê Dudu que não chega meu Deus?

Colocou o travesseiro na cama, quando alguém bate na porta. Era um dos rapazes que conversavam com Dudu no momento que o assassino chegou de moto atirando.

– Dona Régia, mataram seu filho.

Enlouquecida ela sobe a ladeira. Descendo vinha seu irmão que a fez entrar no carro e tentou impedi-la.

– Não vá não, não vá não.

– Eu vou!

Ao chegar, a rua estava lotada de gente. A sua dor virou um espetáculo. Não acreditava no que via, não poderia ser verdade.

Antidepressivos

Além do café e do cigarro, os antidepressivos são os companheiros diários na rotina de Dona Régia.

– Minha filha mora aí na outra rua. Ela morava vizinho a Rogério. Só que quando aconteceu isso, ela saiu no outro dia. Eu tenho uma casa ali, ela mora lá. Eu toda vida morei aqui com mãe. Antes era alugada.

– Quantos netos a senhora têm?

– Deixa eu contar viu? Um, dois, três, quatro, cinco, seis netos. Sete netos. Só que tem dois que eu não conheço, só vi quando eram novinhos.

– Eles moram onde?

– Não sei. Porque a mãe foi embora com outra pessoa, entendeu? Foi um “fica” do meu filho e a mãe engravidou, depois engravidou de novo e sumiu, foi morar com outra pessoa e a gente não sabe, não tive mais contato com ela não. Aqui eu tenho cinco netos e três bisnetos.

– Tem bisneto já?

– Tenho. Por sinal, meu bisneto domingo está completando três anos.

Régia tem a genética da mãe, nem de longe ela sabe o que são “os sinais da idade”, com exceção dos cabelos brancos. De cara, lhe daria 12 anos a menos. É bonita, esbelta.

– É nova a senhora para ter bisneto também.

– A senhora conhecia sua nora antes?

– Conheço. Ela passou nove, dez anos com ele. Uma pessoa que eu não tenho o que dizer.

– Vocês ainda se encontram?

– Ela mora aqui pertinho. Mora logo ali, aqui no caminho.

– Como é que ela tá hoje?

– Ela tá em tratamento também, ela entrou numa depressão, toma remédio controlado, tá com uma psicóloga.

– A senhora toma também?

– Tomo.

– Mas já tomava antes?

– Já, tinha parado, depois voltei. Já fazia mais de dois anos e meio que eu tinha parado a medicação, aí veio esse outro problema. Tive que voltar de novo ao psiquiatra. Começou com o primeiro filho que perdi.

– Como é que um coração pode aguentar tanta dor?

Ramon



(Foto Ramon: arquivo pessoal)

Eu me lembro como hoje. Ele era alegre, contente, brincalhão. Entreguei meu neto alegre e feliz ao médico, ele andou como daqui até essa lavanderia, olhou pra trás e disse ‘Vovó, eu tô com medo’. Ele voltou, me deu um abraço e um abraço na minha ex-nora. Eu não esqueço nunca, desceu aquela lagrimazinha nele, aí ele entrou, e eu não podia mais passar dali.

Os pássaros cantam. Não se ouve mais a música agitada de poucas horas atrás. O silêncio se harmoniza com o canto natural das aves.

– E sua neta mais nova, foi um presente pra diminuir a dor na sua vida?

– Grande, porque quando ela já chegou, eu tinha perdido um neto. De uma cirurgia do coração, faltavam 10 dias para ele completar 10 anos.

O sopro no coração de Ramon só foi descoberto depois do incidente com o espeto de churrasco.

– Furou o olho do menino, Dona Régia! – gritava a mãe desesperada.

– Mas, Márcia não furou o olho do menino não. Não, tô vendo furado não.

– Furou que vazou! A médica encaminhou para Recife.

– Venha que eu já vou me ajeitar.

Naquele momento a família estava desprevenida, sem dinheiro. Dona Régia correu atrás de dinheiro emprestado, mas àquela hora não havia mais ônibus e elas foram de táxi até a capital de Pernambuco.

– Ele fez todo o procedimento e encaminharam para outro hospital, Altino Ventura. Tinha que fazer um transplante, aí eu fiquei na fila de espera, passei uns dois anos. Teve semana de eu ir três vezes pra Recife com ele. Aí, foi mudando de médico, de médico, de médico. Aí, nesses exames foi que a gente ficou sabendo que ele tinha sopro. A abertura já estava muito grande. Ele fez o transplante do olho, cuidei dele

durante a recuperação porque a mãe tinha que ficar com os outros. Nesse tempo minha mãe não vivia assim tão doente. Na última consulta, o médico disse que ele ia voltar a enxergar melhor usando óculos. Ele ficou tão feliz.

No dia do enterro de Dudu, Ramon desmaiou no cemitério. A mãe estava aflita por conta da doença cardíaca. Chegou ao hospital com a pressão alta e problemas renais. Passou duas semanas internado. A mãe passava o dia e a avó à noite com ele. “Todo mês ele fazia acompanhamento médico. A médica disse que ele tinha que fazer a cirurgia, porque a abertura estava muito grande. Pediu os *doppler*, pediu tudo e, eu fiz particular pra ser mais rápido. Ele foi um dos primeiros pacientes do Arlinda Marques, que estava inaugurando. Diziam que era o melhor hospital para fazer cirurgia de criança, foi aquela propaganda, mas não foi bem assim não”.

Régia estava na missa, recebendo a comunhão, quando sente a vibração do celular. Era do hospital, Ramon deveria ser internado no dia seguinte para fazer a cirurgia. “Peguei ele em casa, as coisinhas dele. Teve uma reportagem para mostrar as crianças que estavam se recuperando no hospital. Ele brincou muito com um deles e eu dizia: ‘Não, meu filho, não brinque muito não. Que ele chegou de uma cirurgia’. E ele dizendo para os coleguinhas ‘Amanhã vou fazer a minha e vou ficar bom também’. Veio uma enfermeira verificar a pressão e disse que estava alta. Aí veio outro e disse que não estava. Ficou aquele tá, não tá. Eu sei que levaram meu neto para o bloco cirúrgico”.

– Daqui você não pode mais passar.

– Deus tá no controle de tudo meu filho, vai com Deus!

A angústia pela falta de notícias deixou-a apreensiva. “Disseram que quando terminasse a cirurgia, eles vinham me avisar. Mas demorou demais. E tome eu esperar, esperei a manhã e nada, chegou a tarde e nada, aí quando foi bem quatro horas eu perdi a paciência. ‘Onde é que a gente pergunta pra saber da cirurgia? Onde é o bloco cirúrgico?’. Quando eu cheguei ele já estava na UTI e ninguém foi onde eu estava para dizer nada”.

– O que foi que aconteceu? Ninguém foi me avisar nada.

– Não, tenha paciência vó, que ele teve uma complicação na hora de fechar. Já tinha feito a cirurgia, a pressão caiu, ele teve uma hemorragia e está na UTI.

Ao ver o neto sem reação, ligado a aparelhos, Régia caiu em desespero, sem querer acreditar que perderia mais um ente. Foram 16 dias e o menino jamais acordou. “Botava aquelas roupas para me deixarem entrar na sala e ele nada, nada. Até que o

neurologista veio fazer um *doppler*, para saber se ainda estava funcionando. Já era pra ter feito e não podia, com medo que ele tivesse uma parada no caminho. Mas, eu acredito que meu neto já estava morto desde o dia que saiu daquele bloco cirúrgico”.

Inconformada, Régia chamou a imprensa. Pediu que todos os médicos viessem explicar o que aconteceu. Quando a equipe se reuniu ela descontrolada, os chamou de assassinos. Eles se entreolhavam, mas nada diziam. “A diretora botou um monte de seguranças atrás de mim. Se eu ia fumar, o segurança atrás de mim, se eu tava no telefone, o segurança atrás de mim. Aí eu me senti assim, aquela pressão em cima de mim. Fui falar com a advogada pra ir atrás da justiça, para que meu filho preso pudesse ver o filho. Ele ficou louco, louco, louco, louco, louco, louco. Porque ave Maria, ele é muito apaixonado pelos filhos dele, pela família. Ele foi duas vezes e viram ele escoltado por policiais. Aí, a partir daí, pra onde eu ia, era o segurança atrás. Eu acho que com medo que acontecesse alguma coisa com os médicos, achando que por meu filho ser preso poderia mandar alguém fazer algum mal, preconceito”.

Régia acredita que o neto foi vítima de erro médico. “Eu não sei, Deus sabe todas as coisas e eu acredito o seguinte, que tudo é permitido por Deus. A morte só quer uma desculpa. Quando eu perguntei: ‘Doutora, meu neto vai fazer essa cirurgia do coração, corre algum risco?’. Ela disse ‘Toda cirurgia corre risco, até um dente que você arranque, você corre um risco. Mas, ele é jovem, é uma criança, tem tudo para se recuperar, o hospital é novo’... Mas eu acredito que meu filho já saiu da cirurgia já morto, porque ele nunca teve mais nenhuma reação”, chora.

Vivo, não livre

Dos homens, apenas o filho mais velho de Régia está vivo, porém, não livre. Está preso há 13 anos por homicídio. Mesmo na cadeia, ele formou família e teve outros filhos. Ao todo são sete. Ele não viu os filhos mais novos nascerem, nem os netos. Assim, como também não viu os irmãos morrerem.

– Está preso porque não tomou conselho, se juntou com maus amigos e terminou caindo num presídio.

– Ele nunca pensou em se vingar?

– Não, não. Mesmo porque ele está preso.

– Talvez ele fosse o que tivesse mais risco de que acontecesse...

– É. Mas eu vou lhe dizer também, 13 anos que meu filho está preso, mas um menino trabalhador, inteligente e tudo, mas infelizmente... Arrumou uma namorada, saiu de casa, foi morar com ela. Eu, no começo, não queria de jeito nenhum, ela já tinha um relacionamento com uma pessoa muito errada. Mas, a mãe dela acolheu logo ele pra ir morar lá para o outro se afastar. Mas, daí começou aquela confusão: ‘Vai pegar meu filho’ e eu com medo. Aí, começou os amigos chegarem e dizer: ‘Fulano disse que ia te pegar’, ‘Fulano disse que ia fazer isso, que ia fazer aquilo’.

– Ele matou pra não morrer?

– Não, ele não matou ele. Depois de muitos anos o cara morreu. Mas, daí ele comprou uma arma, começou a andar armado por conta de muitos que chegavam onde ele estava. E aí, quando alguém mexia com outra pessoa, ele ia defender. Aí, no fim terminou arranjando problema, sendo acusado de homicídio.

– A senhora vai lá?

– Vou, com certeza! Sempre visito meu filho.

– Como é que ele está? O que ele fala que vai fazer quando sair?

– Ele pensa em sair, cuidar da família, trabalhar, que é muito difícil arrumar emprego depois que sai da cadeia, porque ninguém dá oportunidade. Sei que dentro de presídio tem gente muito perigosa, cruel, mas também tem muita gente que quer sair, viver a sua vida, recomeçar, porque quem vive lá dentro sabe como é o sofrimento. Quer dizer, nada justifica a pessoa tirar uma vida de ninguém, nem fazer coisas erradas, mas aconteceu, tá ali dentro, quer saber como é o inferno vá num presídio.

– O que ele passou lá, que ele fala pra senhora?

– Muita coisa, humilhação. Eles tratam preso como mercadoria do governo. Eles mesmos dizem: ‘A gente errou. Tá acostumado a tudo, mas mãe, irmã, família, não tem necessidade de passar por aquilo’. Por tanta humilhação, como a gente passa dentro de um presídio, né?! Pra visitar um filho, vistoria, tudo. Meu filho só está ali porque ele errou, eu só lamento porque falta de conselho não foi e também se arrepende demais pelo que fez.

– A mulher dele...

– Separaram. Ele teve os filhos com três pessoas. Eles ficaram um tempo juntos depois que ele foi preso, aí depois separaram. Ele arrumou outra. Aí separaram também. Aí, essa que tem dois filhos que eu não conheço. Que eu disse a você desde o começo foi quando ele estava livre. Os da mulher com quem ele viveu 13 anos é que ele tem

quatro e tem uma de outra mulher. Minha Yasmine, minha princesinha, no dia 1º de março vai fazer seis aninhos, linda minha princesa, amo.

Filho é tudo



(Foto: reprodução Facebook)

– Quando eu cheguei na casa de Rogério, a Polícia Militar já estava lá. Repórter e, logo chegou a Civil. Aí, só vi quando o IML entrou, pegou e levou o meu filho.

Silêncio, suspiro. A fala dela desceu dois tons, já não é tão forte, agora mais lenta. Ela chora. Ela não estava apenas lembrando as cenas enquanto me contava, ela as estava vendo novamente, bem ali na minha frente, mas a tela de projeção era só dela, os óculos que mostravam o corpo, o sangue, esse eu não os tinha.

– Destruí a família, ficamos despedaçadas e estamos aqui pela misericórdia de Deus, esperando que seja feita justiça, que eu não acredito na da Terra. De Deus eu acredito, porque Deus não dorme. A justiça pode fechar os olhos, a polícia pode fechar os olhos, mas Deus não fecha não. Minha mãe disse: ‘Minha filha, entregue a Deus, seja feita a justiça de Deus’. Eu entreguei e é nisso que eu confio e é nessa justiça que eu tô esperando, na justiça de Deus. Os meus filhos não mereciam isso não.

– Mãe nenhuma merecia passar por isso...

– Nenhuma mãe, nenhuma mãe... Às vezes, eu cheguei a ficar tão revoltada, eu pedia tanto a Deus que guardasse meus filhos ‘Por que Deus? Perder dois filhos?’. Eu sempre dizia: ‘Meu Deus, se tiver de acontecer alguma coisa com meus filhos um dia, que aconteça comigo, com meus filhos não’. Eu perdi um e sofri por sete anos. Vou sofrer pelo resto da minha vida, mas com sete anos vem e acontece novamente. Aí, eu fiquei... Passei uns tempos sem ir pra igreja depois disso. ‘Não, Senhor. O Senhor é a minha força e a minha fortaleza e, não cai uma folha seca sem o teu consentimento. Então, eu pedi perdão a Deus e voltei a confiar que é Ele que eu caio, é Ele quem me levanta, Ele que me sustenta. Ele quem está me sustentando até hoje. É Deus porque... Só Deus mesmo, só a misericórdia de Deus. Porque eu mesma, minha filha, eu não tenho mais gosto pra viver. E todo dia eu peço a Deus, que me guie porque tem dias que eu amanheço aqui... Eu vivo porque eu tenho que ser forte, por causa da minha mãe.

Ser mãe pra mim é tudo. Ser mãe é amar um filho incondicional, ser mãe pra mim é saber que Deus concedeu você gerar um filho, criar, sair de dentro de você, você amamentar, ensinar a falar, educar, cuidar, amar, abaixo de Deus, filho é tudo.

O grupo

É no luto que as histórias dessas mulheres se entrelaçam e, que o grupo Mães na Dor passa a fazer parte de suas vidas. A união fortalece a alma ressequida da angústia, comum a todas elas. Uma consola a outra, porque elas vestem a mesma pele.

– Como é que a senhora chegou até o grupo Mães na Dor?

– Foi na morte de Dudu. Começou na Ceav, uma instituição que deu muito apoio às mães, às famílias vítimas da violência. A Ceav era, tipo assim, o lugar onde eles nos procuravam, tinha psicóloga, tinha advogado, via os processos, procurava saber o que aconteceu e dava o maior suporte, o maior apoio à gente, entendeu?

– Acabou foi?

– Aí acabou, acabou. E depois esse grupo Mães na Dor foi quem deu início. Aí daí, Hiper também me procurou porque entrou em contato com as pessoas da Ceav e mandaram me procurar e daí a gente começou uma amizade, que por sinal eu amo ela de paixão, pessoa maravilhosa. Daí ela fundou o grupo.

– Mas quando a senhora entrou já tinha o grupo?

– Já tinha, já tinha.

– Quando foi?

– Eu não lembro. Se você me perguntar o meu telefone residencial eu não sei, se eu não anotar as coisas eu esqueço. Datas, meses, eu não lembro não. Tem duas datas na minha vida que eu nunca vou esquecer: 20/10 e 22/10. No mesmo mês, dois dias de diferença. Essas datas eu nunca vou esquecer, mas o resto.

– Qual foi o ano?

– Uma foi em... O ano de Dudu eu não lembro. Faz oito anos né? Oito anos e quatro meses. Mas o ano eu não me lembro

– Aí no caso, quando Hipernestre se aproximou da senhora, tinha perdido Dudu.

– Foi, tinha perdido Dudu.

– Como é que senhora estava quando ela chegou?

– Eu estava mal, tava numa depressão, com tratamento, com psiquiatra, com psicólogo. Eu tava numa fase assim: cheguei quase a tentar suicídio, no fundo do poço. Meu filho mais novo, que eu nunca esperei. Foi um baque, foi um choque que até hoje... Mas, Deus sempre manda uns anjos, então mandou a médica vir aqui pra ver minha mãe, viu a situação, o estado que eu tava e me encaminhou direto para um psiquiatra. Entrei em remédio fortíssimo e no decorrer do tempo fui melhorando. Aí, depois chegou uma época que eu disse: ‘Eu vou parar! Eu tô me sentindo bem, se não eu vou me viciar em remédios’. Só que de Rogério, eu fui novamente, porque eu já tinha assim uma noção do que eu passei pelo psicólogo e o meu tempo é pouco. Eu tenho minha mãe, que também não tem saúde. Eu não posso estar andando muito, não posso estar saindo de casa porque somos só nós duas. Tenho muito medo de ela cair. Ela tem problema de coração, pressão, de tudo, eu não posso estar me ausentando. Então, eu não tenho tempo de viver em médico. Aí, chegou uma época que eu não estava mais dormindo, eu só chorava, eu não estava conseguindo ficar de pé, não estava comendo.

– Mas a senhora tem algum problema de saúde?

– Tenho. Eu tenho problema nos ossos, artrose, osteoporose, hérnia de disco, problema de saúde, sim, muitos. Tenho trombose nas pernas por conta do cigarro.

– Não consegue deixar o cigarro ou não quer?

– Já tentei, mas não consigo não. Fumo muito quando eu estou assim, muito preocupada, muito triste.

– Como é que o grupo lhe ajudou?

– O que eu tive foram palavras de conforto por parte de Hiper, por parte das pessoas e de outras mães. Todo mundo estava passando a mesma dor que eu.

– Como é ver que também tem outra pessoa que está ali na mesma situação, você não está sozinha?

– Eu não tô sozinha, mas o grupo depois ficou um pouco disperso, se afastaram um pouco, mas eu não tinha tempo. Às vezes, marcavam uma audiência e eu não tinha tempo de ir, me juntar às mães clamando por justiça. Um ajudavam às outras. Ainda cheguei a ir, mas não poderia demorar muito tempo, logo voltava. Fui algumas vezes, pouquíssimas vezes. Às vezes tinha um júri, eu não ia. Aí, quando saiu a decisão de Dudu, que ele foi inocentado por falta de provas, eu me revoltei. Eu não quero mais saber de justiça, não vou mais, eu não confio na justiça. Eu vou atrás, porque é o meu papel de cidadã, como mãe. Porque você vê, um ano e quatro meses de Rogério, até agora o delegado não me deu uma resposta. Eu já fui umas oito vezes na delegacia. Do meu filho, a polícia nunca me procurou, nunca, nunca.

– Nem pra depor?

– Fui eu quem procurei. E procurei saber o nome das pessoas, com quem meu filho estava na hora que aconteceu. Não chamaram essas pessoas, só um. Tava ele e mais três, por que não chamaram todos? Foi um descaso. Eu quem soube quem foi e levei ao conhecimento da delegada na época, estava sempre mudando de delegado. Aí eu dei o nome, procurei saber nome completo, corri atrás de nome de mãe, de CPF. Até CPF eu entreguei e, a resposta que eu tive? Nunca procuraram essas pessoas e no fim...

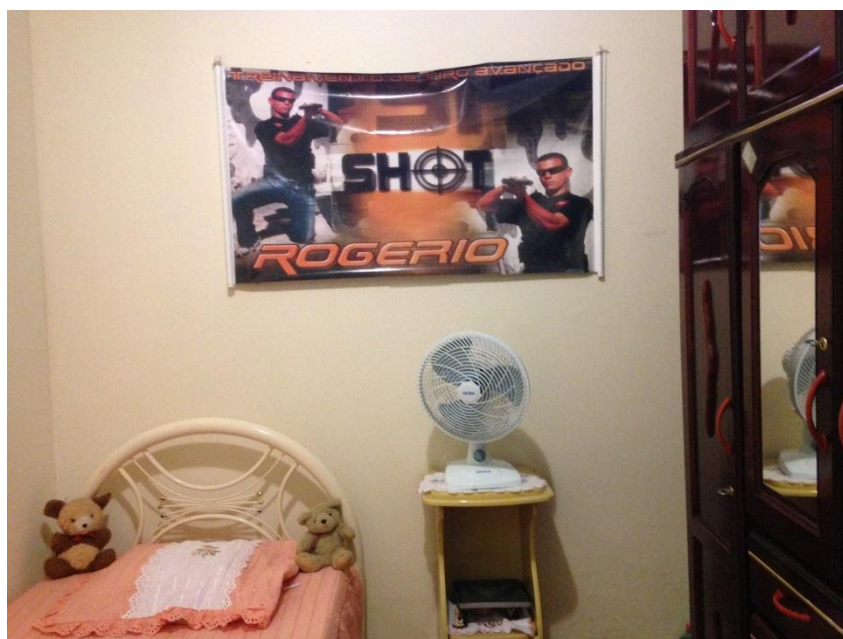
A mãe saiu para fumar cachimbo, preserva as tradições antigas. Esse é seu único lazer, o passatempo.

Por que tantas mães choram?

O que eu sinto é que as autoridades fecharam os olhos, fecharam os olhos pra tudo. Porque deixaram chegar ao ponto que chegou, porque a corrupção anda em todo lugar e eu não sei porquê. Eu tô com 58 anos, eu nunca vi um tempo tão violento como esse, onde tantas mães estão chorando a perda dos seus filhos. Estão matando por nada. Você vê, hoje, mataram uma moça que tinha acabado de chegar na faculdade, ia fazer um lanche. Além de roubar, ainda mataram a moça. Tinha necessidade?! Então, a impunidade. E de uns tempos pra cá, as coisas estão acontecendo e quando é com um

policial ou filho de um policial, se for um empresário, gente rica, de repente, a polícia corre atrás e dentro de instantes, a pessoa é presa e vai pagar pelo que fez. Mas quando é um pobre... Eles fecham os olhos. Porque, um ano e quatro meses, até hoje não conseguiram descobrir quem foi que matou meu filho? Sabem! Tenho certeza! Eu como mãe, sinto. Todo mundo sabe, por que é que a polícia não sabe? Se onde eu moro tem tanto policial que mora por aqui também, tanto civil quanto militar, que sabem de tudo. O delegado disse: 'Você sabe quem foi? Procurou saber de alguém quem foi?' Eu disse: 'Isso é o trabalho da polícia'. Porque eu não moro lá, eu não moro lá. Cadê o serviço de inteligência? Cadê a polícia? É o trabalho da polícia! Não sou eu que tenho que procurar os vizinhos. Isso aí é trabalho da polícia, a gente paga nossos impostos pra isso. Meu filho era um trabalhador, perdeu a vida e até hoje a polícia não me deu nenhuma resposta.

Quarto da saudade



(Foto Quarto Dudu)

Quase todas as mães entrevistadas mudaram de casa após perderem os filhos. Régia permanece no mesmo lugar e mantém o quarto de Dudu praticamente intacto.

– Esse quarto aqui era onde meu filho dormia. Olha esse daqui, era Rogério.

Enquanto ela fala, chora, mas diferente das outras mães – que as lágrimas caíam silenciosas, Régia chora alto, aquele choro com muita expressão facial, aos soluços.

Nesse momento eu não podia fazer nada para acalmá-la. O máximo foi me controlar para não chorar junto. Foi o ponto mais crítico do trabalho, antes de ser jornalista, sou humana. Na parede um banner com fotos de Rogério no curso de tiros.

– Essa aqui, foi no dia da formatura do curso que ele fez e eu não pude ir para a entrega do diploma. Eu tenho guardado aí – são muitas lágrimas – e, quando ele fez o curso pra ser segurança?! Nunca andou nem com uma faca na mão. Ia pra cabaré, ia pras pescarias dele, passava por lugar escuro, eu tinha tanto medo. Aí, ele fez esse banner. Era logo na sala da casa dele, eu não sei se algum vagabundo viu ou se era por causa da farda, que ele sempre andou fardado pra ir trabalhar, por certo acharam que ele tinha alguma arma, então tiraram a vida do meu filho por nada. Tão trabalhador, meu guerreiro, meu Rogério. É um filho que chegava aqui, todos os meus filhos são assim, tem o maior carinho por mim, pela vó, por criança, por idoso, todo mundo.

Eu parei, parei de pedir fotos, não os vi na infância, não tenho muitas imagens. Mas vi que ela estava sofrendo muito e eu não podia torturá-la com aquelas imagens. Ela estava no limite. Eu também.

– Aqui é Dudu. Dudu, essa foto foi uma senhorinha que amava muito ele. Ele chamava ela de vó. Ela fez essa foto tipo assim, uma montagem, porque paletó ele nunca usou. Então aqui, oito anos e quatro meses sem meu Dudu. Era palhaço, brincalhão, alegre, contente, feliz. Depois que ele ficou sabendo, que os caras estavam ameaçando ele, andando atrás dele, disseram que viram o cara andando até com uma 12’ dentro do carro. É tanto que ele tinha medo de alguém vir fazer um mal a ele em casa. Aí, ele inventou de sair, alugar um cantinho pra ele morar. Logo depois eu fiquei pensando: “Ele fez isso para nos proteger, porque já estava sendo ameaçado”, ele tinha medo que os caras fizessem mal a mim ou à minha mãe e preferiu sair. Só que eu vivia preocupada onde ele estava. Eu dizia: ‘Meu filho, venha simhora pra casa’. E era aqui que ele morava, era aqui que ele dormia. Quando os dois moravam aqui, um dormia de um lado e o outro, do outro.

– Esses ursinhos eram dele?

– Não, porque eles nunca tiveram ursinho.

– E este aqui? – pergunto pelo quadro na parede.

– Esse aqui é o pai dele. É meu ex-marido, que hoje está em depressão, que eu tô vendo a hora ele...

– Ele mora aqui ainda?

– Não, ele mora em Mandacaru. Mas, ele caiu numa depressão muito grande.

– Ele teve outros filhos depois?

– Não, só teve esses dois comigo. Hoje ele casou, vive com uma mulher. Ela tem outros filhos e netos, mas dele não. Ele só teve Dudu e minha filha.

Régia me mostra um chapéu de couro, de Dudu, os chinelos que ele calçava no dia do assassinato, entregues pelo delegado.

– As roupas eu dei um bocado. Aí, as outras eu guardo aqui, as roupinhas de marca que ele gostava. Esse negocinho era da moto dele, ele tinha uma Twister. Ainda tem um negócio do alarme. Até uma cuequinha velha, eu ainda guardo. Tem uma camiseta com a foto do meu neto, que eu fiz para o meu filho - faz tanto tempo que já se apagou. E, guardo até hoje a roupinha da escolinha dele e essa bermudinha que era a cara dele, que ele gostava que só. De Rogério, eu não quis guardar não. A mulher dele perguntou o que eu ia fazer, ‘Eu guardo aqui’. Essa daqui era a sandália de Rogério no dia que aconteceu, essa daqui era a de Dudu. Essas roupas tudo de Dudu. Essa daqui era a farda de Rogério, tinha um amigo que fez o curso igual com ele. Como ele tinha bota nova, tudo novo, aí, ele perguntou se a mulher dele vendia. Eu disse: ‘Não, não venda não, dê, que eles eram amigos, conhecidos, fizeram o curso juntos’. De Rogério eu não quis muita roupa não, eu só quis mesmo essa camisa e essa calça.

– De vez em quando a senhora vem olhar, mexer?

– É. De vez em quando eu venho. Essa daqui ainda é uma calça de Dudu, de vez em quando eu boto no sol. De tanto guardar fica amarela, aí eu lavo, engomo e guardo de novo. Já me pediram pra eu dar fim, eu disse: ‘Dou não’. Essa daqui também era de Dudu. Essa outra era uma camisa, que eu fui comprar com ele, ele gostava muito. Aí, eu ainda guardo as coisinhas dele aqui. Eu tenho uma foto maior de Ramon, do meu netinho.

– Tão lindo!

– Você percebe que o olhinho dele... É diferente! Da cirurgia.

Ela limpa os olhos, o nariz. Agora calma, chora menos.

– Eu esqueci de botar a sopa no fogo. Essa daqui é minha filha.

– Bonita ela.

– É! É linda, minha princesinha. Rogério aqui também.

Régia aponta os retratos na estante. E o barulho de crianças brincando na rua.

– Esse daqui é o filho adotivo que eu criei até 11 anos. Esse meu neto e esse aqui já é pai.

– E esses quem são?

– Aqui, eu e meu primo, 15 anos atrás, no Rio. Aqui é meu neto e aqui é o pai dele, é o que tá preso.

– Todos são bonitos, seus filhos.

– Obrigada.

O cachorro late na rua.

– Essa máquina vocês trouxeram de lá de Areia?

– Não, não. Que ela é bem antiquinha, né? Faz muitos anos que minha mãe comprou, era de uma vizinha e minha mãe comprou.

E na pia ela lava alguma coisa... Serve-me um doce de leite, insiste que eu fique para jantar a sopa. Eu agradeço a gentileza, mas o sol já cai, hora de ir. Refaço o trajeto, subindo a ladeira e me perguntando se a alma daquela rua ainda guarda aqueles tiros? E a agonia de Dona Régia subindo desconsolada? O vento levou o terror daquele vinte e dois de outubro. O novo vento que sopra é de esperança por dias melhores.

Podada para não dar frutos (Hipernestre)



(Foto: reprodução Facebook)

O reencontro. Eu imagino reencontrando minha filha, pra mim vai ser o melhor momento da minha vida. Agora, antes de reencontrar minha filha, eu tenho que trabalhar o meu coração, porque eu não tenho mais ódio, eu não tenho mais desejo de vingança, mas eu não perdo. Não existe e eu digo a você, se você já ouviu alguma mãe dizer que perdoa, essa mãe nunca amou o filho. Não existe perdão. Houve justiça. Eu tenho orgulho de vestir uma camisa e no retrato onde tinha 'Eu quero justiça', tem assim 'Eu venci a impunidade'. Pra mim apesar da muita dor, da saudade toda, eu sou uma vencedora, uma guerreira. Tudo o que eu mais queria hoje era ouvir 'Mainhaaaa' e receber aquele abraço. Minha filha foi uma árvore podada para não dar frutos. Ele a matou porque ela estava grávida. Destruíu a vida da minha filha e de um neto que eu poderia ter em meus braços hoje.

Hipernestre Carneiro, a mãe leoa, descobriu-se muito mais forte após a morte da filha. Conseguiu extrair da dor a força motriz para lutar por justiça e unir mães que passam pela mesma situação. Mas essa dor, tão geradora de energia ainda arde no

coração dessa mãe, que deixou seu luto de lado para dar apoio às demais. O futuro é incerto, mas ela acredita que haverá um reencontro. No dia 15 de abril de 2010, a jovem de 21 anos foi encontrada morta às margens da BR-230, em João Pessoa.

Aryane Thaís foi uma das 1.482 pessoas assassinadas na Paraíba naquele ano. Dos casos narrados neste livro, foi a única mulher e, também, a única que não foi assassinada com arma de fogo, ela foi estrangulada com a própria blusa. O acusado do crime, com quem tinha um relacionamento amoroso, tirou sua roupa, abriu o zíper da calça e posicionou o corpo para forjar um estupro, uma cena premeditadamente montada. Na noite do crime, Luiz fez uma prova na faculdade, com o tema de asfixia e estrangulamento. O que ele escreveu na prova, ele praticou com Aryane. Sonhos interrompidos, uma família dilacerada, uma dor que não cessa. Os resultados são irreparáveis. Em meio ao sofrimento, as mães se amparam e clamam por justiça.

Por anos, Hipernestre percorreu os tribunais de Justiça, brigando para que o responsável pelo fim precoce da vida de sua filha fosse punido. Em setembro de 2013, o 1º Tribunal de Júri de João Pessoa o condenou a 17 anos e seis meses em regime fechado, num julgamento que durou 13 horas. Após seis anos do crime, ele permanecia recorrendo em liberdade e foi morar no interior, onde se casou. Ele nunca confessou o homicídio, nunca contou como e onde matou a jovem, no entanto, as evidências e o rastreamento de seu celular derrubaram seu alibi, de que teria ido assistir a um jogo de futebol. Luiz Paes de Araújo Neto se entregou à Justiça em 13 de junho de 2016. Sua prisão já havia sido decretada e ele já estava sendo considerado foragido.

Jovem mulher, grandes desafios

Hipernestre Carneiro nasceu em Belém, na Paraíba. A caçula de uma família de 10 irmãos. O pai tinha uma casa na capital, João Pessoa, para onde mandava os filhos estudarem conforme iam crescendo. Hiper foi a única que sempre ficou ao lado dos pais. Perdeu o pai. Casou-se com um jovem de Belém. Foi mãe aos 20, aos 22 e aos 24 anos. Ficou viúva muito jovem, aos 32 anos e com três filhos para criar. Largou tudo no interior para morar com a mãe e os filhos na casa de João Pessoa. Fez faculdade de enfermagem e foi trabalhar em Pernambuco.

Sentindo muita saudade dos filhos, economizou tudo o que podia, foi comprando móveis aos poucos e com seis meses alugou um apartamento e os levou para junto de si.

Foram cinco anos em Sucupira e nove em Gravatá, totalizando 14 anos em terras vizinhas.

Em Belém, os sinos também anunciaram a chegada de Aryane. As duas meninas nasceram na terra da mãe, somente o filho do meio, Thiago, é natural de João Pessoa.

Os fortes também choram

A gente nunca espera que isso aconteça, né? Só acha que acontece na família do outro, com o vizinho, com as pessoas lá longe e de repente eu fui afetada. O caso de Aryane Thaís se tornou de grande repercussão porque eu corri atrás, eu corri atrás. A minha filha não merecia morrer por causa de uma gravidez, morrer não, ser morta. O sonho de toda mulher um dia é ser mãe.

Hiper é considerada pelas outras mães do grupo o símbolo da força. Mas, apesar de toda a sua garra, a depressão e a tristeza ainda lhe acompanham – o que lhe tira a vontade de viver. “Eu tenho meus filhos, minhas nestas e eu vivo por eles. Mas, se Deus me levar hoje será a maior alegria do mundo. Eu não estou preparada para enfrentar Deus, mas iria feliz pelo reencontro. E eu tenho certeza que meus filhos já estão organizados. Eu sei que vão sentir falta de mim, mas eu vou estar bem melhor, descansando. Ser mãe é tudo, é o sonho de uma mulher, de toda mulher. Então, ser mãe é a melhor coisa do mundo, é um sonho realizado. É uma mulher completa e perder um filho é uma mãe incompleta. A mãe que perde um filho nunca mais tem razão de viver, nem mesmo que seja pelos outros filhos”.

A voz em volume alto de outrora deu lugar a uma voz baixinha, compassada pelo choro. Hipernestre ainda toma antidepressivo, porém, em frequência e quantidade menor que há alguns anos. É só assim que ela consegue dormir quando a saudade e as lembranças vêm: à base de medicamentos. “É uma dor tão grande, tão grande que por mais que você fique dopada, não tem remédio que amenize”.

O luto é um fardo tão pesado, tão pesado que a cada dia você pensa que está melhorando. Eu vou segurar essa barra, a distância. Eu não contava por ano, eu contava por dias, 64 dias, 74 dias, 100 e poucos dias, 300 e tantos dias, eu contava por dia. Eu não consigo mais contar assim.

Aquela dor não era só minha



(Foto: reprodução Facebook)

Eu soube que ela tinha sido atropelada e estava no Hospital de Trauma. Viajei de volta para casa. E eu só queria ir para o hospital e meu genro dizendo que não, não e não, que eu viesse direto pra casa. Aí Zilma, a enfermeira que estava comigo no carro disse: 'Edson, ela quer ir pro hospital' e ele disse: 'Não, traz ela aqui pra casa que o negócio é diferente, Thaizinha morreu'. E Zilma, entrou no carro, trêmula. Aí, eu disse: 'Aconteceu o pior, não foi? Vamos pro Trauma, vamos pro Trauma'. E quando ela ligou o carro, bateu o carro, de tão nervosa que estava. 'Vamos pro Trauma, vamos pro Trauma'. 'Não, vamos para a casa de Thalita buscar ela para ir com você ao Trauma. Quando cheguei na esquina de casa vi aquele monte de carro, de família. Meu Deus do céu! E era um apartamento. Quando eu vi aquele povo todo eu disse: 'Meu Deus aconteceu! Aconteceu!' Quando eu cheguei minha filha me chamou. Eu fiquei me perguntando: 'O que é que esse povo todo tá me olhando? O que é que eles têm pra me dizer? Minha filha, que também estava grávida disse: 'Mainha, daqui, só eu posso conversar com a senhora'. E foi Thalita, que me levou para o quarto e me contou: 'Mainha, aconteceu o pior, Thaizinha morreu, mainha, mataram Thaizinha'. Aí eu: 'Meu Deus, o que foi?' 'Mainha, quem matou foi o namorado dela porque ela estava grávida'. Aí pronto, aí meu mundo desabou! Meu mundo desabou! Eu fui também ao velório e prometi à minha filha que até o último dia da minha vida eu ia lutar para a Justiça ser feita. E continuar minha vida dando apoio a essas outras mães.

A história do grupo Mães na Dor começa com a história de Thaís. O grupo está com as atividades paradas, exceto pela terapia em grupo semanal. Hipernestre lamenta a

falta de apoio para dar continuidade às ações. “Nós não temos sede. A terapeuta é do Ceav. Vinha um dinheiro do Ministério para manter esse Centro de Apoio aos Familiares de Vítimas de Violência. Aí acabaram. Nós tínhamos o jurídico, o social e o psicológico. Há dois anos clamamos na porta da Prefeitura pedindo o Ceav de volta”.

A ideia do grupo surgiu quando Hipernestre viu o exemplo de outras mães pelo Brasil.

– Quando isso aconteceu, eu resolvi morrer. Eu passei três meses enclausurada, dentro do quarto na casa da minha irmã. Eu comecei a fumar. Eu fumava duas carteiros de cigarro por dia. Eu tomava remédios pra dormir. Acordava pra tomar remédios. Fumava, fumava, fumava, dormia. Acordava pra tomar remédio pra dormir. Era assim, era do jeito que eu queria e todo mundo tinha que respeitar a minha forma de viver. Ninguém lá fumava, mas começaram até a aceitar eu fumando dentro de casa, eu me isolei completamente. Perdi 26 kg.

“Encontraram o corpo da advogada Mércia Nakashima”, dizia o noticiário na TV, que sua irmã assistia. Aquela notícia chamou a atenção de Hipernestre.

– Me veio o pensamento de que aquela dor não era só minha, tinha outras pessoas que estavam passando pela mesma dor e fiquei pensando. Daqui a pouco aconteceu o caso da professora Brígida, mais próximo. Conheci a mãe dela, adolescente na Torre. Lembrei que um mês antes do acontecimento com minha filha, ela ligou pra mim: ‘Mainha, mataram um rapaz tão bonito aqui no posto em Jaguaribe’. Tinha sido Everton Belmont, filho de Dona Gláucia. Ela foi para o velório de Thaís, me deu forças, éramos conhecidas. Aí, eu fui vendo aquela mãe, Janete Nakashima, clamando pelo corpo da filha. Três meses e meio estava eu sabe onde? Na Praça da Sé, em São Paulo. Eu nunca tinha andado de avião e fui parar lá. Tava havendo um manifesto pela prisão do assassino de Mércia.

– Era algum grupo lá?

– O grupo Mães da Sé. Eu entrei em contato com Janete Nakashima e Márcio pela rede social e a gente marcou de se encontrar. E, um monte de mães que perderam os filhos e aquelas mães da Praça da Sé, que estão com seus filhos desaparecidos. E aí, de repente estava eu me sentindo firme e forte. ‘Se essa mãe luta, por que é que eu vou desistir?’ Passei cinco dias em São Paulo, quando voltei... Eu voltei diferente. Minha primeira atitude foi procurar Deus. A primeira coisa que eu fiz foi procurar a igreja, ser evangélica, reforcei mais ainda. Muita gente ignorava porque eu estava na igreja evangélica, mas estava lutando. Mas não desisti! Comecei erguendo minha bandeira em

praça pública, levando os cartazes da minha filha pra onde eu fosse e clamando por justiça, fazendo uma petição pública para que o assassino fosse a júri popular. Daí, eu tinha vontade de acompanhar o processo, porém alguma coisa ainda dizia que não. Mas, depois eu comecei, fui em busca desse processo. Tirei cópia e fui lendo tudo, só não olhava as fotos da minha filha naquela situação. Por muito tempo eu não gostava de ver foto dela, nem sorrindo, a família junta, isso aí eu não gostava não, eu evitava olhar foto, jornal. Agora eu olhava muita foto do assassino, porque eu ainda sentia dentro de mim a revolta, a minha vontade de vingança.

A ânsia por visibilidade tinha como objetivo fazer com que o caso repercutisse gerando comoção popular, para evitar que caísse no esquecimento. A aproximação com quem vivia aquilo há mais tempo encorajava as mães na Paraíba. Assim como Célia, Hipernestre participa de vários grupos no Brasil e também viajou bastante na luta pelo fim da impunidade.

– Cada foto que eu colava da minha filha na cidade ‘Caso Aryane Thaís, queremos justiça’, era como ela dissesse assim: ‘Vai mainha, vai guerreira, eu queria viver, eu queria viver’. Parece que eu ouvia aquilo ali, entendeu? E daí começou minha luta. Começaram de repente duas mães, quatro mães, oito mães. Justamente quem: eu, Dona Gláucia, Célia, Íkaro, até formarmos oito pessoas e desse grupo foi chegando mais uma ali, mais outra e mais outra. Aí teve o documentário. Fui convidada para ir a uma caminhada de mães no Espírito Santo, em Brasília, em Belém do Pará, na Bahia. Olhe eu comecei a dar o pontapé para o Brasil tomar conhecimento da minha filha e o melhor de tudo é que realmente isso se espalhou de uma forma rápida, pelas redes sociais, pela TV. Do mesmo jeito que eu fazia aqui, eu fazia questão de ser entrevistada nesses programas a nível nacional. Eu fui pra Datena, eu fui pra Sônia Abraão e eu acho que por isso o caso Aryane Thaís se tornou nacionalmente conhecido. E fazendo parte de outros grupos ‘Eu quero Justiça’, ‘Gabriela sou da paz’, ‘Mães de anjos’, ‘Mães de Realengo’, aquele caso do Realengo também, eu fui e acompanhei aquelas crianças. Eu faço parte do grupo das mães da Boate Kiss.

Com as vivências Brasil afora, as ações na Paraíba foram se fortalecendo.

– Foi se expandindo e então nós criamos o grupo. Começamos a fazer reuniões, fomos acompanhadas por uns três anos pelo Ceav e depois acabou infelizmente. Hoje é Creas. O grupo tá aí, um grupo que ninguém quer que cresça, mas infelizmente... De Hipernestre, a mãe de Aryane sozinha na rua, passou para oito mães. Hoje, eu digo assim, somos quase, vamos fechar um número: 200. Nós fomos convidadas a participar

de julgamentos, audiências, caminhada, encontro. Alagoa Grande, Guarabira, Belém, Campina Grande e toda a Paraíba sabe, que existe o Grupo Mães na Dor, que esse grupo existe. E o que resta hoje pra nós, desse grupo, é só o nome, porque ninguém nunca quis nos dar apoio. E do Ceav, vem uma psicóloga, que fazia a nossa terapia lá em grupo, uma psicóloga voluntária, alugou uma sala pra ela e faz uma terapia semanalmente com a gente. Nós não temos apoio de ninguém. Tá faltando reunir todos, a legalização, o registro. E esse sonho antes de eu morrer vai ser realizado: o grupo vai existir.

Ela tosse. As lágrimas tentam borrar sua maquiagem bem trabalhada. Hipernestre foi a única mãe, que não entrevistei em sua casa. Fui até o seu local de trabalho, por escolha dela. Por isso, não consegui muitos elementos, fotos. Estava vestida elegantemente, a roupa preta substituía o jaleco branco que vestiu por anos. O cabelo loiro, escovado, indica mais uma ida ao salão de beleza. Arrumar-se faz parte da vida de quem lida com a depressão. É uma forma de resgate da auto-estima, uma tentativa de sentir-se melhor quando a vaidade é deixada para trás.

Apesar de legitimado pela opinião pública, o grupo não é registrado formalmente. Reuniões estão sendo realizadas para torná-la uma Organização Não-Governamental (ONG).

– Tinha uma pessoa que estava resolvendo toda essa situação, só que infelizmente papai do céu a chamou. Era um amigo nosso, professor da universidade, advogado. Nos deixou órfã de realizar esse sonho, mas em breve, nós vamos realizar. Com Rômulo já estava meio caminho andado. Nos reuniremos para dar o primeiro passo com a psicóloga, assistente social e com uma mãe que a gente diz que era o arquivo, ela tirava foto de todos os momentos da gente: Celinha. É difícil, eu sei que é difícil, mas não é impossível. Porque eu digo que a palavra impossível não existe pra mim. A palavra superação também não. Teve até reportagem dizendo ‘Ela se superou’. Eu não superei, eu aprendi a conviver com a situação.

– E aquele encontro de todas as mães em maio?

– Todo ano nós sempre fazemos é o último domingo de maio. Não é no Dia das Mães, assim como eu não tenho, as outras também não comemoram. Eu passo o Dia das Mães lá no cemitério. Quando minha filha estava aqui ‘Mainha, tá onde?’ ‘Eu tô no Parque das Acácias’. ‘Eu tô passando por aí pra gente ir almoçar’. Eu ia com meus filhos, mas eu voltava pra lá. E então, a gente resolveu fazer no final do mês, todo último domingo de maio. Tem uma mãe que é muito famosa, que faz bolos de

casamento belíssimos, todo ano ela faz bolo para nos dar parabéns por mais um dia de luta, mais um dia que Deus nos deu para seguir em frente.

– Como que é?

– A gente manda convite para todas as mães, sai pedindo lembrancinha aos pequenos comerciantes, de João Pessoa. Cada uma traz um prato diferente para aquele momento e faz uma bela festa. Todo mundo recebe, apresenta todas as fotos. As fotos dos filhos, as camisas. E nós fazemos um painel bem grande, bem bonito, cheio de bola. E uma das coisas que nesse dia é proibido e eu determinei é chorar, nesse dia ninguém chora. Aquela lembrancinha que ninguém sabe quem deu, um pequeno comerciante mandou, eu digo ‘Fulana, Maria, olha aqui o que o seu anjo mandou pra você’, como se fosse um Dia das Mães e, que aquele filho nunca esqueceu da gente. Que a gente sabe que sempre está ao nosso lado, nos dando força. É assim que o nosso grupo hoje sobrevive, como eu disse, nós não temos apoio de ninguém, mas a gente não deixa de se encontrar, em praça pública, em fórum, em tribunal e cemitérios.

– Como é que você vê que o grupo fortaleceu as outras mães?

– Existem mães que não acreditam na justiça, mas quando vê todas elas juntas numa audiência, num júri, elas recorrem. Eu não vivi o meu luto, porque eu tinha que dividir com as outras mães o momento delas, eu tinha que ouvir. Eu não fiz tratamento psicológico porque eu achava que uma psicóloga que nunca perdeu um filho não tinha condições de me ouvir. Nós mães falamos a mesma linguagem, a mesma língua, nós nos entendemos, nós conhecemos a dor da outra, só isso basta, pronto. Eu no lugar de desabafar com uma psicóloga acho melhor conversar com uma mãe, que perdeu um filho, que entende o que eu estou falando, porque é imensurável a dor e ninguém imagina o tamanho da dor.

Porque existem várias etapas de luto, foi muito difícil esse lado do luto de revolta, de vingança, foi muito difícil pra mim. Foi por isso que eu procurei Deus, pra ver se aliviava um pouco meu coração. E daí foi aliviando, aí veio o luto da saudade. Aquela saudade, aquela saudade e vinha o luto da força, de lutar por justiça e foi aí que eu saí nas ruas e as mães vendo. Eu não podia ver uma câmera de televisão, que eu corria aonde tivesse fazendo reportagem para mostrar a camisa da minha filha. Me chamaram de louca, me chamaram de tudo, eu fui tachada de tudo, mas mesmo assim eu queria ir, mostrar, eu queria mostrar uma foto na televisão.

“Meu pai não me deixou nascer”



(Foto: reprodução Facebook)

– Mainha, eu tô de paquera com um rapaz, tão bonito!

– E o que é que tem a ver boniteza?

– Ele é estudante de Direito.

– E daí? Então já que ele é estudante de Direito, vá estudar Direito também pra acompanhar.

– Olha mainha ele ali na esquina, eu vou te mostrar.

Aryane Thaís parecia ter encontrado o homem perfeito: bonito, de boa família, estudante de Direito. Um homem que estuda, conhece e seria incapaz de infringir a Lei, de praticar um crime. Eles não eram namorados, mas tiveram um romance que começou a se complicar quando uma terceira pessoa surgiu entre os dois: ela estava grávida. No início ele relutou, chegou a dizer que não era o pai. Depois, marcou um encontro com Thaís, para ver o resultado do exame. Foi a última pessoa que a viu com vida.

O corpo foi encontrado em um matagal por trabalhadores e a única identificação era o exame de gravidez que constava como “positivo”. A mãe acredita que o motivo tenha sido a recusa dela em fazer o aborto. O feto estava com menos de dois meses de formação. Foi uma surpresa para a mãe, Hipernestre Carneiro, saber que além da filha caçula, também havia perdido o neto que ela nem sabia da existência. “Meu pai não me deixou nascer”. Com essa frase e uma boneca vestida com asas de anjo e auréola

sentada em uma minibicicleta artesanal, ela se deslocou até o cemitério para visitar o túmulo da filha no Dia das Mães.

O casal se conheceu ainda na adolescência, no bairro Jaguaribe, onde moravam. Mas, só depois de anos se envolveram afetivamente. “Era minha companheira, amiga, confidente, meu xodó, meu pintinho amarelinho, minha Tatá, meu pacotinho. Não era menina de festa, nunca poderia esperar que isso acontecesse com ela. E também não esperava isso dele. Quando as amigas dela viram na TV a morte dela se revoltaram e já disseram logo que foi ele, porque ouviam os áudios em que ele a ameaçava, que tinha que abortar porque ele não poderia ser pai, que tinha uma carreira pela frente e era muito jovem”, contou a mãe.

– Se minha filha tivesse ficado aqui, sobrevivido, eu iria ter brigado com ela pelo tamanho da irresponsabilidade, porque eu sempre sonhei e fiz da minha filha, Thalita, um casamento perfeito, lindo. A mesma coisa que eu queria para ela. Como aconteceu com meu filho, o casamento, ele é pai e tudo. Eu sonhava isso para todos os meus filhos. E Aryane Thaís fez essa besteira de engravidar antes do sonho do casamento. Quando eu tomasse conhecimento, eu ia brigar com ela, ia pressioná-la bastante pra... Sei lá, ia fazer o que toda mãe faz, ia me revoltar, ia xingar naquele momento. Mas, lá no fundo, o que eu não ia fazer era botar minha filha pra fora de casa. Eu não ia jogar minha filha na rua. Chegaria um momento que eu ia abaixar a minha cabeça e ver que realmente minha filha estava precisando de quê? De apoio. E outra coisa, se esse moço tinha dito que não ia assumir, ele não precisava. Porque eu sou viúva há 18 anos, eu nunca tinha corrido atrás de ninguém para pedir uma lata de leite, a não ser que fosse minha mãe, para ajudar meus filhos, para ajudar em casa. Eu não ia correr atrás desse homem. Desde o momento que ele diz assim ‘Eu não vou assumir, este não é meu filho’. O que é que eu ia atrás desse homem um dia? Não. Eu ia trabalhar junto com ela, ia manter minha filha e meu neto ao meu lado, tudo o que eu queria hoje.

Quando as amigas viram a notícia na TV, logo cedo se revoltaram com a situação e acusaram o estudante de imediato. ‘Foi Luiz Neto! Foi Luiz Neto!’ “Foram logo dizendo o nome dele, porque sabiam. Sabiam das ameaças que ela tinha que abortar. Que ia levar na farmácia, que ia levar pra tirar essa criança, que não ia ser pai porque a mãe dele ia expulsar ele de casa, porque ele era muito jovem e tinha uma carreira profissional muito grandiosa pela frente”.

Entre soluços e lembranças

Hiper estava muito emotiva naquela tarde de 21 de março, a transição dos dias de céu azul de verão para o nublado gris de outono e desatou a chorar.

– Tu viesse me fazer chorar – ela chora e ri ao mesmo tempo.

– Desculpe.

– Quando estou assim, aí eu vou fazer isso aqui, oh! Eu vou me maquiar, eu vou arrumar meu cabelo, pra ver se eu levanto o astral. Meu coração está partido, só Deus sabe. E também porque, está chegando abril quando tudo aconteceu. Essa tragédia que a gente pensa que só acontece na casa do vizinho, com a família dos outros, aconteceu com a minha filha. Eu sempre fui guerreira, sempre tomei conta dos meus filhos sozinha, fiquei viúva, achava que era uma guerreira, lutava, era aquela leoa que tomava conta dos filhos, aquela coisa tipo uma galinha que abria as asas assim ‘Eu quero todos aqui do meu lado’. Tal hora chegasse o momento vão embora. Mas, tal hora, voltasse para o ninho. Eu sempre fui uma mãe desse jeito. Mas eu não sabia, eu não conhecia o meu lado da luta. Eu me envergonhava quando eu ia em busca de um emprego. Às vezes, eu ia pedir um trabalho me humilhando, se você dissesse qualquer coisa para me magoar, eu abaixava a cabeça e chorava. Com muito esforço, depois que fiquei viúva, fui fazer o curso de enfermagem. E depois que essa fatalidade aconteceu na minha vida, eu vi realmente quem é Hipernestre, como eu sou guerreira. Meus filhos diziam: ‘Mainha você é muito guerreira, você faz tudo isso por nós, sozinha, sem ninguém’. Eu descobri que uma mulher quando se torna mãe, faz tudo por um filho, mas não tanto o que eu imaginava fazer, vai até além da vida, vai depois da morte e foi isso que eu fiz. Naquela coisa de apagar, de chorar, de sentir só saudade. Não, eu me tornei aquela mulher, aquela guerreira, aquela leoa mil vezes mais do que eu era quando era só aquela mãe viúva com os três filhos. Hoje, eu me tornei mais mãe, mais mulher. Eu admiro! A única coisa que eu me arrependo é de não ter dado a Thaís o poder que ela merecia. Então, sim, eu acho que eu dei muito, muito. Dos três, a mais próxima a mim era ela, mas, eu poderia ter dado muito, muito, muito, muito mais. Pra você ver a dor, como é grande de perder um filho. Eu amo meus filhos! Eu nunca digo que eu só tenho dois. ‘Você tem três filhos?’ Eu digo ‘Tenho. Thalita, Thiago e Thaisinha’, que é Aryane. O sonho de toda mulher é ser mãe. Mas eu digo de todo coração a você – nesse momento ela vai dizer a frase mais pesada, que eu ouvi – se eu soubesse que um dia eu ia ser mãe e ia perder um filho, eu preferia não ter parido nenhum. Eu preferia, porque eu tenho tanto medo de perder outro filho.

– Hoje eles estão próximos?

– Não, porque minha família foi dilacerada, né? Thalita foi embora e levou minhas netas. Thiago já tem a vida dele, é casado. Todo dia a gente se vê, eu e Thiago, mas é diferente. Não é mais aquele aconchego do lar, de ter os três filhos ali, chegando do colégio pra jantar, pra dormir, pra sorrir.

O primeiro namorado...

Hoje eu casei com meu primeiro namorado, de quando eu tinha 14 anos, ele reapareceu e refiz minha vida. Ele viu meu sofrimento, me acompanhou na internet e a gente se reencontrou, estamos juntos vai fazer três anos. É uma pessoa que está ali comigo para conversar.

Eu noto que ela está mais deprimida do que da outra vez que conversamos. E é porque agora, finalmente, o assassino está preso. Será que antes havia euforia por causa da luta e agora que ele está na cadeia, perdeu-se as motivações? Será que a depressão volta quando a missão se cumpre?

– Eu não vou chorar. Tá gravando? Bom, foram seis anos e três meses de muito sofrimento em busca de justiça, certo? Eu fui oito vezes a Brasília. Saí sozinha, sem um advogado ao meu lado, mas ia com Deus. Conheci ministros, falei com quem você imaginar, eu sozinha em busca disso aí, quando ele estava recorrendo. Quando disse assim ‘Transitado em julgado’, acabou! Então eu corri atrás para realizar o meu sonho, que prometi à minha filha: enquanto eu viver, até o meu último suspiro, até a minha última respiração, mainha vai lutar por justiça. Hoje eu tô assim, muito emotiva, tô chorando desde cedo, lembrando dela. A única coisinha dela que eu tenho em casa são as fotos, muito sorridente comigo, tenho só uma roupa dela. Aliás, a roupa que ela dormia comigo, um *baby doll*. O nosso aniversário era no mesmo dia, 30 de agosto.

Estávamos no corredor do edifício onde Hipernestre trabalha. Um homem passa e diz: “Essa é a mulher mais forte que eu conheço!”

– Obrigada, obrigada! – ela ri com o estímulo – quando aconteceu à prisão dele, eu, Thalita e Thiago chegamos a um acordo. Resolvemos dar um basta no sofrimento, de estar nesse corre-corre de justiça, de dor, de impunidade. Nós chegamos um para o outro, em conferência pelo *Facetime* e prometemos uns aos outros de falar de Thaisinha

só na alegria, lembrar só nos momentos bons. O que foi que eu disse a você logo no início? Que eu tava com vontade de ouvir ela dizer: ‘Mainhaaaa’, batendo palma. Tá lá no meu *Face*. Ai filha, que vontade de ouvir tua voz, se jogando por cima de mim, que ela não dava um abraço, ela caía por cima de você. Se eu falar para o meu filho, hoje, ele vai lembrar: ‘Ai mainha tu lembra naquele dia que a gente fez uma música pro meu avô?’. O avô, por parte de pai, que era bem gordão e, eles fizeram uma música. ‘Ah, mainha tu lembra que ela gostava de comer isso?’, ‘Tu lembra que ela pedia banana na casa dos vizinhos?’ Ela era doida por banana.

O Dia das Crianças se aproxima e a mãe, para alegrar seus três pequenos, resolve deixar que eles escolham os presentes.

– Vocês querem ganhar o quê?

Eles começam a pensar no que pedir aquela mãe tão amorosa.

– Thaisinha você quer uma boneca?’

– Não, mamãe. Eu quero uma concha de banana.

São essas as lembranças, que a família Carneiro quer guardar de Tatá. “A gente começa a rir lembrando, só de coisas boas. Minha filha era uma menina de 20 anos, mas tinha um comportamento de adolescente. Thaís não gostava de festa, de balada, não saía, tinha medo da noite. Diferente de Thalita, que gostava disso, saía, ia pra Campina Grande, já de maior, né?! Meu filho sempre foi na dele.

Filho é insubstituível



(Foto: reprodução Facebook)

‘Meu Deus, eu tô grávida de novo? Não foi uma gravidez planejada, mas foi uma coisa bem bonitinha. Ela estava prevista para nascer no início de setembro, até mais ou menos, 8 a 10 de setembro. Meu aniversário era dia 30 de agosto, a médica perguntou: ‘Quer fazer no seu aniversário?’ Às 14 horas minha filha nasceu. Foi o maior presente que Deus me deu. Dali, encerrei a minha etapa de ser mãe, fiz ligação. Foi um dia muito feliz, muito feliz pra mim. Eu não esperava os outros pequeninhos em casa, eu sozinha, bem jovem, com 24 anos e já estava com a minha escala de mãe encerrada.

– Você pode ter dez filhos, mas sempre tem um chamego por um. Existe uma coisa engraçada que as mães dizem: ‘Eu amo os três por igual’. Você tem irmãos?

– Dois.

– Sua mãe tem afinidade maior com alguém?

– Minha irmã – dou um risinho porque filho do meio é o ninguém da história, nem é primogênito, nem caçula.

– Não é verdade? Os filhos enxergam isso. Aí, a mãe diz assim: O amor é o mesmo? O amor é o mesmo, mas a afinidade é diferente. E eu e Thaís, a gente se completava. Nós tínhamos passado a semana santa lá em Pernambuco, onde eu morei nove anos com meus filhos, em Gravatá. Fomos assistir *A Paixão de Cristo* e quando nós voltamos, eu tinha dado um plantão extra e tive a segunda-feira de folga. Passei sexta, sábado, domingo e aproveitei a segunda. Na terça, que eu fui viajar de manhã, saía 4 horas, 4h30 min. Ela disse: ‘Mainha, deixe eu ir?’. Eu disse: ‘Não’. Pra você ver, ficavam os outros trancados. Thiago nem se levantava, mas ela se levantava, abria o portão, me beijava antes de eu sair: ‘Mainha deixe eu ir com você?’. ‘Não filha, lá a casa onde eu estou só moram as meninas que trabalham na área de saúde, eu não vou levar você’. ‘Mainha deixe eu ir?’. Eu disse ‘Não Thaís!’. ‘Mainha, eu não desfiz nem minha mala’. Aí, eu disse não. Ela ficou assim, chateada e me deu aquele beijo bem frio. Na quarta, à noite, aconteceu e na quinta encontraram o corpo da minha filha. Eu não sei se ela estava prevendo. Eu não sei se ela estava pensando em chegar pra mim e dizer: ‘Mainha tá acontecendo isso e isso. Mainha eu tô achando, que posso estar grávida’.

– Você imagina que poderia ter sido diferente se ela tivesse ido?

– Poderia, poderia. Mas depois eu tomei o conhecimento da palavra, aquele dia era o dia da minha filha partir, de qualquer outra forma. Se ela tivesse viajado comigo, teria morrido de acidente, dado uma parada cardíaca. Aquele dia Deus tinha um propósito de levar minha filha para morar ao lado dele, mas só que não dessa forma. Mas como não tinha outra, Deus permitiu que isso acontecesse. Eu acredito que da mesma forma que ela foi gerada para nascer naquele dia, no dia 30 de agosto, dia do meu aniversário, ela também tinha o dia de partir.

A fama

O sonho de Thaís era ser famosa, brilhar no mundo da música. A fama ela conseguiu, embora não em vida. Mas, a forma como ficou conhecida está longe do glamour que ela aspirava. “Minha filha tinha uma voz linda. Ela dizia: ‘Mainha, eu ainda vou ser cantora’. Gostava de imitar Joelma, da banda Calypso. ‘Eu tenho muita vontade de fazer um curso de canto e eu sei que a senhora nunca vai fazer isso por mim, porque a senhora não confia em mim. Mas, um dia eu vou ser tão famosa, que quando eu chegar na televisão para ser entrevistada e me perguntarem: Thaís, mas meu nome não vai ser Thaís, vai ser um nome bem famoso. Quando perguntarem: a quem você agradece? Eu vou dizer que não agradeço a ninguém da minha família, porque ninguém nunca me apoiou, ninguém nunca acreditou em mim’. O sonho da minha filha era ser famosa, estava falando com Thiago: ‘Meu filho vê só, tua irmã falava muito em ser famosa. Hoje ela é famosa’. De uma forma trágica, mas minha filha é famosa”.

Sem filha e sem mãe

Luiz está cumprindo a pena, na Penitenciária Sílvio Porto. Hipernestre afirma que hoje é indiferente ao rapaz, que nunca se mostrou arrependido e nunca assumiu a autoria do crime. “Para mim é uma pessoa que morreu. Ele existia até o momento em que estava em liberdade. Mas, hoje é uma pessoa que morreu, eu não quero mais saber dele nunca mais na minha vida”.

Sem entrar na seara religiosa, há que se reconhecer que a fé é fundamental para manter o equilíbrio em tempos difíceis. “O luto tem o lado do pensamento suicida, por

isso foi importante eu encontrar Deus, porque se eu tentar um suicídio e morrer, não vou encontrar minha filha. Vão ser caminhos opostos”.

Dois anos depois da morte de Thaís, sua avó, mãe de Hipernestre, faleceu em decorrência de um acidente vascular cerebral (AVC) que teve quando soube do assassinato. “A minha mãe teve um AVC que silenciou, ela não pronunciou mais nenhuma palavra. Ela tava consciente, mas, não pronunciou mais nenhuma palavra. E quando eu cheguei perto dela um dia, tinha uma coisa com o nome “justiça” perto. Aí, ela começou a gritar revoltada e queria rasgar minha blusa e eu gritando: ‘Não mãe, não’. Porque minha filha chegava perto dela e pulava, agarrava, ela dizia: ‘Socorro, que ela vai me derrubar. Doida, vá pra lá menina doida’”.

Meu coração hoje é incompleto. É rachado! É trincado no meio, por mais que eu brinque... Eu nunca mais dei um sorriso, aquele sorriso, aquela gargalhada de pessoas normais. Eu não sei mais. E lembro que eu estava na casa da minha irmã e a família lá conversando, aí eu sorri. Todo mundo olhou um para o outro, depois vieram me abraçar porque conseguiram puxar de mim o primeiro sorriso, nunca esqueci. Mas aquele sorriso, aquela gargalhada boa não existe. Quando a gente põe no Face, expõe uma foto toda arrumada e sorrindo, pode olhar que muitas amigas dizem assim: ‘Adorei o sorriso’, ‘Você está linda sorrindo’, ‘Que bom que você voltou a sorrir’. As pessoas notam.

Diploma no lixo

Eu rasguei meu diploma de enfermagem. Eu disse que eu não ia trabalhar, mas voltei depois de três anos. Porque até isso Deus trabalhou também em mim. Eu disse que nunca mais ia ser enfermeira. Trabalhei muitos anos em Samu, em hospital, em tudo o que você imaginar. Mas, com o que aconteceu, chega um momento em que você diz: ‘Poxa, eu salvei tanta vida e minha filha não teve o direito a uma assistência, já foi jogada ali morta’.

A situação financeira de Hipernestre se complicou no período em que deixou de trabalhar. “Quando rasguei meu diploma teve um momento que eu passei a depender dos outros totalmente. Uma vez estava no shopping com Thalita e Mariane, minha

netinha pequena. De repente, Thalita me chama: ‘Mainha corre que tem uma mulher que teve um ataque aqui’. A mulher teve uma parada cardíaca e eu disse: ‘Vou não, no shopping tem pessoas pra tomar conta dela’ e foi num shopping pequeno, não tinha. Fui fazer os primeiros socorros, chamamos o Samu, infelizmente ela não conseguiu sobreviver. Hoje sou muito amiga da família dessa jovem. Era uma mãe de 38 anos, que teve um infarto fulminante e uma das pessoas que me deu a maior força para voltar a trabalhar foi a mãe dela. Quando minha mãe também faleceu, criei coragem de ir trabalhar, voltei pro hospital.

Atualmente, Hipernestre trabalha com o enfrentamento da violência, deixou os dois concursos em Pernambuco. “Eu estava morando em uma cidade pequena lá do Pernambuco, que eram só enfermeiras e médicas numa casa, meus filhos já tinham voltado. Thaís estava estudando, Thiago não queria mais voltar pra lá, Thalita casada. Aí, eu larguei tudo lá e fiquei indo e voltando todo final de semana. Eu ia na segunda e voltava na quinta. Minha volta a João Pessoa foi trágica, larguei os dois, em Caruaru e Gravatá. Larguei tudo de vez e foi justamente por causa da dor, porque se não fosse eu estaria lá até hoje. Decidi trabalhar de outra forma, trabalhar em defesa da mulher, em defesa da sociedade”.

Hipernestre venceu a impunidade. Clamou para o Brasil ouvir, porém o seu sofrimento ainda é muito grande. E a ausência da filha mais velha, que mora nos Estados Unidos torna-se mais latente nos dias em que ela está mais sensível. “É muito difícil, muito difícil. A Justiça é lenta, falha, mas a gente consegue vencer, basta ter paciência. E por um filho, uma mãe é capaz de tudo. Eu sou capaz de dizer que hoje eu quero viver por um filho. Mas, eu tenho medo de perder outro filho. Eu tenho tanta saudade de Thalita, das minhas netas. Tanta vontade que elas voltem pra cá. – faz uma pausa devido ao choro – isso me machuca tanto, tanto, tanto, tanto. Este homem destruiu a vida da minha filha, tirou a vida de um neto meu que podia estar aqui hoje. Minha filha foi embora. Eu fui morar na casa dos outros. Eu não tinha mais referência nenhuma, para onde eu ia. Chegava pra uma amiga minha e dizia: ‘Deixa eu ir dormir na tua casa hoje’. Porque eu não queria voltar. Eu não voltei mais pra minha casa, onde a gente morava, a minha família lá no Jaguaribe, eu não voltei e tu já pensou uma pessoa sem referência? Pedia por tudo no mundo pra ir pra casa de alguém”.

Casa-abrigo

Uma casa-abrigo, para mulheres vítimas de violência, foi aberta em João Pessoa e levou o nome de Aryane Thaís. “Pra mim foi uma homenagem muito merecida. Eu acho que foi pela minha luta, pelo reconhecimento da sociedade que minha filha não deveria ter partido tão cedo e de uma forma tão trágica e pelo fato de ter sido da forma que foi, por um homem, um companheiro fazer isso com uma menina tão nova e bonita. Ele tão novo e ela nova também. A Casa-abrigo Aryane Thaís, resgata aquelas mulheres, tira da mão desses monstros, que podem fazer com elas a mesma coisa que esse bandido fez com minha filha”.

Hipernestre se emociona ao contar o relato de uma dessas mulheres acolhidas. “Certa vez encontrei com uma mulher que precisou da casa. Mandei fazer um pôster bem grande da minha filha com os dizeres lá do que ocorreu. Na outra sala tinha outra foto. Ela disse que sentava no chão e ficava dizendo: ‘Aryane, não deixa acontecer nada comigo nem com meus filhos pelo amor de Deus’, ‘Sua filha pra mim é uma santa’. Eu disse: ‘Não diga isso, é não’. ‘Mas, ela me fortaleceu muito. A história da sua filha me comoveu e eu tomei a atitude de sair de casa com meus três filhos, passei 90 dias na casa-abrigo e hoje estou morando em João Pessoa’. Essa mulher é do Alto Sertão da Paraíba e veio se refazer. Hoje, somos amigas também. São histórias muito bonitas. Eu vi o olhar dessa mulher pra mim, quer dizer, ela fortaleceu muita gente”.

Partiu de uma forma cruel, mas ela me fez crescer espiritualmente, me fez crescer mais como mulher, me fez aprender que a vida não era só até ali. A minha filha está sempre do meu lado, me dando apoio em tudo o que eu faço.

Futuro

Eu estava escrevendo um livro, escrevi e ainda continuo escrevendo algumas coisas, desde o início. Esse livro tem um título de “Vinte anos vividos em uma semana”. Que tudo o que eu tinha de viver, eu vivi uma semana antes com minha filha. Tudo, tudo o que você imaginar, até de ir para a frente do palco, com aquele artista que estava fazendo papel de Jesus. Era Murilo Rosa na época, a gente foi pra frente do palco lá em Fazenda Nova. Quando terminou, a gente chorando, aquela celebração de Jesus todinha e, nós querendo um autógrafa, querendo dar um beijo nele, eu vivi tudo

isso com minha filha. Então, tirar foto com Murilo Rosa, com aquela menina, só com artista e brincar. Carnaval só em família, domingo só com ela 'Thaisinha vamos pra praia?'. Pegava um ônibus e ia, já voltava quatro, cinco horas da tarde. Ela não gostava de tomar sol, botava a cadeira debaixo do coqueiro e ficava lendo, e eu tomando uma cervejinha. 'Filha, batatinha'. E ontem, eu falando aqui no salão, minha filha dizia: 'Mainha, tu tá com dinheiro? Vamos ter um dia de princesa hoje?'. E, sempre eu ia com ela para o salão de beleza”.



(Foto: reprodução Facebook)

Segunda parte – O grupo



(Foto: reprodução Facebook)

O Grupo Mães na Dor começou por iniciativa de Hipernestre Carneiro, que perdeu sua filha em 2010. O nome só foi escolhido depois. Aos poucos mais mães foram chegando e em meados de 2017 possui cerca de 200 mulheres, que ficaram órfãs de filhos em decorrência da violência, seja homicídio ou acidente de trânsito. É um grupo, que não objetiva o crescimento em número de membros, mas as estatísticas confirmam o aumento da violência.

A trajetória do grupo é permeada de dor, sofrimento e coragem. Sem apoio público nem privado, enfrenta dificuldades, como a falta de uma sede para as reuniões. Em 2016, o encontro de mães não se realizou por restrições financeiras e em 2017, por falta de espaço. Para evitar que haja uma maior dispersão, essas mães buscam regularizar e tornar o grupo uma Organização Não-Governamental (ONG).

Participam do *Mães na Dor*, mulheres de todas as idades e níveis sociais. O que elas têm em comum é a perda dolorosa dos filhos. A missão do grupo é fortalecer essas mulheres, ajudando-as a seguir em frente, sabendo que não são as únicas e não estão sozinhas nessa jornada. O amparo e consolo de quem sente na pele a mesma dor, parece surtir mais efeito do que a compaixão de quem apenas imagina, mas nunca passou por essa situação.

Os objetivos do grupo são a luta por justiça, o combate à violência e a promoção da cultura de paz. Unidas elas articulam ações, caminhadas, protestos, participam de

audiências, júris. Elas pressionam a justiça, a imprensa, o poder público. Buscam sensibilizar a opinião pública. Com o fim da impunidade elas acreditam que é possível reduzir o número de mães desfilhadas e evitar que outras façam parte deste quadro, pois a punição poderia inibir os criminosos de cometerem assassinatos e dirigirem, irresponsavelmente, sob efeito de álcool, matando inocentes no trânsito.

No Brasil, há grupos semelhantes de famílias que perderam entes queridos para a violência, como o *Gabriela Sou da Paz, Mães do Rio, Justiça é o que se Busca, Navv, Associação de Mães e Familiares de Vítimas da Violência no Espírito Santo (AMFAVV)* ou até mesmo as *Mães da Sé*, cujos filhos estão desaparecidos. Na Paraíba, iniciativa semelhante foi criada em Campina Grande, o *Grupo Amo, Associação das Mães Órfãs*, menos expressivo que o *Mães na Dor*, que também possui mulheres de Campina e outros municípios paraibanos.

As mães utilizam bastante as redes sociais para divulgar os casos de seus filhos. Elas utilizam os potenciais oferecidos pelas novas tecnologias em favor de suas causas. Algumas mulheres que perderam filhos, no Brasil, entraram para a política na tentativa de mudar a legislação, que é tão branda com o criminoso e cruel com a vítima. Hipernestre tentou eleger-se como vereadora, em João Pessoa nas eleições de 2016, porém não foi dessa vez.

O primeiro trabalho acadêmico sobre o grupo *Mães na Dor* foi realizado por Helton Nóbrega e Flaviano Carvalho, com o documentário *Por Nossos Filhos*, produzido como Trabalho de Conclusão de Curso na Universidade Federal da Paraíba e orientado pela professora Glória Rabay, em 2011. Em 2013, Anna Georgea Franco Feitosa escreveu a dissertação *Rituais da dor: uma análise do grupo Mães na Dor de João Pessoa – PB*, para o Programa de Pós-Graduação em Antropologia da UFPB, com orientação do professor Mauro Guilherme Koury. Em 2016, a psicóloga Betty Wainstock, do Rio de Janeiro, apresentou a pesquisa *Psicografia e narrativas sobre a vida e morte no relato de cartas redigidas aos pais enlutados*. Seu estudo de Pós-doutorado *Filhos que vão, pais que ficam*, não trabalha com o grupo, mas inclui as cartas de Higor Natan nos estudos.

O DVD traz sete casos. A trilha sonora do documentário foi interpretada por Gitana Pimentel. Em contato com a artista, perguntei como ela se sentiu em participar do projeto. “O documentário foi produzido por um amigo meu, Helton Nóbrega. E, ele me convidou para cantar a trilha sonora. Conte a história para o Kyto Costa, músico e compositor, e ele compôs a letra e produziu a música. Foi muito especial pra mim! Eu

pude conhecer a história delas de perto, participar do filme doando a minha voz para a trilha foi diferente... Foi muito intenso! Eu me emocionei bastante”.

Escrever o perfil dessas mulheres, mesmo que numa pequena amostra permite disseminar suas histórias e seu trabalho além das divisas paraibanas. Revelar as consequências nefastas da violência, sensibilizando e humanizando as pessoas na busca pela paz. Lima (2009) diz que o perfil evidencia o lado humano, seja uma figura pública ou anônima. Pessoas que representam grupos sociais, que personificam a realidade destes grupos. Hipernestre é esta figura que representa o grupo.

Individualmente, as mulheres seguem à sua maneira a jornada do herói, pois têm uma missão a cumprir: lutar para que a justiça se cumpra e amparar novas desfilhadas. São mães que persistem em manter a memória dos filhos, vivem para eles. Conforme Pena (2006) relata em seu livro *Jornalismo Literário*, o herói transpõe o comum e vive sob o extraordinário. Entrega-se ao destino glorioso por um propósito maior, construído por ele mesmo. O herói vive para os outros, tem um senso de certeza para se diferenciar da celebridade e ser dono de si. A celebridade vive em função de si mesmo.

Ao estudar e me envolver com o grupo Mães na Dor, pude notar que há uma gradativa perda de identidade dessas mulheres. Em parte, porque se deixa um pouco o individual para empenhar-se na luta coletiva (grupo): só quem perdeu um filho sabe como é a dor de perder um filho. E por outro lado, porque elas passam a ser identificadas pelos filhos. Quem é Célia? “A mãe de Elton”. Quem é você? “Sou a mãe de Dudu”. “E outra coisa, a gente perde a noção de identidade, eu não sou Hipernestre Carneiro. Eu sou a mãe de Aryane Thaís. Ela não é Dina, ela é a mãe de Natan. Nós perdemos a nossa identidade. Nós somos chamadas mãe daquele anjo. Eu era loira e pintei o cabelo, ‘Eita a mãe de Aryane Thaís pintou o cabelo’. Mas, eu vou mudar essa semana. Mas é assim, é a mãe de Aryane”, confirmou Hipernestre.

Em contraposição, há o ganho de uma nova identidade. Elas se sentem iguais, não estão mais sozinhas e são verdadeiramente compreendidas. O slogan do grupo é *Você não está só*. “Porque sempre existirá um ombro amigo, uma palavra amiga, um apoio. Porque assim, ontem eu tava mal, mal, mal mesmo. De repente, recebo uma mensagem ‘Oi amiga, saudade, eu te amo’. Isso não quer dizer que ela me ama, quer dizer que ela pensou em mim naquele momento, não é verdade? É muito interessante”, Hipernestre contando sobre uma mensagem que recebeu de Dina.



(Foto: reprodução Facebook)

Terceira parte:

O caminho até aqui

Roteiro do percurso realizado, o eu autor

Eu ontem pensei que ia ser uma tarde muito difícil pra mim porque reviver essas situações, essa situação de Natan ela mexe muito comigo. Mas saiba que eu adorei sua companhia, que foi maravilhoso poder falar tanto sobre Natan, reviver tanta coisa. Tantas coisas que nunca mais eu tinha nem conseguido abrir aquela caixa e consegui ontem e de uma forma tão bonita e você escutou a vida dele e a nossa vida, foi muito bom. Agradeço demais por você ter vindo, não foi coincidência, sei que foi providência. Foi tipo assim uma terapia porque eu passei a tarde maravilhosa, revivendo a minha vida, como eu era e como eu estou, mas, na certeza que eu vou conseguir. E eu te agradeço demais, foi muito bom sua visita. Que Jesus ilumine seu trabalho, que dê tudo muito certo. Qualquer dúvida estamos aqui amiga. Um beijo. Fica na paz.

Recebi essa mensagem de Dina um dia após minha ida à sua casa. Foi um acalanto ao meu coração que se perturbava em mim na dúvida se minhas visitas, minha invasão não estaria causando algum mal estar naquelas mulheres. Mexer na ferida alheia é difícil. Revolver lembranças duras, assistir quieta o seu choro, fazê-las reviver a dor. O depoimento de Dina me deu a certeza que estava no caminho certo. Você tenta se colocar no lugar delas para entender aquele sofrimento, mas essa é uma pele que ninguém deseja vestir.

Os depoimentos foram colhidos em 2017, com exceção de Dina, em que há uma entrevista adicional de 2015. Do percurso à edição final surgem muitas questões no caminho. Até que ponto o narrador pode interferir na história? Seu imaginário interfere na narrativa da realidade? Sua subjetividade pode comprometer o relato?

Todo mergulho intenso na realidade traz ao autor possibilidades de transformação. Ninguém sai de um processo de imersão honesta e profunda o mesmo que entrou. Algo pode mudar. A abertura para algo dessa magnitude deve estar presente sempre. (LIMA, 2009 p. 396)

Acredito que esse “mergulho” seja inevitável. Ao se trabalhar com o perfil humano na reportagem, com histórias de vida é preciso entregar-se a essa pauta, mergulhar na vida das personagens. No entanto, antes de saltar sem colete salva-vidas é necessário estar totalmente seguro da altura a se jogar, pois jamais retorna-se o mesmo que pulou. Durante o tempo em que convivi com essas mulheres criei um envolvimento

muito intenso. Da Matta (1978) fala de uma transformação xamânica, uma viagem sem sair do lugar, a imersão, o mergulho. Não era apenas uma jornalista fria a fazer perguntas, eu sentia, chorava, me revoltava, lamentava, questionava. Eu me deprimi, me solidarizei e me humanizei ainda mais, o que reflete na narração. Sobre isso, Hunter diz: “Por fim, o seu estado emocional termina entrando no texto, seja de modo consciente ou não”. Por diversas vezes tive que deixar a escrita de lado porque o meu emocional não estava bem e interferindo diretamente. Essa foi uma das dificuldades dessa jornada.

Vilas-Boas (2003) afirma que: “

Os processos de criação são multidimensionais. Neles, combinam-se memórias, conhecimento, imaginação, sínteses e sentimentos, cinco elementos imprescindíveis ao trabalho autoral. A narrativa de um perfil não pode prescindir de todos os conceitos e técnicas de reportagens conhecidos, além de recursos literários e outros. Mas ela também está atada ao sentimento de quem participa. A frieza e o distanciamento são altamente nocivos. Envolver-se significa sentir. (VILAS-BOAS, 2003, p. 13-14)

As inferências do repórter/narrador não devem ser evitadas para ser fiel ao relato. Sua interpretação pode contribuir para a construção da narrativa. Vilas-Boas (2003) afirma que é

Impossível que as experiências pessoais de um repórter não se confundam com a temática que estiver trabalhando. A pretensão à objetividade é uma fixação (ou seria um falso problema?) difícil de erradicar no cotidiano do jornalismo profissional. (VILAS-BOAS, 2008, p. 18)

A pauta começou em uma matéria para o Dia das Mães para o jornal em que trabalhava. Fugindo do clichê da mãe guerreira, multitarefas, etc. O objetivo era mostrar como é esta data na vida de quem perdeu um filho. Esse foi meu primeiro contato com o grupo Mães na Dor e desde então o adotei como objeto de estudo, abandonando de vez a ideia de pesquisar a convergência midiática. Aquela história me pedia para ser contada e mais ainda, pedia a mim o que fosse eu a narrasse. Levei até uma bronca da chefe, de reportagem, por ter demorado na pauta, mas já estava envolvida com o grupo. Troquei a teoria pela prática jornalística, o que eu amava fazer. E creio que o jornalismo, na prática ou na pesquisa e, qualquer outra área do conhecimento necessita uma pitada de paixão. O suficiente para não estragar o resultado. Talvez não seja imprescindível, porém, monografias, dissertações e teses se caracterizam por um elevado grau de comprometimento e desgaste, quando se têm afinidade com o tema a ser trabalhado, o fardo se torna um pouco mais leve, prazeroso. Quem escolheu a profissão de jornalista

sabe o que é trabalhar por paixão e por prazer, muito mais que por reconhecimento e dinheiro. E durante esses mais de dois anos, mantive esse afeto pelo grupo, pelas mães e isso teve fundamental importância para a conclusão desse projeto. Foi mais que uma obrigação acadêmica por um título. Era um dever social trazer à tona a questão da violência dessa forma.

A apuração foi longa, pois teve início com a pesquisa preliminar sobre as ações do grupo e os casos na internet e na mídia. Acompanhava o que era publicado nos jornais impressos, sites e TV. Para tomar conhecimento das histórias. Como o recorte ainda não havia sido feito, observava outros casos que não foram contados neste livro. Também busquei por trabalhos acadêmicos para ter noção do que já havia sido pesquisado e saber em quê poderia avançar, que aspectos originais traria. Esta etapa foi fundamental para a preparação das entrevistas, ponto forte do trabalho. Hipernestre me indicou uma lista de 18 mães. Foram várias tentativas, ligações incompletas, não atendidas, recusas, adiamentos, até fechar os cinco nomes. Uma das mães havia saído do grupo, disse que não dava mais entrevistas sobre o assunto, queria seguir em frente. Na coleta dos depoimentos deixei que elas escolhessem local, data e hora, tudo para fazê-las sentirem-se à vontade e mostrar que eu estava disponível para elas.

As entrevistas foram realizadas em: 22/02 (Régia), 21/03 (Hipernestre), 22/03 (Célia), 28/03 (Gláucia) e 08/04 (Dina). A riqueza etnográfica nesses momentos, desde o percurso até encontrá-las, o retorno, o ambiente, as cenas eram muito significantes. Lembrar de tudo depois é complicado, reconstituir essas sensações e impressões no papel, por isso é indispensável o diário de campo, bloquinho de anotações e caneta sempre à mão. Mas mesmo ele não dá conta de tudo o que os sentidos captam. Há momentos em que é preciso parar de anotar e deixar fluir, ver, ouvir, sentir. É um exercício de humanização.

A abertura em primeira pessoa na redação do material é padrão. Inicia com um momento forte. Dina e Gláucia falam da lembrança do passado, Célia do sofrimento presente, Régia da dor de toda uma vida que ecoa no hoje e Hipernestre da esperança no futuro e a incerteza que ele traz. Em seguida, entra narrador, reprodução de diálogos, narração e descrição são mescladas e quando possível, as coordenadas também foram abertas com aspas de destaque. Levando em consideração a classificação de Medina (2008), escolhi ser um narrador onisciente interpretativo, “que pressupõe participação e comentários tanto no nível externo quanto no nível interno das personagens”. Utilizando foco narrativo mutante: “ocorre uma mutação, sem pedir licença de, por exemplo, um

narrador observador em primeira pessoa, para um narrador onisciente de terceira pessoa” (MEDINA, 2008, p. 71-72).

O deadline, velho inimigo e companheiro do jornalista é um dilema que também perpassou este trabalho. O pouco tempo, a pressa em fazer, o vasto material. Escrevo muito, não nego, em um meio que me pede para ser sucinta e concisa. Na redação era conhecida por aquela que “escreve reportagem especial por kg” e nas factuais “Bruna, é matéria do dia, não é especial não, tenho espaço não”. Editar é um processo doloroso para mim, cortar, eliminar, mutilar meu texto. Apresentar um material longo requer um esforço a mais em construir narrativas inovadoras, um desafio para que a leitura não se torne cansativa. O repórter coleta e se apropria da informação das fontes, como narrar e explicar isso? Optei por manter alguns diálogos aleatórios, sobre o clima, comida, por revelarem nuances interessantes. Outras conversas foram retiradas, assuntos muito pessoais ou que poderiam expor a riscos. Na edição dos perfis organizei por assuntos, pela ordem de ligação para harmonizar, não sendo exatamente fiel à cronologia.

Um recurso que me auxiliou bastante foi o *Google Maps*. Apesar de ter conhecido os quatro cantos de João Pessoa como repórter de jornal, sou péssima em navegação e quando as mães me passavam endereços, era no *Maps* que eu conseguia me localizar. Foi o meu melhor amigo nesses momentos. Outro recurso que adaptei foi o gravador. Olhei centenas ou milhares de fotos de Higor Natan, eram dezenas de álbuns, como não havia como registrar ou lembrar de todas e o gravador só capta áudio, eu falava em voz alta o que via nas fotos, não por acaso “Ele gostava de Pokémon”, “Ele jogava bola”, “Ele tinha muitos amigos na infância”. Na hora da transcrição, as imagens se acendiam em minha memória

O perfil é sobre as mães, mas inevitavelmente os filhos protagonizam em dados momentos, pois é sobre eles que elas gostam de falar. Suas vidas giram em torno dos filhos em vida e em morte e isso não poderia deixar de ser registrado. Também mergulhei em outros temas que não estavam programados, como a psicografia, assisti diversos vídeos, pesquisei, li Chico Xavier.

Cada personagem tem sua maneira de interagir, necessitando um cuidado especial no tratamento. Para Célia era importante que mesmo que ela parasse de falar eu não introduzisse logo outra pergunta. A pausa dela não significava que tinha terminado de responder. Ela precisava de mais tempo para assimilar a pergunta e a própria resposta, que vinha fragmentada em intervalos de silêncio, mas ela sempre tinha algo a acrescentar. A resposta era uma crescente, vinha tímida, curta e ia se destrinchando.

“Fazer da cadeira vazia na mesa, a lembrança da refeição preferida”, estava escrito no convite de missa que ela me deu. Esse é o desafio que ela enfrenta diariamente.

Weingarten detalha mais esse comportamento:

O que elas hesitam em falar pode dizer muito sobre elas. Suas pausas, suas evasões, suas mudanças repentinas de assunto são como indicadores do que as constrange, ou as irrita, ou do que consideram muito particular ou imprudente para ser discutido com outro alguém num determinado momento. (WEINGARTEN, 2010, p. 77)

O portão da casa de Dona Gláucia estava sempre encostado, nunca trancado. Ele está meio solto e eu ficava esperando que ela viesse abrir porque tinha medo de cometer a gafe de desmontar o portão. É o mesmo do tempo de Everton, por isso nunca foi mudado. Parece que ainda espera que ele retorne...

Sempre chegava muito cansada das entrevistas e espero não ter causado essa cansaça nas mães também. As conversas eram sempre muito longas. E na volta para casa eu vinha imaginando o que acabara de ouvir. Régia contou o momento em que subiu a ladeira da rua onde morava em busca do filho morto. Enquanto eu subia o mesmo ladrilho fui reconstituindo seus passos, cheguei lá em cima sem fôlego. Observei mais a rua, o local do crime. Será que na alma da rua os tiros ainda estão?

Um ponto que me chamou a atenção é que dos seis jovens, todos foram mortos em casa ou próximos a ela. Com exceção de Aryane Thaís, que não se sabe o local exato, porque a perícia não foi precisa e o autor nunca confessou o crime. Outro ponto comum é que as mães diziam que os maridos não gostavam de falar no assunto ou ver as coisas do filho e, confesso que eu tinha receio que eles chegassem e se perturbassem com a cena. Quando o marido de Célia chegou fiquei um pouco constrangida, mas logo ele participou e abriu o coração. Foi enriquecedor esse momento.

O caso da professora Brígida Rosely Azevedo Lourenço foi um dos que eu acompanhei os desdobramentos, inclusive assisti ao julgamento do seu ex-marido, o fotógrafo Gilberto Lira Stuckert Neto, que a matou estrangulada. Estive em constante contato com o irmão da vítima, Ikaro Azevedo, pois ele é que era membro do grupo, um caso único de “irmão na dor”. Chegamos a marcar várias entrevistas, que foram reagendadas e ao final não conseguimos realizá-las. Brígida morava na mesma rua que eu e não havia um só dia em que eu passasse em frente ao seu prédio e não pensasse nela, que morreu naquele local em 2012.

Também acompanhei o caso de Fernanda Hellen. Cheguei a conversar com a mãe em outra ocasião, expliquei a pesquisa, mas depois ela deixou de me atender e não respondia minhas mensagens. A menina de 11 anos saiu para a escola no dia 7 de janeiro de 2013 e nunca mais voltou. Três meses depois o corpo foi encontrado enterrado no quarto do vizinho. No dia 8 de abril a angústia pelo desaparecimento teve fim, com o golpe da morte inexplicável. O corpo da menina só foi sepultado três semanas depois, devido aos exames forenses. Os exames não comprovaram se houve violência sexual.

Um questionamento que me acompanhou durante todo o processo foi: De que forma este trabalho contribuiria para a sociedade? Apostei na sua importância em mostrar à sociedade o sofrimento dessas mulheres, não de forma sensacional ou apelativa, porém sensível a ponto de impactar da mesma forma que fui impactada a cada palavra que ouvia delas. O jornalista tem um papel social a cumprir: revelar as injustiças, mostrar o lado humano das tragédias, sensibilizar para atitudes que promovam o bem.

Aprendi muito com essas mães. Com humildade freiriana, a construção do conhecimento se deu com base no diálogo e na empatia para compreender as dores e o sofrimento. Vejo a vida de outra forma depois que retornei do “mergulho”. Sofri muita pressão de mim mesma nesta obra, para fazer o melhor por elas, para dar esse retorno a elas. Por diversas vezes me angustiei, preocupada com medo de não conseguir. São mulheres admiráveis, que precisam ser conhecidas para servir de exemplo de força, superação e esperança.

Esperança de um futuro com menos assassinatos, menos dor e menos lágrimas. Que menos Natans venham a morrer, menos Evertons, Eltons, Dudus, Rogérios, Aryanes, Diogos, Germanas, Egons, Viviannys, Sigberths, Márcios, Rafaelas, Gabrieles, Andressas, Ritas, Ronaldos, Sebastians, Tibérios, Fernandas, Bríggidas, Rebecas, Jéssicas, Gerlanes, Matheus, James e tantos outros percam a vida de forma banal pelo machado cruel da violência. Por menos sangue derramado este livro foi escrito.

ANEXO A – Cartas psicografadas de Natan

Carta 1:

“Me perdoe se te causei algum mal minha mãe, Dina, Ubaldina Rodrigues de Figueiredo Silva. De CPF 804.657.304-34. Eu te amo, és tudo para mim. Meu pai Edson Borges, eu te amo. Me perdoem por favor, se incitei algo, falando demais, mas, não sabia que ele iria me matar de verdade. Desculpe, ter envolvido a senhora nisto, de ver tudo, me perdoa. Aqui estou tentando, aqui estou aprendendo muitas coisas, mas percebo que tenho muito a aprender. Mas, não passa um só dia em que não ache que sou de alguma forma responsável por isso. Quantos conselhos vocês me deram? Quantos eu nunca usei para fazer diferença. Ah, mãe, ‘queira não viu?’ (Nesse momento ouve-se grito e choro da plateia, provavelmente Dina) Ficar pensando só na vingança, a justiça vai cuidar bem disso. Mas, e sua saúde, quem cuida? Quem cuida do senhor também meu pai? Eu agradeço a Deus tê-los como meus pais. Minha família, preciso ainda frequentar muitas sessões de passes. Não sinto mais as dores, mas, preciso elevar meus pensamentos e a oração de vocês pode me ajudar muito. Deixe um abraço na Marianny, Natália e Rodrigues. Agora, meu pai e minha mãe, estou mais simples, sem os cordões, sem roupa mais bacana, nem ligo de usar as roupas que me deixavam mais forte. Agora quero aprender, aprender a ver a vida melhor para merecer ainda mais o amor de vocês. Seu filho Natan, Higor com H, Natan Borges.”

Carta 2:

“Mainha Dina, me abençoe! Minha mãe Ubaldina Rodrigues de Figueiredo Silva, eu te amo. Painho, Edson, Edson Borges Silva, me abençoe. Que felicidade em falar pela mediunidade do carteiro de Fátima com vocês. Eu sempre estou perto de vocês, tentando me mostrar, fazer presente em muitas situações, apenas para dizer que estou vivo e feliz. É claro que muitas escolhas soam mal na consciência, como em todas as pessoas. Mas, muitas escolhas me tocam com felicidade. Por te vivido aqui, mãe, pai, não é muito diferente, temos que escolher sempre o caminho a seguir. Vejam vocês, tem até meninas me paquerando por aqui, são recém-desencarnadas que me veem e ficam loucas (os ouvintes começam a rir). E sempre falo: queira não viu? Queira não! Mas elas continuam e eu vou seguindo, tem que lidar com isso aqui. Mãe, escuta e guarda isso na cabeça: se a vida é curta, então curta. Passeia, se divirta e seja feliz., porque estou bem e perto. Se puder, deixe meu abraço em alguns que posso citar agora. Deixo um beijo na Jéssika, peço que ela esteja bem e em paz sempre. Deixo o meu abraço na Marianny, Mateus, na Natália, no Júlio César, Rodrigues e Gabriel. E em vocês meus

pais queridos. Vendo vocês ajudando os outros, vocês me dão força para continuar e me modificar também. Eu quero ser melhor, para merecer paz como vocês. Sigam com fé, pois, são muito protegidos pelos bons espíritos. Estou junto com outros espíritos, preparando a visita do carteiro de Fátima na Paraíba (ouve-se choro). Eu amo vocês e obrigado por tudo, pelo exemplo, pelo amor entre vocês, pelo orgulho que sinto ao ver e lembrar de vocês. Com amor e para sempre, do eterno filho de vocês: Natan. Higor Natan Borges Figueiredo.

Carta 3:

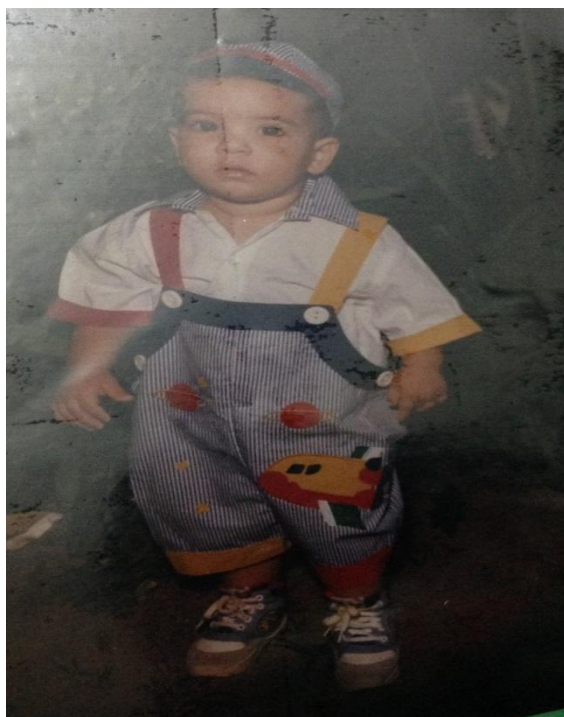
“Mainha, painho, minha mãe Dina, meu pai Edson, estou com saudade de vocês viu? Bendirei tudo o que passo por aqui, após pedido de Fátima. Mas, apesar de estar ajudando o povo, eu tenho vivido coisas diferentes. Me colocaram para ajudar recém-desencarnados e muitas vezes tinham meninas tão lindas, mainha (todo mundo ri, ela olha para o marido, passa a mão na cabeça rindo) que eu ficava olhando, mas, não fazia nada. Mas elas vinham mainha e eu sempre falava queira não viu? Queira não! Mas elas queriam e aí era bronca direto, só via os mentores dizendo ‘Natan, pode não viu, beijar aqui não. Aí ficou assim muitas vezes, eu morto no corpo e vivo em espírito. Com os mesmos desejos, vontades, com a mente aberta, mas sentindo as mesmas coisas. Mas, aberto para aprender sim. Painho não fique triste, a Justiça de Deus não falha (Dina diz amém), não se preocupe com isso, ninguém faz nada que não volte mais cedo ou mais tarde. Tudo, tudo painho tem a visão de Deus para que se cumpra a sua vontade. E nós não somos exatamente bons ou maus, ruins ou bons. Sendo assim, confie em Deus painho, você vem me ver e sabe que estou bem. Painho, ainda, ainda este ano, boas novas virão. Cuide bem dessa mulher maravilhosa que é minha mãe (ele beija a testa dela), rogo que Jesus abençoe sempre o senhor e a minha mãe para que cumpram bem o seu tempo, até o tempo que Deus achar melhor. Como não posso demorar muito, deixo a certeza que estou bem e que continuo vendo vocês chorando, sorrindo, vendo o tempo passar. E vou tentar crescer com o espírito, em espírito e cuidar da minha casa aqui que já é povoada, para vivermos juntos para sempre. Com amor, estarei aqui até o final. Seu filho Natan, Higor Borges.”

Carta 4⁵¹:

⁵¹ A carta foi recebida no dia 15/06/17 no Lar Espírita Irmã Valquíria, em Uberaba (MG). O ambiente é simples, parece uma sala de aula, com quadro negro, a mesa à frente e muitas pessoas para acompanhar a sessão do médium Alair Borges. O vídeo foi publicado no dia 26/06/17 no canal Bella Cabral e teve 505 visualizações até 08/07/17. O pai, Edson Borges conta que a carta segue o mesmo conceito que as outras, mostrando o espírito alegre e irreverente de Natan. Ao final, Dina chora, todos aplaudem e os pais vão abraçar o médium. Edson ainda mostra as tatuagens nos braços.

“Minha generosa mãe Ubaldina (ela grita ao fundo da sala). Estou aqui para deixar o simples oi que vocês me pediram. Mas vou ser mais ousado e vou escrever um pouco mais, atendendo às necessidades de meu coração que também está tão triste quanto o de vocês mesmos meus pais. Peço que continuem assim, um oferecendo o ombro ao outro nas horas mais difíceis da vida. Eu não queria ter voltado tão cedo, mas vocês sabem que não estava ao meu alcance remediar a situação. Mas estou bem, a vítima entra do outro lado da vida em uma situação bem vantajosa, mas não nego que às vezes o meu lado garanhão extrapolava (risos entre o público) um pouco e eu deixava de atender os apelos e conselho de vocês. Ah meus pais nem sempre é fácil ser bonito (todos riem), eu me sentia um gato (inaudível), brincadeira. Sou eu mesmo minha mãe e aqui estou com a minha vó Maria (ouve-se choro) e meu avô Manuel e eles estão aqui me pedindo que ponha (inaudível). Estou bem meus pais, a medida foi certa, tive que deixar o corpo, mas vou melhorando a cada dia. Mãezinha, mesmo atrasado aceite o meu beijo em sua testa e o meu apertão em sua cintura, até meus velhos. Higor Natan Borges Figueiredo”.

ANEXO B – Fotografias Higor Natan



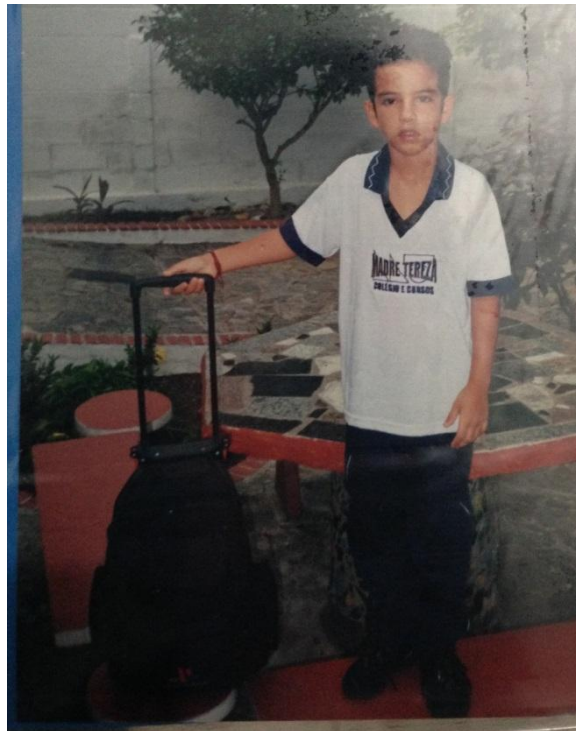
(Foto 1: Natan bebê: arquivo pessoal)



(Foto 2: roupinhas de Natan)



(Foto 3: Formatura do ABC: arquivo pessoal)



(Foto 4: Natan indo à escola: arquivo pessoal)



(Foto 5: Formatura ensino médio: arquivo pessoal)



(Foto 6: Tatuagens Dina: reprodução Facebook)



(Foto 7: Tatuagens Edson: reprodução Facebook)

PROCURADO!

HAYD JOSÉ PEREIRA LINS
ENVOLVIDO NO ASSASSINATO
DE HIGOR NATAN

QUANDO A SOCIEDADE SE CALA,
A IMPUNIDADE GANHA VOZ!

DENUNCIE
197

(Foto 8: Fugitivo: reprodução Facebook)

ANEXO C – Livro da vida de Natan

TUDO O QUE FUI,



O QUE SOU,



E O QUE SEREI!

?

APRESENTAÇÃO

Caro leitor

Este livro trata-se da minha vida do começo até hoje.
Com a leitura dele você vai ficar sabendo de quase toda a minha vida, das partes boas até as partes ruins.
Meu nome é Higor Natán Borges Figueiredo, nascido no dia 09 de julho de 1993, às 00:30hs, no Hospital e Maternidade Edson Ramalho, na Cidade de João Pessoa/PB. Meu Pai chama-se Edson e minha mãe Ubaldina, e até o momento sou filho único.

Espero que vocês leitores gostem do livro.

Boa leitura
Higor Natan.

SUMÁRIO

- 1ª parte-Autobiografia
- 2ª parte-Um dia inesquecível
- 3ª parte-Meus planos para o futuro
- 4ª parte-Pessoas especiais
- 5ª parte-conclusão

AUTOBIOGRAFIA

Eu nasci dia 9 de julho de 1993.

Hoje estou com 14 anos de anos.

Quando eu nasci meus pais estavam em uma situação difícil, mas mesmo assim eles não deixavam de brincar comigo me levar para ir a praia e ter muitas diversões.

Passado alguns anos a situação melhorou e os caminhos foram se abrindo meu pai conseguiu comprar uma casa e saímos do aluguel, logo depois um carro.

Durante minha vida sempre fui criado com meus pais e não com avó e avô, pois meu pai não queria isso por que eles acham que os avós mimam muito as crianças.

Não tenho nada do que reclamar da minha vida, pois ela é boa quase todo final de ano viajamos, todo final de semana a gente sai para passear.

O meu pai pega muito no meu pé para eu estudar e ter minha própria renda quando crescer, quando eu tiro nota baixa no colégio é um monte de coisas que ele fala e que chega a até abusar.

Ele também não é a favor de que eu coloque um brinco, pois ele acha isso coisa de mulher, mas um brinco não vai mudar em nada a pessoa.

Não só como o brinco ele me impede de fazer muitas coisas.

Eu gosto muito de ficar na internet, andar de bicicleta com os meus amigos e de fazer judô.

UM DIA INESQUECIVEL O NATAL DE 2000

Um dia que ficou marcado na minha vida foi a viagem que eu fiz com minha família para São Paulo.

No dia anterior eu estava totalmente ansioso para viajar, não parava de pensar como era andar de avião.

No dia certo acordamos de 3 horas da madrugada pra viajarmos, chegou o táxi na minha casa e agora sim estava já tudo pronto para a grande viagem.

Chegando ao aeroporto vi aquele grande avião e agora em vez da ansiedade bateu um friozinho na barriga.

Nós ficamos esperando até a hora da mulher chamar o nosso vôo.

Quando ela chamou, fomos rápidos para o avião com medo de perder-lo, eu lembro que a gente entrou em um túnel que eu nem sabia para onde ia, quando menos esperei já estávamos dentro do avião. Ai meu pai foi procurar o nosso lugar, ele achou logo e nós sentamos.

Quando o avião estava prestes a decolar a aeromoça falou que era para apertar os cintos, ai sim vi que não tinha mais como desistir.

O avião começou a voar e deu aquele friozinho na minha barriga, pronto agora que ele já decolou meu pai disse que não tinha mais perigo e eu fiquei mais aliviado.

Quando deu mais ou menos uma hora de vôo meus pais já estavam dormindo e eu não queria dormir, pois queria aproveitar tudo da viagem.

Da janela olhava tudo o que passava.

Chegando em São Paulo o meu tio veio nos buscar em seu carro e nos levar para sua casa. Lá fomos bem recebidos por meus tios e tias que eu ainda não conhecia nenhum deles.

Tudo lá foi ótimo passeamos muito pela cidade conheci muitos shoppings, lugares que era famoso.

Na viagem também teve uma hora que foi ruim, foi o dia da volta pra João Pessoa, pois eu mesmo não queria mais voltar de lá.

A volta foi mais tranqüila e eu vim quase toda a viagem dormindo.

Chegando em João Pessoa, tinha muitas coisas para contar a meus amigos, todos me perguntavam como era e eu falava tudo, falava que lá era muito bom.

Qualquer dia desses nós vamos voltar para fazer uma nova visita.

MEUS PLANOS PARA O FUTURO UMA VIDA FELIZ

Meus planos para o futuro é ter uma vida boa, com felicidade, uma família unida, alcançar os meus planos, e o que mais importa: a saúde.

Uma profissão que eu tenho certo interesse é o curso de Direito, vou me interessa muito para essa profissão e vou conseguir se um juiz.

Outra opinião que eu tenho sobre profissão é ser jogador de futebol, mas tem muita gente que quer ser um jogador de futebol, quase todas as crianças que perguntam qual profissão eles queriam, a maioria diz que quer ser jogador de futebol por isso que essa profissão não me interessa muito.

Mais essa opinião não esta ainda concreta, pois vou ainda parar bem pra pensar e decidir de vez qual vai ser o curso certo.

Eu não quero ter uma vida super luxuosa, só quero ter uma vida onde eu possa sobreviver bem tendo o meu carro, minha casa, uma moto e um pouco de dinheiro sobrando para viajar e se divertir com a minha família.

Quero dar para os meus filhos ou filhas uma vida boa com educação para que eles sejam umas pessoas de futuro e não fique precisando da minha ajuda no futuro, não que se eles precisar eu vou negar, mais eu quero que eles tenham sua própria renda o mesmo que eu quero pra mim.

PESSOAS ESPECIAIS

Na minha vida já se passou vários tipos de pessoas, pessoas tristes, alegres, boas, ruins, velhas, novas, pessoas que queria minha felicidade, outras que queriam só me ver triste.

Dentre essas pessoas a que nunca vai sair da minha mente é o meu pai e a minha mãe, por que foram eles que me geraram que me deu amor, carinho, e me ajudou nas horas que eu mais precisei.

Outra pessoa que vai ser inesquecível é a minha avó e o meu tio, eles já faleceram.

A minha avó faleceu quando eu era bebê, por isso não lembro dela, mas todo mundo falava que ela gostava muito de mim, e que sempre ficava brincando comigo.

O meu tio faleceu quando eu tinha 8 anos e já entendia de algumas coisas, dele eu lembro ele sempre saia conosco para irmos a praia na casa do meu tio, na casa da minha outra avó e vários cantos que nós íamos ele sempre estava conosco.

Não só falando de parentes muitos grandes amigos também já se passaram na minha vida e tem uns que ficaram desde pequenos até hoje junto comigo, sempre tem aquelas brigas de vez em quando, mas depois tudo volta ao normal.

CONCLUSÃO

Neste livro me esforcei o máximo para tentar mostrar a minha vida em partes e por ele você leitor já vai saber uma grande parte de tudo o que aconteceu.

Este foi o primeiro livro que eu fiz em toda a minha vida e pode até ser um grande começo para algo que possa vir no futuro.

Esperto que vocês gostem dele e que faça bom proveito da sua leitura.

Abraços
Higor Natan

*Natan,
Por sua determinação
sei que terá muito
sucesso. Beijor
Márcia*

ANEXO D – Fotografias de Everton Belmont



(Foto 1: Primeira Comunhão: arquivo pessoal)



(Foto 2: Retrato sobre a mesa: arquivo pessoal)



(Foto 3: A prima: arquivo pessoal)



(Foto 4: Família: arquivo pessoal)



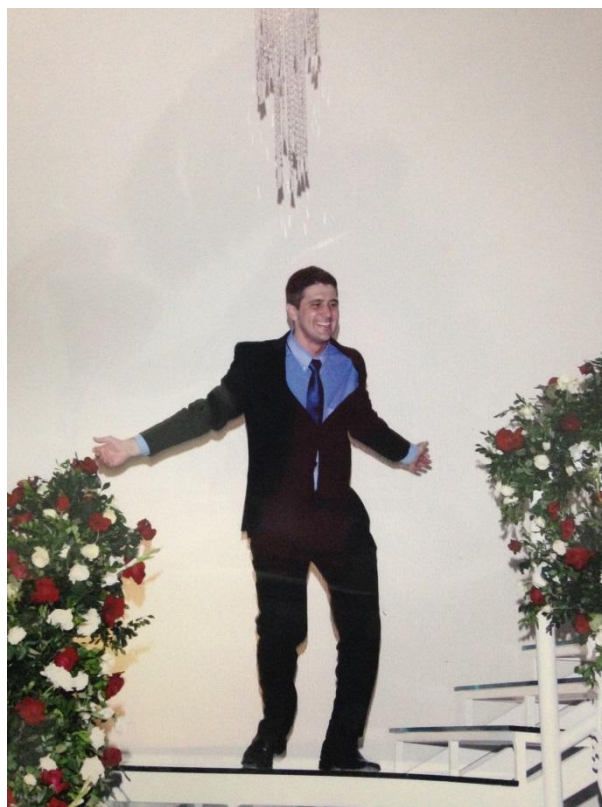
(Foto 5: Formatura: arquivo pessoal)



(Foto 6: Faculdade: arquivo pessoal)



(Foto 7: Baile: arquivo pessoal)



(Foto 8: Festa: arquivo pessoal)

APÊNDICE A – Entrevista com Dina

A seguir uma entrevista na íntegra com Dina, realizada no dia 08 de maio de 2015, em nosso primeiro contato, no apartamento de Hipernestre em Manaíra. É o seu primeiro Dia das Mães sem o filho.

Eu: Infelizmente, o grupo está crescendo...

Dina: Sim. Aí a gente faz essas mobilizações também, faz caminhadas, procura todas as mães. Inclusive agora dia 31 a gente tá organizando o encontrão das mães pra comemorar o Dia das Mães.

Eu: Onde vai ser?

Dina: Lá no Sindicato dos Bancários, aí convida todas as mães, vai ter dois palestrantes, um terapeuta e o pároco José Carlos.

Hipernestre: Olha, olha – diz abobalhada em uma vídeo-chamada com a neta que está nos Estados Unidos.

Dina: Cada mãe vai levar um prato, trocar presente, essas coisas.

Eu: Vai a família toda ou só as mães?

Dina: Geralmente vai as mães, os pais. Inclusive meu marido participa muito de tudo, tudo, tudo.

Eu: E quando foi que aconteceu?

Dina: Dia 07 de outubro de 2014, ontem fez sete meses. Muito recente, pra mim foi ontem.

E o barulho, das batidas na obra ao lado, prejudica a nossa comunicação. Enquanto isso, Hipernestre conversa com o neta.

Eu: Como é passar o Dia das Mães sem ele?

Dina: Eu não sei Bruna. Um doente terminal é condenado a morrer e eu sou condenada a viver. Eu ainda não encontrei um objetivo. Mas a gente fica assim, sem rumo, sem chão, sem nada. Trabalhar pra quê? Tudo era em função dele. Quando você tem outros filhos, você tem netos. Mas, eu só tinha ele. Todos os nossos planos são pra ele. Eu trabalho numa construtora, eu procuro me ocupar, pra não parar, pra não parar durante o dia, porque depois pra eu levantar viu, é difícil. Por isso que eu consigo levantar, tem que estar em atividade. Eu trabalho muito e aí quando chega em casa eu fico procurando faxina, procurando guarda-roupa, alguma coisa.

Eu: Como é que Natan era?

Hipernestre: Pelas fotos você vê que ele era alegre, feliz. Eu não conheci, mas pelas fotos...

Dina: Feliz, extrovertido, molecão, molecão mesmo. Pra você ter ideia, os amigos dele sempre vão lá em casa, porque todos eles dizem: 'eu perdi um irmão'. Então, a gente tem muito apoio. Cheio de mensagem das amigas dele, dos amigos, tudo louco por ele, eles dão muito amor à gente. Aí quer dizer, fortalece.

A conversa volta aos acusados. Dina afirma que Rafael e Toy estão presos.

Hipernestre: Toy não está preso por causa de Natan.

Dina: A preventiva dele já está decretada.

Eu: Eles eram pessoas perigosas, já tinha passagem pela polícia?

Dina: Esse Toy sim, ele é traficante, já tinha passagem, foi preso por porte de arma.

Eu: Mas quem atirou?

Dina: Foi o Rafael.

Eu: Mas como é que ficou a sua relação com ela (a namorada)?

Dina: Até o dia que a gente descobriu, que ele tinha sido preso. Antes da morte de Natan a gente era muito amiga, ela vivia na minha casa. Mas depois da morte, como eu tive que sair de João Pessoa e ficar na casa dos meus pais na praia, então eu tive pouco contato com ela. Então no dia da prisão, que a gente ficou sabendo desse triângulo amoroso, de lá pra cá eu não tive mais contato com ela. Nem telefone nem nada, ela não me procurava, nem a família dela.

Eu: Então, a senhora não fazia ideia de quem era e nem porquê?

Dina: Não, nem eu nem o pai. Mas todo mundo já sabia. A gente pensava que era um assalto, porque na hora que ele desceu da moto, o cara chegou com uma arma e disse 'perdeu boy'. Então, todos pensavam que era um assalto, aí quando a polícia começou a investigar mesmo, aí viu que era Rafael.

Eu: Isso deixou a senhora mais revoltada?

Dina: Me deixou bem mais revoltada porque foi premeditado. Nenhum motivo justifica você tirar a vida de ninguém, mas foi fútil demais. Dez meses depois, pela situação de namoro, meu filho amava essa menina. Não justifica não, nada justifica.

Eu: E como era o relacionamento dele com ela? Ele era carinhoso?

Dina: Muito. Grudado direto os dois. Meu filho amava, amava essa menina. Eu não quero nem falar sobre ela, não dar ênfase. Eu quero ficar indiferente.

Hipernestre: Eu estive um dia desses no cemitério, fui visitar o túmulo da minha filha, aí me encontrei com ela. Ela estava lá colocando flores pra Natan. Eu disse quem tá

chegando aí é Dina e Edson. Ela pegou, chamou o pai e foi embora – Hipernestre estala o dedo para se referir à rapidez com que Jéssika deixou o local – Quer dizer, se fosse outra pessoa tava dando apoio. Mas, ela sabe que a maior parte de culpa foi a dela.

Eu: Ela ainda estava envolvida com o rapaz?

Dina: Algumas pessoas dizem que sim, sabe? Mas eu não tenho certeza. Eu não procurei saber não. Só sei que dentro de casa ela e Natan eram grudados, ele a amava, vivia pra ela. Trabalhava, vinha toda noite buscá-la, jantava, viajava.

Eu: Trabalhava em quê?

Dina: Imobiliária.

Eu: Como ele chamava mesmo?

Dina: Higor Natan Borges. Higor com H.

Eu: E o seu esposo como é que ficou?

Dina: Ficou doído.

Hipernestre: É um casamento que está abalado, porque ela procura força nele, ele procura força nela, não conseguiram ainda se encontrar pra seguir o caminho deles. Eu estou falando por ti. Mas, ele está desesperado. Não está no lugar ainda. Ele me liga dez vezes por dia e às vezes nem liga pra ela, não é verdade? Ele procura força em mim e diz que Dina não tem força pra passar pra ele e Dina não sei quê, não sei quê. Eu fico assim parada imaginando como é a situação dessas duas criaturas dentro de casa.

Eu: Destrói a família...

Dina: Totalmente.

Hipernestre: Se você ver as fotos deles dois, banho de bica, banho de cachoeira, banho de mar e não sei quê. Me contou que no sábado, pegava Dina levava pra praia, tomava uma cervejinha, comia uma peixada, ligava ‘Que horas tu vem meu filho?’ Daqui a pouco ele chegava, chegava até com a própria Jéssika.

Dina: A gente viajava muito. Vivia os quatro juntos. Aí agora a gente fica sem chão, eu olho pra Edson, Edson olha pra mim. E agora? Eu não quero sair de casa, eu não quero ver ninguém, eu não quero atender telefone.

Hipernestre: Ela quer ficar deitada e ele quer ficar em atividade.

Dina: Ele tem que ficar conversando e eu quero ficar parada.

Hipernestre: Sabe o que nós fizemos na semana passada? Eu e mais duas amigas invadimos a casa dela. Gente, precisamos fazer alguma coisa. Chegamos lá ‘Opa, a gente veio comer’. Compramos uma pizza. Porque o clima na casa dela é assim, é tenso

em relação ao casal, que não estão encontrando brechas. Buscam uma resposta para tantos porquês.

Dina: Não tem um motivo para continuar vivendo.

Eu: Então por isso é importante o grupo?

Dina: Muito. Edson tem muita afinidade com Hiper e ela bota ele pra organizar, resolver as coisas, pra ele se ocupar.

Hipernestre: Ontem ele ligou e disse que não tinha pra onde ir. Eu disse não tem pra onde ir não? Então vá pra Central de Polícia que tem uma mãe que vai depor lá sobre um caso. Aí foram, mas não encontraram Edilene porque ela estava em uma sala secreta. E depois foram para o cemitério.

Dina: Ele fica o dia todo assim e vai pra tribunal, vai acompanhar o processo.

Hipernestre: Neste momento você não sabe onde está seu marido?

Dina: Sei não.

Hipernestre: Eu digo onde está o marido dela. O marido dela está em Bayeux – Hiper conta rindo, para mostrar o quanto tem estado próxima de Edson a ponto de saber mais sobre ele que a própria esposa.

Dina: Ele comunica tudo a ela.

Hipernestre: Agora eu peguei ele aqui pra arrebentar e peguei ela também. Dei um puxão de orelha nos dois.

Dina: Você fica sem vontade de viver, sei lá.

Eu: Vocês já se conheciam antes?

Hipernestre: Não.

Eu: Vocês se conheceram quando?

Hipernestre: Foi no dia da doação de sangue, em pleno carnaval que o grupo fez uma campanha pra doação. Aí eles estiveram lá, mas, eu não conhecia. Pra ser sincera, eu não conhecia nem o caso deles porque essa TV eu disse assim: DESLIGA.

Eu: E o que a senhora quer que aconteça?

Dina: Eu quero que os três sejam julgados e condenados porque eles ainda não foram a julgamento, só estão cumprindo audiências. Está em fase de instrução ainda.

Eu: E não tem data marcada?

Dina: Não ainda não, eles ainda vão se pronunciar.

Eu: A senhora acha que ela tem culpa nisso?

Dina: Eu não quero nem colocar nesse sentido. Eu não quero pensar em Jéssika. Tu acredita que eu não consigo, eu não lembro nem de Jéssika. Eu peço muito a Deus, peço

muito, porque assim, até porque Natan amava muito ela. Então eu não quero uma confusão. Até porque o povo fala que era um triângulo amoroso, que ela fazia isso, fazia aquilo. Só que dentro da minha casa ela era outra pessoa. Ela não condiz com que as pessoas falam. Até tem uma fala do delegado dizendo que eles tinham, mas eles não confirmam. Eu já tô sofrendo tanto que eu não quero mais saber, quero nada de Jéssika, nada.

Eu: Natan chegou a começar a faculdade?

Dina: Natan tava no 4º período de Administração. Trabalhava e estudava.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o livro-reportagem *Mães na Dor: mulheres órfãs de filhos* e o material teórico deste relatório se pode conhecer melhor este grupo, que tem significativa expressão na Paraíba, bem como relatar os seus acontecimentos, a sua história. Desvendar os mistérios que cada uma guardava em seu coração, sobre o que a morte significou em suas vidas e as estratégias que têm articulado para sobreviver e conviver com a dor. Uma delas é a união, o grupo em si. O apoio mútuo é uma de suas funções, mas esse fortalecimento tem um objetivo maior: a luta incessante para que seja feita justiça nos crimes que destruíram essas famílias.

Como relatam as próprias mães e se pode constatar nas pesquisas, a violência no estado é uma crescente. O que parecia manchete de noticiário policial é a vida cotidiana e está bem próxima. Ser mulher, ser mãe e ser violentada, tendo seus filhos arrancados de seus braços sanguinolentamente e engolir a tristeza e a saudade são os desafios diários dessas mulheres. Para o autor que se propõe a mergulhar e recontar esses casos é um caminho sem volta: há uma modificação interior, nunca mais será como o era antes.

Nestes cinco perfis se conheceu um pouco dessas mães e a personalidade de seus filhos. Do futuro elas esperam justiça e o grande reencontro, do passado retratos negros e do presente um dia de cada vez, a esperança de dias melhores, de dias de paz. Depreende-se de seus relatos que a força dessas mães é fruto do desejo por justiça, mas o que resta quando os assassinos são condenados e presos? Saudade e calma, saudade e tristeza, em ondas.

A demora e os subterfúgios do Judiciário, que muitas vezes não corresponde à ansiedade de resolução desses corações já tão sofridos, causam ainda mais dor e revolta. Crimes passionais, inimizades, crime organizado e crime nunca esclarecido. Todos foram frios e cruéis, premeditados e sem chance de defesa. E totalmente inesperados.

A reportagem foi formatada em livro-reportagem de perfis, sem seguir um padrão para todas as histórias. Foram alternados a narração, descrição, discurso direto e indireto, diálogos, falas de destaque em primeira pessoa, cenas de bastidores. Tom Wolfe dá aval para as experimentações nessa prática jornalística e assim, conforme cada situação se mostrava melhor narrada de uma ou de outra forma, assim, foi seguido pela autora.

Muitas pesquisas foram realizadas não somente sobre os casos e o que já foi dito sobre eles, mas, também, sobre temas que os envolvem como a psicografia, luto, dor,

angústia. E a contextualização histórica de períodos que fazem parte das narrativas. Outras fontes foram consultadas de maneira informal, contribuindo com valiosas informações.

Na confecção do relatório foram identificados os métodos e base para a construção do livro e citados, de forma mais rasa, outros conceitos dos tópicos estudados legitimados por alguns autores, mesmo que não aplicados ou discordados pela autora. O jornalismo literário foi o traço da pena no papel para expressar essas memórias e histórias de vida.

Diante do trabalho desenvolvido, espera-se ter contribuído para a disseminação da informação e o conhecimento da dimensão do trabalho do grupo Mães na Dor e as extraordinárias figuras que o compõe. Deseja-se que este grupo não venha a crescer, que menos mães tenham que sofrer a perda de seus filhos para a abominável violência e, que os agentes sociais, setor público, sociedade civil e cada pessoa possa dar sua contrapartida para a realização da cultura de paz não só na Paraíba, mas em todos os lugares deste país.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Simão Farias. **Livro-reportagem: história, teoria e prática**. João Pessoa: Ideia, 2011.
- ANDERSON, C.W. et al. **Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos**. Revista ESPM, São Paulo, Ano 2, n. 5, p. 30-60, abril-junho 2013.
- AZEVEDO, Sandra Raquew dos Santos. **Mulheres em pauta: gênero e violência na agenda midiática**. João Pessoa: Editora Universitária da UFPB, 2011.
- BAIRON, Sérgio; PRADO, José Aidar. A invenção do outro na mídia semanal. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BAGDIKIAN, Ben H. **Máquinas de informar**. Rio de Janeiro: Novo Brasil Editores, 1976.
- BELO, Eduardo. **Livro-reportagem**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2013.
- BENJAMIN, Walter. **Obras escolhidas: magia e técnica, arte e política**. 3.ed. São Paulo: Brasiliense, 1987.
- BORGES, Rogério. **Jornalismo Literário: Teoria e Análise**. Florianópolis: Insular, 2013.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- BRUNER, Jerome. **Realidade mental, mundos possíveis**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.
- CAMARGO, Aspásia Alcântara. O ator, o Pesquisador e a História: impasses metodológicos na implantação do CPDOC. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978 cap. 11. p. 276-306.
- CAMPOS, Márcio. **A tragédia de Eloá: uma sucessão de erros**. São Paulo: Editora Landscape, 2008.
- CAPOTE, Truman. **A Sangue Frio**. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- CATALÃO JR, Antônio Heriberto. **Jornalismo Best-seller: o livro-reportagem no Brasil contemporâneo**. 2010. 252 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara.
- CARVALHO, Rafael Oliveira. **A crítica cinematográfica sob a perspectiva dos gêneros jornalísticos: o caso Walter da Silveira**. Revista Cultura Midiática, João Pessoa, Ano VII, n. 12, p. 103-118, jan/jun2014. Disponível em:

<<http://periodicos.ufpb.br/ojs/index.php/cm/article/viewFile/19745/10907>>. Acesso em: 24 mar. 2017.

CIPRIANI, Roberto. Biografia e cultura: da religião à política. In: SIMSON, Olga R. de Moraes von (Org.). **Experimentos com histórias de vida**: Itália-Brasil. São Paulo: Vértice, 1988. cap.2. p. 14-43.

COELHO, Edmundo Campos. Da ignorância específica (ou da estética sociológica). In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

CORREIA, Cibelly. **Closes**: Narrativas literárias sobre vida e obra de artistas paraibanos. 2016. 125f. Livro-reportagem (Mestrado em Jornalismo – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa).

COSTA FILHO, Francisco de Assis. **Meu coração de leão**: memórias de um paraibano louco pelo Sport. João Pessoa: Mídia Gráfica e Editora Ltda, 2013.

DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter “Anthropological Blues”. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica**: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978. cap. 1. p. 23-35.

DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. cap. 4. p. 62-83.

DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, cap. 4.

FORTES, Leandro. **Jornalismo investigativo**. 2. ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2014.

FRANÇA JÚNIOR, L. C. de. **História e jornalismo**: aproximações e distanciamentos. In: 8º Encontro Nacional de História da Mídia, 2011, Guarapuava. Anais do 8º Encontro Nacional de História da Mídia, 2011. Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/alcar/encontros-nacionais-1/8o-encontro-2011-1/artigos/Historia%20e%20jornalismo%20aproximacoes%20e%20distanciamentos.pdf/view>>. Acesso em: 22 fev. 2016.

GABRIELA, Marília. **Eu que amo tanto**. Rio de Janeiro: Rocco, 2009.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. 1. ed. 13ª reimpressão. Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOBBI, Maria Cristina. Método biográfico. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005, cap. 5, p. 84-97.

HUNTER, Mark. **A investigação a partir de histórias**: um manual para jornalistas investigativos. Montevideo: Unesco, 2013. Disponível em:

<<http://unesdoc.unesco.org/images/0022/002264/226456POR.pdf>>. Acesso em: 13 mai. 2017.

KAUFMANN, Jean-Claude. **A entrevista compreensiva: um guia para pesquisa de campo**. Maceió: Ed. Ufal, 2013.

LAGO, Cláudia. Antropologia e Jornalismo: uma questão de método. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LAPLANTINE, François. **Aprender antropologia**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

LIMA, Edvaldo Pereira. **O que é livro-reportagem**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

_____. **Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura**. 4. ed. Barueri: Manole, 2009.

McQUAIL, Denis. **Teorias da comunicação de massas**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2003.

MEDINA, Cremilda. Déficit de abrangência nas narrativas da contemporaneidade. **Revista MATRIZES**, São Paulo, ano 2, n. 1, p. 77-96, segundo semestre de 2008.

_____. **Entrevista: o diálogo possível**. 5. ed. São Paulo: Ática, 2008.

MORAES, Fabiana. **Os sertões**. Recife: Cepe, 2010.

MORIN, Edgar. A entrevista nas ciências sociais no rádio e televisão. In: MOLES, Abraham et al. **Linguagem da cultura de massas: televisão e canção**. Petrópolis: Editora Vozes, 1973. p. 115-135.

_____. **Introdução ao pensamento complexo**. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Análise pragmática da narrativa jornalística. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

MOURA, Sandra. **Caco Barcellos: o repórter e o método**. João Pessoa: Editora Universitária, 2007.

NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PAIVA, Raquel et al. **Jornal diário: a estrutura narrativa no terceiro milênio**. Líbero, São Paulo, ano 6, n. 12, p. 65-69, jul/dez 2003.

PENA, Felipe. **Jornalismo Literário**. São Paulo: Contexto, 2006.

_____. **Teoria da biografia sem fim**. Rio de Janeiro: Mauad, 2004.

_____. **Teoria do Jornalismo**. 3. ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2015.

PERUZZO, Cicilia Maria Krohling. Observação participante e pesquisa-ação. In: DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. cap. 4. p. 62-83.

PICCININ, Fabiana. O (complexo) exercício de narrar e os formatos múltiplos: para pensar a narrativa no contemporâneo. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Org). **Narrativas comunicacionais complexificadas**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012, p. 68-88.

PICCININ, Fabiana; ETGES, Ananda. O eu que narra, que sente e que diz como são feitas as notícias: análise da atorização em “profissão repórter”. In: PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo (org). **Narrativas comunicacionais complexificadas 2: a forma**. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2014, p. 321-346.

PIMENTA, Susana de Oliveira. **A morte de um filho para uma mãe: luto, melancolia e identificação**. 2014. 122 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Setor de Ciências Humanas, Universidade Federal do Paraná, Curitiba.

PINEAU, Gaston. As histórias de Vida em Formação: gênese de uma corrente de pesquisa-ação-existencial. **Revista Educação e Pesquisa**, São Paulo, vol. 32, nº. 2, p. 329-343, maio/agosto de 2006.

PIRES, Álvaro P. Sobre algumas questões epistemológicas de uma metodologia geral para as ciências. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 43-94.

POUPART, Jean. A entrevista de tipo qualitativo: considerações epistemológicas, teóricas e metodológicas. In: POUPART, Jean et al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos**. Petrópolis: Vozes, 2008, p. 215-294.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Relatos orais: do “indizível” ao “dizível”. In: SIMSON, Olga R. de Moraes von (Org.). **Experimentos com histórias de vida: Itália-Brasil**. São Paulo: Vértice, 1988. cap.2. p. 14-43.

RIZZO, Romeu Romiti; SARGENTELLI Sandrinha. **Memórias sobre um sargento**. São Paulo: Luci Sciascia Editora, 2003.

RODRIGUES, Felipe Aparecido. **Livro-reportagem: uma abordagem sobre a cobertura da violência no Brasil**. 2010. 97f. Dissertação (Mestrado em Divulgação Científica e Cultural) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

RODRIGUEZ, Pepe. **Periodismo de investigación: técnicas y estrategias**. Barcelona: Ediciones Paidós, 1994.

ROMANCINI, Richard. História e jornalismo: reflexões sobre campos de pesquisa. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

SANTA CRUZ, Lúcia Maria Marcelino de. Pedagogia do jornalismo: narrativa e responsabilidade social na tela da TV. **Revista Latinoamericana de Ciencias de La Comunicación**, São Paulo, V. 9, n. 17, p. 216-226, segundo semestre 2012.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hackers Editores, 2001.

SCHNEIDER, Sabrina. **Ficções sujas: por uma poética do romance-reportagem**. 2013. 221 f. Tese (Doutorado em Letras – Faculdade de Letras, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre).

SEQUEIRA, Cleofe Monteiro de. **Jornalismo investigativo: o fato por trás da notícia**. São Paulo: Summus, 2005.

SILVA JÚNIOR, J. A. et al. **Um panorama da Teoria do Agendamento, 35 anos depois de sua formulação**. Intercom. Revista Brasileira de Ciências da Comunicação, São Paulo, V.31, n. 2, p. 203-221, jul/dez 2008.

SILVA, Amanda Tenório Pontes da. **O perfil jornalístico: possibilidades e enfrentamentos no jornalismo impresso brasileiro**. Revista Temática, João Pessoa, Ano V, n. 10, out 2009. Disponível em: <http://www.insite.pro.br/2009/Outubro/perfil_jornalismo_amanda.pdf>. Acesso em: 24 mar. 2017.

SOARES, Angélica. **Gêneros literários**. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 1989.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. A reconfiguração das vozes narrativas no jornalismo midiático. **Revista Rizoma**, Santa Cruz do Sul, V. 3, n. 1, p. 23-35, julho 2015.

STASIAK, Letícia; SCHWAAB, Reges. **No encontro entre repórter e personagem: o percurso de O nascimento de Joicy**, de Fabiana Moraes. In: Anais do VI Encontro Nacional de Jovens Pesquisadores em Jornalismo, 2016, Palhoça. Disponível em: <<http://sbpjr.org.br/congresso/index.php/jpjr/jpjr2016/paper/viewFile/263/24>>. Acesso em: 13 jun. 2017.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa bibliográfica. In: DUARTE, Jorge. Entrevista em profundidade. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. cap. 4. p. 62-83.

THOMPSON, John B. **A mídia e a modernidade: uma teoria social da mídia**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

TRAVANCAS, Isabel. Fazendo etnografia no mundo da comunicação. In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (orgs.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação**. São Paulo: Atlas, 2005. cap. 4. p. 62-83.

VELHO, Gilberto. Observando o familiar. In: NUNES, Edson de Oliveira. **A aventura sociológica: objetividade, paixão, improviso e método na pesquisa social**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

VIEIRA, Adeildo. **Livro-reportagem Maestro Chiquito: o metalúrgico dos sons**. João Pessoa: Editora do CCTA, 2016. Disponível em: <https://simposiojornalismomultiplataforma.files.wordpress.com/2015/10/livro_reportagem_adeildo_completo_16_01_2017.pdf>. Acesso em: 28 fev. 2017.

VILAS-BOAS, Sérgio. **Perfis: e como escrevê-los**. São Paulo: Summus, 2003.

VIZEU, Alfredo. O newsmaking e o trabalho de campo. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Márcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

WASELFISZ, Julio Jacobo. **Mapa da Violência 2016: homicídios por armas de fogo no Brasil**. Flacso Brasil, 2016.

WEINGARTEN, 2010, p.77 apud CORREIA, 2016, p. 52. CORREIA, Cibelly. **Closes: Narrativas literárias sobre vida e obra de artistas paraibanos**. 2016. 125f. Livro-reportagem (Mestrado em Jornalismo – Centro de Comunicação, Turismo e Artes, Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa).

WEBER, Max. **Sociologia da Imprensa: um programa de pesquisa**. Revista Estudos em jornalismo e mídia, Florianópolis. V. 2, n. 1, p.13-21, primeiro semestre 2005.

WOLFE, Tom. **Radical Chique e o Novo Jornalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

APÊNDICE A – Roteiro de entrevista para as mães⁵²

1. Nome, idade, profissão?
2. De onde é? Em qual município nasceu? Onde vive hoje? Por que mudou? Como era lá?
3. Quantos irmãos teve? Como era o convívio?
4. Quando se casou? Como conheceu seu marido?
5. E filhos? Quantos teve? Qual a idade deles? Tem netos?
6. O que sentiu quando descobriu que estava grávida?
7. Qual a emoção quando viu o rosto do filho (a) pela primeira vez?
8. Tinha algum receio durante a gestação?
9. O que é ser mãe para você?
10. Quais as maiores dificuldade que enfrentou na vida?
11. Como era a relação entre seus filhos, brigavam, brincavam?
12. Como era a relação deles com o pai?
13. Quais as maiores alegrias que teve?
14. Qual a maior dor?
15. Como se sentiu quando perdeu o filho?
16. O que mudou na sua dor?
17. Como entrou em contato com o grupo Mães na Dor?
18. Como é sua participação no grupo? De que forma ajuda?
19. Como é lidar com a dor das outras? Saber que não está só e há outras mulheres órfãs de filhos?
20. Como superar a dor?
21. O que ficou? Vazio, saudade, lembrança?
22. Perdoaria quem tirou a vida do seu filho (a)? Conseguiria olhar para ele?
23. Já sentiu desejo de vingança? O que sente hoje? Já foi julgado?
24. O que mais deseja?
25. Qual a razão da sua vida agora?
26. Quanto tempo levou e como conseguiu retomar a vida? Trabalho, social?

⁵² O roteiro revela as questões às quais a autora gostaria de saber junto às entrevistadas. As perguntas não precisam seguir a sequência apresentada, em alguns casos, algumas foram suprimidas, em todos, outras indagações surgiram de forma espontânea dentro do contexto do diálogo, que não constam no questionário prévio. As perguntas também não foram feitas de forma seca, como um pingue-pongue, mas, há todo um ritual de deixar a fonte à vontade, de adentrar em assuntos delicados, técnicas adquiridas com a vivência profissional na prática jornalística.

27. Já conhecia o assassino? Esperava que um dia isso poderia acontecer?
28. Teve vontade de morrer? De onde tirou forças para viver?
29. Como encara a violência?
30. Como é a angústia do desaparecimento, antes da notícia fatal (se aplicável)?
31. Como soube da morte? Quem contou?
32. Como foi lidar com a repercussão na mídia?
33. Como era seu filho? Quais os sonhos, planos, personalidade? O que gostava de fazer?
34. Como ele lhe tratava? Como lhe chamava?
35. Teve depressão? Tomou ou toma algum tipo de medicamento?
36. Como foi a reação do seu marido? Isso gerou problemas no casamento?
37. Como é acordar e não ver mais aquela pessoa que você gerou por nove meses e viu crescer todos os dias?
38. Conte uma lembrança feliz do seu filho?
39. Como era quando ele aprendeu a andar? Falar? O primeiro dente que caiu? Andar de bicicleta? Ler?
40. E a primeira namorada (o)?
41. Seu filho (a) teve algum problema de saúde, quebrou algum membro? Como foi lidar com esses momentos?
42. Qual foi seu maior sacrifício como mãe?
43. Teve outros filhos depois ou pensa em ter?
44. Mostre-me fotos, objetos, coisas do seu filho (a)?
45. É possível se acostumar com a ausência?
46. É difícil falar sobre o assunto?
47. Como é nas datas comemorativas (aniversário, Natal, Dia das Mães)?
48. Qual a sua rotina hoje?
49. Qual a mensagem de otimismo você deixa para outras mães que estão passando pelo que você passou?

Obrigada!